

15/4/80

telecrítica

Rui Cádima

A prata
e a lata da casa

Nestas coisas de concursos televisivos nunca se chega a perceber muito bem quando é que deixamos de ter uma sessão experimental e passamos a ter uma sessão efectiva. Muitos factores contribuem para esta indefinição: o nível de preparação das equipas concorrentes, a boa disposição dos jurados (ou dos «inimigos» jurados), o «impulso vital» dos cameramen e do realizador, a organização da produção, etc.

Esta primeira emissão «a sério» do concurso «A Prata da Casa» deixou-nos a impressão de que a tentativa de dar ao telespectador uma espécie de Sporting-Benfica quinzenal (abrilhantado com o que se pretende «boa disposição» e «cultura») poderá vir a transformar-se numa pequena frustração dominical que se repetirá de quinze em quinze dias; isto principalmente para aqueles que vêm mais cedo da praia, ou para aqueles que não vão à matinée das 3, à manifestação política ou a outro lado qualquer, exactamente porque das 17 às 20 há o «Prata da Casa» e alguém se lembra de dizer: «E se a gente for ver?».

Grande terá que ser a qualidade do programa para que os telespectadores fiquem mesmo em casa ou venham mais cedo da praia ou não vão à matinée e se predisponham a ver as 3 horas do concurso em que o «pivot» Fialho Gouveia, quinzenalmente, num número quase acrobático (a necessitar talvez de *partenaire*) faz os possíveis e os impossíveis por «meter em campo» os relógios, os marcadores, o júri do concurso e o jú-

os balões, as avarias técnicas, enfim, a prata e a lata da casa.

Essa grande qualidade de que o concurso necessita passa por um trabalho enorme de preparação prévia e de disponibilidade de meios técnicos que julgamos difícil de atingir pelo simples facto de que temos verificado até aqui momentos de quase improviso, momentos completamente falhados e mesmo provas condenadas à partida. Lembramo-nos da prova do balão (balão que quase não cabe no recinto e que em 2 minutos úteis ocupa cerca de 17 de emissão), do jogo de palavras e até de provas com interesse que podem falhar integralmente — é o caso da «entrevista» e da «prova de humor». Os momentos falhados e as «gaffes» aparecem sempre: são os microfones em campo, os relógios que não andam, o Fialho Gouveia perdido no *plateau*, etc.

O «derby» beirão «Oh da Guarda»-«jograis mais costurinhais» teve um interesse muito relativo; poucos foram os instantes que fizeram lembrar momentos altos de outros concursos. Ainda assim referiríamos o grupo da Guarda que interpretou as duas canções — uma tradicional e outra ligeira, esta com um arranjo de muito bom gosto que nos fez lembrar inclusive os «America».

O concurso acaba por ser extremamente longo e o horário de programação não é também o mais apropriado.

Computo final: Vergílio Ferreira e Carlos Lopes estavam entre a assistência. Qual deles teve mais palmas? Eu diria que

16/4/80

telecrítica

Rui Cádima

Ano Camões:
entre o reino venturoso
e o reino cadaveroso

Há cem anos atrás Camões era disputado entre a oposição à Monarquia como bandeira catalisadora da queda da Realeza. Cem anos depois, hoje, os novos príncipes-censores, corifeus dispenseiros, democratas da segunda República, disputam-no e despacham-no entre si, não lhes passando sequer pela cabeça que lhe devem pertencer. Ou não fosse Luís de Camões «o maior português de todos os tempos», nas palavras de Jorge de Sena.

É pois quatrocentos anos sobre a morte do épico, num momento em que a cultura pátria sofre de doença pestifera e se encerra, tonta e enganada, nos leprosários da *intelligentsia*, que os mais dignos interessados nos labirintos das letras e das artes vêm a terreiro saudar o poeta insigne e ao mesmo tempo esbofetejar os pútridos insignificantes que instituíram quase inquisitorialmente o silêncio ao poeta. Camões morreu com a peste, sem um lençol que lhe servisse de mortalha. No 4.º centenário da sua morte parece ainda repousar na vala comum.

A questão é esta: se não é nessa altura que surgem os estímulos à compreensão e divulgação de Camões, então quando será? Em 2080, quando cada português for proprietário de um «banco» de telemática? Possivelmente. Poder-se-á pensar então em conhecer Camões pelo método da introsão neurológica, durante o sono. Que raios, somos um povo de sonhadores!

A RTP, pelo que lhe cabe, começou a trabalhar cedo. O se-

gundo filme da série «Ascenção e Queda do Reino Venturoso» «sobrevoou» a Lisboa dos séculos XV-XVI, a construção das naus da Expansão, o comércio, as religiões, os monumentos. O programa teve uma progressão narrativa extremamente dispersa, diria quase aleatória e nem mesmo António José Saraiva nos pareceu à vontade para explicar através da linguagem televisiva, as mudanças sociais e de mentalidade da população no princípio do século XVI. E quando a comunicação se perde entre António José Saraiva e aqueles que o ouvem e vêm é sinal de que há uma grande *décalage* entre o que se quer dizer e a forma como se deve dizer. Cabe portanto à RTP neste «Ano Camões» o papel primordial na divulgação do espírito quinhentista e da modernidade que jamais recuperámos. Tarefa difícil, que requer uma grande mobilização de esforços e competência.

No âmbito do ano camoniano estão anunciam duas séries de programas sobre «o homem e a obra» e sobre os principais aspectos do século XVI português. É imperioso que o balanço final seja superiormente favorável ao poeta que cantou o «peito ilustre-lusitano».

Se assim for é sinal de que não deveremos temer o julgamento da História sobre o 23.º aniversário desse 1.º poder chamado RTP. Caso contrário mais vale continuar a passar o velho «Camões», de Leitão de Barros, no 10 de Junho.

20 Televisão

12/4/80

telecrítica

Rui Cádima

As crianças no video-godard

As experiências de Jean-Luc Godard com o video-tape e a televisão começaram de forma quase contínua com «Número Deux», um filme realizado em 1976.

Nessa altura dizia ele que o seu maior inimigo era a escrita, ou melhor, Gutemberg. Por isso os seus textos, o seu desejo de comunicar, passou a exigir o audio-visual e de forma mais radical o próprio monitor de TV. Godard afirmava então que não procurava comunicar coisa alguma, mas, simplesmente, comunicar com alguém. Esse desejo, desejo em crise ou desejo crítico, como diria Barthes, continuou a manifestar-se através dos filmes seguintes — «Comment ça Va» e «Ici et Ailleurs».

Godard aproxima-se então da produção televisiva e em 3 meses, ainda em 76, realiza a série «Six fois deux», seis programas de duas horas cada, sobre o quotidiano francês, que tinham por objectivo ensinar a desaprender, tornar visível o invisível, fazer da mentira verdade e vice-versa.

A série que agora se inicia na RTP/2, de título genérico «France tour detour deux enfants», passa, de forma inédita, simultaneamente, com o canal francês «Antenne 2».

Nela, Godard volta mais uma vez ao desejo de comunicar com os outros, neste caso as crianças.

Como ele afirmou, esta série que tem mais uma vez por tema a França actual, poderia ter no genérico o termo «Europa», «Europa, uma volta, muitos desvios?»

Voltemos então aos pressupostos estéticos e éticos de Godard, sobre e sob a comunicação.

Assistimos à destruição do «espontâneo» ideológico, da virtude da montagem, da mágica ditatorial que o cineasta-jornalista desfruta por detrás da câmara, tentando lutar contra a única verdade que os monitores expõem: «A televisão serve para evitar que os franceses (os portugueses) comuniquem entre si; a televisão contribui para manter os cidadãos distantes da vida social e política.»

Escuta as crianças, obrigatoriamente, seja ou não o seu ano internacional. Assim como escuta os adultos: «Graças ao video, podemos deixá-las falar durante muito tempo, mesmo bastante tempo, para ver a sua personalidade, a sua inteligência, o seu carácter, a sua miséria.»

Neste diálogo que Godard trava com as crianças, os pequenos adultos, entre a noite, a memória e o amanhã, o manipulador sobrepõe o seu texto ao texto do desconhecido e dá prioridade, inevitavelmente, à moral e à memória que habitam o oculto.

A expressão, o exprimir-se, surge violado, quer pelo sonho ou por outros poderes de «super-homens» (Hitler) ou dos sub-homens que o elegeram.

E no meio da desordem sem dúvida alguma que pensámos em Syberberg e no seu polémico aviso: «Cuidado com os pequenos Hitler que habitam por aí.»

«Excelsior», da cidade do México, Ringo Star «tomou muito a

telecrítica

Rui Cádima

Uma tragédia nunca vem só?

Os suplementos e as páginas culturais dos jornais já transbordaram de acusações, defesas, desafios, em torno da publicação de «A Tragédia da Rua das Flores», de Eça de Queiroz. Raras foram, contudo, as análises que ultrapassaram a questão da fixação do texto.

A polémica gerou até situações curiosas, como é o caso da posição assumida pelo chamado «gabinete do cidadão» que propunha aos possuidores da versão «restaurada» pelo calígrafo M. Barreto, a sua devolução à casa editorial!

Vergílio Ferreira falou, entretanto, num semanário, do interesse que este tipo de edições póstumas terá ou não na obra de um escritor já consagrado. Ele falava, inclusive, referindo-se a Eça, que «até as contas do alfaiate devem ser publicadas»... Julgamos, portanto, que a edição da «Tragédia», mesmo nas condições de concorrência absurda em que surgiu, era do desejo do grande público queiroziano.

No que se refere às duas versões até agora vindas a público, parece-nos também que não restam muitas dúvidas sobre o rigor e competência com que uma e outra foram tratadas. Podemos passar adiante.

Inevitavelmente a discussão chega ao tema do incesto entre mãe e filho; e mais para além desse «incômodo» psicanalítico em Eça, à própria análise literária, se bem que a necessitar de alguma distância perante qualquer das versões.

Foi este o sentido do programa «Manta de Retalhos». Das várias intervenções penso que há a referir a pista de Maria Lúcia Lepecki acerca da característica «negra» da «Tragédia», do desprezo pela figura humana, libertina, pecaminosa, e a de João Medina quando refere a impossibilidade do amor na obra de Eça, dada através do incesto e de outros circunstancialismos narrativos.

Finalmente, parece-me que ficou bem explícito na mesa-redonda que a presença de Vergílio Ferreira teria sido importante.

A morte de Sartre no Telejornal

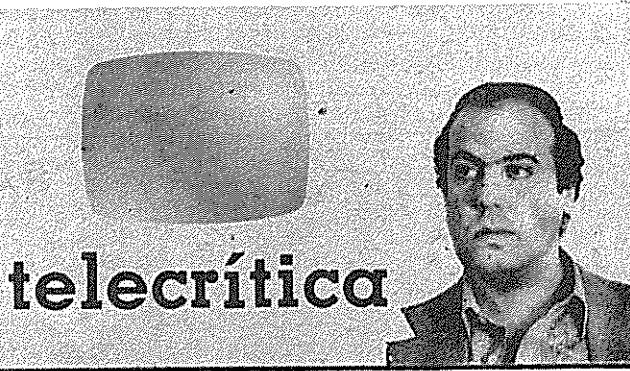
Ainda recentemente publicou o «Nouvel Observateur» uma grande entrevista de Sartre na qual ele expunha a um colaborador o seu mais próximo pensamento, sem deixar que o leitor se apercebesse que estava perante uma situação de «homenagem», como que a resguardar o momento da morte, momento aliás pouco crível no seu círculo de amigos e possivelmente nele (por ele) próprio. Apesar de ter marcado indubitavelmente o pensamento do século, Sartre deparou-se sempre com a oposição dos detractores da sua essência da verdade, daqueles que perderam a sua capacidade de negação. O próprio existentialismo deixou muitos grãos nas «pequenas» comunistas e católicas. E não só nessas, pelos vistos.

O Telejornal «abriu» com Sartre. Uma breve referência à morte do filósofo perder-se-ia com a partida de Ramalho Eanes para Cabo Verde. Mais para o final vimos então um pequeno filme, dirigimos quase uma montagem fotográfica, que historiava algumas das fases principais da sua vida. E apareceu ainda António Alçada Baptista que defendeu ter Sartre caucionado algumas ditaduras de esquerda, mas que de qualquer modo não tinha a opinião do «Observador Romano», de que Sartre teria sido um «professor da desorientação e do derrotismo». Talvez por isso não se viram imagens da presença de Sartre em Portugal, em 75. Pouca coisa, portanto, para quem no final da sua vida afirmava com alguma humildade, ter reconquistado a esperança no homem, mas também ter medo do desespero e do fracasso que «nós», os «sub-homens», vamos deixando lançar à terra, como sementes.

19/4/80

21/4/80

20 Televisão/ Espectáculos



Rui Cádima

Ter e não ter bons filmes na RTP

A programação de longas-metragens no 1.º canal nem sempre tem sido criteriosa. Se é verdade que de vez em quando surgem os tais filmes «de mestre», muitas das vezes, porém, remete-se o espectador para obras de somenos importância, deste ou daquele cineasta, deste ou daquele género.

Ultimamente, contudo, a RTP/1 parece um pouco mais decidida a esmerar-se na escolha das fitas de fundo. É assim que vemos esta «aparição» de Howard Hawks e Raoul Walsh com filmes como «Os Heróis da Pista», «Vidas Nocturnas» e agora este «Ter e Não Ter», primeiro filme em que Bogart contracena com Lauren Bacall.

Entretanto estão anunciados mais dois filmes de Walsh até ao fim de Abril. Tudo leva a crer portanto que o espectador não terá grandes razões de queixa em relação aos próximos «serões» do primeiro programa.

Completamente diferente tem sido a programação do 2.º canal, no seu «Cineclube» das terças-feiras.

A rubrica geralmente apresentada por António Pedro de Vasconcelos tem tido uma programação excelente; basta lembrarmo-nos das obras exibidas nas últimas semanas, de «A Estratégia da Aranha», de Bertolucci, do fabuloso «Tão Amigos Que Nós Éramos», de Ettore Scola, ou de «A Minha Noite em Casa de Maud», de Eric Rohmer. Se atendermos a que os próximos filmes serão «Zero em Comportamento», de Jean Vigo, e «O Crime de M. Lange», de Jean Renoir, então só nos resta desejar aos programadores do 1.º canal que sigam o exemplo da rubrica do «ex-canal Lopes».

Howard Hawks, o realizador de «Ter e Não Ter», morreu no final de Dezembro de 1977, dias depois de Charlie Chaplin nos ter deixado. Cineasta da transparência, só no final dos anos 50 viu reconhecido o seu génio, na Europa, quando a prestigiada revista francesa (Cahiers du Cinema) olhou para a sua obra da mesma maneira que a sua câmara «olhava» os seus personagens: «à altura do homem», em plano americano.

Hawks fez as melhores comédias, os melhores westerns, os melhores «negros», as melhores «epopeias». «Ter e Não Ter» não é dos seus principais filmes, não tem a violência de «Scarface» nem a ironia de «Bringing Up Baby» ou o cinismo de «Monkey Business», mas de qualquer modo a adaptação bastante livre do romance homónimo de Hemingway, que ainda teve a participação de William Faulkner no argumento, surpreende-nos ainda hoje pela já referida «transparência» e por aquilo que chamaremos um certo imediatismo narrativo, vital, hawksiano, que aliás a Warner Bros não conseguiu escamotear, apesar das suas «orientações» na sombra ou na senda de «Casablanca», filme em que têm sido vistas algumas semelhanças com «Ter e Não Ter».

Ainda que o cinema de Hawks não tenha propriamente as «dimensões» do pequeno ecrã, ficamos a aguardar outros filmes do mestre, seguramente um dos mais importantes cineastas da história do cinema.

18 Televisão/ Espectáculos



Rui Cádima

Quatro, cinco e seis semanas antes do espectáculo começar, repetem-se até à exaustão as imagens dos parágrafos anteriores, mas agora reduzidas à pequenez de cada um dos países participantes.

Muitas semanas antes do espectáculo começar discute-se porque é que o festival deve ser na Holanda e não na China, porque é que Israel desiste, e discute-se se se boicota, se se apoia, se se põe bomba, se se dichota, se se boleta.

No dia do espectáculo janta-se mais cedo, põe-se o laço e o desodorizante, calça-se as pantufas, não se sai à noite e não se adormece em frente do televisor, não seouve o relato do futebol, ninguém fala. E tira-se a fotografia.

São cerca de 350 milhões de televisionários que têm todos os anos o mesmo tique: ver o pior anti-espectáculo, o maior forrobo-dó de cantigas e depois, no final, comentar sempre da mesma maneira: Olha se eu não adormecesse, o sueco era bonitinho, pior que o do ano passado, merecia ganhar, não merecia ganhar, a patilha esquerda estava mais comprida que a outra, a locutora enganava-se constantemente, tanta coisa para nada, a nossa era a melhor.

O genérico começa a correr; sorrisos, dedos apontados, umas gargalhadas lá para dentro, três a falar ao mesmo tempo, o gravador que volta para trás, o barulho do autoclismo e do telefone, o gato que mia com fome, o avô que acorda: «Então afinal quem ganhou?» O neto responde: «O Benfical». A neta: «O Carter!» O bisneto: «O Xid». Cinquenta e duas semanas antes do espectáculo começar...

E para o ano é marralhar outra vez...

Uma semana antes do espectáculo começar experimentam-se os projectores, abrem-se «caixas» nas primeiras páginas dos jornais, mobilizam-se os «public relations» das empresas discográficas, partem as delegações e os enviados, disparam-se as primeiras «chapas» ao nervoso miudinho latente, estreia-se o novo bâton, vê-se se os sapatos não fazem calos. As gentes agitam-se, as cadeiras disparam-se à volta da mesa. Prepara-se o grande dia.

Os representantes nacionais têm livre-trânsito, dizem o que querem: Que o festival é alienígena, que, finalmente!, chegou a sua vez, que nunca poderão ganhar porque há uma outra canção que, que mandam um beijo à mãezinha, que levam vestido encarnado, que gostam da «new-wave», que precisam é de dinheiro, que não têm mais nada a dizer, que as câmaras se lixem (e deitam a língua de fora).

Duas semanas antes de começar o espectáculo todo o mundo vê imagens das beldades do coro, das vistas turísticas — dos castelos da Escócia às «rivieras» e costas ensolaradas mediterrânicas, do cavalinho toc toc toc e do pinguim tic tic tic. Tudo vai bem, diria não sei quem.

Três semanas antes de começar o espectáculo todos os telespectadores são solenemente avisados de que a grande noite se aproxima e que entretanto vão receber a visita de «mademoiselle» que representa o país, do grupo que representa o reino e do cavalheiro que representa o principado. Sorrisos e «flashes», autógrafos, poses, monotonia resplandecente.

22/4/80

20 Televisão/ Espectáculos



telecrítica

Rui Cádima

Os «Retalhos» de Namora — nova série portuguesa

O universo da obra de Fernando Namora, dividido em múltiplos níveis ambientais, que vão desde a sua envolvente medicina às raízes das gentes no interior e à problemática da cidade, tem fascinado alguns cineastas portugueses de uma forma que me parece não ter correspondente, pelo menos na literatura portuguesa contemporânea.

Entre 62 e 65 foram realizados três filmes adaptados respectivamente de «Retalhos da Vida de um Médico» (Jorge Brum do Campo), «O Trigo e o Joio» (Manuel Guimarães) e «Domingo à Tarde» (António de Macedo).

É agora a vez da versão televisiva dos *Retalhos*, da responsabilidade de Artur Ramos e Jaime Silva, da cooperativa Forum, que produziu com a RTP. Já foi largamente referido que esta adaptação contém o fundamental do texto de Namora, embora o não sitga «à risca». É o próprio escritor que afirma tratar-se de uma leitura, de uma recriação dos adaptadores. O primeiro episódio, «A Prima Cláudia», terceira narrativa da «primeira série» dos *Retalhos*, leva-nos à infância do jovem médico e às relações com a prima Cláudia e o primo Lucas e com os próprios pais, antes e depois de frequentar Coimbra.

A realização de Artur Ramos denota inevitavelmente as condições por vezes deploráveis em que se produz cinema e televisão em Portugal. Os planos prolongam-se em demasia, não por necessidade do discurso filmico mas, diria, por imperativos da produção, do tempo real de filmagens. Sente-se ainda, no caso de alguns diálogos entre Cláudia e Lucas, o eterno vício do «dizer» teatral. Os problemas de variações do nível de som continuam como em muitos outros casos, assim como problemas de dessincronismo. Estas as poucas observações que fazemos genericamente e que, apesar de tudo, não nos impedem de acreditar que a série virá a ter o agrado do público.

«Pontos nos ii»

Raras são as vezes em que os nossos actores de teatro e revista e outras figuras, populares ou não, ligadas ao espectáculo, estão perante os espectadores da RTP. O público diz, com razão, que a programação estrangeira é excessiva e que os anos passam e a produção continua a mostrar a sua falta de vontade e imaginação em realizar programas de características nacionais, quer seja no âmbito do teatro, do musical, da telenovela ou outros sectores. Na emissão de domingo de «Pontos nos ii», Fernando Balsinha entrevistou um alentejano de 39 anos de idade, actor, encenador, de seu nome Nicolau Breyner — um novo cartesiano que vê as cidades como o mais recôndito dos desertos, o sítio insuportável por exceléncia.

Parece-me que «Pontos nos ii» parte de uma ideia extremamente interessante, embora necessite de um maior dinamismo em termos de emissão televisiva, de uma maior irreverência por parte dos entrevistadores. Entrevistador e entrevistado estão muito «em cima» um do outro, separados por uma mesa que mais parece um balcão de mercearia. Também julgamos necessário proceder à passagem de material de arquivo ou de pequenos filmes realizados a propósito, sobre o trabalho do convidado, passado e presente, o dia-a-dia, os tempos livres, etc. Nessas condições conseguir-se-ia facilmente uma emissão muito mais interessante e poder-se-ia alargá-la inclusive aos 50 minutos.

Espectáculos 19

23/4/80

20 Televisão/ Espectáculos



telecrítica

Rui Cádima

Encyclopédia de bolso

Programa com características de informação cultural, particularizado a um autor ou a uma obra, ou ainda a um determinado tema, e no qual as imagens são acompanhadas de um comentário dirigido por um especialista nas matérias abordadas.

Vimos desta vez Adriano Gusmão a falar do discutidíssimo «Políptico de S. Vicente», atribuído a Nuno Gonçalves, da Escola Portuguesa do Século XV. Apesar de muito poucas das obras dessa escola terem chegado aos nossos dias o que é facto é que já no Século XVI, Francisco de Holanda, o pintor-filósofo discípulo de Miguel Ângelo, atribuía a Nuno Gonçalves, na sua obra *Da Pintura Antiga*, um lugar de relevo na pintura europeia do século XV.

Mas a beleza dos «painéis» ficou-nos através de alguns grandes planos e de algumas breves panorâmicas que tiveram exactamente o sentido de solicitar o espectador do programa para admirar «ao vivo» essa obra fundamental da pintura portuguesa, diríamos mesmo da cultura portuguesa de quinhentos. Resta agora, tanto ao curioso como ao conhecedor, deslocar-se ao Museu Nacional de Arte Antiga e observar tranquilamente, em plano de conjunto e em grande plano, esses painéis fabulosos, por onde perpassam imagens dos Infantes da Expansão, de letrados e de frades, de uma criança que se pensa ser D. João II em pequeno e, para além de outras figuras superiormente retratadas, do próprio auto-retrato de Nuno Gonçalves.

Ainda em «Encyclopédia de Bolso» tivemos Anna Masollo que especificou, com a contribuição dos seus alunos, como surgiu o «pas-de-deux» no ballet, indo às suas origens nas danças populares de pares, da polca à tarantela.

Quanto a nós, «Encyclopédia de Bolso» deve tentar estar mais em cima do acontecimento, esforçar-se por acompanhar a actualidade com pequenos filmes do género que agora fez.

Uma pista: teria sido interessante, por exemplo, a propósito da morte de Sartre, falar-se da problemática do existencialismo, ou, outro exemplo, sobre Camões «cabalista» de que tanto se tem escrito ultimamente, ou ainda sobre esse genial Milton Nascimento que visitará Lisboa para um concerto, e eu sei lá que mais...

De qualquer modo há que ter em atenção que muitos dos pontos de partida para a realização do programa podem perfeitamente confundir-se e sobrepor-se ao âmbito de outro tipo de programas culturais que constam do presente mapa-tipo. Essa será a principal razão para que todas as «Encyclopédias» saiam dos armários e sintam o vento a desfolhar as suas páginas, com o objectivo de ir mais além da simples satisfação de «curiosidades» e de actuar consequentemente em termos de presente e de futuro.

A
cc
—
U
S

mo:
Ser:
L
Pau:
San:
res;
Mag:
A
cia p

24/4/80



telecrítica

Rui Cádima

Abençoados malditos

Filho de um anarquista francês, conhecido pelo «obsceno» e anagramático nome de Almeryda, Jean Vigo morre em 1934, com apenas 29 anos. Os quatro filmes que realizou bastaram para o sagrarem como um cineasta fundamental na cinematografia francesa. O «Cine-Clube» de terça-feira trouxe-nos «A Propos de Nice» e «Zero em Comportamento». Uma vez que ainda recentemente passou «Atalante», resta agora «Taris» para que num curto espaço de tempo o espectador possa rever o cinema do homem que era para Langlois o «possuidor da chave dos sonhos».

A poética de Jean Vigo, a sua apaixonante alquimia imagética, extremamente moderna ainda nos dias que correm, faz-me lembrar (e não só a mim, pelo que escutámos de António-Pedro de Vasconcelos) alguém que possuía uma outra chave, a chave dos pesadelos e dos Infernos, o «delirante» Rimbaud. Jean Vigo é o vigilante do idílico, o romântico anárquico, convincente; Rimbaud é o iluminador das trevas em combustão.

«Zero em Comportamento», ou os pequenos diabos do colégio, é um filme estonteante, um dos poucos filmes surrealistas esquecidos pelos seus teóricos. Vigo faz passar nele algo de autobiográfico e arrasa a imagem tradicional do colégio disciplinado, do colégio-caserna, com o prazer lúdico dos jogos dos alunos, com o «piscar-de-olhos» ou com a representação do prefeito-Charlot. Trata-se de uma autêntica conspiração, diria mesmo que é irremediavelmente um filme maldito.

«A Propos de Nice» foi realizado por Jean Vigo e pelo irmão de Dziga Vertov, Boris Kafmann, na câmara. É uma espécie de «Jornal de actualidades» feito em Nice a pensar no Kinopravda. Não faltam lá a montagem de atrações eisensteinianas nem os planos «cruzados» de Vertov. Como foi também dito na apresentação, este é ainda hoje, cinquenta anos após a sua realização, um modelo de documentário!

Godard e as imagens

Godard fala com as crianças como Joyce falava com os seus fantasmas em *Finnegan's Wake*: perdido entre o *real-world* (a ficção onde passam 24 imagens por segundo) e o *real-world*, onde as imagens necessitam de tantos leitores quanto o número delas que se pretende.

No segundo programa da série «France Tour Detour Deux Enfants» entrámos no mundo da imagem, no enquadramento do sujeito (a criança) perante si, o seu alter-ego e o adulto, e o enquadramento, a moldura feita pelos outros sobre o sujeito e a sua imagem.

A criança prepara-se para a noite, para enfrentar o adulto e as suas questões, neste caso as questões, as intrincadas questões que obsessão o próprio Godard (e, no fundo, todos nós). O diálogo estabelece-se de noite, por analogia com a zona de penumbra que ambos separam, que os decompõe. E para além da janela do quarto estão os «lobos da noite» ou os lobos das lendas que adultos e crianças guardam em si, para si. A criança é levada a reagir perante o silêncio, a sobrevivência e a existência, mas sobretudo sobre a imagem; a duplidade da imagem, as dúvidas que persistem (tal como persiste o ciclo dos dias e das noites) e sobre a «claridade» da imagem: «a minha imagem, a minha existência é clara porque é clara que existo». Que melhor resposta poderia aguardar Godard?

25/4/80



telecrítica

Rui Cádima

Futebol e TV

Era Jacques Goddet, director do prestigiado jornal desportivo francês «L'Équipe» que afirmava o seguinte: «O desporto contém o melhor do que uma emissão televisiva pode apresentar: de imediato o inesperado, inesperado não somente para os espectadores mas sobretudo para os próprios actores, a ação, a emoção, a beleza dos gestos. Nada mais completo portanto, mais próximo do ideal cénico, ainda que, para mim, uma manifestação desportiva, pela luta que aí se desenvolve, se situa para além do espectáculo, da coisa fabricada: é a própria vida, feita de imprevistos, de intenções desconhecidas, de esforços súbitos, de *élan* espontâneos, com todas as fases de variação que expõem o insólito e o novo.»

Este texto de «expert», belo texto, vem a propósito da transmissão em directo da segunda mão das meias-finais da Taça dos Campeões Europeus, que opõe o Hamburgo ao Real Madrid.

É sabido que só cerca de 60 por cento do público telespectador gosta de desporto, isto é, vê as emissões desportivas das diversas modalidades. Cerca de 25 por cento são indiferentes, podem ser ganhos para a «causa desportiva», e os restantes 15 por cento são os impossíveis de convencer. Daí que numa estatística realizada há alguns anos pela televisão francesa se deduzisse que cerca de dois milhões de telespectadores em três, seguem as emissões desportivas da Televisão. Grande auditório, portanto, que não nos deve deixar alheios a toda uma fenomenologia cultural, sociológica, ao seu carácter lúdico e à realização da sublimação.

Esse «metabolismo» psíquico, essa psicologia de massas, por vezes alienante, operadora do *transfert*, e por outras produtora da catarse e da vivificação do corpo, conforme, na maior parte das vezes, se pratica ou se assiste, remete-nos para a velha questão da exequibilidade do desporto de massas. Mas essa é já outra questão.

Por agora interessa, sobretudo, passar a um plano inferior e ver que de facto não é a Televisão que esvazia os estádios, serão principalmente os maus jogos e as equipas fracas que levam a um afastamento das massas das competições desportivas. No caso do Hamburgo-Real Madrid estávamos perante duas equipas das mais qualificadas no futebol europeu e por conseguinte, perante uma manifestação que fazia ressaltar sobremaneira a ambiguidade do espectáculo, o seu lado alienante e o seu lado lúdico.

Entramos, então, no complexo domínio da contingência, do que poderá ocorrer ou não a diversos níveis, do rectângulo de jogo e das bancadas para a sala onde o telespectador assiste ao espectáculo. Como não pretendo terminar com um mimesaio de carácter sociológico, resta-me tomar nota de que o encontro realizado entre as duas equipas teve uma primeira parte verdadeiramente fabulosa, com um «score» de 4-1 favorável ao Hamburgo, assegurado na segundo parte com mais um golo, a permitir à equipa alemã a presença na final. Não se pode dizer que as seis câmaras em campo nos tivessem dado uma reportagem de tanta qualidade como as da B.B.C., mas tomáramos nós, nas retransmissões do «Nacional», ter também seis câmaras no campo e assegurar uma reportagem de qualidade idêntica. Esses são os duros ossos do ofício.

26/4/80

20 Televisão / Espectáculos

telecrítica

Rui Cádima

Ad usum delphini

Da programação de quarta-feira, ainda uma adenda. Diria, melhor, uma AD(enda): depois do Hamburgo-Real Madrid, o Telejornal descobre Luis Pereira de Sousa a descrever tranquilamente, sem os excessos dos comentadores desportivos que relatam o jogo do seu próprio clube, uma jogada de ataque pouco espontânea, daria mesmo estudada, toda ela lançada sobre o meio-campo do adversário, «menager» no relvado, guarda-redes na linha divisória do terreno, anunciando que Soares Carneiro recebeu a carta AD e aceitou o convite para disputar a corrida para Belém.

Longos foram os minutos de que o sr. general dispôs para se explicar, talvez porque há para aí alguém confundido (até já lhe chamaram sr. Presidente)...

Continuámos depois com Sá Carneiro, em Copenhaga, referindo com um à-vontade particular, a derrota da «maioria» no Parlamento aquando da votação da Lei do Recenseamento. Que o facto, apesar de lamentável, não teria repercuções no seio da AD. Tudo seria ultrapassado pelo bom senso, pela circunspeção, pela coesão. Decididamente temos um primeiro-ministro que é, em certos aspectos, um moderno Fernão Mendes Pinto: em «peregrinação», longe da Pátria, a tratar dos candentes interesses e negócios políticos-económicos nacionais, das integrações e desintegrações, evidenciou no seu breve discurso um perfeito conhecimento da ligeira agitação que reina na maioria parlamentar.

Porém, entre eles, entre Pinto e Carneiro, há só uma pequena diferença: enquanto o «pirata» alcunhado de «Mentes?, Mintol!» depreciava a história e as faculdades pátrias, qual subversivo quinhentista, Sá Carneiro denota uma apreciável, «frigidez» analítica, um rigor quase definitivo, sobre o presente e o futuro político nacionais, uma esperança afã sobre o governo que temos, um governo a que algumas «más-línguas» já chamaram de «corta-fitas» e que neste momento tem pela frente a árdua tarefa comemorativa do sexto aniversário do 25 de Abril e, mais para a frente, o famigerado quarto centenário da morte de Camões, por sinal contemporâneo de Mendes Pinto. Não vamos ligar contudo a estes renegados e delatores, poetas e cantores.

Vejamos antes, impávidos e serenos, o que o Telejornal nos tem a dizer, porque aquilo que não nos dizem é porventura significativo daquilo que há algum tempo «nuestros hermanos» recomendavam ou amaldiçoavam nesse pasquim difamador que dava pelo nome de «Hermano Lobo», diziam eles, referindo-se à «apertura» aqui mesmo ao lado: «Tranquilos, que no se passa nada. Si passase algo ya lo habriamos prohibido». Vá lá a gente acreditar nestes bufões, neste picareco que ficou por aí a pairar através de «peregrinações» e outras cantigas de maldizer...

Por este andar, qualquer dia, ou já amanhã, não poderemos ouvir um qualquer discurso que comece, por exemplo, por «Senhoras e senhores...», sem que alguém logo diga «Mental!», ou que o lobo diga «Uuuuuu!»...

Malditos momos que não nos deixam entender em paz estes telejornais.

28/4/80

20 Televisão / Espectáculos

telecrítica

Rui Cádima

Roteiro:

Mais Rita Ribeiro menos viagem aos palcos

«Organizar o espaço — estimular a comunicação» foi o quarto programa da série *Repensar a Escola* da responsabilidade da Direção de Serviços do Ensino Básico.

Foi analisada de forma extremamente interessante a Escola e os seus diversos espaços psicopedagógicos, desde o espaço tradicional (onde as carteiras estão muitas vezes fixas no chão e impedem qualquer possibilidade de trabalhar em grupo) ao espaço novo, «ircular», aberto, de permanente diálogo entre professor e alunos, para o qual se pretende que convirjam os mais variados níveis de conhecimento e percepção das coisas, quer respeitem às matérias em estudo quer ainda aos problemas de casa, aos amigos, enfim, ao (des)conhecimento e às dúvidas que o dia-a-dia provoca nas crianças.

Este tipo de trabalhos, de incidência psicopedagógica, didáctica, deveria quanto a nós ser produzido em maior escala, em conjunto com os vários departamentos ministeriais e com técnicos avançados, nos mais diversos domínios da formação profissional, do ensino à produção e à cultura.

Não há de facto nenhuma razão para se impedir, ou não fomentar, a produção de filmes e de séries deste tipo.

Roteiro dos teatros

O «Roteiro» de Sábado passado foi mais Rita Ribeiro e menos «viagem» pelos palcos com peças em cena, ou pelos bastidores dos teatros, da Cantina Velha ao Nacional, passando pelos grupos independentes.

Parece-nos que mais importante do que levar a um programa desse tipo uma «artista convidada», ao longo de trinta minutos, será apresentar sempre que possível os ensaios das novas peças e, claro, o trabalho final.

Quando não houver material suficiente, como era (ou não era?) o caso do último «Roteiro», haverá com certeza muita gente do teatro que terá coisas muito mais importantes a dizer, para bem e para mal do teatro português, do que contar «a história da sua vida». Isto sem qualquer animadversão para com a Rita Ribeiro e o seu trabalho, dos Green Windows ao espectáculo do Godspell, sendo talvez mais polémica a sua actividade nas revistas «popularuchas» do Parque Mayer e também as suas canções, do género que cantou, «um grande amor que me marcou para toda a vida», canções impregnadas duma certa mitologia fadista e dum melodramatismo decrépitos.

Ainda neste programa pareceu-nos ver passar a famigerada «publicidade gratuita» à revista que está presentemente em exibição no Teatro Variedades. Ou nós andamos a ver muito mal, ou temos um monitor que falsifica a programação ou então é a Direcção de Programas que já não liga a essas coisas...

Será que as empresas públicas têm mesmo a sina de «dar jeitinhos»?...

29/4/80

20 - Televisão/Espectáculos



telecrítica

Rui Cádima

Óscars para Vitorino de Almeida

Se a RTP vier algum dia a atribuir oscarinhos aos seus melhores programas, gostaríamos, neste mês de Abril de 1980, de ver apreciado o trabalho desse brilhante homem de televisão que dá pelo nome de António Vitorino de Almeida.

Votariamos nele para o óscar do melhor redactor, do melhor locutor, do melhor realizador, do melhor montador e dos melhores «gags».

«A Música e o Silêncio» que nos apareceu repentinamente no passado sábado veio mais uma vez a comprovar as qualidades desse português que divulga a nossa cultura em terras austriacas. Com ele está o sonho (que inventaria com a permanente referência a Gedão), a crença na cultura como «motor da história», como «constante da vida» e como muitas outras coisas que «eles» ainda não sabem...

Domingo à hora do almoço

Se a RTP tivesse que escalar na sua programação de domingo compreendida entre as 13.25 e as 13.55 possivelmente chamar-lhe-ia «A Força dos Espinafres». De facto só devido a uma força estranha, adversa aos destinos das mais simples realidades, se poderá compreender que o espectador atento aos horários de programação vindos a público na revista da casa — a «TV Guia» — ou noutro qualquer jornal (que se limitam a publicar a programação da «folheca» previamente distribuída a todos os órgãos de informação), só devido a uma força estranha, dizíamos, se poderá compreender que a programação de domingo se tenha iniciado meia-hora antes do horário previsto. E a isto nós não estamos habituados. Somos um país adiado, cultivamos e ritualizamos o atraso e daí não suportarmos um avanço de meia-hora sobre o horário previsto.

Assim, todos pudemos ver que «Homem Prevenido», programa da Direcção-Geral de Higiene e de Segurança no Trabalho, anunciado para as 13 h, finalizou exactamente a essa hora e que «Pontos nos ii», anunciado para as 13.30, terminou às 13.25. Aliás, deve referir-se que no domingo anterior aconteceu praticamente o mesmo com estes programas.

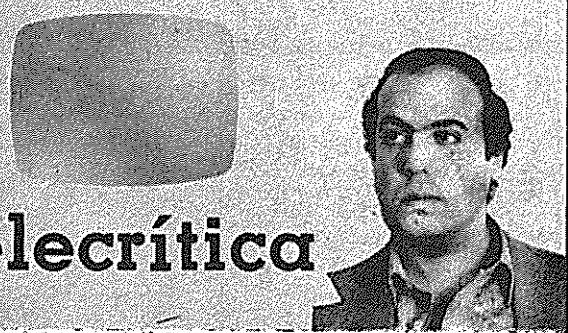
E depois veio o Popeye com os espinafres e os hamburger's, os duendes e uma série de repetições «animadas». E à custa dos espinafres, a rubrica informativa «Sumário» chegou a tempo..., exactamente às 13.55, como estava previsto.

«Homem Prevenido» deambulou pelo espaço do trabalhador, o local de produção, os riscos e a prevenção do trabalho, a saúde, as condições ambientais e os novos sistemas de análise de funções psico-sociológicas. Estranho que sempre que se davam imagens numa fábrica nunca era reproduzido o ruído de fundo do ambiente, das máquinas, mas, pelo contrário, era-nos dada uma música de fundo tipo «Emerson Lake and Palmer».

Alçada Baptista, que já alguém referiu como o «intelectual de serviço na RTP», veio aos «Pontos nos ii» falar da moral e da palavra, da solidão e do humor. Que não era um «diseur» por exceléncia, que toda aquela *mise-en-scène* no estúdio lhe impunha a solenidade do gesto. Fica assim também registada a solenidade da rubrica, a sua deficiente comunicação, que nem Nicolau Breyner conseguiu ultrapassar na passada semana.

30/4/80

20 - Televisão/Espectáculos



telecrítica

CALAR D'UNÃO
CARAM, ÉS A QUESTÃO Rui Cádima

Nós, os consumidores de «Come e Cala», se porventura fizéssemos um cômputo analítico em torno dos programas que Beja Santos coordena quinzenalmente, chegariam com certeza à conclusão de que se trata de uma série que se esforça por apresentar com a clareza possível alguns dos pequenos «cânceros» que a sociedade de consumo encerra e que a economia de mercado cada vez produz em maior escala.

Um pequeno filme animado norte-americano, intercalado no programa, mostrava a necessidade dos produtos alimentares postos à venda terem rótulos elucidativos sobre as calorias que contêm, a quantidade de proteínas, de hidratos, de vitaminas. Este tipo de informação torna-se, como é evidente, absolutamente necessário nos produtos embalados com que os consumidores diariamente se abastecem. Necessário se torna também voltar de novo ao problema, em termos quantitativos e qualitativos, pois é de grande importância para a educação alimentar dos maus consumidores que os portugueses ainda hoje são.

Também a fraude e a burla que imperam na procura e no aluguer de habitação própria foi tema em «Come e Cala». Beja Santos ouviu uma das muitas pessoas que se sentem ludibriadas nos contactos que estabelecem com as famigeradas agências. Neste ponto teria sido interessante saber também, para além de ouvir a Polícia Judiciária, o que pensa do assunto o próprio Ministério da Habitação e saber até que ponto a fiscalização actua sobre os especuladores; em suma, saber o que é que se faz neste país para impedir que a fraude seja uma «instituição» a nível nacional.

E ao que parece esse trágico destino que sempre acompanhou a rotina portuguesa, o aspecto auto-punitivo do enganar-se a si próprio e um certo «exibicionismo manco» nacional, manifestam-se soberbamente nas páginas da nossa história.

«Ascensão e Queda do Reino Venturoso», em *flash-back* à Lisboa do século XVI veio-nos confirmar isso mesmo. O texto do programa foi mais homogéneo que o anterior, o que permitiu uma maior facilidade de leitura ao espectador médio, pouco habituado a programas sobre a história da nossa cultura e dos nossos feitos longínquos.

Nós, portugueses, conquistadores de terras na Índia, e mais tarde «índios da Europa», vimos já no século XVI o descobrimento da Índia como causa de muitos males e de muitos dramas (isto para alguns intelectuais menos apaixonados) e também como causa de muitas venturas (principalmente no dizer de alguma soldadesca belicista)... Era portanto no seio desta confusão disparatada, quase mítica, que nos aproximávamos dessa fatídica data de 1580...

1/5/80

telecrítica

Rui Cádima

Duas imagens da França
a 45 anos uma da outra

No «segundo andamento» de *France Tour Detour Deux Enfants* — essa brilhante série realizada por Jean-luc Godard e Anne-Marie Mieville, fomos conduzidos mais uma vez ao mundo das crianças, do poder da imaginação, do anti-artificialismo; é com elas, com as crianças, que Godard prosseguirá a série, numa tentativa lúcida, mas também desesperada, de encontrar através delas algumas respostas para as suas obsesões e para o falso poder de que tem desfrutado no topo da hierarquia das imagens e do cinema.

«Objectivamente», a falsidade... E também a dúvida que paira nos espíritos livres como Godard, empenhado em ver claro no escuro (o plano sobre a revelação fotográfica é um exemplo flagrante, genial), em perceber o porquê da saída dos «monstros da terra, para entrarem ao serviço às 8h.» (robôs do oxigénio e do dinheiro), em compreender que por detrás de uma fotografia com um marinheiro português, uma arma e um cravo, está a arma e o cravo, está um signo da liberdade — imagem feita pelo leitor despreocupado, mas, para além doutras imagens, está também um sinal de morte, de frustração. Seis anos depois, que teremos nós a dizer, ou seja, qual a resposta exacta, qual a leitura clara? Essas são as perguntas de Godard. Paradoxalmente, as respostas já lá estão...»

O crime do Sr. Lange

São muitas vezes os grandes acontecimentos sociais e políticos que determinam ao artista a produção de obras que, de algum modo, operam através dos seus significados sobre a própria História e de imediato sobre os seus leitores.

«Le crime de M. Lange», realizado em 1935 por esse cineasta genial que foi Jean Renoir, enquadra-se perfeitamente nessa definição do artista perante a sociedade, catalisado pelas alterações político-sociais que ela própria imprime. Não espanta portanto que logo de seguida Renoir realizasse «La Vie Est à Nous», um filme «militante», encomenda do PCF.

«M. Lange», reflecte de facto o ambiente que se vivia em França no ano da sua produção. Estava-se nas vésperas das eleições da Frente Popular; toda a trama do filme vai então precipitar o antagonismo social entre duas pessoas de classes opostas, para vir depois tomar partido pelos operários num fundo um pouco moralista, construído não com a intenção de «agitá» em termos panfletários, mas antes de conquistar para si os eventuais adversários...

Isto mesmo contra aquilo que Bazin afirmava: «O Crime do Sr. Lange» é um pouco um filme de tese: *contra* os maus patrões, os capitalistas exploradores, *pela* solidariedade operária e as virtudes da fórmula cooperativa. Para além desta tese social, Prévert (que fez os diálogos) e Renoir, foram mesmo ao ponto de desculpar o crime de Lange, que livrou da terra um ser irremediavelmente nefasto protegido pelas leis de uma sociedade mal feita». A pergunta que fica é se o moralismo de Renoir teria chegado à leitura de Bazin...

3/5/80

telecrítica

Rui Cádima

Maio,
maduro Maio...

Já lá vão os tempos em que o «1.º de Maio» era unitário, força avassaladora de massas dada «em directo» pela televisão. A espontaneidade perdeu-se, o velho tema da unicidade sindical esbateu-se progressivamente, até ficar definitivamente por terra, repartido entre as duas centrais sindicais existentes.

Contudo, Maio não é mês frio; e desde 1886, desde as sangrentas lutas de Chicago, que as tradicionais classes operárias fazem do 1.º de Maio um dia de luta, um dia de festa e de afirmação política. Felizmente, que hoje já não se pensa em cantar «Maio, maduro Maio, quem te matou... ou quem te pintou...». Hoje, e ontem também, as datas de luta, as datas de sangue, ainda que abastardadas pelos diferentes poderes e pelos diferentes *media*, ou pelas diferentes utilizações dos *media*, nunca passarão para além da memória, isto é, ficarão sempre com ela. Ficarão com a História.

E o «1.º de Maio» de 1980, seis anos antes, portanto, da comemoração do centenário da data, passou na RTP de forma pouco apaixonada, pouco convicta, isto talvez a demonstrar uma certa dose de frustração que cresceu depois de 74 mas, por outro lado, e mais importante que isso, a pôr em evidência uma certa «afecção» informativa com a qual, aliás, a AD tem «prendado» os telespectadores, espécie de alergia ressentida, espécie de *pathos* derivado do próprio vazio criado pela base social de apoio da Aliança em datas tão significativas como o 25 de Abril e o 1.º de Maio. (E não só...).

Alguém perguntava, no dia dos trabalhadores, «cadê AD?». De facto a AD no «1.º de Maio», limitou-se a prolongar a sessão da aprovação do OGE no Parlamento pela madrugada... Resta saber se por ironia, se por alguma pretensão maquiavélica conservadora...

A rubrica «Sumário» fez uma brevíssima referência ao «1.º de Maio» (aliás o seu tempo não dava para mais, podendo dar para melhor), onde se falava das manifestações em Portugal e no Mundo, enquanto «Pais, País», na redação de Lisboa, fazia uma péssima reportagem alusiva à data, indo até Algés, à inauguração de um Parque Infantil e Desportivo, num bairro pobre. Tal como já vem acontecendo de há algum tempo para cá, a intervenção da redação do Porto foi mais objectiva com as reportagens sobre as comemorações do Porto e de Viana de Castelo.

O «Telejornal» historiou a data com imagens de arquivo rápidas, montagem apressada, em nítido confronto com o trabalho de José Freire Antunes para a «Informação/2», um trabalho quase exemplar, este sim, verdadeiramente apaixonado, não cego, a levar bem alto o significado de uma data querida dos portugueses e dos povos de todo o Mundo.

6/5/80

20 Televisão/Espectáculos

5/5/80

20 Televisão/Espectáculos

telecrítica

Rui Cádima

Roteiro:
tudo na mesma

Pouco ou nada mesmo adiantou este «Roteiro» em relação ao da semana passada. Voltámos a ter uma convidada do teatro de revista, Vera Mónica, que ao longo de todo o programa foi falando da sua actividade artística, dos seus poucos desejos e da sua frustração.

Salvo o pequeno filme que passou sobre «As Três Irmãs», ainda em cena no Nacional, e no qual um comentário «off» relembrava, mastigava, a passagem de 120 anos sobre o nascimento de Tchekov, nada mais se mostrou sobre peças em representação. O «Roteiro» não existe, portanto.

E é pena. É pena porque neste momento há já uma série de peças em fase final de ensaios e outras que, entretanto, estrearam, sem serem visitadas pelo «Roteiro».

Não é só a Cornucópia que está prestes a estrear um novo espectáculo, como anunciou Eládio Clímaco... «A Barraca» já terminou os ensaios de «É Menino ou Menina»; «Memória com Objectos» estreou a 25 de Abril no Teatro do Bairro Alto — houve tempo suficiente, portanto, para se trazer o espectáculo ao programa; o grupo de Campolide ultima também a sua próxima peça; Maria Dulce, entretanto, também apareceu do outro lado do Tejo com um espectáculo a «solo»; em Coimbra, no Porto, em Setúbal preparam-se novos espectáculos. E ainda há os espectáculos para crianças, a digressão que Carlos Avilez e o seu grupo vão fazer pelo Brasil, durante dois meses, com um repertório de sete peças, enfim, uma série de hipóteses para o «Roteiro» sair da rotina e deixar de dar a imagem de que em Portugal não se faz teatro, dolorosamente.

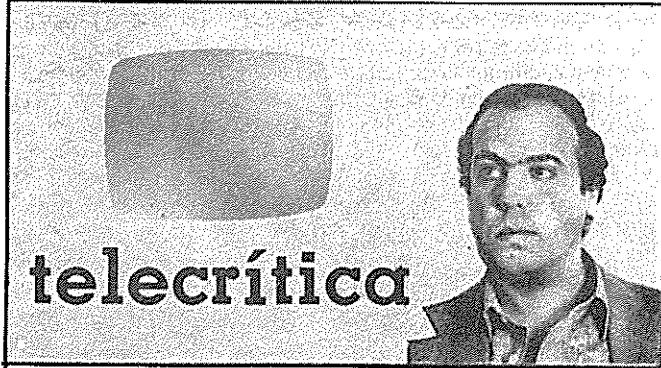
«Quadrados
e Quadrinhos»

«Quadrados e Quadrinhos» trouxe desta vez como convidado o prof. Noronha Feio, especialista em problemas relacionados com a actividade desportiva e autor de programas de reconhecida qualidade para a Televisão.

Foi um diálogo extremamente interessante aquele que se estabeleceu entre a assistência de jovens liceais e o convidado, a demonstrar que os adolescentes, que eram crianças no 25 de Abril, têm já a perfeita noção dos problemas que afectam várias zonas da vida social e política. Fizeram-se perguntas que eram já respostas, falou-se do corpo, da poesia e do desporto, dos apoios governamentais, recitou-se poesia.

Outra era a intenção de um outro poema dito por Mário Viegas, grande homem de teatro que também diz poesia como poucos o sabem, e mesmo assim «afastado» do ecrã... Foi uma bela visita a que ele nos fez, trazendo consigo o poema de Jorge de Sena «Carta a meus filhos sobre os fuzilamentos de Goya».

O mesmo não direi do «sketch» sobre o «1.º de Maio», apresentado por Artur Semedo e continuado por Maria do Céu Guerra, que embora não tivesse muito a ver com o realismo socialista, não deixou de ter um certo tom panfletário, de «manifesto» convalescente. E a festa é outra coisa...



Rui Cádima

A produção nacional «a ferros»

(ou «A história de um parto»)

O terceiro episódio dos «Retalhos da Vida de um Médico», de título genérico «História de um Parto», corresponde ao primeiro capítulo da obra homónima de Fernando Namora.

A narrativa inicia-se exactamente com o começo da actividade profissional do jovem médico, «com vinte e quatro anos medrosos e um diploma», na aldeia de Monsanto.

Acompanhado pelo colega que lhe deixa o lugar, chega a Monsanto numa «arrastadeira» pachorrenta, guiada com uma certa rigidez por uma câmara em dificuldades no exterior do carro, a distanciar-se ou a fugir aos problemas mais graves da sequência, que provinham da própria forma como os diálogos se desenvolviam entre os dois médicos: também ela molengona, arrastada, sem resposta rápida, porventura a levar à evidência o lado patético, compungido, desta arte de ser e não ser português, ontem como hoje. A sequência inicial teve ainda alguns problemas na banda sonora, como por exemplo a estabilidade de um nível de som sem correspondente na imagem, com grandes variações de focal. Isto mesmo volta a acontecer quando o médico está pela primeira vez no seu quarto e a dona da casa o chama para o café.

A sequência do automóvel lembrou-me alguns filmes da «nouvelle vague» francesa, com imensas cenas de diálogos dentro de automóveis, resolvidas quase sempre de forma extremamente simples, câmara no banco de trás, muitas vezes num plano único que deambula nos momentos precisos de um personagem para o outro. Não sei se nos falta imaginação, se temos o prazer de complicar as coisas ou se não arriscamos o «plágio»... O que é facto é que as coisas raramente saem bem feitas.

Em trabalho pareceu-nos ser a direcção das figuras populares, actores secundários, se assim podemos dizer, residentes da aldeia, ainda que Jaime Silva ficasse muito longe de Ermano Olmi, nesse trabalho perfeito que se pode ver n'«A Árvore dos Tamancos».

Com a chegada à aldeia, o jovem médico rapidamente sente a necessidade de se afirmar aos receios de uma população do interior, pouco habituada aos «imberbes» de Coimbra que pouca sabença deitavam perante bruxas e curandeiros, uriosos e barbeiros...

«O parto sempre representou aos olhos do povo uma hora sozinha: nele se apostam duas vidas e também as qualidades de arrojo, calma e o saber de um profissional», diz Namora. Como rezas e «corvos» não chegam para resolver os problemas, a família da parturiente resolve chamar o médico; todavia a sequência final, até a «comadre» dizer ao jovem que onde ela chegar chegará a fama dele, é claramente mais conseguida uma vez que a realização fugiu aos planos sem significado da primeira parte do episódio, planos para «encher» e alguns planos de conjunto com zoom e panorâmicas, espécie de planos-sequência «à portuguesa». Resta dizer que para fugir a isto é necessário e urgente dispor de verbas muito superiores às que a RTP prevê para este tipo de produções. Nesse sentido há que ter muito cuidado ao criticar este tipo de trabalhos. Será que nós não o tivemos?

7/5/80

20 Televisão / Espectáculos

telecrítica

Rui Cádima

RTP: agência de importações ou de informações?

Se fossemos pessimistas diríamos que a programação da passada segunda-feira, tanto na RTP/1 como na 2, nos tinha dado uma «ótima» imagem do que poderá vir a ser, no futuro (ou é já no presente?), uma política televisiva mesquinha, somática, que começa a teimar seriamente em oferecer aos telespectadores doses maciças de «enlatados», de filmes e séries importados e, para compensar, por certo, informação, informação informação, ou seja, «Sumários», «País, País», «Telejornais», «24 Horas» e os novos programas de «Divulgação», que não fogem à regra, pois são também «informação». No que diz respeito aos últimos, vimos no mesmo dia «Enciclopédia de Bolso» (elucidativo que o único programa desse dia de características não totalmente informativas seja enciclopédico e de bolso) e vimos também «Pagar mas Devagar», que ultimamente nos parece ser mais «pagar e depressa». Engraçado que este programa tenha sido com o director-geral das Contribuições e Impostos e tenha assumido o cariz de «nota oficial», ou de intervenção ministerial, a convidar o contribuinte a não fugir ao fisco. De facto, se dizemos que essa política de «enchidos» poderá dentro em breve arreigar-se como uma lapa ali no Lumiar, é porque, de momento, não nos parece (quer pela informação na Imprensa, quer pelas declarações do director de Programas à dita), que a produção nacional em franco desenvolvimento, ou esteja sequer a ser planificada de forma a que daqui a alguns meses tenhamos nos ecrãs uma programação, um «mapa-tipo» com mais de 50 por cento de programas portugueses. Se há sectores em que podemos ser auto-suficientes a televisão é um deles... É público que as largas centenas de trabalhadores da RTP podem assegurar minimamente, numa estrutura interna mais dinâmica (que não aquele ainda existente, burocratizada, empedernida, e ao que consta censurado) podem assegurar, dizia, uma produção interna mais diversificada que a actual. Mas mesmo que isso constituísse problema, é público também que existem várias produtoras independentes, desde cooperativas a empresas privadas, que podem assegurar uma produção externa de excelente qualidade; basta lembrar que uma boa percentagem dos programas enviados a Cannes, para venda a outras cadeias televisivas, foram realizados por equipas externas à RTP. E sabemos, neste momento, dos problemas com que as cooperativas e as outras produtoras se debatem...

Pois na passada segunda-feira, os dois canais da RTP tiveram cerca de 235 minutos de programação estrangeira e cerca de 175 minutos de programas portugueses, todos eles informativos e de divulgação (informativa). Feitas as contas, a programação portuguesa nesse dia correspondeu a cerca de 40 por cento do total, mas o que é grave é que a quase totalidade desse tempo foi preenchido por programas de características informativas: informação propriamente dita, informação fiscal e informação «enciclopédica».

Perante isto resta-nos a pergunta em epígrafe.

8/5/80

24 Televisão / Espectáculos

telecrítica

Rui Cádima

A importância de Godard (ou um discurso de ruptura)

Começámos com as perguntas de Jean-Luc Godard em torno da expressão e da espontaneidade das crianças. O diálogo estabelecia-se de uma forma fluida, por vezes repousada, apesar do desnívelamento das memórias entre entrevistador e entrevistado, dos próprios sonhos, da imaginação, do jogo aleatório entre as imagens dadas pelas próprias crianças e a riqueza da sua expressão.

Passámos depois da discussão em torno do amanhã e da violência (hoje) para a duplidade das imagens (mentais, dos *media* e outras), para o que é justo e injusto, o que é passível de aceitação pelo destinatário ou não.

No «segundo andamento» continuámos por aí, postos perante uma imagem e, afinal, aquilo que é a autêntica multiplicidade das suas leituras.

O «terceiro andamento», quarto episódio, exibido na terça-feira, prosseguiu o mesmo percurso em «sentido proibido», ou pelo menos a transgredir as normas estabelecidas (ditas muito provavelmente desestabilizadoras) num discurso-diálogo ainda e sempre entre o adulto e a criança, discurso que se afirma cada vez mais como anarquizante no sentido de desordenar as estruturas pelas quais o quotidiano se rege (é regido).

Godard-filósofo diz-nos que o tempo futuro é de ruptura. E que o tempo presente procura as pistas que levarão os Homens a encontrar essa *luz* que deixou de se projectar em linha recta para poder ser também curvilínea, contínua e descontínua, visível e palpável, tanto nas zonas claras como nas escuras.

É um novo Godard quem nos apresenta estas «cruzadas» epistemológicas, este labiríntico corredor de claros e escuros, espécie de puzzle de ideias e formas, porventura já esgotado em alternativas, mas de qualquer modo a expressar sempre a dúvida que nos afronta: será que a ruptura absoluta alguma vez surgirá sobre uma descontinuidade total?

Há ainda o ser radical. Foucault com certeza que veria o discurso anticensor godardiano, impregnado de virulência e irredutibilidade (própria do «enfant-terrible»), dirigido contra os vários discursos das várias censuras, discursos que pretendem para si a razão unilateral e que nessa medida provocam os múltiplos inconformismos, as múltiplas leituras e respostas; e, portanto, provocam a diversidade das pistas e da própria procura de verdade. É o lado negativo do discurso anticensor, do qual não se livra «France, Tour Detour Deux Enfants».

De qualquer modo o discurso «ruptualista» de Godard não esconde a constante procura da *negação*, conceito fundamental para produzir liberdade, essa essência da verdade que todos procuramos.

Dai a extrema importância desta série televisiva.

10/5/80

da Gulbenkian

7/5/80

telecrítica

Rui Cádima

O Telejornal zangado com o dr. Freud

Todo o tipo de relações que se estabelecem no seio do agregado familiar tradicional determinam, num processo de dedução lógica, que se considere «a família» como uma autêntica instituição, quer do ponto de vista sociológico, quer do ponto de vista psicanalítico.

De facto, na família moderna, «família conjugal» diria Durkheim, observa-se de imediato, a partir do acto e da vontade reprodutora, a manifestação que começa no desejo de posse, na afirmação da autoridade, materna e/ou paterna, sobre os descendentes.

Daí deriva, como é óbvio, todo um conjunto extremamente complexo de condicionantes, de conflitos, que se tornam cada vez mais difíceis de superar à medida que o próprio meio social, exterior à família, actua na sua estrutura e em cada um dos seus membros, como uma força centrífuga de raiz cultural, a gerar dissidências internas insuperáveis que estão na base da eterna crise civilizacional desde que a sociedade matrional, comunitária primitiva, deu origem às sociedades patriarcais de clãs, agarradas para sempre às saias da mãe, afectadas muito possivelmente por um violento «desmame»... Isto é, compartimentado o meio social, multidividida a comunidade, é sobre a célula familiar (e a partir dela) que são geradas as tensões, a primeira das quais será o ciúme infantil...

Vem isto a propósito da reportagem do Telejornal sobre o desvio do avião da TAP, por um jovem de 16 anos.

À medida que a reportagem ia decorrendo e se iam vendo imagens sucessivas do percurso do avião, do interior do Boeing, da paternidade do jovem, e por ai fora, pensávamos que muito provavelmente estávamos a ver um Telejornal diferente, desta vez coordenado por um qualquer apaixonado do «filme negro», que não perde um único pormenor da narrativa e que descobre o crime na mais recôndita das entre-linhas.

As nossas expectativas não viriam a ser goradas, pois ao longo dos cerca de 25 minutos (!) que o Telejornal dedicou à aventura, assistimos ainda às declarações dos passageiros (fomos, ou foram, de Barajas e Faro, sem pagarmos, ou pagarem mais por isso), às declarações do cônsul sueco, do embaixador português, de Sá Carneiro, da mãe do jovem, do conselho de gerência da TAP, etc., etc., etc.

De facto parecia estarmos perante um Telejornal dirigido por um qualquer amador de um Chandler ou de uma Agatha Christie.

Suponham agora que o nosso amigo responsável de edição era um amador do Dr. Durkheim, do Dr. Freud ou do Dr. Lacan...

Imaginem só o que não teria acontecido... Era capaz de se ter feito a apologia da criminalidade infantil, do suicídio, da agressividade e da angústia, da castração e de outros complexos... Daí o Telejornal ter fugido a sete pés, com o código penal na lapela, dessa gente estranha que fala de psicanálise e de sociologia...

telecrítica

Rui Cádima

Jazz e TV

«Jazz», «grande música negra» ou «música afro-americana» são várias designações dessa corrente musical que nasceu com a luta dos povos negros, dos campos de algodão para as linhas de caminho-de-ferro, nos Estados do Sul dos E.U.A., corrente que trazia já em si as raízes mais profundas da cultura negra africana.

Em Portugal é sabido que a grande divulgação do Jazz se fez através de alguns programas de rádio e de algumas manifestações extemporâneas, a que não são alheios nem o Hot-Club de Portugal nem o Louisiana de Cascais.

Contudo, é só a partir de 1971, com o I Festival de Jazz de Cascais e as presenças de Miles Davis, Keith Jarrett, Ornette Coleman e outros grandes nomes do Jazz que passará a haver uma maior movimentação de experiências e ideias entre alguns jovens músicos portugueses, influenciados pela grande qualidade desses músicos e despertos assim para um outro género musical, menos saturado que o «rock».

Formar-se-ão assim os primeiros grupos; vêm inclusive uma série de músicos estrangeiros a Portugal orientar alguns curtos seminários e entretanto avança a escola de Jazz, do Hot-Club, que irá dar origem a uma experiência extremamente interessante, julgo mesmo original, que foi a «Orquestra Girassol».

O final da década consagra todo um trabalho que nasceu de facto em 71, levando à edição do Festival de Cascais de 79 três grupos portugueses que foram muito bem recebidos pelo público.

Outra manifestação nasceu entretanto: foi o Festival de Jazz Contemporâneo de Setúbal, cuja primeira edição se realizou em Setembro do ano passado.

Desse espectáculo vimos, agora, parte do concerto dado por António Pinho e José Eduardo que, em duo, praticaram um Jazz de características mais vanguardistas, se atentarmos ao que é mais habitual neles, mas que se impôs porventura, devido ao facto de estarem perante um público muito específico, preparado para um festival «contemporâneo».

Nos seus instrumentos, Pinho no piano, e Zé Eduardo no contrabaixo, eles são de facto dois músicos bastante importantes na cena do Jazz português actual. Pinho apareceu-nos no primeiro tema improvisando na linha de um Keith Jarrett, recorrendo a um tema tradicional português, prosseguindo depois mais na linha de um Bill Evans e optando ainda numa zona de «free».

Foi um concerto conseguido, a demonstrar que os grupos e os músicos de Jazz portugueses têm de facto direito a uma presença na RTP, presença essa que tem sido muito reduzida, limitada a algumas retransmissões dos «Cascais-Jazz», esquecendo-se assim todo um trabalho contínuo, quase sempre mal compreendido, mas que de qualquer modo demonstra cabalmente a qualidade dos nossos jovens instrumentistas que têm merecido, inclusive, a apreciação de grandes músicos estrangeiros que nos têm visitado. É tempo portanto da RTP dar uma maior atenção aos nossos grupos de Jazz e não se limitar só às filmagens esporádicas dos concertos anuais.

13/5/80

20 Televisão / Espectáculos

12/5/80

20 Televisão / Espectáculos

telecrítica

Rui Cádima

De Hollywood ao Bairro Alto

Falamos de Cinema, evidentemente.

O Bairro Alto, para além da noite e do fado, tem a Imprensa e o Conservatório Nacional — e a Escola de Cinema. Hollywood tem os óscars e a Academia. Entre a Rua dos Caetanos e Los Angeles, obviamente, o Oceano Atlântico.

Com cerca de um mês de atraso vimos no sábado a cerimónia da entrega dos óscars na sua 52.ª edição. Premiados em grande foram «Kramer contra Kramer» e o seu realizador, Robert Benton, como todos já sabemos.

Como não podia deixar de ser a realização da cerimónia, embora da responsabilidade de um nome que pouco nos diz — Michael Passet, pontuou pelo brilhantismo autenticamente hollywoodiano de soluções, só possível com meios técnicos de assombrar, tão longe de nós, aliás, que com eles não podemos sonhar, da Rua dos Caetanos ao Lumiar...

Alto momento do espectáculo foi aquele em que Johnny Carson, o apresentador (um «recurso natural» yanque) introduz a enorme grua no cimo da qual vem Donald O'Connor cantando e contando em breves minutos a história do bailado nos filmes de Hollywood, com representação simultânea no palco de dezenas de bailarinos que nos fizeram reviver os grandes momentos de Busby Berkeley, de Fred Astaire e Ginger Rogers, de fase do «movimento corporal» e de Gene Kelly. Um esparto!

Celebridades, lágrimas e sorrisos, todos se encontraram, mesmo quando Sir Alec Guinness, ao receber o «óscar de honra», quis conter as emoções e não conseguiu...

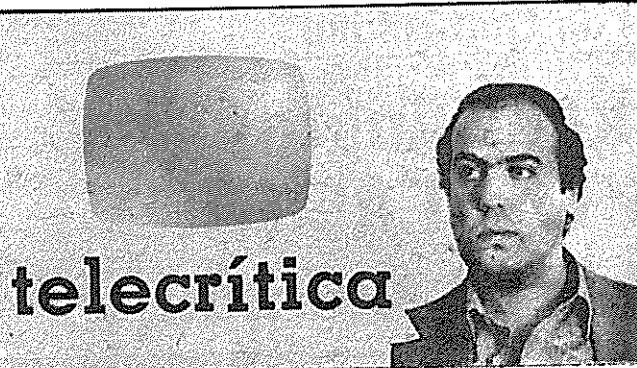
Que conclusão tirar do «açambarcamento» de óscars feito por «Kramer contra Kramer»? Possivelmente a de que a indústria cinematográfica norte-americana tem medo de arriscar na grande produção mais recente, tipo «Apocalypse Now», e então resolve defender-se promovendo a sua «produção barata», tipo histórias de amor a dois e três personagens.

O que é um facto é que se havia filme para arrebatar óscars, esse era sem dúvida «Apocalypse Now», o filme de Coppola.

A Escola de Cinema «Tal e Quab»

Quem se movimenta no círculo Cinema-Televisão não pode deixar de estar grato a Joaquim Letria por ter aberto uma «tribuna» (talvez um pouco tarde, é certo) às reivindicações duma população estudantil extremamente marginalizada de há cerca de seis-sete anos para cá, isto é, desde a sua criação.

Os cerca de 20-30 estudantes que todos os anos entram para a Escola são sem qualquer sombra para dúvidas, teoricamente candidatos preferenciais no mercado do trabalho, quer no Cinema, quer na Televisão. Apesar dessa legitimidade preferencial, isso não se verifica na prática. Quer a Televisão quer a produção de filmes esquece estupidamente, na maior parte das vezes, essa grande vontade, jovem vontade, que emanisce de três anos de trabalho teórico e prático na Escola.



Rui Cádima
Ainda e sempre
a prata da casa

Feitos entretanto alguns acertos no esquema das provas do concurso «Prata da Casa», como é o caso, por exemplo, da redução do tempo na prova do balão — que passou de cerca de dezanove minutos na primeira edição para cerca de três na sessão do último domingo — verificamos agora na prática como o interesse do concurso poderá ser maior ou menor consoante o trabalho das equipas apuradas, e isto para além da opinião que aqui já deixámos expressa de que um concurso com uma duração de três horas e com as características deste, ser quase sempre uma maratona, ainda que diversificada no seu percurso, — e as maratonas como se sabe nunca são transmitidas na íntegra em qualquer cadeia televisiva...

Ora o aspecto de um certo desequilíbrio amador patente nestes «desafios» entre distritos acaba por prevalecer, duma maneira geral, sobre as provas e as participações de qualidade.

Basta referir que na disputa entre «Tripas» e «Pratos», entre Porto e Braga, ao longo das três horas do concurso, somente cerca de um terço do tempo (menos disso aliás) foi preenchido com provas de qualidade. É de referir o grupo «Vai de Roda», do Porto, com um excelente trabalho no campo da recolha de música popular, que proporcionou de facto o melhor momento do «Prata da Casa». Outros momentos conseguidos foram as duas entrevistas, uma com um arqueólogo, a levantar problemas actualíssimos como a questão da defesa do património, outra com um autodidacta dedicado à etnografia e à poesia na região de S. Pedro da Cova. Relevo ainda para a prova de interpretação musical de peças clássicas, por jovens alunos do Conservatório.

«Prata da Casa» parece ser neste momento um pequeno «mapa-tipo» de uma imaginária televisão bairrista que pretende transportar para a televisão nacional todas as suas insuficiências de programação. Ou seja: «Prata da Casa», traz-nos a música tradicional, o folclore, o humor e o teatro, a dança, jovens instrumentistas de música clássica, quer dizer, traz-nos a um nível de certo modo aquilo que o espectador anseia por ver a nível profissional na programação da RTP.

Retalhos da Vida de um Médico

Prossegue a série baseada na obra de Fernando Namora, agora no quarto episódio, «Cardos, Cardos na Floresta». Este episódio confirma o que temos vindo a dizer dos anteriores, nomeadamente no que se refere à simplicidade da linguagem, a uma certa humildade na utilização dos meios e das formas, enfim a um discurso condicionado fundamentalmente pelos meios de produção. De qualquer modo outros reparos terão razão de ser, como por exemplo a utilização excessiva de planos em que o protagonista ou mesmo alguns actores secundários deambulam pelas ruas de Monsanto, como é o caso ainda de alguns planos fixos que deveriam ser planificados na forma de campo/contra-campo (recordo o diálogo estabelecido entre o médico e Isabel quando se encontram no campo e falam dos fantasmas e dos «medos»), enfim, de uma narrativa parcelada com os seus altos e baixos, um pouco «retalhada», aquém da escrita de Namora.

14/5/80
20 Televisão /Espectáculos**telecrítica****Rui Cádima****«Não tenho culpa
não votei nuclear...»**

Precisamente no dia em que mais uma vez nos chegavam notícias por telex de nova fuga nuclear numa central norte-americana, lançando para o exterior cerca de 200 mil litros de água radioactiva, a RTP/1 passava o filme *Power Struggle* (Combate Nuclear) produzido pela Granada Television International e realizado em 1977 por J. Irwin — importante documento sobre um caso real ocorrido nos Estados Unidos no princípio da década de 70.

O filme que vimos pretendia reportar, através de uma brilhante realização televisiva, os acontecimentos entretanto despoletados por dois jovens americanos (um advogado e um cientista de 23 anos) em torno da controversa questão da segurança dos reactores nucleares e do seu sistema de refrigeração.

Levantado um inquérito pela AEC (Comissão da Energia Atómica) a responsável oficial, na altura, pelos programas nucleares nacionais, os dois jovens irão ter a oportunidade de rebater ao longo de várias semanas todas as tentativas oficiais de esconder ao grande público o que era e é por demais evidente: o perigo permanente e a falta de segurança das centrais nucleares. O acidente ocorrido no passado sábado na central Arkansas One, causado pelo «rebentamento de uma bomba de alimentação do sistema de arrefecimento» vem ao encontro mais uma vez das posições dos ecologistas e dos que se opõem aos projectos nucleares.

Em causa, portanto, ou a defesa das populações ou a defesa de um investimento de biliões de dólares. O diabo vem e escolhe — escolhe a defesa do dólar. É essa a intenção do «inquérito-charada» da AEC. É esse o significado da administração e dos quadros: «O investimento não pode parar... «E as pessoas?», pergunta-se no filme...

«Combate Nuclear» elucida claramente a actividade «mafiosa» desenvolvida pelas companhias exploradoras de centrais no que se refere às manobras de boicote aos inquéritos: é a retenção de documentos, a escuta telefónica, a intimidação de testemunhas, a oclusão de relatórios, as perseguições pessoais.

Felizmente que há sempre alguém que não pactua com um estado generalizado de corrupção... São os próprios cientistas que participam e elaboram os relatórios sobre a segurança das centrais que vêm a público denunciar a inexistência de garantias relativas à eficiência dos sistemas de arrefecimento.

Os jovens que provocaram o inquérito começam a ter agora do seu lado fortes apoios que irão causar, no final do inquérito (que não chegou a ser farsa), sem apelo nem agravo, a demissão de Milton Shaw (que exercia as funções «burocráticas» de director da divisão de reactores da AEC) e, inevitavelmente, a dissolução da própria empresa. Consequência ainda imediata deste acontecimento verídico — e raro, infelizmente — foi a redução nacional da produção de reactores que era de cerca de mil para duzentos.

Dizia-se no comentário final que, na Inglaterra, estes problemas ainda não tinham surgido nos reactores de produção nacional..., mas que depois de terem sido verificadas algumas anomalias a Inglaterra tinha optado por comprá-los aos Estados Unidos!...

Quem Deus nos ajude!

telecrítica**Rui Cádima****As crianças e a TV**

Se a RTP delegasse numa qualquer agência de sondagens um inquérito às crianças que semanalmente passam horas da sua vida em frente dos pequenos ecrãs, chegaria com certeza a conclusões extremamente confusas e dispares, em resultado (arriscamos a previsão) das respostas dadas se referirem fundamentalmente à programação específica de zonas etárias mais avançadas — a programação para adolescentes e adultos.

Na verdade isto não aconteceria por acaso: se fizermos um breve balanço da programação semanal da RTP dedicada às crianças veremos que existem unicamente dois programas («Histórias Contadas» e «Arte e Manhas») que poderão ser considerados como específicos do público infantil. Se repararmos no tempo de emissão e na respectiva percentagem perante o mapa semanal, concluiremos com alguma tristeza que de facto a televisão não cumpre minimamente a sua função social e formativa em relação ao público mais jovem. Isto pondo de parte as séries juvenis — a rubrica «Amação», os «Quadrados e Quadrinhos», que são programa para adolescentes. Ficam assim cerca de setenta e cinco minutos semanais dedicados às crianças...

É claro que quando se fala de crianças e televisão corre-se o risco, quase sempre fatal, de enfrentar um dos mais complexos problemas que de há cerca de trinta anos para cá envolvem os estúdios desse *média* terrífico e apaixonante.

Ora não é segredo para ninguém que as reacções dos miúdos aos programas que vêm são do tipo quase hipnótico, no sentido em que são obrigados — é o termo — a aproximar-se e identificar-se com o herói, de forma mais imediata e radical que o adulto.

Há mesmo exemplos de crianças que se lançaram de janelas vestidas à *Superman*, outras que absorvem pela via psicossomática uma série de tiques, outras ainda poderão chegar à criminalidade juvenil através de determinadas séries filmadas que actuam em conjunto com o próprio meio social e familiar.

Hoje, portanto, há que considerar a televisão como uma «droga leve», não se escusando mesmo alguns pediatras a falar, se bem que em casos raros, em *overdose* sensorial. A própria série de Jean-Luc Godard que agora passa no segundo canal utiliza este tipo de argumentação.

Tudo isto nos leva a considerar com a máxima atenção a complexa problemática que se abate sobre as questões relacionadas com a programação infantil. É evidente que a RTP não está a responder às necessidades que as crianças sentem quando perante o ecrã; por outro lado, esse seu poder manipulador deve ser controlado tendo sempre em atenção o lado negativo do discurso televisivo: o texto moralizador, a distração evasiva e ilusória, a «instrução» desligada das raízes.

Talvez não seja despropositado citar Marco Ferreri sobre *Chiedo Asilo*, um filme de crianças: «Se nos interessamos pelos homens, interessamo-nos pelas crianças. Falando da criança quero falar do homem enquanto espécie. Procuro a imagem mais próxima do homem fisiológico da espécie humana e escolhi crianças dos três aos cinco anos porque penso que depois já todos os jogos estão feitos: depois não há senão a imagem do homem e não a sua realidade...»

na?»

sta interessante

to de Maria Parda, Velho da Horta, Auto da Barca do Inferno, Auto da Festa, Triunfo do Inverno, Auto das Fadas, Comédia da Rubena e Poemas Líricos), escolhidos por Maria do Céu Guerra, Helder Costa e Orlando Costa.

A mulher, a fome, a solidão

Esta colagem obedece a uma linha-mestra, que é o enfoque da mulher. Das mulheres em Gil Vicente, e ligadas, como diz Maria do Céu Guerra pelo que as define: «a sua relação com o homem, com o medo, com a fome, com a solidão». Esta colagem é a prova que são possíveis variadíssimos caminhos com Gil Vicente. No que a Barraca escolheu, acertou.

O aspecto mais saliente deste trabalho é, sem dúvida, o da interpretação, que está a cargo de Maria do Céu Guerra e de Orlando Costa. Interpretação de onde sobressai Céu Guerra em vários momentos (no dizer de um músico) de solos geniais. Orlando Costa, pela sua parte, é um partenário seguro.

Outro aspecto digno de menção é a música, de Orlando Costa (uma revelação...), que criou um ambiente musical, ao mesmo tempo mítico e atraente, baseado na simplicidade da música popular. Também os figurinos de Jasmim são espantosamente simples, mas seguramente os exactos para este espectáculo.

Em resumo: não se trata, evidentemente, de um trabalho falhado. Antes pelo contrário. É uma solução, económica (curiosa a tendência actual para peças de poucos actores), interessante e bem feita.

aca»

de Gil Vicente se colocavam na mesma posição (isto é, os outros são todos mausinhos). O que se deve fazer é o que nós fazemos...).

(Espera-se confiadamente que o comentário anterior não seja mal interpretado, e antecipadamente se faz saber que a polémica não está nas previsões desta crónica).

Adiante:
Vejamos então, o que é o espetáculo?

Trata-se, como se disse, de uma colagem de textos de Gil Vicente (que inclui extrações das seguintes obras: Farsa de Inês Pereira, Quem tem farelos?, Auto da Índia, Mofina Mendes, Pran-



20 Televisão /Espectáculos

16/5/80

telecrítica

Rui Cádima

A Europa
esteve com o futebol

Cerca de 42 cadeias televisivas da Europa e da América Latina retransmitiram, na passada quarta-feira, a final da Taça dos Vencedores das Taças, entre os espanhóis do Valência e o Arsenal de Londres, partida que estreou o novo material de exteriores da Televisão belga. Atentos a este desporto das multidões foi com algum interesse que também nós, adeptos condicionais do «desporto-rei», seguimos o desafio e também o trabalho de realização. Com algum interesse, porque se tratou de um jogo em que ambas as equipas demonstraram extrema prudência nos lances ofensivos, acabando por ser de algum modo pouco eficazes nas jogadas de finalização na zona da grande área. Os lances de perigo junto à baliza foram relativamente poucos e quando isso acontece é sinal de que o jogo se vai mastigando aqui e ali, longe da zona de golo.

Algum nervosismo que se fazia sentir em ambas as equipas, nos minutos iniciais, pareceu-nos extensivo à própria equipa de realização, demasiado incomodada com o trio de arbitragem na zona central do terreno, quando nesse momento o que se impunha eram as panorâmicas gerais, o «aquecimento» das equipas, as claques de apoio e o público. Nada de novo estamos aqui a dizer: são as equipas da BBC que assim procedem sempre e todos sabemos como as suas transmissões atingem um alto nível de espectacularidade, de profissionalismo, conseguindo captar, na maior parte das vezes, as próprias emoções dos jogadores, os desmaios dos «tiffos», enfim, todo um clima que existe no rectângulo e nas bancadas, que só muito raramente é assim captado.

O trabalho da Televisão belga não foi de facto muito feliz.

A primeira parte do desafio esteve ainda mais morna por detrás das câmaras e na «régie» que no próprio terreno.

Raramente, isto uma ou duas vezes, vimos imagens do público, de toda aquela massa de gente «engalanada» em bandeiras e casacos a cantar os hinos das suas equipas, a «puxar» por elas. Raramente houve um grande plano «preciso», fosse depois de uma falta, depois de um falhanço, ou até sobre o próprio banco dos suplentes.

No segundo tempo o realizador pareceu-nos mais atento, quer por ter acompanhado «o climax» do desafio à medida que se iam aproximando os noventa minutos de jogo, quer por ter dado, no meadado com os planos do banco, com as intervenções «de fora» de Di Stefano, e, embora menos, do «menager» do Arsenal, uma perspectiva mais concisa do que se passava no rectângulo.

De algum mau gosto, ou melhor, de má utilização, foram as cortinas a introduzir vários planos no «écran» antes do início do segundo tempo e também a câmara-móvel que durante o pequeno intervalo que antecedeu o prolongamento andou perdida juntamente com o operador de som, por entre massagens, refrescos e indicações finais.

Concluo: parece-me que no campo das transmissões de jogos de futebol não andaremos muito longe duma certa Europa...

telecrítica

Rui Cádima

Viagem pelas noites à luz da esperança

Vou falar-vos da viagem de André Delvaux (o cineasta belga que melhor conhecemos), ao século XV e ao mundo de Dieric Bouts, pintor flamengo que morreu em 1475 e que a posteridade remeteu para um lugar «de segunda»; (no século XIX o pintor francês Eugène Fromentin, no seu livro *Les Maîtres d'Autrefois* refere-se muito poucas vezes a Bouts e quando o faz é sobre o nome errado de Stuertbout: no século XX, encyclopédias e histórias de arte há que nem sequer falam nele).

Quinhentos anos depois Bouts consegue o diálogo. Delvaux é o seu delegado, o seu amante. Quinhentos anos depois o cineasta assina com a televisão belga um contrato para o filme, contrato que é praticamente uma cópia daquele que Bouts assinou com a Congregação do Santíssimo Sacramento, para realizar o seu mais conhecido retábulo. Isto quer dizer que a era da segunda revolução industrial, cibernética, telemática, ainda responde por cordão umbilical à Renascença e à «fotografia» tridimensional. Daí para cá o que mudou? E se a Renascença olhava para trás, para o mundo clássico...

Dialogar com Delvaux e com Bouts, comigo próprio e convosco. É esse o sentido de leitura que o cineasta exige. Leitura de uma escrita — redigida, pautada, desenhada, filmada, representada. Talvez Bouts tenha pintado como Delvaux imaginou (na planificação e na rodagem). Talvez filassem a mesma linguagem fantástica (Bouts anuncia Bosch e Dürer, o irracionalismo «louco!» e os «sermões visuais»), mitificassem a parúsia, o juízo final pintado por Jan van Eyck, uma certa religiosidade entre amor e morte, entre o pavor demoníaco e a beleza.

Porém, Bouts dá-nos a terra, o chão fértil, a névoa da Flandres, as mãos que crucificam e que amam, as mãos que falam; e Delvaux utiliza-se dele (e delas) para dialogar connosco, para nos levar consigo na sua viagem, do «Homen da Cabeça Rapada» a «Belle» e a «Bouts».

E se na sexta-feira ficámos impressionados com Bouts e Delvaux, nos «Pintores e Escultores», sábado deixámos a Flandres e através da «Ascensão e Queda do Reino Venturoso» (o tal programa que tinha a intenção de comemorar Camões, mas que os «novos inquisidores» teimam em mumificiar, espelhando-se a eles próprios) regressámos à «ditosa Pátria» mal amada, e de novo ao século XV português.

De novo o políptico de Nuno Gonçalves, Grão Vasco, o Metre do Sardoal (agora interpretado mais correctamente como «Oficina de Coimbra»). «Dieric Bouts», que nos introduziu Van Eyck e outros grandes mestres da pintura flamenga como Van der Weyden e Van der Goes, esteve ainda presente no filme realizado por José Elyceu. Não directamente, é certo. Mas as suas mãos, os olhares setentrionais, chegam-nos da Flandres ao longo do século XV e XVI, em resultado de um grande intercâmbio comercial e cultural que de facto viria a orientar a nossa «pintura primitiva». Tivemos inclusive em Portugal mestres flamengos, como é o caso de Francisco Henriques e Frei Carlos, nos meados do século XVI.

Francisco de Holanda dizia nesse século que o políptico de Nuno Gonçalves era uma das criações máximas da pintura do século XV. Não se enganava, ele que conhecia bem o proto-renascimento e o renascimento italiano.

Hoje, em Portugal, ainda (até quando?) submersos no Reino da Estupidez, fica-nos o exemplo de «Dieric Bouts», de André Delvaux e da televisão belga, que souberam produzir um grande filme à altura de um pintor «de segunda». Nós, portugueses, cineastas, actores, profissionais de cinema e TV, estamos impedidos de fazer um grande filme de «segunda classe» à altura (...) de um grande pintor e de um grande período da nossa História.

Faltará o dinheiro, faltarão as cabeças? De qualquer modo aqui ficam os parabéns a José Elyceu por ter realizado este filme nas condições e com os meios que todos deveríamos saber quais são.

Espectáculos 19

20/5/80

20 Televisão/ Espectáculos

telecrítica

Rui Cádima

Presença de Namora

Pode parecer por vezes, que os textos desta coluna, ao se referirem exclusivamente a determinados programas e não ao conjunto da programação diária, façam crer que temos uma televisão óptima, completamente voltada para a programação nacional e para a cultura portuguesa. Nada mais falso, porém.

Na programação de domingo se alguma coisa ressaltou claramente à doléncia que habitualmente se instala do meio-dia à meia-noite (com as exceções que os telespectadores já consagraram), foi de facto a presença de Fernando Namora. Primeiro nos «Pontos nos ii», entrevistado por Margarida Marante, depois nos «Retalhos da Vida de Um Médico», a série realizada por Artur Ramos e Jaime Silva.

O nível das questões formuladas no trabalho de Margarida Marante, embora nos parecesse passável, sofável, denota uma certa inexperiência, talvez resultante do facto de ela ser ainda uma jovem profissional, porventura até com poucos conhecimentos da personalidade e da obra de Namora. Por isso mesmo, dadas as circunstâncias de se tratar de um entrevistado pouco vulgar — um dos mais importantes nomes da cultura portuguesa contemporânea — teria sido preferível que este trabalho fosse feito por um jornalista mais especializado, mais integrado na especificidade dos temas. E todos nós sabemos que esses jornalistas existem na RTP (têm é andado um pouco afastados...). Neste País, continua a relegar-se o profissionalismo, não se sabe bem em favor de quê... Aquela é aliás, um reparo que estendemos a algumas emissões anteriores de «Pontos nos ii», que de uma forma ou outra surgiram viciadas no que já apontámos.

Fernando Namora referiu-se, então, à adaptação dos «Retalhos da Vida de Um Médico» e sublinhou algo que havia já afirmado na Imprensa: a multiplicidade de leituras e a *recriação* que resultam do trabalho dos cineastas sobre a sua obra, não impediu que ele acompanhasse os adaptadores e lhes desse liberdade para interpretarem e planificarem o texto de acordo com a sua «leitura».

Outros aspectos foram abordados, como, por exemplo, a dúvida que se tem levantado em torno da zona autobiográfica dos «Retalhos», desmistificada pelo escritor ao afirmar que qualquer identificação entre ele próprio, quando médico, e o personagem principal da série é abusiva.

A noite, passava, entretanto, o quinto episódio, intitulado «Reputação».

O trabalho de Jaime Silva pareceu-nos, desta vez, mais conseguido, isto é, com uma utilização mais fluente do discurso filmico, menos cenas «mortas», a deixar antever uma evolução desejada da qualidade desta adaptação.

P.S.: Um abraço para os «meninos» do Quinto Crescente que se portaram muito bem no 9.º Festival de Jazz de Cascais. Quando voltaremos a vê-los, a eles e a todos os outros bons músicos portugueses?

22/5/80

20 Televisão / Espectáculos

telecrítica

Rui Cádima

Um poeta à parte

Robert Bresson esteve no «Cineclube» com um dos seus filmes mais conhecidos em Portugal; trata-se de «Amor e Morte», adaptação da «Nouvelle Histoire de Mouchette», de George Bernanos.

Na altura da sua estreia, *Mouchette*, realizado em 1967, foi recebido pela crítica de forma diversa, chegando mesmo a acontecer que alguns dos mais fervorosos adeptos de Bresson viesssem a considerar este relato trágico de aldeia como um «pastiche» em relação aos seus restantes filmes.

Contudo Bresson passaria por cima destas e doutras observações menos rigorosas, menos «frias», e viria a afirmar mais tarde a sua preferência particular por *Mouchette*.

Se há cineastas em que a complexidade das temáticas se afirmam codificadas ao longo de toda uma obra e, nesse sentido, impõem, não uma leitura isolada de cada uma das suas obras, mas antes uma visão extensiva à filmografia; se há cineastas em que o rigor da linguagem é denominador comum da totalidade da obra; se há cineastas «perfeitos», Bresson é um deles. Ele é o inquisidor da especulação fácil e da mecânica cinematográfica aleatória.

Gorki dizia que Dostoiewski era um «inquisidor medieval». Gordan viria a aproveitar a paixão de Bresson pelo autor das «Noites Brancas» para dizer o mesmo em relação ao colega de profissão: «...um inquisidor medieval como juiz do Universo.»

A atitude jansenista de Bresson, «poeta à parte» como dizia Cocteau, imprime à observação da vida um ceticismo por vezes julgado decadente, outras vezes visto como diabólico, enfim, um ceticismo raramente visto como libertador da esperança profunda dos homens.

Mouchette é um dos seus «modelos», um dos seus personagens representados quase sempre por amadores. Através dela, *Mouchette*, e da sua atitude permanente de espera, da sua predisposição para desculpar não a violência, mas o sofrimento dos outros, Bresson fala-nos com alguma amargura da predestinação para o padecimento e para a aceitação do mal — atitudes morais que, aliás, provocam ainda hoje as mais variadas leituras, desde a leitura cristã que vê nisso um sinal de libertação, à leitura ateia que julga o consentimento mais como um sinal de fraqueza do que de perdão.

O suicídio de *Mouchette*, como o suicídio de Charles em *Le Diable... Probablement*, como o suicídio da *femme douce*, serão, ao fim e ao cabo, a explicitação do Bresson *décadent* (no sentido em que Nietzsche falava de Dostoiewski)? Julgamos que não. Bresson só poderá ser um inquisidor de verdades, um despoletador do *éros* e não de *thanatos*.

Não foi por acaso que ele afirmou, sobre *Le Diable... Probablement*: «Mostrei os adolescentes como me parece que são, burgueses que tentam mudar de vida, amando-se e fazendo-se sofrer. Maio de 68 despolhou muita coisa: tudo está nesse magnífico *tutoitement*.

«A igualdade que se verifica entre as crianças estende-se aos adolescentes de hoje. É este tipo de igualdade que é preciso atingir.»

E é a liberdade procurada no seu filme «Fugiu Um Condenado à Morte» que se encontra na sua obra. Na verdade Bresson é um «poeta à parte».



telecrítica

Rui Cádima

Dürrenmatt, o teatro
e a «Visita
da velha senhora»

Ainda há bem pouco tempo Redondo Júnior referia-se em dois artigos sobre «Teatro e Televisão» à problemática que sempre têm levantado as adaptações televisivas de peças de teatro. Dizia ele, peremptório, que em Televisão o Teatro não existe: «Assiste-se sim a espectáculos híbridos, que não são nem Cinema nem Teatro, mas mais aquele que este». A afirmação, embora de um exagerado purismo, tem a sua razão de ser.

A noite de segunda-feira trouxe-nos a peça «A Visita da Velha Senhora», de um dos mais importantes dramaturgos suíços contemporâneos, Friedrich Dürrenmatt. Veremos que a realização de Jeanette Hudert pretendeu ser o mais fiel possível à *mise-en-scène* de Jean Mercure: embora não fugindo ao tal «teatro filmado», espetáculo híbrido, foi de facto uma realização pouco interveniente na narrativa, com base fundamentalmente em planos gerais e planos de conjunto. De qualquer modo o inevitável de que Redondo Júnior pouco gosta, os redutores da especificidade teatral, são no teatro filmado uma obrigatoriedade indiscutível. É necessário dividir o espaço cénico, utilizar o grande plano, prolongar o plano aproximado, enfim, planificar de uma forma que tem os seus opositores, porque no fundo o problema é capaz de ser um problema de planificação. Ou não será possível levar o Teatro nesse estado «quase puro» para a Televisão? Nesse caso regressaríamos aos tempos do mudo primitivo, câmara fixa, feita espectador teatral. E o teatro filmado não perderia com isso? E o Teatro o que ganharia?

Voltemos a Dürrenmatt e à peça que o lançou em 1957, com o prémio Molière.

É uma peça extremamente satírica, onde o absurdo e o grotesco nascem de uma espécie de fonte demoníaca que é, primeiro que tudo e acima de qualquer suspeita, o dinheiro.

Claire Zachanassian, milionária mundana, volta à sua aldeia 45 anos depois, num «País» — «onde nunca se puxou o sinal de alarme mesmo em sinal de perigo», onde nada acontece, onde o tempo parou, espécie de centro do mundo inerte, povoado de velhos e pobrezas. Mas Claire, a «madame-prótese», traz consigo a «prosperidade» e mesmo que fosse o Inferno em pessoa, aqueles que a esperavam não desistiram de continuar a festa de recepção com banda e coros e uma «alegria desinteressada»... Ela porém, volta para se vingar do seu antigo amante, Alfred III. E a aldeia tudo fará para «jogar-a-pedra» no Alfred...

A peça concilia de forma um pouco obscura o horror e o humor. Apesar de Dürrenmatt ter afirmado que «o humor é a linguagem da liberdade», «A Visita da Velha Senhora» pareceu-nos ainda ligada aos dramas expressionistas com que se iniciou e também aos dramas históricos sobre os fracassados movimentos revolucionários protestantes da Reforma. Dürrenmatt, que estudou Filosofia e Teologia, filho de pastor protestante, está nesta «Velha Senhora» a meio caminho entre um desespero inicial, uma certa passividade pelo horror, e a irreverência grotesca posterior, a partir de «O Casamento do Sr. Mississipi».

O excelente trabalho do Théâtre de Ville e a encenação de Jean Mercure (que representa também o papel de Alfred) não foram, ao fim e ao cabo, substancialmente alterados pela realização.

23/5/80

20 Televisão/Espectáculos

telecrítica

Rui Cádima Homenagem tardia a Armstrong

Quatro anos depois da morte desse extraordinário músico que foi Louis Armstrong, o «Cascais Jazz», em 1975, rendia-lhe homenagem, levando ao pavilhão do Dramático uma pequena orquestra que interpretou uma série de temas clássicos do criador do *West End Blues*.

Fonte inesgotável de criação musical, Armstrong começou a cantar quando ainda era criança nas ruas de New Orleans à porta dos «cabarets». Em 1913 é preso e internado numa «Casa de Correção Para Rapazes de Cor». Aí virá a aprender solfejo e a tocar a chamada «corneta de pistons», o trompete de hoje. Posto fora, começará a tocar então em diversos clubes noturnos e durante o dia trabalha, primeiro como caryocero, depois leiteiro, vendedor de jornais, etc. Aos 17 anos tocará na orquestra de Kid Ory, substituindo King Oliver, e um ano depois está nos barcos do Mississippi com a orquestra de Fat Marable.

Antes de ser convidado por King Oliver para trompista do seu grupo, Armstrong toca ainda com o fabuloso Zutty Singleton e também na orquestra de Tom Anderson.

A grande importância de Louis Armstrong para o mundo do Jazz começa a notar-se logo aos vinte e poucos anos quando os músicos que o acompanham o definem como instrumentista excepcional, um modificador de estilos, enfim, o melhor trompetista do Jazz. Armstrong inicia então um período decisivo, como instrumentista, ao gravar os seus primeiros discos com o *Louis Armstrong's Hot Five* e o *Hot Seven*.

Para trás fica o estilo *Dixieland*; as novas propostas de Louis Armstrong, o *swing*, chama a si inúmeros músicos que vinham para ouvir os seus solos, os quais viriam a determinar uma mudança radical no Jazz.

Virá então o período das grandes orquestras. Armstrong aparecerá em 1932 à frente da orquestra de Chick Webb.

Nos finais dos anos 40 regressa à antiga fórmula dos pequenos grupos com os «All Stars» e de novo com Earl Hines (que sairia mais tarde), com os quais fez uma série de *tournées* por todo o mundo, até finais de 68, quando adoece.

O seu enorme talento, as suas capacidades invulgares de conciliação da voz com o trompete, são assim divulgadas pelos vários continentes. Armstrong ficaria assim no coração de quantos o ouviram, ainda que temas mais recentes como o «Hello Dolly», o «Volare» de Modugno, ou ainda o «La Vie en Rose» não tenham sublinhado o seu prestígio, bem pelo contrário. De qualquer modo Armstrong fica na história do Jazz como um criador de características excepcionais e, quanto a nós, não teve até agora opositor à altura...

A homenagem do «Cascais Jazz» fez-nos reviver o pouco que vimos no cinema sobre Armstrong e tanto o tema inicial, o «Chimes Blues», com o trompetista Joe Newman, assim como os outros temas interpretados com grande perfeição pel «New York Jazz Story

24/5/80

20 Televisão/Espectáculos

telecrítica

Rui Cádima

As mangas do presidente

«Informação/2 Especial» abordou na passada quinta-feira um dos problemas que ultimamente tem provocado acesa polémica neste burgo à beira-Tejo jardinado. Trata-se da construção de um Centro de Arte Contemporânea, enquadrado num projecto que obriga à «invasão» do actual jardim da Fundação Calouste Gulbenkian, jardim que como é sabido obteve, mercê das suas características paisagísticas e artísticas, o único Prémio Valsor atribuído no nosso País a um espaço verde (se bem que integrado nas estruturas globais dos edifícios da Fundação).

Convidados, três defensores da construção do Centro «em cima» do jardim — o Dr. Azeredo Perdigão, presidente do C.A. da Fundação Gulbenkian; o arquitecto Sommer Ribeiro, técnico da mesma Fundação e o presidente da Câmara Municipal de Lisboa Nuno Abecasis — e, pelo lado opositor ao projecto, os arquitectos Gonçalo Ribeiro Teles e Bruno Soares. Moderador: Miguel Sousa Tavares.

Abriu a emissão, iniciada com meia-hora de atraso «por dificuldades técnicas», um pequeno filme da responsabilidade de Joaquim Furtado que nos mostrava imagens do inicio das obras e da localização da rede que margina a relva, do abate das árvores da «fúria» dos bulldozers, enfim, daquilo que ele afirmou ser, com alguma ironia (saudável ironia) o «complexo cultural da Gulbenkian»...

De facto estivemos perante um debate cultural de alguma complexidade ao qual não se furtaram também uma boa dose de «complexos».

«Espanta-nos, em primeiro lugar, que a Fundação Calouste Gulbenkian, como entidade proprietária do jardim, não fosse sequer consultada pelo nosso presidente camarário (nosso, dos lisboetas), sr. Nuno Abecasis, para as negociações clandestinas ou secretas (tanto quanto pareceu) que teve com a Condessa de Vilalva ao tentar conseguir a atribuição, ou a dádiva, de um novo terreno para a Fundação (e assim acabar por iludir por completo os termos da discussão que até então se vinha já a desenvolver há uma boa meia-hora).

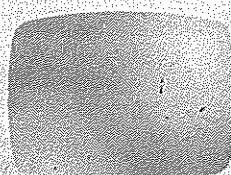
Na inédita comunicação Nuno Abecasis jogava, de facto, com as mangas. Batota ou não, isso depende das regras do jogo. E de tal modo o fez que o próprio Dr. Azeredo Perdigão, eventual cumplice na jogada, se sentiu obrigado a dizer indirectamente ao nosso presidente (nosso, dos municípios lisboetas — «mea culpa» dirão alguns), na cara, que não sabia se iria concordar com a aposta na cartada...

Esta forma de actuar do presidente da Câmara só veio dar razão a quem já a tinha: por um lado, a quantos se opõem à amputação do jardim da Gulbenkian (manobra tanto mais estranha quanto é verdade vir desse «sagrado templo da cultura»); por outro lado veio tirar crédito às afirmações do próprio Dr. Azeredo Perdigão que se tinha já insurgido contra os «senhores ecologistas», defendendo a sua posição de sempre: a de que o Centro deverá ser construído ali e ali mesmo, fornecendo provas que nos pareceram ser as mais convincentes.

Permanecemos na dúvida, embora concordemos com Bruno Soares quando afirma tratar-se da «amputação de uma obra de arte». A mesa-redonda prosseguirá em breve. Não sabemos, contudo, se Nuno Abecasis estará presente. Será que ele vai mesmo se demitir ou será que não passou tudo de uma ilusão de óptica política e cultural, com cartas na manga e tudo?

26/5/80

18 Televisão Espectáculos



telecrítica



Rui Cádima

O «Roteiro» não ata nem desata

Há cerca de um mês fizemos aqui algumas considerações em torno da especificidade do «Roteiro dos Teatros», daquilo que se deve entender por um roteiro dos teatros. Repáramos então que de «roteiro» o programa nada tinha, mas, como a altura não era pródiga em estreias teatrais (lembremo-nos de ter passado um pequeno filme sobre «As Três Irmãs» que já havia estreado há muito no Nacional), julgámos que tudo se iria modificar e que, portanto, de futuro poderíamos contar com a presença constante do trabalho dos nossos grupos e companhias teatrais.

O programa coordenado por Pedro Bandeira Freire apresentava-se então com as mesmas características dos «Pontos nos ii» (que passa aos domingos, sensivelmente à mesma hora, dando-se mesmo o caso deste programa ter também como convidados figuras do meio teatral)...

Entretanto as nossas esperanças em relação ao «Roteiro» começaram a ver-se frustradas. Semana após semana, o nosso pequeno-grande mundo teatral ia sendo agitado por novas estreias, algumas delas de grande qualidade, sem que se fizesse a mínima reportagem sobre os novos espectáculos. O «Roteiro» deixava assim de ter razão de ser ou, pelo menos, de existir com esse nome. Infelizmente nada foi alterado até agora. O programa da semana passada contou com a participação de Ana Paula e esta semana foi a vez de convidarem Camilo de Oliveira. Tudo muito bem se não se tratasse de um roteiro. Tudo às mil maravilhas se houvesse outro programa na RTP que acompanhasse semanalmente o trabalho esforçado e apaixonado dos grupos de teatro portugueses, dos nossos actores, técnicos e encenadores. O desprezo total a que está votado todo esse trabalho demonstra bem, ou melhor, anuncia, a estratégia aracnidea desta «nova» RTP que «muda» para pior. É portanto a altura de exigirmos que o teatro de qualidade que se faz em Portugal, da Córncópia à Comuna, da Barraca aos Cómicos, do Emarinhato aos grupos universitários (e agora à Semana Internacional de Teatro Universitário que decorre em Coimbra), do TAS ao TEAR, do GITT ao TEC, e muitos outros grupos, que toda essa actividade seja acompanhada obrigatoriamente pela RTP para que não venha a suceder, a muito curto prazo, que a própria produção nacional asfixie na emaranhada teia que dia a dia vem a ser construída.

Mamede contra Mamede

Foi de facto assim que o comentador da Televisão espanhola se referiu ao autêntico contra-relógio de Fernando Mamede na prova dos 10 mil metros do Europeu de Atletismo.

Brilhante vitória, debaixo de um calor quase tórrido para uma prova deste tipo.

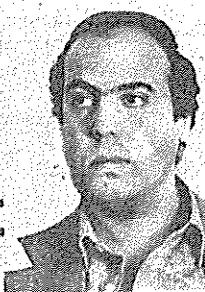
Bessa Tavares frisou que a organização deste campeonato primou pela incompetência e pela confusão. O mesmo nos pareceu a reportagem televisiva, muito distante do que de melhor se faz nos países mais habituados a estas andanças. Desde a falta de cronometragem electrónica no visor, à desambulação frenética da realização, tentando mostrar tudo ao mesmo tempo, e à excessiva utilização das câmaras móveis, extremamente «nervosas», de tudo vimos um pouco nesta desorganizada reportagem.

18:20 Televisão

27/5/80



telecrítica



Rui Cádima

Os duplos também se abatem...

O cinema dispõe sobremaneira da mágica e da arte. Desde as primeiras tomadas de vista captadas pelo cinematógrafo dos Lumière que essa mágica envolve o espectador, fascinando-o e enganando-o. E isso tanto sucede com os primeiros compradores de bilhetes na Rue de Rennes, em Paris, nos finais do século passado, como ainda hoje se verifica em determinadas zonas onde não chegaram ainda nem o cinema nem a televisão: em resposta ao grande plano de uma mosca, por exemplo, o espectador reage de forma extremamente amedrontada, confrontado com a «hipótese» de estar perante um insecto monstruoso...

Mas não era só o grande plano que assustava excessivamente esses neófitos dedicados... A montagem, que é o lugar extremo das manipulações mais apaixonantes, privilegiadora máxima da mentira, ao desrespeitar em absoluto a continuidade do espaço e do tempo, provocava as mesmas impressões desconcertadas. Depois viriam os efeitos especiais, as trucagens, e toda uma mecânica ilusória que rapidamente se tornou um desafio e um espectáculo.

Dos duplos pouco se tem falado. De facto eles sempre foram peças vitais nas situações mais difíceis de toda essa maquinaria infernal. E, como é óbvio, é nos Estados Unidos, onde a indústria cinematográfica depressa atingiu níveis de grande produção, que os duplos também se evidenciam pelo seu alto grau de profissionalismo.

«Superstunt», o filme que a RTP passou no Domingo, veio lembrar-nos que essa profissão arriscada, desafiadora da vida e da morte, é, em última análise, um dos mais fortes «objectos» dramáticos da sacrifício do espectáculo.

Burt Reynolds contava a certa altura que Jock O'Mahoney — um dos mais célebres duplos do cinema, cuja vida deu origem a «Hooper», com Brian Keith — teve um ataque cardíaco em plenas filmagens. O assistente de realização ao aperceber-se do que se passava imediatamente tentou transportá-lo para o hospital mas "Jock" ter-lhe-ia respondido que faria em primeiro lugar as cenas previstas e só então pegaria no automóvel e iria para o hospital,... Esta é porventura a melhor história para definir esse misto de acrobata e de louco, o duplo do actor de cinema.

Outros terão outras histórias para contar. Arvo Ojala, duplo dos mais famosos no western, arrancava as cabeças às cobras a tiro... Qualquer coisa de fantástico foi ainda a referência a Al Giddings, o operador das filmagens subaquáticas do *The Deep*, um homem que passou com a sua câmara perto de baleias de 40 toneladas...

Em resumo, um documentário que alardeou técnica cinematográfica, indo até aos confins dos mistérios e da mitologia do cinema. Um filme que vangloriou a medonha e fascinante profissão de *stuntman*, mas que o fez com a paixão distanciada do grande produtor de cinema, intangível pelo mais louco dos duplos, alheio à própria morte, como aconteceu com o malogrado Jim Shepperd, durante as filmagens de *Comes a Horseman*.

29/5/80

20 Televisão / Espectáculos

**telecrítica**

Rui Cádima

Sem fronteiras, com barreiras

Jogos sem fronteiras, 60 mil contos, uma hora e meia na Europa, o Algarve em casa de 250 milhões de espectadores, uma grande produção televisiva que atingiu os «mínimos» para a integração (há quem diga «desintegração») na CEE.

Os «Jogos» são um espectáculo desportivo-competitivo, mas são também uma distração ultradispensável que alia o divertimento — resultante da concepção e da originalidade das provas — à competição entre jovens extremamente bem preparados e ensaiados ao longo de semanas. Até que ponto é que o turismo português sairá muito ou pouco beneficiado, ou mesmo recompensado, pelo investimento «molhado» da RTP é, talvez, a questão mais importante a pôr.

Outra questão que salta logo à vista me o desfasamento que se verifica entre a grande mobilização de esforços humanos e económicos para esta grande produção nacional, e uma certa letargia que reina na administração da RTP perante a produção nacional «intramuros», de uma forma geral. Não queremos dizer, evidentemente, que as espantosas verbas dos «Jogos» deviam ser «desviadas» para outras produções nacionais. Somos da opinião de que os «Jogos» se devem fazer. Mas julgamos que a honra da casa só se salvará se o esforço desenvolvido para os Jogos sem Fronteiras for uma pequena amostra do esforço que a RTP — a sua administração — desenvolver para se produzirem *programas portugueses* ... Esta uma questão de princípio.

Vitor Cunha Rego, ao anunciar recentemente, através da C.A. da RTP, que o tempo presente é de «austeridade e de «realismo na produção interna» e externa, veio de facto defender uma política televisiva extremamente ambígua, não tendo em atenção o esforço e a dinâmica da anterior administração que apostou, com alguma humildade, conscientemente, na produção nacional.

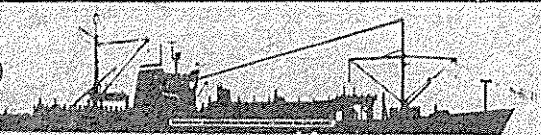
Assim é que não será defendida a honra da casa. Muito menos poderá ter esta administração ambições de se chegar a 85 com uma Televisão de nível europeu. Os técnicos de Cinema e Televisão não podem parar. A RTP não pode ser invadida de «enlatados».

Julgo que os Jogos sem Fronteiras são um dos programas de maior audiência na Europa. É lamentável que Fialho Gouveia tivesse que vir a público denunciar a falta de apoio e a possibilidade de abandono dos «Jogos». Se os custos de produção em Vilamoura foram de algum modo exagerados, pensamos que é sempre possível estudar os locais de forma a reduzir substancialmente as despesas. Cascais foi um exemplo que não foi continuado não se sabe bem porquê.

Esta segunda edição dos «Jogos» em Portugal não foi nada feliz no que respeita a condições atmosféricas... A chuva algarvia que exportámos para a Europa pode vir a ter consequências trágicas...

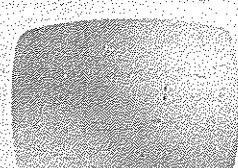
- A realização de Pedro Martins pareceu-nos segura, embora faltassem talvez mais planos de conjunto para nos darem melhor a ideia do recinto na sua totalidade.

10



28/5/80

20 Televisão / Espectáculos

**telecrítica**

Rui Cádima

Come e cala

«Come e Cala» chamou a atenção do espectador para a necessidade de se criarem associações de consumidores com o objectivo de serem os próprios a salvaguardarem-se dos «barretes» que abundam no mercado.

Nós aproveitamos a deixa para referirmos também a necessidade de se estabelecer um código regulador da actividade publicitária (defendido já, aliás, por membros do actual governo e por publicitários perante as câmaras da Televisão), à imagem daqueles que existem nos países mais avançados no âmbito da economia de mercado.

O papel das associações de consumidores foi sublinhado através de um filme norte-americano produzido, ao que nos parece, por uma dessas organizações autónomas que proliferam um pouco por toda a parte nos Estados Unidos.

Em questão estiveram os medicamentos do tipo da aspirina e seus derivados, toda a especulação que envolve as novas marcas, a concorrência desenfreada, etc. Foi abordada também a utilização dos aerosóis e o perigo que ultimamente se tem verificado constituir o seu uso, principalmente na destruição da camada atmosférica do ozono, que protege o planeta das radiações ultravioletas.

Mas o que nos pareceu interessante nesse filme foi, por um lado, a forma como estava realizado: sem grandes recursos técnicos, com alguma animação e uma montagem rápida, o realizador, através de uma montagem televisiva moderna (se bem que diferente da linguagem tipica da publicidade), provocou efectivamente a atenção consciente do telespectador; por outro lado, o que nos impressionou ainda mais, foi a reacção dos jovens entrevistados acerca dos filmes publicitários mais aberrantes. Perante questões como, por exemplo, a qualidade do produto publicitado, isto é, perante a diferença entre a falsidade das «potencialidades» do produto mostradas no filme (no caso um brinquedo do género *action-man*) e o modo como a realização chega a esse objectivo, enganando o consumidor de imagens, o jovem de imediato respondeu, taxativamente, que se tratava de uma mistificação técnica (mais uma vez o Cinema a ser utilizado «abusivamente» entre a realidade da ficção e a insólita e inconfessa deturpação do real), com utilização de várias câmaras, a repetição de cenas e a manipulação final na montagem.

Esta a percepção clara de que os vários discursos que diariamente nos enviam através dos *media* são por vezes autênticos repositórios falsidícos que exigem de facto uma dessacralização consciente.

Extremamente saudável, portanto, que nos tenha chegado através do programa de Beja Santos esta «infidelidade» à mercadologia mais obsoleta, a necessitar, como afirmámos de início, de um código deontológico de protecção do consumidor.

30/5/80

20 Televisão / Espectáculos

telecrítica

Rui Cádima

À procura do melhor...

É caso para dizer, como diz o cantor, «Vi-va Por-tugal...». Depois de termos levado à Europa a chuva algarvia (o boicote afinal foi do S. Pedro) e os Jogos sem Fronteiras, apitámos a final da Taça dos Campedes Europeus. Estamos na berlinda, sem dúvida.

Da final entre o Hamburgo e o Nottingham Forrest vimos apenas a primeira parte. Passámos para o segundo canal, pois estava prevista, tal como há uma semana atrás, a transmissão de um programa de homenagem a Jacques Brel, por altura do primeiro aniversário da morte do grande cantor belga. Mais uma vez, porém, a nossa curiosidade saiu defraudada... Em substituição de Brel veio Picasso (já agora porque será que há duas semanas para cá o filme vem sendo sucessivamente anunciado e adiado?)

Picasso

O filme sobre Picasso, realizado por Lauro Venturi, inicia-se em Paris, em 1900, com imagens de arquivo da época. Picasso tinha então 19 anos e desloca-se pela primeira vez à cidade-luz, que visitará frequentemente até se instalar em definitivo em 1904. É a altura do período azul. O filme dá-nos uma sucessão de quadros representativos desse período: *Celestina*, a lembrar Greco, os *Pobres a la Orilla del Mar*, ambos de 1903 e ainda uma morte de Arlequim que, segundo o texto, e bem, era uma autêntica Pietá de circo. Este grupo de quadros surge-nos numa montagem contínua, sempre com texto off e um fundo musical que nos pareceu extremamente agressivo, a sublinhar erradamente o que não o necessitava. Do período rosa, vimos o quadro que, de certo modo, antecipa o *Retrato de Gertrude Stein* (este a aproximar-se já do cubismo): trata-se de *Os dois irmãos*.

Venturi entra depois no período cubista, partindo das *Demoiselles d'Avignon*. Aparecem as violas e é cita-se Cocteau: «O meu sonho era ouvir o som dos violões de Picasso...» A câmara continua a movimentar-se através dos seus quadros, com a mesma música de fundo, insuportável suporte. Ainda o destaque para *Guernica*, os monstros e o horror. E Venturi prosseguiu por aí fora, tentando aproximar-se do «demiurgo espanhol», mas ele fugia-lhe permanentemente, ora para Clouzot, ora para Resnais.

Truffaut

Passou pelo «Cineclube», transformado desta vez em pequeno confessionário. Para os «fanáticos cinéfilos» nada de mais apaixonante. Uma bela noite. Truffaut surgiu-nos como um velho amigo que vem agora declarar abertamente aquilo que sussurrava com uma certa modéstia no *Fahrenheit 451* e nos *Beijos Roubados*: prosseguir convictamente na procura de algo que nos apaixona sem olhar aos resultados...

Falou também do carácter da mulher, que nos seus filmes é sempre mais forte que o do homem. «E na vida não é assim também?», perguntava-se a si próprio. E referia um dos seus mestres — Renoir que, porventura, o influenciou definitivamente. Bergman também é assim. Esqueceu-se, contudo, de Mizoguchi. E recordou a «libertação» de Adele H., já em pleno estado de loucura; afirmação um tanto deprimente para um cineasta que parece ainda manter a ingenuidade do crítico de Cinema que acaba de abandonar a adolescência...

31/5/80

20 Televisão Espectáculos

telecrítica

Rui Cádima

Sunny Murray em Setúbal

Prosseguem as transmissões na RTP/2 do I Festival de Jazz Contemporâneo de Setúbal, acontecimento extremamente importante na cena jazzística portuguesa. De facto, a par de poucos maiores concertos anuais, como é o caso do «Cascais-Jazz», e de outros raros concertos extemporâneos, o Festival de Jazz de Setúbal é uma manifestação cultural que é preciso apoiar. Esperemos pois que a organização não lute este ano com as mesmas dificuldades que teve de enfrentar na primeira edição. Setúbal e o Jazz merecem-no.

Desta vez tivemos oportunidade de assistir ao concerto do *Sunny Murray Trio*, liderado pelo baterista James Arthur, conhecido por Sunny, nascido em Filadélfia, em 1937. Faziam ainda parte deste trio o saxofonista David Murray e o contrabaixista Wilbur Morris.

Este concerto foi um dos momentos altos do Festival. A sonoridade electrizante e «torrencial» do grupo, a improvisar sempre nas zonas do free, fez-nos lembrar os «velhos» tempos em que Sunny Murray, num estilo completamente adverso às formas clássicas do jazz e aos conceitos tradicionais que imperavam entre os bateristas da época, desencadeava uma autêntica ruptura estilística que viria de imediato a originar fortes críticas e até mesmo algum desprezo entre grande parte dos músicos da época.

Os primeiros acompanhantes de Sunny foram músicos de jazz tradicionais, com os quais ele foi de algum modo evoluindo. Com os anos 60 verifica-se uma mudança radical na sua forma de tocar. Para isso muito contribuiu a ligação a Cecil Taylor, um músico que estudou Barok e Stavinski, definitivo para a passagem do Jazz ao free.

Murray grava então um disco com Cecil Taylor e Jimmy Lyons e a partir daí não mais deixaria de ser solicitado para gravações com músicos importantíssimos como John Coltrane (também ele com influência decisiva no free), Ornette Coleman, Archie Shepp, Albert Ayler e muitos outros. Murray era assim consagrado nos anos 60 como um importantíssimo baterista.

Em Setúbal pareceu-nos (apesar da realização ter sido um tanto morna para música tão vibrante) que a força «abrupta» de Murray ainda se mantém. O seu estilo permanece irreverente, subversivo e «irregular» como sempre o foi.

No *Free Jazz Black Power* diz-se que ele subvertia o esquema quase hierárquico da orquestra de Jazz: «Preocupa-se em fazer desaparecer a distinção solistas-acompanhantes e recusa-se a pôr-se ao serviço dos restantes músicos. Em vez de um instrumento de sinalização cronológica e rítmica, a bateria transforma-se numa mega fonte sonora, permite criar um ruído contínuo ou um martelar fascinante, quase hipnótico, sem que seja possível descobrir neles os tempos fortes ou fracos». E isto voltámos a ver, de facto, no concerto de Setúbal. Murray continua um grande músico.

Diga 33

O título: «Quanto custa a saúde?» Fomos informados, por gráficos e percentagens, por economistas e doutores, que a saúde está cada vez mais cara... Isto, como se os portugueses estivessem interessados em comprar saúde. É caso para perguntar se essa coisa do

3/6/80

20

2/6/80

20 Televisão Espectáculos



Rui Cádima

Cinema amador

«Pontos nos ii» é um programa que de vez em quando nos consegue provocar mais a sonolência domingoira que o interesse pela actividade do entrevistado ou pelo tema em análise.

A última emissão tinha como convidado Brandão de Brito, presidente da F.P.C.A. (Federação Portuguesa de Cinema e Audiovisuais). O entrevistador era Helder de Sousa, um dos locutores «oficiais» do Telejornal-AD.

O tema era «cinema amador». Não sei se por influência da temática, se por desconhecimento do entrevistador do «fundo» das questões do cinema não-profissional, o que é certo é que estes «Pontos nos ii» foram, como alguns outros anteriores, uma emissão também ela amadora, conduzida com insegurança, com perguntas de «caca» e com a enorme lacuna de não ter aproveitado um pouco mais o tempo com um ou outro pequeno filme demonstrativo do trabalho dos cineastas amadores portugueses que, como sabemos, têm realizado obras de grande interesse (a prová-lo está o último Festival Internacional de Cinema de Amadores de Guimarães, de Outubro do ano passado).

Contudo, há que reconhecer na emissão um aspecto positivo: o simples facto do cinema não-profissional estar presente na RTP, quase diríamos mesmo — nas péssimas condições em que esteve — é de qualquer modo acalentador de algumas esperanças em relação ao futuro.

Proporíamos mesmo que a Direcção de Programas pensasse em integrar no seu «mapa-tipo» uma série dedicada ao cinema de amadores, à semelhança do que já se fez com o teatro amador.

Isto porque a importância do cinema amador, tal como a de outras actividades culturais que preenchem os tempos livres dos trabalhadores portugueses, deve ser divulgada como forma fascinante de desenvolver as suas potencialidades criativas e intelectuais, muitas vezes «amaranhadas» pela rotina do quotidiano profissional.

Dai os próprios profissionais de cinema se manifestarem sempre a favor da acção cultural dos grupos de cineastas amadores.

Fellini, por exemplo, afirmou uma vez o seguinte: «Creio na utilidade cultural da actividade dos cineastas amadores, até porque realizam um sonho que se torna cada vez mais difícil — o de poder usar a câmara como o poeta emprega o papel e a caneta, sem problemas industriais que o sufocam. Sigam sempre a inspiração pessoal e não se deixem influenciar por ninguém. A arte é sempre liberdade, em todos os sentidos. «Ou ainda as belas palavras de Renato Castellani: «Acompanha pessoalmente, humildemente, pacientemente, artesanalmente, a realização de filmes (ou telefilmes) de produção normalíssima. Conta as coisas que conheces, as coisas que viste, que conheces pessoalmente e que amas».

É este amor pelas coisas e pelos homens que é necessário fomentar através da actividade lúdica e cultural das trabalhadoras. Mas será que a RTP está interessada nisso?

20

telecrítica

Rui Cádima

Três interrogações

E os pintores portugueses?

Na série «Pintores e escultores de ontem e de sempre», produzida pela URTI, coube agora a vez a Masolino, pintor florentino proto-renascentista, pouco conhecido devido, principalmente, à importância do seu discípulo Masaccio, com quem chegou a trabalhar em conjunto, deixando-se depois influenciar e «apagar» por ele.

O que nos foi mostrado neste pequeno filme de cerca de 25 minutos levou-nos de facto a considerar a importância deste pintor do Quattrocento na transposição do gótico final para a Renascença. É sintomático que alguns dos seus frescos tenham sido realizados em locais cuja arquitetura reflecte também essa mudança, como é o caso do Palácio de Castiglione.

O filme não teve a qualidade nem o rigor poético do primeiro da série dedicado a Bouts, com uma excelente realização de André Delvaux; muito longe disso. É um documentário realizado com uma grande economia de meios, uma câmara sempre em movimento através de quadros, frescos e igrejas, e alguns planos de paisagens da Lombardia, quase renascentistas, e a contrapor planos do mundo moderno industrializado.

Enfim, um documentário como tantos outros que as cadeias de televisão estrangeiras produzem em grande quantidade, sobre pintores nacionais e estrangeiros.

Que a RTP comece a produzir séries deste género sobre os nossos pintores é o mínimo que se deve exigir...

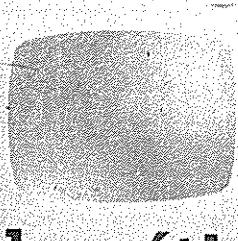
Uma emissão «experimental»?

No sábado, a abrir a emissão, «Indústria Regionalizada». Disse-se que era um programa sobre os «têxteis para o lar», o que não correspondia muito à verdade, pois se falou mais, de facto, da situação dos têxteis perante a entrada para a CEE. De qualquer modo o que nos leva a falar aqui neste programa é o facto de ele ter ido para «o ar» completamente dessincronizado, como raramente deve ter acontecido ao longo dos 23 anos de vida da RTP. Sâogafes inadmissíveis e alguém deve ter que responder por elas. De contrário o consumidor/contribuinte arrisca-se, qualquer dia, a ver um programa com o som do anterior. Quando os dessincronismos não se debelam é assim que acontece...

«Roteiro» ou «Museu»?

Presença de Maria Helena Matos, grande figura do nosso teatro, no «museuzinho dos teatros». De facto o «Roteiro» poderá ser qualquer dia uma espécie de cantinho da saudade do antigamente. Um cantinho nos estúdios, claro. Haverá alguém que acredite que um «Roteiro dos Teatros» seja um programa de estúdio? As câmaras e os nagras têm que invadir os teatros, filmar as plateias, a representação das peças, os bastidores, ouvir o público, as dificuldades do dia-a-dia, ouvir as propostas dos profissionais. Vamos a isso, caramba!

14/6/80



telecrítica

Rui Cádima

Minorias sexuais

As minorias sexuais e todo o tipo de «transgressões» por elas praticadas continuam a ser um dos grandes tabus dos tempos modernos.

Alheios a esses mundo secretos, somos por vezes violentamente despertados para realidades incríveis. Somos acusados (nós, sociedade), de racismo sexual e geralmente, em relação a eles, através da bestialidade mais vulgar. Sobre estas e outras coisas nos veio falar Jean-Louis Roy nesse belo documentário exibido na RTP/2, na passada segunda-feira.

O fenômeno da transexualidade, uma variante da *inversão* freudiana cuja etiologia ainda é pouco clara, parte muito provavelmente de situações congénitas ou adquiridas perante o objecto sexual. O papel da bissexualidade terá talvez alguma importância no desenvolvimento destas situações «preversas» que, segundo algumas teorias que têm vindo a ser desenvolvidas desde princípios do século, teriam a ver com o progressivo desaparecimento dos caracteres sexuais normais, face este que atingiria o seu ponto limite anatômico no hermafroditismo verdadeiro, isto é, nos indivíduos em que os órgãos genitais são simultaneamente masculinos e femininos. No entanto, para Freud, este tipo de anomalias, um certo grau de hermafroditismo verdadeiro, anatômico, é normal: «Em todo o indivíduo, quer masculino quer feminino, encontram-se vestígios do órgão genital do sexo oposto que, ou existem no estado rudimentar e privados de toda a função, ou estão adaptados a uma função diferente». Daqui se deduz que a monossexualidade atingida por um organismo bisexual, conservando restos atrofiados do sexo contrário, poderá ter a nível psíquico, no caso dos transexuais, um determinismo plausível. Assim se explicaria o fenômeno do transexualismo. Porém, no filme, fomos confrontados com outro género de causas, de carácter moral, fundamentalmente. A permissividade da sociedade a este tipo de «aberrações» continua a ser extraordinariamente restrita, se bem que nas camadas mais jovens não se note a mesma aversão que se verifica nos grupos etários mais idosos e conservadores. Nestes, a homossexualidade e a transexualidade são consideradas muitas vezes como males sociais mais graves que o alcoolismo ou a prostituição. Em Portugal, esta problemática não teve ainda repercussões de maior, embora o novo racismo, que é a repressão quotidiana sobre essas minorias sexuais, se verifique nos locais de trabalho e no scio da família.

Fomos agora alertados de forma poética e agressiva para essa dura realidade. *Por detrás do espelho*, o filme de Jean-Louis Roy, chama a atenção para algo de excessivamente horrível — a quase clandestinidade em que vivem os transexuais e a violência, o abandono exterminador a que as sociedades modernas votam esses «bizarros». Como foi dito no filme, eles não têm nada a ver com os travestis de domingo: «Os transexuais são *interiormente* verdadeiras mulheres. Têm é pele e sexo de homem. Desejam perder o órgão sexual masculino e tornarem-se definitivamente mulheres. Quem afirmava isto era um antigo resistente francês, injectado de hormonas femininas na prisão, pelos nazis; hoje é uma mulher, enfermeira, um ser «híbrido» contra vontade, animal de laboratório, cuja única alegria é entregar-se plenamente aos outros, à amarga existência e ao sofrimento dos transexuais.

Hoje, ainda é chocante ouvir a mãe de um transexual dizer que o que é importante é que o seu filho ame, e não o facto de nascer homem e querer transformar-se em mulher. Hoje, ainda, as sociedades fazem por não querer saber dessas comunidades clandestinas. O filme de Jean-Louis Roy vem relembrar-nos que essas comunidades existem e que a sociedade está ainda longe de saber respeitar o seu semelhante.

Duas duras realidades (estas sim, profundamente chocantes)

5/6/80



telecrítica

Rui Cádima

Godard hoje Wajda ontem

Embora nem sempre façamos aqui referência à série de Jean-Luc Godard, *France Tour Detour Deux Enfants*, temo-la acompanhando ao longo das suas oito emissões.

À medida que nos vamos apercebendo das intenções de Godard ao realizar esta série, mais a palavra *inquietante* e o seu mais profundo significado, nos parece pairar à sua volta. As preocupações e as perplexidades do cineasta procuram assim uma resposta através dos interlocutores que ainda possuem a inocência e a ingenuidade não viciadas dos seus «monstros» adultos, disciplinados e fossilizados nas sociedades concentração-arias. Godard dialoga com as crianças. E tal como se dizia neste *sétimo andamento*, neste diálogo (ou neste interrogatório disciplinado?), «queremos ter a primeira palavra e julgamos querer ter a última; e quando não temos a segunda é porque estamos sós neste tipo de trabalho; logo, confundimos a primeira com a última...» Enfim, Godard é o porta-voz, porventura isolado, dessa inquietude que assola as sociedades contemporâneas de forma ainda pouco legível (e visível).

O oitavo episódio (o primeiro andamento foi o *zero*) volta a falar em *decomposição* e na análise sincrónica do que é dito e do que é feito, na sua ficção e na realidade dos outros — e vice-versa, fotograma a fotograma. Volta ainda à escola primária e filma-a como se enquadrasse a folha quadriculada de um caderno diário. Filma a ordem, desordenando-a. Questiona a disciplina, dessacralizando-a. Interroga violentamente a criança, como se estivesse no lugar da professora, embora destruindo o seu discurso, as suas palavras e as suas exigências.

As cópias escolares são para ele trabalhos forsados. E essa violência que é exercida sobre as crianças, compara-a ao trabalho em cadeia, nas fábricas, e à disciplina militar. Godard não desiste. Provavelmente acabará por subverter a própria insubordinação intelectual que o anima; tal como o pinto necessita quebrar, violentar, a casca que o envolve para viver, Godard agride o interlocutor, como se quisesse despertá-lo (e quer) de uma auréola letárgica, duma preguiça mórbida; a própria criança não escapa a isso, como se nos quisesse dizer que «de pequenino é que se torce o pepino». E, no entanto, a criança maior é ele próprio, é ele que encontra a primeira palavra julgando encontrar a última...

Cineclube RTP/2

É das raras rubricas da RTP que mantém de há bastante tempo para cá uma programação de grande qualidade, denotando, de forma corajosa, a exigência e o rigor pelo bom cinema.

António Pedro de Vasconcelos anunciou agora que as próximas emissões serão preenchidas com vários filmes representativos da cinematografia polaca, que é, talvez, a par de algum cinema húngaro, do melhor que se faz no leste europeu. Iremos ver o primeiro Polanski, Munk (o inesquecível Munk de «A Passageira»), Borowczyk e alguns mais. Mais uma iniciativa, portanto, a aplaudir. O filme que passou na noite de terça-feira — *Kanal* («Morrer como um Homem»), de Andrzej Wajda, é uma obra que se perdeu no tempo e que tem hoje um interesse quase exclusivamente histórico, quer pelo tema — a resistência polaca ao invasor alemão — quer pelo seu significado na filmografia de Wajda e no próprio cinema polaco: o filme teve um prémio especial em Cannes, em 57, e representa a consagração de um autor e de uma cinematografia.

7/6/80

16 Televisão / Espectáculos

telecrítica

Rui Cádima

Kafka, Felice e K.

Viajámos pelo mundo obscuro e falsamente hedonista de Franz Kafka. Como companheiros de viagem nesse percurso, entre Praga e Berlim, estiveram *Werther*, de Goethe, os amores de Fernando Pessoa e a *vamp* expressionista de Edvard Munch, todos eles fantasmas a pairarem sobre o texto off que ia sendo lido.

Falamos de *Kafka em Berlim*, o filme de Wolfgang Ramsbott que «ilustra» alguns textos escritos por Franz Kafka (1883-1924), no período de 1913-14, textos confessionais, diálogo com um diário, e também cartas de amor (e temor) a Felice Bauer, sua noiva.

Felice vivia em Berlim e Kafka, durante um só ano, sairá sete vezes de Praga. Os amigos perguntavam-lhe se isso não era consequência do afastamento de Felice. Ele não respondia. As saídas de Praga eram, efectivamente, uma forma de se furtar à cidade que ele começava a abominar, mas eram também consequência do impulso que o afectava constantemente, pensando em Felice e nos *ghettos* do seu personagem K.

Na verdade, Kafka chegava a Berlim *metamorfoseado*: já não era o escritor incomprendido, ou o homem esperançado. Kafka chegava a Berlim como se fosse alvo, durante o caminho, de um processo castrador: «Temo chegar a Berlim. Temo a porta da estação onde vi os automóveis avançar na minha direcção. Temo a visão dos primeiros bairros suburbanos. Temo tudo, afinal.»

O medo que o obsecava derivava, por um lado, da ambígua união com Felice e, por outro, da sombra do rompimento definitivo, uma necessidade de solidão: «Essa necessidade que eu tenho de gente e que se transforma em medo no momento em que é ratificada». Daí derivava ainda a sua obsessão pelo porão do navio, pelo trabalho solitário, com a luz por companheira... Escrever no porão: «A não ser a literatura tudo me leva ao tédio.»

Berlim era para Kafka sinónimo de Felice. Escrevia-lhe dizendo que os poucos amigos que tinha na cidade não os desejava ver. Ir a Berlim por causa dela; sonhava desordenadamente com ela. E sonhava também, obstinadamente, com os lagos de Grunewald, onde perdia horas a contemplar angustiadamente as suas hesitações, a sua dualidade.

Era incapaz de se decidir pelo amor a uma mulher. As suas sucessivas renúncias ao casamento são prova disso. Contudo, era atraído quase hipnoticamente por Felice. Assim como pela impossibilidade de não escrever. Há vários Kafkas, sem dúvida...

O filme de Ramsbott, tão estranho e labiríntico como aliás o são as ficções kafkianas, era como um *travelling* contínuo, muito possivelmente, uma imagem parabólica desse percurso infantil de chegadas e partidas entre Praga e Berlim. Quase neurasténico, Kafka repetia ao fim de cada viagem: «Deixei Berlim como se lá tivesse chegado sem a mínima autorização... Saí de Berlim, fui coagido como um criminoso...»

9/6/80

20 Televisão Espectáculos

telecrítica

Rui Cádima

Palavras para quê?...

A intervenção do presidente da CA da RTP, Vitor Cunha Rego, na noite de sexta-feira, levantará certamente uma série de questões, quer de carácter político, quer mesmo de carácter económico, quer ainda, e principalmente, de carácter cultural. Todos estão ligados, enfim.

Um dos assuntos que mais nos chocou foi a abordagem de um «sistema de produção de filmes» (que não sabemos bem qual é), considerado por Cunha Rego como «alheio aos interesses desta casa, através do qual vários grupos de particulares desejam da RTP dinheiro, máquinas e material para fazer os filmes e programas mais convenientes ao seu gosto e interesses (...).»

Este problema tem a ver de imediato com a produção externa. Sabemos das susceptibilidades que essa política de produção provoca no interior da RTP. Por vezes é aventado com certo paralógismo que a produção externa poderá afectar a própria estabilidade de emprego dos profissionais da Televisão; que os orçamentos não comportam determinadas produções ou ainda que a situação da empresa impõe algumas restrições nesse âmbito. São pressupostos já viciados, que deixaram de esconder outras incapacidades. A aposta é — e será sempre — arriscar o investimento (coisa que muito raramente se faz na casa) para colher o fruto.

Contudo, o que ainda nunca tinhemos ouvido dizer foi agora tornado público através da televisão e dos jornais, pelo já conhecido «censor de Camões». Há grupos de profissionais que não interessam à casa! Quais são esses grupos — é a pergunta que fica.

Serão as cooperativas? Não são porque as suas produções costumam ser escolhidas para representar a RTP nos festivais estrangeiros, nomeadamente no MIP de Cannes. Serão então os produtores independentes e privados? Julgamos que também não, por razões idênticas. Serão os partidos políticos, aqueles que não dispõem de «aparelhos ideológicos de Estado»? Possivelmente, se considerarmos que as emissões de tempo de antena obrigatório são, de facto, propaganda partidária... Mas o que torna tudo isto extremamente confuso, para além da evidência lapaliciana, é o facto de sermos confrontados com o bloqueamento de programas cujo texto é da autoria de prestigiados intelectuais portugueses. O caso mais flagrante passa-se com o Ano Camões (não se esqueçam, entretanto: no 10 de Junho seremos «prendados» com um programa de variedades)... Perguntamos: Será que os *ndo gratos* a Cunha Rego são Hélder Macedo, o Conselho de Informação, Fernando Lopes, Fíama Hasse, Paixão Brandão, a *Newsweek*, Maria de Lurdes Pintasilgo, Joaquim Letria, José Sebastião da Silva Dias, o *New York Times*, Camões, António Vitorino de Almeida, o Gabinete de Projectos Especiais e todos aqueles que pensam, mais à esquerda ou mais à direita, na zona deles? Se sim, é caso para prever que Cunha Rego estará em breve ou só ou muito mal acompanhado (orgulhosamente só, muito possivelmente). Se não, terá que aqui ficar a pergunta atrás deixada: Quais são, afinal, esses grupos?

Estamos ansiosos por saber... Tanto mais que esta primeira resposta ao pedido de inquérito parlamentar do PS sobre a política de Comunicação Social do Governo assumiu as características de réplica negativa e balofa. Vitor Cunha Rego é afinal de contas um *desencorajador* confessado — esta a contribuição positiva da «versata» — que nos dá sinônimo de censura no abstruso vocabulário destes mestres ilusionistas.

28/6/80



Rui Cádima

«Sinhazinha Flô»: primeiras impressões

Como «novela de época» que é, *Sinhazinha Flô* difere em muito do «Dancin'Days». A principal diferença, na concepção e evolução da trama, está no facto de a segunda depender muito das reações dos telespectadores e das sondagens feitas, enquanto que a novela que agora passa na RTP/2 o não permite, por ter de respeitar um determinado período histórico; isto apesar de ser uma adaptação muito livre de três obras de José de Alencar («Viuvinha», «Til» e «Sertanejo») e ainda dadas as suas características de telenovela destinada ao público das «seis da tarde» (constituído fundamentalmente por estratos etários da terceira idade e por jovens estudantes do sexo feminino). Lafayette Galvão, o adaptador, não teve assim os mesmos problemas de Gilberto Braga, embora na construção da sua narrativa ele atendesse de facto à «petite histoire» e às situações «de alcova», que ajudam à conquista fácil do telespectador.

Outro aspecto em que a «novela de época» se distancia da telenovela da noite é, logicamente, no processo de planificação, escolha de locais e filmagens. Como são «folhetins» que têm de utilizar em grande parte os locais «históricos», os seus exteriores, uma vez que as filmagens sempre em interiores requereriam grandes gastos de produção na construção de décors de época, não faz sentido filmar nesses exteriores, abusando da utilização do grande plano (como acontecia quase sempre no «Dancin'Days»). Se isso se verificasse perder-se-ia de facto a razão da escolha da cidade histórica de Conservatória, no Estado do Rio. Daí *Sinhazinha Flô* obrigar à introdução contínua do plano de conjunto, de gerais e aproximações. Essa foi, aliás, a opção do seu realizador, Hervel Rossano, «especialista» neste tipo de telenovelas (ele foi também o realizador de «A Escrava Isaura», filmada nos mesmos locais).

O facto de ser uma «novela de época» não implica que desenvolva de imediato uma narrativa de características sociais e históricas. E mesmo no caso de o fazer, que fosse obrigatoriamente em termos de fidelidade às fontes e aos factos.

A primeira impressão que *Sinhazinha Flô* nos deixou aponta, contudo, para lhe reconhecermos nestes primeiros episódios uma determinada coerência (na adaptação e na abordagem histórica), para além de verificarmos também um discurso filmico-televízivo simples (mas extremamente eficiente e sem quaisquer ambições de introduzir uma linguagem nova — o que só desfavorece a realização, que nos transmite, apesar de tudo, essa tentativa de recriar a rigor a atmosfera social e política do Brasil dos finais do século XIX. E isto parece-nos suficiente para vos aconselhar esta nova série.

José de Alencar (1829-1877)

Neto de portugueses, de formação universitária, Alencar desde muito cedo se apaixona pela literatura, onde procurava «diversão à tristeza que lhe infundia o estado da Pátria»... Ele é um dos introdutores do espírito de nacionalidade na literatura brasileira do século passado. Alceu Amoroso Lima, na sua obra «Evolução Intelectual do Brasil», refere-se nestes termos a José de Alencar: «A sua intenção romanesca de focalizar a realidade brasileira sob todos os ângulos, do Norte ao Sul e das praias ao sertão, dos costumes mais aristocráticos das grandes capitais aos costumes mais puramente indígenas, como em romances pré-cabralinos, como «Ubirajara»; romances históricos à Walter Scott; romances psicológicos e de costumes, como em Balzac — se assim fizermos reconhecermos em Alencar a figura mais representativa do nacionalismo literário, embora seja, sobretudo, representante da vertente romântica desse nacionalismo. *Iracema* é um símbolo tão nacionalisticamente universal como a *Atala* de Chateaubriand, com quem aliás apresenta algumas analogias naturais».

20 Televisão Espectáculos

12/6/80

telecrítica

Rui Cádima

Houve festa na aldeia

Suspensos o Congresso das Comunidades, esquecidos os emigrantes, menosprezado o épico, é altura de fazer um pequeno balanço em torno das festas culturais que por aí desabrocharam à viva força e que entraram em nossas casas através desse *mass-media* a que Marshall McLuhan atribui a inauguração da *aldeia global*. Desapropriado, o termo, é contudo próprio para este País e para estas comemorações: do seu Olimpo, Camões olha para o vale, vê as grinaldas, o fogo de artifício, as quermesses e os bazarés, vê a mediocridade atafulhada de improviso e remendos.

Vê uma imagem de aldeia perpetuada ao longo dos séculos e já não «os perigos e guerras esforçados, mais do que prometia a força humana» (...) e muito menos canta «o peito ilustre lusiano»...

Os «folguedos», as comemorações e toda a confusão babilónica deste quarto centenário da morte do poeta, mais fizeram lembrar a fatídica data da perca da independência nacional do que o nome de Camões e a sua epopeia. Acabrunhados, quase em segredo, por entre pára-quedistas, desfiles militares, carroceis policiais, nacional-cançonetismo e outros folclóres (que faria Camões no meio daquilo tudo?), governantes e autarcas, de sorriso mal rasgado, pareciam exclamar, por fim, qualquer coisa como: «Uff!, desta já nos safámos!». Mas não se safaram, não senhor. Ningém lhes perdoará. Nem que eles venham dizer que o governo intercalar, o final da Taça, os Jogos sem Fronteiras, o subsídio a Manuel de Oliveira e o cartão de leitor da Biblioteca Nacional foram em honra de Camões...

Mesmo assim pudemos ver personalidades do nosso mundo cultural serem agraciadas pelo Presidente da República. Foi bom ver reconhecido o trabalho de Agustina-Bessa Luis, Maria Keil do Amaral, Fernando Lopes Graça, José Gomes Ferreira, Manuel de Oliveira, Sophia de Melo Breyner.

Pudemos ainda ver duas importantes comunicações, embora longas, enquadradas de facto no âmbito deste quarto centenário de Camões: referimo-nos às intervenções de David-Mourão Ferreira e de Eduardo Lourenço.

Uma, a primeira, debruçou-se sobre a perplexidade que deriva da multiplicidade de imagens de Camões. Camões teria sido já um super-Pessoa, ou foi Fernando Pessoa um super-Camões? Mourão Ferreira não trazia resposta. Mas sublinhou que a troca de identidades, a atomização de personalidades, a versatilidade de processos, de géneros e estruturas não pode nem deve — nunca — fazer de Camões um patrono de uma qualquer ideologia que se remeta para uma das suas sombras «iluminadas».

Eduardo Lourenço acabaria por exaltar Camões, propondo aos portugueses que se elevem à leitura de «Os Lusiadas», obra «irremediável e insolentemente culta», «verbo que transfigurou em mito, em poesia, a nossa empresa descobridora».

E pouco mais vimos e ouvimos. No quarto centenário da morte de Camões tivemos várias impressões; faltou-nos aquela que nos faria sentir a sua presença.

Rui Cádima

Camões: Viram-no por aí?

Pessoa era muito capaz de dizer que Camões amanhece sem ter de haver madrugada. A sua chama refulge nas trevas mais delirantes, saciando-nos a imaginação, paralisando-a com palavras desnudadas, de uma beleza cruel, impaciente.

E já lá vão quatrocentos anos. Distante, sentimos um acenar que se aproxima de nós. Sentimo-lo cada vez mais perto. Camões está aqui ao nosso lado. Que texto lhe vamos dar?

Um humilde *in memoriam*, é certo. Nada mais. Camões dá-se a conhecer, naturalmente, a todos aqueles que vêm no amor a sede da metafísica do outro, como escreveu Ortega e Gasset. Sérgio foi talvez o primeiro a descontinar esse neoplatonismo da linguagem amorosa do poeta, do seu amor ardente para com as ninfas de água doce...

Neste 10 de Junho de 1980 recordamos os «Passos em Volta de Camões», o pequeno telefilme de Manuel Varela, com texto de José Hermano Saraiva. No meio do caos cultural, da subestima e da soberba em que as comemorações do IV Centenário foram enclausuradas, este pequeno filme é quase um acto de amor, uma modesta rendição perante o épico. Como raramente acontece, os «Passos em Volta de Camões» tiveram uma planificação e uma montagem cuidadas. Houve todo um trabalho prévio, de modo a ser construído um discurso filmico diferente, honesto, procurando sempre o rigor poético e o equilíbrio dos enquadramentos e uma montagem que obrigue ao diálogo com os signos e as metáforas. Sem ter sido um filme de grande qualidade (para termo de comparação direi que o filme de André Delvaux sobre o pintor flamengo Dieric Bouts é um filme de grande qualidade — que não pode ser feito em Portugal única e exclusivamente porque as condições de produção e os financiamentos o não permitem), foi, contudo, um trabalho que gostaríamos de ver repetido às centenas na RTP. Camões foi respeitado. O espectador também. Os profissionais demonstraram ser. Coisa rara.

Depois da exceção virá a regra: Camões será enviado de novo para o deísterro. Será morto e ressuscitado, será condenado a morrer à mingua e «morrerá à mingua, de excesso», como já se disse de outros grandes poetas portugueses.

Visionário, o que ele dizia:

Que poderel do mundo já querer,
Que naquilo em que pus tamanho amor
Não vi senão desgosto e desamor,
E morte, enfim, — que mais não pode ser!

Camões era um panfletário, um contestatário (talvez aqui tenha falhado o texto de Hermano Saraiva):

Vê que aqueles que devem à pobreza
amor divino, e ao povo caridade,
amam somente mandos e riquezas,
simulando justiça e igualdade.

«Foi Camões que deu à nossa língua este aprumo de vime branco, este juvenil ressoar de abelhas, esta graça súbita e felina, esta modulação de vagas sucessivas e altas, este mal corrosivo de melancolia» (Eugenio de Andrade).

É sobretudo através deste aprumo da língua pátria e das acusações de insurgimentos que dão irradiam e desbaratam a mesquinhez censória, que a obra de Camões é ainda hoje «objecto de suspeita e temor», como dizia Jacinto do Prado Coelho.

O favor com que mais se acende o engenho
Não no dá a pátria, não, que está metida
No gosto da cobiça e da rudeza
Duma austera, apagada e vil tristeza.

A tal apagada e vil tristeza que alguns intelectuais portugueses têm enfrentado ao pretenderem trazer Camões até nossas casas... Assim vai Portugal.

14/6/80

1/6/82

telecrítica



Rui Cádima

O adulto e a TV

Um dos mais prestigiados críticos de televisão brasileiros é um senhor que assina com o pseudônimo de Artur da Távola (buscará ele o Santo Graal para a Rede-Globo?) no jornal «O Globo».

Em Fevereiro deste ano, numa das suas críticas diárias, publicou um texto sob o título «Os adultos e a televisão». Ai tecia algumas considerações em torno de um livro de um autor argentino doutorado em Educação pela Universidade de Harvard: tratava-se de «La televisión y nuestra conducta quotidiana»; o seu autor: Pedro José Arenas.

O interesse da crónica, aqui em Portugal, parece-me relativo. Contudo, gostaria de fornecer ao leitor os pontos mais salientes do texto, que são, no fundo, as conclusões da obra do citado professor. Pontos esses que, por sua vez, constituem uma síntese das pesquisas de um grupo de cientistas norte-americanos (em 90 por cento dos casos) e ainda de analistas ingleses e japoneses, acerca dos efeitos da televisão sobre os adultos.

Não se pode dizer que as conclusões sejam famosas. Parece-nos, inclusive, que primam por um certo *déjà vu*, talvez por uma certa acientificidade e ainda, nalguns casos, por um alheamento descarado das regras sociológicas elementares.

Vejamos então:

- * A maioria dos adultos pobres e as minorias sociais vêm a televisão como principal fonte de entretenimento, mas também o fazem para observar modelos de conduta social;

- * Setenta por cento dos adultos de baixo rendimento depende exclusivamente da televisão para se informar sobre o que acontece no país e no estrangeiro;

- * A maioria dos adultos confia e crê na televisão como sendo o meio de informação mais fidedigno.

- * A maioria dos adultos modifica as suas atitudes imediatas logo após ver um filme de carácter documental, mas esse efeito desaparece com o correr do tempo. Não obstante, da mesma forma que acontece com as crianças, se o telespectador não tem opinião formada a respeito do que foi visto ou não dispõe de mais informações a respeito as mudanças obtidas pelo programa de televisão permanecem mais tempo;

- * Para os adultos a televisão é uma importantíssima e variada fonte de informação social, entretenimento, de informação da realidade quotidiana e de escape (fuga, evasão, etc.);

- * À medida que aumenta a educação, as horas de exposição à televisão diminuem, ao mesmo tempo que aumenta a leitura de revistas e jornais;

- * Ao mais baixo nível socioeconómico corresponde um elevado consumo de programas violentos;

- * Ao menor nível socioeconómico corresponde um maior consumo de programas de qualquer tipo, bem como um maior número de informativos televisados, em comparação com o uso que se faz da informação escrita;

Estas algumas das conclusões que em breve analisaremos mais em detalhe.

16/6/80



telecrítica

Rui Cádima

Orson Welles e o «Estrangeiro»

Não por ter representado sozinho o *Rei Lear* aos sete anos de idade, nem por ter sido empresário teatral aos 18, nem mesmo por ter assustado a Americana aos 23 com a celeberrima emissão radiofónica de *A Guerra dos Mundos* ou por ter realizado *Citizen Kane* aos 25 — Orson Welles não foi um génio por isso. A genialidade de Welles está na forma que eu diria quase cándida (igual ao seu eterno sorriso de criança) e simultânea e paradoxalmente demoníaca e louca, através da qual conquistou e possuiu os «brinquedos» mais enredados, as fábricas de sonhos, tendo as musas por amantes, desde a obra de Shakespeare ao M. Verdoux, a finalizar, obviamente, em Hollywood.

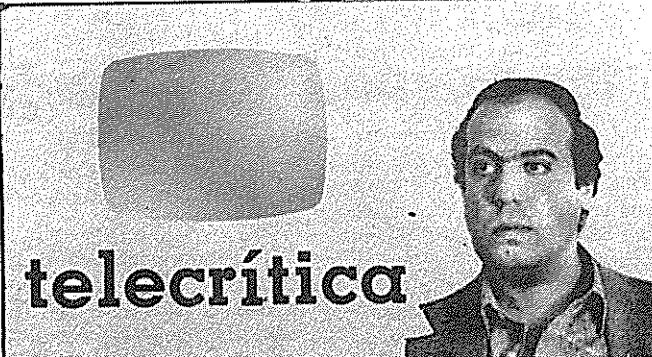
Vimos no sábado *O Estrangeiro*, um filme de 46, sobre o qual Orson Welles tem dito os disparates menos geniais: «Só há um filme anterior ao *Otelo* (52) que se pode dizer que é meu. É o *Citizen Kane*. Todos os outros me foram arrancados das mãos violentamente (...). E concretamente em relação a *O Estrangeiro*: «Não há nada de meu nesse filme. Foi John Houston quem escreveu o argumento, embora o nome dele não apareça no genérico. Filmei *O Estrangeiro* para mostrar que podia ser tão bom realizador como qualquer outro e, ainda por cima, em menos dez dias do que o tempo de filmagens previsto. Mas não escrevi uma palavra do argumento. Ou melhor: escrevi algumas cenas de que gostava muito mas cortaram-nas. Eram coisas passadas na América do Sul e que nada tinham que ver com a história. Não, esse filme não me interessa absolutamente nada. No entanto não o filmei com cinismo, nem quis estragá-lo: pelo contrário, tentei fazer o meu melhor. Mas de todos os meus filmes é aquele de que sou menos o autor. As únicas coisas de que gosto mesmo são as notações sobre a cidade, o droguista, pormenores desse género». Esta distância que Orson Welles pretende manter em relação a *O Estrangeiro* parece-nos, de qualquer modo, apesar das ambiguidades do autor, pouco razoável.

Variadíssimos sinais do discurso filmico wellesiano estão ai presentes; e se bem que não nos pareçam ao nível da genialidade de *Citizen Kane* ou de *O Processo*, não desmerecem, quanto a nós, a assinatura do seu autor. A iluminação e as sombras expressionistas (e o sonho de Mary: «A sombra de Conrad — o ajudante do nazi Franz Kindler — alastrava pelo chão como um tapete...»), a movimentação extasiada da câmara, a distribuição no espaço dos actores, objectos e *décors*, o próprio texto que Orson renega, a resolução de esquemas narrativos complexos e morosos num só plano (o jantar em casa dos Longstreet é um exemplo flagrante de como a narrativa se sobressalta a si própria com a chegada de novos elementos que compõem o *puzzle* de Edward G. Robinson, da «Comissão Aliada para os Crimes de Guerra»), todos eles são «casos» que justificam amplamente a «marca» e a imagem do mestre.

Para além do mais Welles é enquadrado por Welles. É ele também que interroga aqui os poderes e as suas raízes malignas, a liberdade perdida, as vítimas do poder e as amizades traídas — constantes na sua obra.

Não estando de facto ao nível do seu melhor, *O Estrangeiro* só poderia ter sido realizado por ele.

17/6/80



telecrítica

Rui Cádima

Crónica do malandro

«Pontos nos ii» parece-nos estar a aproximar-se um pouco mais das características que um programa deste tipo deve possuir, embora o não tenha conseguido ainda totalmente. Os convidados, mais para além de serem ou não figuras conhecidas do grande público, dos telespectadores, devem ser pessoas que de algum modo tenham algo de importante a dizer em termos de presente e de futuro.

Isto porque um programa em *flash-back*, a recordar o que já lá vai, e feito em estúdio, corre sempre o perigo de se tornar enfadonho, na medida em que assenta numa perspectiva de memoração das coisas passadas, das vivências do convidado, da sua obra, e nas suas «pequenas histórias».

Pode até tratar-se de um excelente conversador, de um óptimo contador de anedotas (e aqui talvez a emissão acabe por ser conseguida por isso mesmo); mas o que não deve acontecer é falar-se de todo um trabalho passado sem levar as câmaras, na medida do possível, até ele, ou ainda fazer do «bate-papo» uma regra. O espectador está mais interessado em «entrar» no quotidiano do artista, ou do técnico, acompanhá-los na concepção das obras, nos tempos livres, na noite, na vida em família, etc. De qualquer maneira, o facto dos convidados surgirem a propósito do lançamento de um livro (como agora aconteceu com Mário Zambujal) ou numa tomada de alternativa, ainda que seja um tema pouco edificante (como aconteceu na passada semana com o jovem Paulo Caetano), é extremamente mais aliciante do que termos no pequeno ecrã um «debitador» de feitos, desfeitos e outras glórias, sem que mais alguma imagem nos seja dada por isso.

Mário Zambujal falcu dos seus primeiros artigos publicados na Imprensa, das boas recordações que lhe deixou o seu primeiro trabalho para o jornal «A Bola» e, claro, de toda a sua actividade profissional como jornalista.

Grande parte da emissão foi inclusive ocupada com essa descrição de andanças, de poiso em poiso, numa luta obstinada contra a rotina. Falou-se então na «Crónica dos Bons Malandros», o primeiro livro de ficção de Mário Zambujal, recentemente editado. Falou-se, mas falou-se pouco. Deveria ter sido despertada a curiosidade do espectador (e do leitor) para o conteúdo «noctívago» do livro e de toda a malandragem que por ele desfila; deveríamos ter ficado a saber alguma coisa de Renato, do Bitoque e do Doutor, inclusive poder-se-ia ter lido algumas passagens mais interessantes, tanto mais que foi demonstrado o interesse de alguns cineastas pelo livro. Só isso daria pano para mangas... Teria sido interessante descobrir alguns «bas-fonds» das peregrinações boémias de Mário Zambujal e dos seus personagens, compostos a partir de figuras reais.

Mário Zambujal que todos conhecemos, como foi dito, principalmente através do «Grande Encontro», mostrou-se assim um mau promotor da sua obra... Enfim, a modéstia por vezes só fica bem... A curiosidade de Adriano Cerqueira é que não nos pareceu ter tido a malandrice necessária e suficiente.

18/6/80



telecrítica

Rui Cádima

Cadáveres para publicidade

«Escrito na América» é o título de uma nova série de doze episódios que a RTP/2 passa às segundas-feiras no novo mapa-tipo «intercalar». Os episódios baseiam-se em obras de alguns dos mais representativos escritores contemporâneos latino-americanos, como, por exemplo, Júlio Cortázar, Jorge Luis Borges, Miguel Angel Asturias, entre outros.

O primeiro episódio, adaptado pela TVE da obra homónima do escritor-diplomata guatemalteco Miguel Angel Asturias (como o foi o cubano Alejo Carpentier, também em Paris), intitulava-se «Cadáveres para Publicidade».

Asturias, prémio Nobel da literatura em 1967, é por certo um dos mais importantes escritores latino-americanos; define-se a si próprio deste modo: «Não sou um fazedor de romances. Sou um criador, e isso faz com que, ao sentir um problema, o exponha. E que não haja possibilidade de me fazer calar. Tenho de dizer-lo e dizer-o.»

Josué de Castro viu assim o autor de «O Senhor Presidente»: «Asturias intervém no espectáculo de transformação histórica que se está a processar na América Latina, contra todos os obstáculos — uma evolução para a libertação dos povos latino-americanos, para a sua verdadeira independência. Assim, a sua obra, embora não seja de carácter sociológico ou político, é uma obra literária comprometida, que participa, actuante, capaz de mostrar e refletir uma força e uma ação para problemática e solução das questões fundamentais com as quais se defrontam os nossos povos» (...)

«Cadáveres para publicidade» fez-nos lembrar algum cinema chileno do período de Allende que, em tempos que já lá vão, passou por aqui. Ainda que a um outro nível, o realizador do filme, o espanhol Emilio-Martínez Lázaro, com certeza que se baseou em obras representativas desse período. Lembramo-nos do *Chacal de Nahueloro* e da *Terra Prometida*, ambos de Miguel Littin, e também da *Coragem do Povo*, do boliviano Jorge Sanjines (isto para citar os mais importantes, pois muitos outros exemplos se poderia referir). E todos nos lembramos ainda de como Woody Allen viu as ditaduras da América Latina em *Bananas...*

A adaptação da TVE, se bem que estivesse próxima de um realismo quase socialista a que não se furtaram as primeiras obras de Littin e Sanjines, teve contudo em atenção as características do texto de Asturias, o seu «realismo mágico», embora sem lhe dar uma resposta clara a nível do discurso filmico. Deambulou entre os dois.

Toda a primeira parte do filme, com a repressão sobre os trabalhadores, os fuzilamentos e a «desfiguração» das personagens gorilóides e militares, acólitos do ditador, terá a ver com o primeiro. A segunda parte (se assim podemos considerar), isto é, a partir do assalto ao sindicato e dos telefonemas dos jornalistas onde voltam a falar da história da professora guerrilheira, «demónio vermelho vestido de cossaco», o filme adquire um outro género narrativo, acompanha Asturias, mas não o serve de facto com um outro discurso filmico.

Apesar dos contras, se a série prosseguir com uma qualidade idêntica à deste primeiro episódio, não temos dúvidas em aconselhá-la vivamente.

19/6/80



telecrítica

Rui Cádima

«Do policial» para o «Zé Gato»

Violência, crime e delinquência são os temas de maior melindre em adaptações para TV. Sabemos como psiquiatras, psicólogos, educadores e pais, de uma forma geral, se têm preocupado com as consequências que esse tipo de filmes poder ter na formação das crianças, como isso se reflecte na sua actividade lúdica e como se reflecte ainda nos próprios adolescentes e adultos. É o herói que melhor maneja a arma, ou aplica os golpes mais profundos, que de imediato provoca no espectador a identificação mais «liberta», isto é, entrega-o inconscientemente à lei do mais forte.

O *thriller*, o filme de série B, o policial, o filme negro, o género em si, continua a ser um dos preferidos dos espectadores. Recuamos a *Underworld* de Joseph von Sternberg, que é, no final do mundo, o «tronco» do policial; a *Scarface*, de Hawks (um dos mais importantes no género) e a *Pepe-le-Moko*, de Duvivier, que alguma crítica francesa pretendeu por ao lado dos dois clássicos atrás citados.

Depois desses foi a estrada aberta para Chandler, Simenon, Hammett, James Cain e muitos outros, que na literatura policial deram origem a uma série de adaptações cinematográficas. Foi a afirmação da ficção policial, o encontro com o *gangster* ao virar da esquina, a constatação de que o crime existe para além do bem e do mal e a certeza de que a única coisa a fazer nessas narrativas seria ultrapassar o inesperado e a própria morte. E se por vezes o crime não compensa, outras vezes é a mitologia que o envolve que obriga à abstração de quaisquer observações moralistas. Nesse aspecto, os clássicos são quase lendários, a sua moral não passa do «olho por olho dente por dente», o crime surge como obra de arte e o psicologismo do mais terrível criminoso como uma reacção quase natural ao mundo tentacular que o rodeia: os polícias acabam por ser os «maus» da fita...

Quanto mais cicatrizes tiver o herói, melhor. Ele deve ser inclusivo, na ficção, o construtor da teia que sufocará o seu «gang». Basta que consiga fugir com a «loira» pela porta das traseiras e tudo acabará em bem...

Os cineastas portugueses nunca estiveram muito interessados em explorar o «policial». Uma das raras obras a referir é «Os Crimes de Diogo Alves», realizado em 1911, do qual existe uma cópia na Cinemateca Nacional.

«Zé Gato» é assim um dos raros *thrillers* «made in Portugal», um «thrillerzinho» que não dá nem para assustar as criancinhas. Polícias e ladrões apresentam-se assim perante as câmaras com uma frágil memória do serial e sem nenhuma experiência que lhes tivesse advindo de uma prática produtiva neste país. E o mesmo digo da realização. Parecem-me coxos (mas não o são).

Remediam a ação. Dão saltos mortais e partem o tornozelo. São um pouco amadores, disparam com pistolas fingidas, com bisnagas de Carnaval.

Como frisou o António Assunção na conversa final, após este primeiro episódio da segunda série do «Zé Gato», intitulado «Moeida Falsa», é impossível que o trabalho dos actores seja francamente rentável, tenha uma preparação mínima, com ensaios, etc., se as condições de produção continuarem a ser as mesmas que têm sido até aqui, isto é, extremamente ridículas. Assim não há nada a fazer e a qualidade dos filmes nunca poderá estar ao nível das potencialidades dos nossos técnicos e actores.

13/6/80

20 Televisão Espectáculos

telecrítica

26/6/80



Rui Cádima

A especificidade da telenovela (2)

Concluímos hoje a publicação dos vários pontos em que Artur da Távola se referia à telenovela como género particular. Na parte final do texto faremos os comentários que nos parecem mais prementes.

Vejamos então, na continuação do que foi publicado ontem, o que ele nos diz:

5) O autor deve dispor de cerca de 80 horas para contar a história. O cinema e o teatro precisam condensar em cerca de hora e meia ou duas horas, toda a tensão da narrativa. Já a telenovela conta com 60 a 90 horas de exposição, possibilidade ilimitada, portanto, de elaboração, variedade, aprofundamento e evolução dos personagens e da trama.

6) A telenovela deve viver de capítulos de meia hora diária, pouco cansativos, forma homeopática e bastante leve de o público ir acompanhando uma trama, como que tomando as suas doses de emoção diária sempre a um nível suportável. A telenovela conta também a seu favor com a possibilidade de se ir constituindo num hábito. Esse hábito é altamente eficaz como mecanismo de lazer, para passar o tempo e para exercitar vivências e emoções guardadas no dia-a-dia em casa, ou não vividas, frustradas, mas reais. Projectando essa quota de afecçãoidade em objectos exteriores a sensação é de alívio. Também emoções de saudade ou recordações congeladas na vida matrimonial com seus impasses, frustrações e dificuldades, são projectadas fora, na ficção, aliviando, promovendo catarse e aplacando temporariamente os efeitos da frustração inerente a qualquer viver.

(Comentamos: a intenção «distrativa» pode ser a melhor, simplesmente é com estas proposições catárticas que muitas vezes se mantêm as «favelas» humanas, e o «alívio» se aliena... Ou, telenovela — o novo divã. Não o do dr. Freud, mas o do faquir, com os pregos voltados para cima. Quem se quer lá deitar? Sem mais comentários).

Em relação aos pontos aqui expostos ontem, parece-nos legítimo fazer os seguintes comentários como forma de contribuir para uma mais profunda discussão do tema «telenovela»:

A telenovela deve ser um género de produção televisiva que tenha sempre em consideração as diversas «classes sociais e culturais» ou deve, pelo contrário, dirigir-se a públicos específicos, a élites e a «classes sociais e culturais» bem demarcadas? Qualquer das vias nos parece demasiado rígida. Ao optar por um método de trabalho (que é aguardar as reacções do público para depois alterar a narrativa consoante as «estatísticas» desses desejos) qualquer produção de telenovela aposta em estar sob a dependência de uma «entidade» vaga que tão depressa pode propor o assassinato do personagem como o acto de amor. Fica a depender de um acaso, de situações aleatórias. Estou convencido que o resultado final do «Dancin' Days», por exemplo, se fica a dever mais à conjugação do sentido comercial dos próprios produtores com algumas poucas propostas dadas através de telefonemas, cartas e sondagens, do que única e exclusivamente a estes.

Assim, parece-me que mais do que depender das «estatísticas» o autor deve depender de si próprio, do seu sentido crítico e criativo. Se não for assim o autor já não será autor: será um burocrata, um empregado administrativo, e a telenovela será qualquer coisa como «sondagem para ficção nacional». Se isto for levado às últimas consequências, cedo as cadeias televisivas terão que inevitavelmente repetir os chavões, a trama e os diálogos, e então as telenovelas passarão cada vez mais a assemelhar-se umas às outras. E já não falo do facto de qualquer sondagem ser à partida um acto vicioso...

telecrítica

Rui Cádima

Uma «batida» ao «Dancin' Days»

O «Dancin' Days» está no final da contagem decrescente. Muitos telespectadores anseiam pelo momento *zero* há largas dezenas de episódios. Outros, é certo, começam a ler, possivelmente a reler, o livro que foi editado; e também as revistas. Voltarão ao princípio, ao encontro de Júlia, da sua pobre condição social e das grades da prisão, onde a telenovela se iniciou.

Com o tempo a coisa será esquecida. Ficam a simpatia de alguns personagens, as suas esperanças, as angústias de outros e os amores e desamores de quase todos.

Porém, a pairar sobre isso tudo, a «fofoca», a superior banalidade de um texto, o vazio cultural. Ao longo de 175 episódios (o último, ao que consta, vale por dois), quer dizer, ao longo de cerca de 120 horas (5 dias), aqueles que acompanharam o «Dancin' Days» tiveram oportunidade de ver algumas boas representações, numa realização industrialmente produtiva, enfim, uma produção que a RTP não pode dar aos seus telespectadores. E pouco mais. Nesse aspecto estivemos perante um trabalho que gostaríamos de ver feito aqui, por profissionais portugueses.

Sob o ponto de vista cultural e psico-sociológico conviria estudar-se (coisa que nunca foi feita, não sei bem porquê), as razões de uma aderência imediatista de largas camadas de telespectadores a esta telenovela.

As razões, porventura, serão as mesmas que levam mais de 50 por cento dos consumidores de TV a ver um jogo de futebol. Trata-se de desfrutar de uma «gozação», de um divertimento de carácter lúdico, sem tirar grande proveito disso, ou seja, o telespectador deixa-se cair na distração, «embebeda-se» de imagens, deixa-se dominar por elas, não as dominando.

Esquece então as oito horas de trabalho diário, muitas vezes mecânico e frustrante, alheia-se das melhores e das piores notícias dos *media*, interrompe a conversa lá em casa, não atende o telefone, não pensa. Deixa-se embalar.

Esse «embalo», se tem de facto como causa próxima a evidente qualidade técnico-industrial da telenovela, deriva, por outro lado, fundamentalmente, das características «popularuchas» (e não populares) do «Dancin' Days». O que é grave. Não há nada na telenovela que nos enriqueça claramente sob o ponto de vista cultural. A caracterização psicológica dos seus personagens não obedece a mais nada senão aos telefonemas e às cartas que diariamente chegam à TV Globo, vindas de um público com motivações extremamente irregulares. É por isso que neste momento em que o final desta quase «porno-chanchada» — como dizem alguns — se aproxima, conviria que cada um dos telespectadores que de uma maneira ou de outra a acompanharam, ainda que parcialmente, pense de facto naquilo que o «Dancin' Days» lhe trouxe de enriquecedor.

Por mim respondo: tive mais que fazer do que dar uma atenção contínua a uma telenovela que logo de princípio me pareceu gratuita e pouco rentável em quase todos os aspectos (salvo alguns já citados atrás).

Resta-nos esperar que a «Sinhazinha Flô» e todas as outras que virão, nos deixem mais qualquer coisa do que o simples entretenimento, por vezes «alívio» alienatório.

18. Abril/80

15/1/80

20 Televisão /Espectáculos

telecrítica

Rui Cádima «Dancin' Days» «versus» Godard

À espera do Godard, a ver o 1.º canal.

De facto, se pensarmos nas *nuances* de programação e nas reacções que o espectador médio terá perante elas, se pensarmos no que leva a carregar no botão do UHF minutos antes de começar «France Tour Détour Deux Enfants», chegaremos rapidamente à conclusão de que para além do mais, poucos serão os telespectadores que deixam o «Dancin' Days» para ver a série de Godard/Mieville. E chegaremos a essa conclusão, muito naturalmente, porque o índice de audição da telenovela é, neste País, infinitamente superior ao de séries com as características desta. Bastava a engrenagem publicitária e a promoção que a RTP faz aos seus programas para o evidenciar. Do Godard, nicles.

Se a «grã-finagem» de Copacabana nos entra em casa todos os dias a mexericar, de amores para desamores, banalizando ao longo de mais de 150 episódios o tempo dos «monstros» de que fala Godard, as crianças de «France Tour Détour» visitam-nos em plano fixo, estabelecendo com o espectador, sem demagogias, um diálogo directo a exigir uma participação que é a oposta de qualquer subterfúgio, do esquecimento das amarguras de mais um repetitivo dia de trabalho. Estamos perante dois exemplos extremos: um cultural, outro regressivo; e assim o primeiro tende a destruir o segundo. Enquanto a telenovela poderá ser *a priori* considerada como droga do quotidiano, os «andamentos» de Godard agredem o vírus, decompõem a doença. Propõem-se a isso, pelo menos. Contudo, difícil se torna reconhecê-lo sem hesitação.

As crianças de «France Tour Détour» não são já os tradicionais objectos dirigidos pelo texto escrito; pelo contrário, são elas que dirigem o seu próprio texto. As noções e os conceitos passam por falsos e então necessário se torna trocar-lhes o sentido, dar-lhes a volta completa.

O «quarto andamento» vem interrogar e explicitar a imagem que o adulto constrói em torno da educação escolar das crianças, dos seus filhos. Nada de semelhante portanto com as crianças da telenovela que para além de raramente aparecerem, quando o fazem é para desempenharem papéis de «moço de recados» a troco de bom-bons...

O confronto entre os dois projectos revela que enquanto um nos vem propor o progresso, o outro surge como uma amalgama de decadência e de falsidade, de ócio permanente, sem História, sem tempo presente. Conceitos como «verdade», «educação», «história», são em Godard o eixo imaginário sobre o qual se movem os diversos andamentos, as múltiplas dúvidas e interrogações. Com o auxílio do video, o adulto descobre a escola onde (e como) as crianças hoje aprendem a ler. Surge então a pergunta mais inesperada: «Fiz bem ou mal em mandar o meu filho para a escola?». «Qual a relação que a escola mantém com o exterior?». Para a frente virá o trabalho e a vida que a escola não ensina, e a quase certeza de que o ensino impressiona tanto ou mais que a televisão. É o alastrar dos sintomas de intoxicação, mas é também um alerta: a escola e a televisão continuam a formar os «monstros» de Godard.

telecrítica

25/6/80
Rui Cádima

A especificidade da telenovela

Vamos aproveitar o início da «Sinhazinha Flô» para desenvolvemos nesta coluna um trabalho mais aturado de análise do fenômeno «telenovela». Pelo que sabemos sobre esta nova telenovela (poucas mais informações temos para além daquelas que vieram publicadas na Imprensa), iremos ter ao longo de 80 episódios uma «novela de época», passada nos finais do século XIX, num período «efervescente», com o processo de libertação dos escravos e a lei da eleição directa que abre as portas à implantação da República.

Portanto, ao contrário do «Dancin' Days», uma telenovela de características sociais bem delineadas, com referências históricas exactas (e esperemos), não demagógicas. Bom sinal. No texto de hoje gostaríamos de sintetizar uma série de conclusões que Artur da Távola (o conhecido crítico de TV do jornal «O Globo») publicou há relativamente pouco tempo, nas quais define a telenovela como um «gênero particular». Ele afirma nomeadamente que o autor não pode desconhecer nem alheiar-se do universo do mercado a que se destina: «O autor tem que levar em conta as variáveis próprias do meio para o qual escreve.»

As conclusões de Artur da Távola poder-nos-ão servir para a partir das melhor entrarmos nesse mundo complexo, mais «burorata» que criativo, o mundo das telenovelas. Directamente da pátria-mãe da telenovela ainda «fresquinhas» ai estão as conclusões, por enquanto sem comentários:

1) O autor deve chegar a classes sociais e culturais diferentes (os níveis culturais nem sempre correspondem aos sociais). Muita classe económica A é B cultural...

2) Deve ter a favor esse facto inédito na história da criação dramática: ir contando com a resposta do público à medida que vai criando a obra. Com as modernas pesquisas, qualquer autor pode ir sentindo como o público vai reagindo às situações, aos personagens, aos rumos da história, etc. Ele produz a obra enquanto a vê sendo exibida, podendo pois medir, julgar, sentir resultados, corrigir rumos, etc.

3) Deve contar com esse outro facto inédito na história da criação dramática: os personagens vão evoluindo ao longo da obra; são seis meses de duração que podem conter um vasto período de tempo («O Casarão» — até hoje a novela que melhor usou o tempo telenovelistico — no-lo provou). Dentro dessa realidade temporal, própria, os actores não repetem a mesma cena todos os dias, como no teatro, nem estão definitivamente agregados à criação já feita e fixada na película, como no cinema. Eles podem ir aos poucos aprofundando a vivência dos personagens.

4) Deve contar com mais esse terceiro facto inédito na história da criação dramática: poder ir adequando a escrita em função do desempenho observado nos actores e até modificando a linha inicial de certos personagens em função da nova dimensão a eles dada por actores criativos. Estes, conforme a actuação, começam a ser co-autores da obra. Tal realimentação de dados só é possível na telenovela, uma vez que nenhum outro meio de comunicação pode oferecê-las. As vantagens dos demais meios são outras.

Num próximo texto faremos os comentários e daremos as restantes conclusões.

20/6/80

telecrítica

Rui Cádima

Arbitragens e arbitrariedades

Sempre em cima da jogada é como se poderá definir a arbitragem de António Garrido no Itália-Bélgica. Jogo difícil de dirigir, como é do conhecimento do público, tanto mais por ser um português a fazê-lo (como a equipa belga eliminou a portuguesa, as complicações advindas de uma arbitragem menos boa avolumar-se-iam ainda mais...), e também porque a própria tensão nervosa existente entre os jogadores era sintomática de um encontro quase «final», pois a partir dele se apuraria a equipa a poder estar presente na final do Campeonato Europeu, frente à República Federal Alemã.

Não muito em cima da jogada esteve Nuno Brás, a assinalar «foras-de-jogo» quando não o eram e o contrário quando de facto o era. Um mau «árbitro» e, consequentemente, um locutor-comentarista pouco atento, de algum modo também viado nas lides radiofônicas.

Garrido, conseguiu ser contudo ainda mais rápido que a própria realização televisiva. Houve inclusive «cartões amarelos» mostrados aos belgas que nós não conseguimos sequer ver. E aí quem nos valeu foi o Nuno Brás...

A reportagem televisiva feita no estádio olímpico de Roma não foi tão perfeita como as que nos costumam chegar da Inglaterra e também da Alemanha Federal. Isto não aconteceu só no Itália-Bélgica, mas também nos outros jogos a que até aqui temos assistido. As transmissões da RAI não estão de facto ao nível do que se faz de melhor na Europa.

Onde se fala de um exorcista...

Depois do futebol e do Telejornal, o locutor de serviço iniciou o suplemento especial, sobre a apresentação da candidatura de Soares Carneiro, o general desconhecido. Afinal tudo aquilo que havia sido dito sobre a distância que o demarcava do 25 de Abril era tudo mentira... Soares Carneiro veio afirmar peremptoriamente que estava com esperança nas promessas do 25 de Abril, promessas de liberdade e de justiça. Pode mos desabafar à vontade: afinal o general desconhecido não é um militar do 24 de Abril. Ele até tratou com uma certa deferência os «moços» do 25...

De qualquer modo ficámos perplexos e intrigados. O general referiu-se a que «Portugal e os portugueses vivem com o desejo de mudança». Como o termo já é património da «AD», gostaria de saber se daí se pode depreender que o general quer «virar» a própria «AD»...

Outras perplexidades: O que é isso de fronteiras da democracia? Um jornalista perguntou se um determinado partido estava dentro ou estava fora... E os outros? Para a clandestinidade já sabemos que Soares Carneiro não os enviaria... Então para onde? E o que é isso de comportamentos democráticos e comportamentos antidemocráticos? Será que Soares Carneiro vai entretanto editar os «Estatutos da Democracia»? (e todos aqueles que não os aceitem serão agentes de Moscovo e do Diabo?).

Que os exorcistas ainda existem, provou-nos o «Tal e Qual» de sábado passado. Quanto ao resto... Bom, perguntar não ofende, não é?

E já nem quero falar nesse aborto político e democrático que é a «Nota Interna» da Direcção de Informação da RTP sobre o tempo de antena concedido às candidaturas à Presidência da República. Com que então há candidatos com direito a 30 minutos e outros com direito só a 10 minutos? Desculpem a ignorância do crítico...



20 Televisão / Espectáculos

21/6/80

telecrítica

Rui Cádima

E o Homem criou a imagem...

«Encyclopédia de Bolso» surgiu-nos na passada emissão de quinta-feira preocupada com as imagens e a consequente evocação do ausente; e também com as nossas imagens fotográficas e ilustradas.

Primeiro, uma abordagem da fotografia, a fixação do presente e a sua história — da câmara escura (que remonta a tempos mais antigos do que os de Leonardo da Vinci, como é exemplo o Egípto faraónico (347 a.C.), a ciência árabe do século IX, através do astrónomo Al Hazen (965-1038) e ainda Niepce e Daguerre (com eles surgem a placa fotográfica e os primeiros instantâneos), até aos processos de revelação e ampliação mais recentes. Luis de Pina falaria depois da «crítica de cinema», do seu modo de ver os filmes. Lima de Freitas acabaria por se referir à ilustração de um texto como se fosse algo de parecido com a realização de um filme.

Em todos estes aspectos há uma constante implícita que não foi explorada: a ontologia da imagem, a forma como o homem encontrou a necessidade e o desejo de se «passar para o outro lado», através da reprodução gráfica, desde os tempos mais antigos do paleolítico até aos nossos dias.

De facto tudo começou nas cavernas, os exemplos, como todos sabemos, são inesgotáveis. A pré-história da imagem (e também do cinema), como já alguém disse, perde-se na noite dos tempos e dos mitos.

André Bazin afirmava no seu excelente texto *Ontologia da Imagem Fotográfica*: «Uma psicanálise das artes plásticas poderia considerar a prática do embalsamamento como um facto fundamental da sua génese. Na origem da pintura e da escultura encontrar-se-ia o «complexo» da múmia. A religião egípcia, polarizada na sua luta contra a morte, fazia depender a sobrevivência da perenidade material do corpo com o que satisfazia uma necessidade fundamental da psicologia humana: escapar à inexorabilidade do tempo. A morte não é mais que a vitória do tempo. E fixar artificialmente as aparições carnais do ser, significa sacá-lo à corrente do tempo e amarrá-lo para sempre à vida (...).»

Joaquim Barradas de Carvalho: até sempre!

Ficámos à espera que o Telejornal nos falasse desse grande português, grande intelectual, grande resistente, que agora nos deixou de uma companhia quase diária na Faculdade de Letras de Lisboa, onde foi nosso professor.

Falta indesculpável, portanto, no serviço informativo das 20 horas. Poder-se-á pensar que se tratou de censura política, consciente ou inconsciente, ou de pura ignorância perante uma das mais prestigiadas figuras dos meios intelectuais portugueses.

Nada poderia ser mais elucidativo daquilo que é, por vezes, vergonhosa política informativa ao «assalto» dos nossos receptores.

24/6/80



telecrítica

Rui Cádima

«Que o jornalista seja o novo escritor...»

A rubrica «Sumário» apareceu agora integrada juntamente com «Pontos nos ii» num novo espaço televisivo de domingo à tarde: «7/Magazine».

Nenhuma alteração particular a assinalar nos programas que o constituem, mas um novo «pivot» a coordenar a apresentação do programa — Luís Pereira de Sousa, que agora nos parece surgir na sua melhor forma, um pouco como peixe na água, podendo utilizar à vontade a sua boa disposição e o seu espírito humorístico...

Depois de «Cobras e Lagartos» — a pequena reportagem sobre o *record* humano em «aquário» de cobras venenosas — veio o «Sumário». E sinceramente deu-nos vontade de rir. Abriu o pequeno bloco informativo uma referência às manifestações de sábado à tarde, convocadas pelos sindicatos afectos ao Partido Comunista, pela demissão do Governo Sá Carneiro. Até aqui nada de estranho. Agora se considerarmos que na noite de sábado o Telejornal abriu com Carter e a Cimeira de Veneza e o encontro com o Papa, prosseguiu depois com a conferência na Suíça sobre o Afeganistão, a chegada de Mário Soares da Roménia, o conflito na TAP e só depois a reportagem de Pedro de Oliveira sobre as manifestações, que concluir? Com certeza, que a Direcção de Informação «permitiu» uma determinada informação às 15 horas de domingo e não permitiu informação semelhante às 20.30 de sábado. Não será assim? Nós não vemos outra hipótese.

Ainda no novo «Magazine», mas agora nos «Pontos nos ii», a presença de João Alves da Costa, convidado, ao que supomos, pela publicação do seu último livro «Bruxas à Portuguesa».

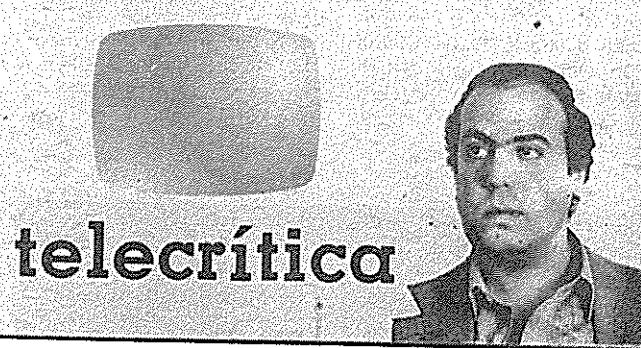
João Alves da Costa é de facto um jovem jornalista irreverente com uma obra publicada. Recordamos «As Diaburas do Menino Hamlet» e mais recentemente livros como «Violentar ou Recuperar Menores em Portugal» e «Droga e Prostituição em Portugal», que constituíram êxitos editoriais. Filho de Aurélio Márcio, redactor de «A Bola», João Alves da Costa entrou ainda muito novo para o corpo redactorial do «Diário Popular» e pertence agora à Redacção de «A Bola». Amante de um «novo jornalismo» que faça confluir para as reportagens a própria ficção literária (um pouco à maneira de Frederic Forsyth), o entrevistado disse-se ainda defensor do «derrube» do romance pelo jornalismo: «Que o jornalista seja o novo escritor», foi a frase mais bonita da emissão de domingo.

O «Europeu» chegou ao fim

O Campeonato Europeu de Futebol chegou ao fim. Pouco, haverá a dizer, para além dos comentários técnicos habituais nas páginas do «Desporto». O nosso anterior adversário nas «poules» eliminatórias para a fase final não nos pareceu ter sido um finalista ideal, isto para além do facto de os belgas terem criado situações de perigo na segunda metade do jogo (que, aliás, não foram proporcionais, digamos assim, ao índice técnico global do seu futebol).

A reportagem televisiva foi francamente monótona. Raramente tivemos um grande plano «à infleia» com o «drible» fatal, a jogada de cabeça ou o remate final. Enfim, uns excelentes 20 minutos finais, muito provavelmente os melhores de todo o Campeonato. Resta-nos o prémio de consolação: fomos elimi-

25/6/80



telecrítica

Rui Cádima

Água na fervura

A «programação de Verão» foi pretexto para Carlos Cruz — o director de Programas da RTP — nos falar de algumas questões que têm sido levantadas «do lado de cá» (dos telespectadores e da crítica) e ainda de outras, inerentes à própria mecânica interna da televisão que temos.

Começou Carlos Cruz por se referir a algumas críticas cerradas (problemática que tem inundado as páginas e os «espaços» dos órgãos da Comunicação nos últimos meses), críticas essas dirigidas fundamentalmente contra o que aconteceu com determinados «casos» considerados como tendo sido alvo de censura ou de boicote. Nenhum desses três «casos» apresentados foi referido em concreto, mas foi adiantado que se determinados programas não continuaram integrados em novos mapas-tipo, isso de teria ficado a dever ao facto dos seus produtores não terem renovado o contrato, ou, noutro caso, devido a motivos de doença, ou, no terceiro, devido ao facto da Direcção de Programas aguardar a apresentação de uma nova proposta. Supomos, salvo erro, que os programas em causa são os *Sheiks sem Cobertura*, a *Música e o Silêncio* e o *Tal e Qual*. Suposição um pouco «totobolística», é certo, tanto mais que o último *Tal e Qual* ainda não tinha começado quando acabou a intervenção de Carlos Cruz. Assim, dado que a referência a estes «casos» foi feita um pouco «às escondidas», sem apontar directamente aos títulos dos programas, gostaríamos de adiantar que as declarações que têm vindo a público, pelo menos as de António Vitorino de Almeida (que há umas semanas se referia no «Sete» ao facto da televisão brasileira mostrar o seu interesse pelos seus programas ao contrário do que acontecia com a RTP), e também as de Joaquim Letria (que em «A Capital» de sábado passado dizia ter de passar o «Tal e Qual» a jornal semanário porque a Televisão não tinha dado indicações «no sentido de reeditar o programa») nos levam a duvidar das boas intenções e da «clareza» da exposição do director de Programas (aliás, uma intervenção inteligente, moderada, bem urdida, escapando-se «de pantufas» à maior parte das «armadilhas» que muitas vezes são montadas pelos próprios «jogadores» desta autêntica «roleta lusitana»).

Para além disso, julgamos que uma boa parte das cartas não foram lançadas na mesa. O quase fatídico caso «Ano Camões» pareceu-nos ter ficado na gaveta. Nem sequer uma leve referência ao assunto... Não era aquela a altura ideal para Carlos Cruz aclarar, como ele gosta de fazer, todo esse grande mistério sobre o qual não foi feita ainda luz?

E até que ponto é que um director de Programas, tendo ou não consciência, estando ou não a par daquilo que se passa na Direcção de Informação, pode ou deve fazer uma intervenção de cerca de 30 minutos em que sublinha e volta a sublinhar o facto de no seu sector não haver «caça às bruxas» nem «segregação», descurando a «eventualidade» de isso mesmo acontecer na Direcção de Informação? Carlos Cruz estará no direito de responder que não tem nada a ver com isso. Não terá mesmo? Ou será que Fialho de Oliveira prepara também uma meia horinha para «clarificar» as coisas e nos dizer que, no fundo, não passa tudo de um «fogo de palha»?

27/6/80

telecrítica

30/6/80

Rui Cádima

De novo com os «retalhos» de Namora

Tal como já havíamos afirmado em relação aos «Retalhos» localizados na província (com realização de Jaime Silva), os «Retalhos» cuja narrativa se desenvolve em Lisboa (realização de Artur Ramos) têm, a nível do discurso filmico-televídeo, como principal aspecto negativo, o facto de não utilizarem de forma dinâmica (quase diria de forma tradicional) o campo-contracampo é, consequentemente, o grande-plano, na maior parte das cenas a dois e três personagens. Um segundo aspecto que julgamos ainda ressaltar à vista do telespectador médio é a deficiente preparação dos actores, de uma forma legal, em relação a um texto prévio que lhes é dado e exigido representar da melhor maneira (que, evidentemente, nem sempre é a melhor, devido às condições em que se trabalha) e também o pouco trabalho que pode ser feito no que respeita à direcção de actores, mal conjugada com a realização cinematográfica (que deveria ter atendido mais à especificidade das séries televisivas em geral).

Um bom trabalho parece-nos ter sido feito pelos vários adaptadores do texto de Namora. De Bernardo Santareno e Carlos Coutinho a Olga Gonçalves e Urbano Tavares Rodrigues, e agora Dinis Machado (nos episódios de Lisboa), todos nos pareceram ter conseguido transpor relativamente bem a ficção de Namora para uma narrativa «pré-cinematográfica». De qualquer modo penso que há um aspecto demasiado repetido nessas adaptações: as múltiplas referências aos «casos» clínicos do dia-a-dia do médico, que em grande parte dos episódios foram o «eixo» da narrativa, poderiam ter dado prioridades a adaptações, a outros aspectos da vida social, familiar e intelectual de médico, ao seu «psicologismo», à sua «filosofia da vida», aspectos em que o texto de Fernando Namora é fértil.

A polémica que entretanto surgiu em torno da opção estética da realização confrontada com o trabalho dos adaptadores e a ficção de Namora, ou seja, o saber-se se é uma estética neo-realista, realista (como preferiu o próprio Namora) ou materialista e dialéctica (como Júlio Conrado referia há dias nos seus *Instantâneos*), parece-nos ser uma discussão que não conduzirá a resultados visíveis uma vez que qualquer das vias seguidas pelos dois realizadores, não se afastando muito uma da outra, se, por um lado, foram «bem» um pouco à tradição do cinema neo-realista e ao *decor natural*, não descuraram, por outro lado, o trabalho em estúdio (ou em interiores quase naturais), mas, fundamentalmente, alinharam uma planificação algo «miserabilista», «à nossa medida», subordinada a condições de produção extremamente apertadas. Nестes circunstâncias é evidente que não se pode trabalhar numa opção estética bem definida. Não queremos ser mal intencionados se dissermos que é uma estética «sem nome». Estamos agora a começar este tipo de produções nas difíceis condições que referi e, portanto, não podemos ter ambições desmesuradas nem exigir trabalhos de grande qualidade técnica e muito menos enquadrados por rigorosos parâmetros estéticos.

De tudo o que dissemos não se deverá depreender que a adaptação televisiva dos «Retalhos da Vida de um Médico» é um trabalho mediocre ou mesmo não conseguido. Não, os «Retalhos» acabam por ser uma importante experiência neste tipo de séries televisivas feitas em Portugal e é sem dúvida alguma um dos melhores trabalhos que nesse campo se fizeram. Fundamentalmente o telespectador deverá perceber que as condições em que os profissionais de cinema e televisão trabalham neste país são extremamente penosas. E se alguém falou em «milagres» do Lumiar e da produção externa criou de facto uma imagem simbólica do que costuma suceder. As coisas às vezes fazem-se quase por «milagre»... Por tudo isto é legítimo que os «Retalhos» continuem numa segunda série. E que não sejam esquecidas entretanto outras produções neste momento bloqueadas.

telecrítica

Rui Cádima

Programação infantil

Não há nada que deva merecer mais a atenção dos responsáveis da Direcção de Programas da RTP do que a programação infantil.

Na sua última intervenção na RTP/1, Carlos Cruz referiu-se ao facto de neste mapa-tipo de Verão não ter havido grandes medidas nos programas infantis e juvenis. Foi então afirmado que no próximo mapa-tipo do Outono, a iniciar-se a 15 de Setembro, seriam apresentadas significativas alterações neste âmbito. Esperemos que sim; e que não restem dúvidas de que enquanto não for dada prioridade às crianças na programação televisiva ninguém se poderá gabar de ter desenvolvido um trabalho claramente positivo na Direcção de Programas.

«A Princesa do Nariz Comprido», pequena peça filmada em estúdio pela BBC, anunciada como parte da «programação infantil», é um exemplo concreto do que não se deve fazer ou, pelo menos, anunciar. Trata-se de um filme com todas as características próprias do conto infantil tradicional: uma princesa nariguda é desprezada pelo príncipe que ela ama; à medida que a narrativa vai prosseguindo modificam-se radicalmente as relações entre ambos até se aproximar o *happy-end* final. Mas o simples facto de ser um filme (ou melhor, uma peça) estrangeiro *não dobrada*, isto é, legendada, impede de imediato que as crianças a quem se destina consigam acompanhar o «correr» das legendas e, portanto, que vejam o filme. Digamos que só um público juvenil ou já adolescente poderá acompanhar de facto os filmes legendados.

Para além deste caso, que é meramente pontual, gostaríamos de nos referir à programação juvenil e infantil em geral. Sabemos que necessita urgentemente de ser remodelada em termos mais dinâmicos: são necessários mais programas, melhor qualidade. Sabemos das dificuldades com que os vários departamentos da RTP se debatem. Sabemos que o Departamento de Programas Infantis e Juvenis, coordenado por Maria Alberta Meneses, sempre demonstrou grande interesse em produzir muito mais e melhor do que tem conseguido até aqui. Sabemos, inclusive, de produções complicadas e extremamente onerosas que o departamento arriscou em co-produzir com a produção externa: foram as «Histórias Com Pés e Cabeça», baseadas nos textos fascinantes (mas também difíceis para os mais novos) de Manuel António Pina. Sabemos disso tudo. Agora, o que não se pode aceitar é que se fale na impossibilidade de ter uma programação infantil que respeite a criança, uma programação infantil digna desse nome.

Há que produzir esses programas. Mesmo com o pouco dinheiro que se diz que a televisão tem, julgamos que muito se poderá fazer — desde gravar peças infantis dos vários grupos que já quase proliferaram por aí até prosseguir com os programas de estúdio, como «Quadraros e Quadrinhos», «Arte e Manhas» e, inclusive, descobrir outros novos no género. Um programa sobre o qual temos algumas dúvidas no que respeita à sua aceitação é «Histórias Contadas». A sua concepção não nos parece ser a melhor. Pensamos mesmo que as crianças que estão em casa deverão bocejar (naturalmente) ainda mais do que aqueles que estão no estúdio...

Impõe-se, portanto, uma reformulação profunda na política «económica» da televisão no que respeita à programação infantil e juvenil.

telecrítica

1/7/80

Rui Cádima

O super-homem e a «american way»

É difícil fazer uma série televisiva sobre o «Super-Homem» com uma qualidade inferior à da banda desenhada que lhe deu origem. Os «bonecos» de Jerry Siegel (história) e Joe Shuster (desenhos) publicados no primeiro número da revista *Action Comics* em 1938, eram realmente de qualidade muito reduzida.

A série que agora está a passar no primeiro canal foi realizada em 1958 por Phil Ford e produzida por W. Ellsworth. Evidentemente que estes não tinham à sua disposição os mesmos meios técnicos e financeiros que Alexander Salkind, o produtor de *Superman*, pôs à disposição de Richard Donner para a realização da longa-metragem que esteve nos nossos ecrãs no ano passado. Dizia-se então que era «*Superman — o filme*»...

O episódio que vimos no domingo à tarde passava-se num imaginário país da América Latina. O «*Daily Planet*» (o jornal de Clark Kent — jornalista que encobria a figura mística do super-homem) estava presente em força: Perry White, o editor; Lois Lane, a jornalista apaixonada por Kent e, claro, Clark Kent.

A tal «american way», posta em evidência no genérico com a bandeira americana em fundo e o *Superman* em primeiro plano, é defendida neste episódio de forma um pouco capciosa. Nessa imaginária «república de bananas» o presidente Patiloo vê-se alvo de um plano golpista para o derrubar, provocado pelo vice-presidente e por um seu apaniguado. Mas, dada a presença em terras sul-americanas de Clark Kent/Super-Homem, cedo é descoberta a intentona, a bomba de relógio é «abafada» e o presidente é salvo. Novas tentativas se sucederiam sem, contudo, surtirem efeito. O Super-Homem estava lá...

Apesar da «oposição» ao presidente nos ser mostrada como «complot» antidemocrático (e nesse aspecto pretende-se salvaguardar, de facto, sob o ponto de vista ideológico, a «intervenção» americana ao lado do presidente da referida «república»), o que é importante ver é que a história política recente nos mostra uma outra realidade completamente diferente: nos anos 50 e 60, e também nos anos 70, assistimos por diversas vezes à intervenção da famigerada CIA em diversos golpes antidemocráticos, patrocinados pelos coronéis de extrema direita na América do Sul...

Logicamente, enquanto viam o episódio, intitulado significativamente, em inglês, «Divide and Conquer», pensávamos nessa identificação quase (im)perfeita, nessas «boas-acções» da política americana e no «desdobramento» do Super-Homem, agente de uma ficção (e defensor incondicional do presidente Patiloo), herói já mitológico, em personagem real, agente secreto, mercenário da agência de informações, em serviço algures na América Latina. Um «Super-Homem», ao fim e ao cabo, ao serviço da dita agência...

«Grande Encontro»

Ainda ofegante, acabadinho de chegar do Estádio Nacional, Bessa Tavares preencheu a segunda parte do «Grande Encontro» com uma reportagem sobre os campeonatos nacionais de atletismo. Ouvimos da boca dos nossos «olímpicos» algumas das razões que reivindicam na sua atitude de recusa aos «Jogos» em Moscovo. Pena foi que essas curtas entrevistas não tivessem definido tão bem como seria de esperar, talvez por culpa dos próprios atletas, as verdadeiras razões da sua ausência (que de facto não tem nada a ver com o que foi especulado nalguns órgãos da direita).

2/7/80

telecrítica

Rui Cádima

Direito de antena

Não sou grande adepto do sistema de «tempo de antena» atribuído ou concedido pela Lei da Televisão aos partidos políticos. Julgo que qualquer cadeia televisiva de carácter público tem como principal obrigação deontológica informar permanentemente o telespectador dos diferentes pontos de vista políticos e partidários que no dia-a-dia da sociedade portuguesa se fazem sentir. É evidente que qualquer que seja a Direcção de Informação da RTP que escamoteie esse princípio no regime democrático, ao fazê-lo, abre grave brecha na sua própria defesa (e na do partido ou partidos que representa), ficando de facto à mercê das «baterias» da oposição.

Temos verificado que isso tem acontecido na «Direcção» de Fialho de Oliveira. Foram apresentados números e factos pelos partidos da oposição, foram dadas algumas respostas nada convicentes por parte da AD, foram solicitados à Assembleia da República inquéritos sobre os actos de censura e de manipulação na RTP.

Esperamos que em breve venham a público as conclusões desse inquérito para que todos vejamos de facto até que ponto a AD conseguiu colocar em postos-chave da RTP, excelentes defensores da sua política, ou seja, homens que não respeitam esse código deontológico que deve presidir à direcção de qualquer orgão de comunicação do Estado.

De facto, lá diz o provérbio, mais vale prevenir que remediar...

Quem votou a Lei da Televisão, sem dúvida que estava a prevenir-se.

O que se tem passado na RTP justifica-o, sem que, contudo, se possa dali inferir da legitimidade democrática dos tempos de antena. A ética política deve prescindir deles. A informação democrática também. O que é facto é que a desconfiança na moral (ou na imoralidade) de alguns tinha a sua razão de existir...

O «direito de » do P.S.

É extremamente difícil analisar sob um ponto de vista de linguagem televisiva e política a intervenção e a propaganda dos partidos nesses períodos que lhes são consagrados. Essa análise é multímoda, necessita de documentação específica e de tempo de reflexão e discussão. Não é este exactamente o lugar dessa análise. É claro que é mais fácil a um opositor político expor as suas razões e as suas críticas (rigorosas ou descabeladas, não interessa); contudo, mesmo neste caso o alinhamento de ideias e factos não é fácil. Temos em conta um artigo publicado na última edição do «Expresso», intitulado «Mentira», que pretendia ser um «comentário» ao programa televisivo do P.S. (primeira intervenção) e que não foi senão uma pasta de palavras mal amassadas, sem qualquer comentário ao fundo ou à forma do programa (e esse era um comentário de oposição). Mais difícil nos parece ser a leitura do comentador que não é oposição (a nossa). Se a primeira intervenção do P.S. nos pareceu abusar dos dotes «mímicos» dos seus militantes e simpatizantes, o segundo programa pareceu-nos ter como principal defeito a rápida leitura do texto off (numa tentativa, compreensível, de dizer muitas coisas em poucos minutos). Pareceram-nos boas as referências às comemorações do 10 de Junho, assim como à subida do custo de vida, embora haja aspectos algo gratuitos (a abordagem da problemática da delinquência juvenil). Por outro lado há que dar coesão a cada um dos aspectos focados para que o programa se torne mais escorreito na sua globalidade.

3/7/80

telecrítica

Rui Cádima

Condição Mulher

Engels mostrava como a substituição das sociedades matriarcais primitivas pela sociedade patriarcal foi como que uma necessidade para o desenvolvimento e a preservação da propriedade privada. (As feministas referem-se muitas vezes ao texto de Engels «A origem da família, da propriedade privada e do Estado» como obra fundamental para a compreensão dessas mutações sociais e familiares e para a luta pela «reabilitação da mulher»).

É interessante notar que o processo de «libertação da mulher» nos países de Leste, desde a Revolução Russa de 1917 até aos tempos mais recentes, tem sofrido as mais diversas alterações e, de uma forma geral, nunca se verificaram na prática as meras intenções emanadas das cúpulas por decreto.

Se alguém poderia ter dúvidas sobre o processo de igualização da mulher ao homem nos países de orientação estalinista deve perdê-las de imediato. Por exemplo, na URSS, em 1920, o aborto tornou-se legal por meio de um decreto que visava não só «proteger a saúde da mulher» como também ajudar as famílias que se encontravam em dificuldades económicas. Acontece que em 1936, com Estaline dono e senhor do comité central do PC, é proibido o aborto e só em 1955 volta a ser legalizado, ainda que com restrições. Nos restantes países de Leste a legalização do aborto tem tido também uma série de limitações, assim como outro tipo de questões relacionadas com a «libertação da mulher», como é o caso da legislação do trabalho que lhes atribui determinadas funções laborais específicas nas culturas não mecanizadas, na indústria ligeira, sendo a média de salários substancialmente mais baixa que a dos homens.

Nessas sociedades ditas «a caminho do socialismo» verificam-se portanto situações idênticas às dos países desenvolvidos do Ocidente.

Parece-nos, inclusive, que a aposta numa autêntica (ou pelo menos mais decidida) libertação da mulher é mais viável nos países europeus de forte implantação de correntes, que se reivindicam do socialismo democrático, que em quaisquer outros.

De qualquer modo, após muitos anos de congressos, de criação de movimentos, de propaganda feminista, de decretos-lei e de princípios de igualdade entre homens e mulheres inscritos nas mais diversas Constituições, a conclusão a tirar é ainda pouco favorável à própria condição feminina. Se uma mulher é doméstica, é frequente ouvir o marido dizer que ela «não faz nada»... Há que mudar portanto, radicalmente, estruturas e mentalidades. Há que aceitar o primado da cultura sobre o social, o económico e o político. Só assim se chegará lá mais depressa. E o atraso já é enorme.

«Condição Mulher», o programa da Comissão da Condição Feminina que vimos na terça-feira, com texto e guião de Maria João Aguiar, não sendo o programa ideal (ou a série que seria ideal), não deixou contudo de ter a sua importância: ainda que o quotidiano que nos foi mostrado fosse o de mulheres médio e pequeno-burguesas, com um agregado familiar que vive sem grandes dificuldades, o programa acabou por chamar a atenção para o problema da duplação do trabalho feminino e ainda para o trabalho doméstico, que chega a atingir em grande parte das mulheres mais de doze horas de trabalho diário.

«Condição Mulher» necessita contudo de diversificar profundamente, sem uaisquer pruridos conservadores, os estratos sociais, para que assim possamos compreender até que ponto é que a libertação da mulher está dependente de uma nova consciência moral e intelectual e ainda das lutas por melhores condições de vida.

20 Televisão

4/7/80

telecrítica

Rui Cádima

Vincente Minnelli

A genialidade de Minnelli não está no estudo aturado de uma enunciação e de um discurso filmico nem sequer está ligada a uma memória do Cinema tão requerida por outros cineastas como, por exemplo, Orson Welles, de quem falámos aqui ainda há bem pouco tempo a propósito de «O Estrangeiro».

Minnelli nunca foi o que se poderá considerar um «rato de cinemateca». Foi quase sempre um autodidacta, e como cineasta empenhou-se profundamente em vaguear por narrativas oníricas, surreais e mesmo barrocas. Georges Sadoul achava que nos seus filmes menos famosos ele se aproximava mais do «rococó» hollywoodiano, estilo 1935, do que do «barroco». Os seus filmes mais conhecidos são contudo musicais. Aliás, foram essas obras que lhe vieram a dar uma grande projecção como realizador, embora as suas obras-primas não sejam só do género musical.

Minnelli nasceu em 1913, em Chicago, numa família de actores e bailarinos. Aos 3 anos faz já parte da «troupe» da família: a «Minnelli Brothers Dramatic Tent Show». Mais tarde estuda pintura e decoração e faz também fotografia. Aos 17 anos é contratado como decorador e figurinista para o grupo teatral «Balabem and Katz». Então, de 1930 a 1939, será decorador e encenador de numerosos espectáculos da Broadway. É um período em que ele confessa, apesar de tudo, gostar mais de Jean Cocteau e Max Ophuls do que do Cinema de Hollywood.

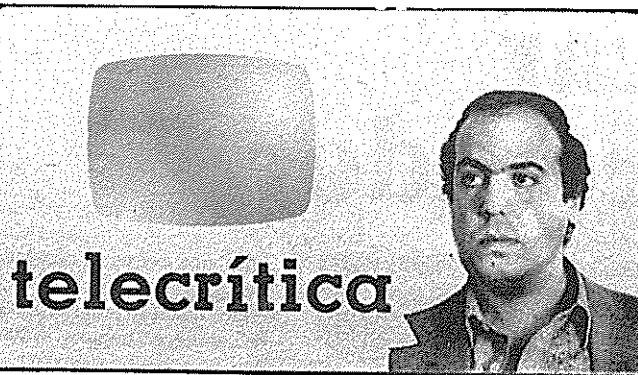
Em 37 dirige, no Winter Garden, um «Ziegfeld Follies» e colabora com Georges Balanchine no «primeiro bailado surrealista» com Josephine Baker (houve alguém que se chegou a referir, inclusive, a sequências dançadas por Fred Astair e Lucille Ball em «Yolanda» como cenas autenticamente surrealistas...).

Louis B. Mayer (o director da M.G.M.) interessa-se, entretanto, pelo trabalho de Minnelli, possibilitando-lhe um ano de «estágio» nos seus estúdios. Vincente Minnelli referia-se assim a este período: «Arthur Freed disse-me para trabalhar com todos os produtores, ler todas as histórias, assistir às montagens dos filmes; em duas palavras, de me sentir completamente livre. Comia à mesa dos escritores e ai encontrava amigos de Nova Iorque, como Lilian Hellman, Dorothy Parker, S.J. Perelman. Foi o mais belo ano da minha vida.» Em 1942 Minnelli realiza o seu primeiro filme — «Cabin in the sky», comédia musical representada por negros; a partir dai e de «Meet me in St. Louis» (este com Judy Garland, que viria a ser sua mulher), Minnelli tinha garantida uma carreira de sucesso.

«Reluctant Debutant» («A Estreante Endiabradada», de 58), que passou na quarta-feira, não é de facto das suas obras mais conhecidas nem pertence ao período em que Minnelli realizou os seus grandes filmes. Trata-se de uma comédia que ainda se vê com bastante agrado, com Rex Harrison no papel «instável» do pai, entre uma madrasta confundida e casamenteira, e a filha debutante, chegada dos Estados Unidos e logo apaixonada por um baterista, inicialmente pobre e com fama de «gigolo», mas que acaba por ser um «excelente rapaz» abrasionado e tudo...

Um belo filme, o do serão de quarta-feira. Vincente Minnelli não esteve representado da melhor maneira, mas «A Estreante Endiabradada» veio demonstrar que Minnelli até nos seus filmes «menores» se afirmou como mestre.

2/7/80



telecrítica

Rui Cádima

Godard polémico

«France Tour Detour Deux Enfants» aproxima-se do fim. Ao longo de algumas semanas fomos dando aqui as nossas opiniões mais «immediatas», aquelas que nos pareceram passíveis de contribuir para uma melhor compreensão da série em si e dos pressupostos ideológicos e semióticos de Jean-Luc Godard.

Entretanto, em França, onde a série passou quase ao mesmo tempo, as polémicas «estalavam». Opiniões a favor e contra foram aparecendo nas páginas dos jornais e das revistas especializadas.

Entendendo algumas dessas opiniões como uma nova contribuição para o leitor especular sobre o *texto* de Godard (que, não temos dúvidas, se apresenta com pretensões nitidamente vanguardistas), gostaria de aqui deixar uma súmula de parágrafos extraídos de dois artigos publicados na «Revue du Cinema» (número de Junho deste ano), assinados respectivamente por Raymond Lefèvre (a favor) e Marcel Martin (contra).

Lefèvre não se afasta muito, aliás, de algo do que aqui já afirmámos: «Os monstros. Os adultos. De imediato vistos como átomos da sociedade, no anonimato mais perfeito. São os condicionados, os alienados, os manipulados, os imatriculados. Estão seguros da sua cultura e da sua tecnologia. Olhos e ouvidos tapados. Contam-se com a sua pequena felicidade e deixam-se tomar pelo capital, pelo conforto, televisão, segurança, salário, poder, ideologias.»

Marcel Martin, que tem traduzida em português a sua «Lingüagem Cinematográfica», pontua assim a sua opinião: «'E triste ver Godard continuar a atolar-se numa ideologia nebulosa em que a mistificação se situa entre o «poujadisme» e a nova direita.

Assim, em *France Tour Detour* as pessoas são denominadas de «monstros» e é dito no comentário (cito de memória) que «eles inventaram as máquinas que lhes ditam ordens», enquanto vemos um operário a trabalhar. Quem são os proprietários dessas máquinas, perguntaria Brecht, onde estão eles no filme? Esta questão não é posta. Há neste texto sobre os «monstros» um desprezo espetacular para com grande parte dos nossos concidadãos.

O filósofo Jacques Rancière constata: «'E preciso aceitar a provocação de Godard e encontrar os meios de a ultrapassar. Porque por detrás da aparência de um regresso ao positivo (...) há um aristocratismo um pouco suicida». A vontade recentemente proclamada, do realizador «trabalhar em ligação com as massas» e para elas, traduz-se de facto em filmes concebidos longe delas e sem elas e que elas não vêem, se tivermos em atenção a audiência restrita desses filmes, pasto de intelectuais. Mas se a mensagem não toca aqueles a quem se dirige, não é porque se situe num universo paralelo, num campo de perguntas e respostas que não são aquelas que se podem nem que as «massas» esperam (...). A provocação de Godard interessa-me mas parece-me comprometida num impasse no que diz respeito ao seu impacto social. Falando recentemente da sua série ele dizia-se «espantado por ela não ter sido recebida como um trabalho honesto e por se ter procurado a provocação onde ela não existia...». Habitado a meter no mesmo saco «o cu, o dinheiro e a política», Godard não pode evitar que os seus trabalhos sejam lidos *politicamente* e de maneira negativa.»



telecrítica

Rui Cádima

Património e parcimónia

«Património o que é» é uma nova série da RTP produzida em colaboração com a Secretaria de Estado da Cultura, emitida aos sábados pôr volta das 21 horas. Trata-se de uma série de 25 episódios que pretende atender aos objectivos da Campanha Nacional para a Defesa do Património, objectivos esses expostos nas conclusões do I Encontro Nacional de Associações de Defesa do Património Cultural e Natural, realizado em Janeiro na cidade de Santarém.

Entre esses objectivos está a «desmistificação da ideia de que o Património é apenas o grande monumento, a igreja ou o castelo» e chamar a atenção do público em geral para o facto dos ores patrimoniais estarem também na própria paisagem natural e urbana, nas lendas, no teatro popular, em tudo o que é objecto de levantamentos etnográficos e arqueológicos, na defesa do ambiente e da qualidade da vida e, principalmente, no que se refere à contínua degradação desse mesmo Património Nacional e às alternativas para a sua defesa e recuperação. Não se poderá dizer, portanto, que a intenção que presidiu à produção da série fuja aos princípios básicos de uma verdadeira política cultural para o sector. Também no que se refere aos colaboradores escolhidos para a elaboração do texto dos episódios parece-nos que a escolha foi bem feita, ou, pelo menos, dela fazem parte personalidades de méritos reconhecidos nesse âmbito. Quanto à realização da série, atribuída a Bento Pinto da França (e sem que tenhamos qualquer espécie de ânimosidade em relação às suas capacidades profissionais) gostaríamos de saber se a melhor «política» a seguir seria de facto aquela que acabou por vingar. Explicamos: Pinto da França é um realizador da RTP que tem estado nos últimos anos no Brasil a trabalhar também em televisão. Neste momento encontra-se de férias em Portugal. Ora, sabendo o público em geral as dificuldades que os profissionais de cinema e televisão enfrentam actualmente (com grande percentagem de desemprego no sector) somos levados a concluir que a atribuição de 25 episódios a um único realizador (ainda por cima «em férias»), por parte dos responsáveis pela série, é uma atitude menos digna, uma atitude que inclusive demonstra uma soberba indiferença para com os profissionais desempregados.

Ainda no plano contratual de «Património o que é» haverá que referir o facto de o realizador ter sido *convidado* a fazer a série. Parece-nos que as instituições públicas e os departamentos governamentais terão que repensar a forma como atribuir este tipo de trabalhos aos profissionais de cinema e televisão. Não se tratando da aceitação de propostas individuais ou colectivas, parece-nos que a melhor forma será a de remeter os projectos a concurso público; em último caso poder-se-ia ter distribuído os 25 episódios por um número mais alargado de realizadores (ou mesmo de produtores). Pensamos que só assim todos poderão estar a trabalhar para uma verdadeira defesa do Património Nacional. Isto pela simples razão de que antes do Património vieram os Artistas que o ergueram. Há que defendê-los também. E nesse sentido parece-nos que a CNDP foi a ra a cometer um pequeno-grave atentado contra o nosso Património Nacional.

telecrítica

3/4/80

Rui Cádima

Brel: oiro da Flandres

Quem viu o «Prata da Casa» no passado domingo perdeu um belo filme sobre esse «monstro» da canção que foi Jacques Brel. É sobre Brel e o filme, realizado para a TFI por Catherine Dupuis, que vamos falar.

Brel considerava o ofício de cantar como um ofício artesanal: «Não me considero nem poeta nem músico, faço apenas canções. Ataco o que me entristece, o que me impede de atingir a felicidade e falo muitas vezes de coisas feias e desagradáveis, das quais ninguém tem coragem de falar.»

Morre com 49 anos, em 9 de Outubro de 1978. Ele começa a cantar no «La Rose Noir», em Bruxelas, depois de ter passado por um colégio de jesuítas e de ter trabalhado na fábrica de embalagens do pai. A primeira gravação data de 53, ano em que irá para Paris, deixando em Bruxelas a mulher e quatro filhas.

O seu talento demorou a ser reconhecido no showbiz de Paris; ele começa por cantar nos bares, vive num quarto, e só nos finais dos anos 50, com a actuação no Bobino, vê consagrada a genialidade do seu trabalho perseverante. Para trás estava «Le Diable»; era o tempo de «Quand on n'a que l'amour». Iniciará então uma série de toureés pelo Mundo inteiro (incluindo o Carnegie Hall, de Nova Iorque). A energia positiva («energia suicida», como a dos pilotos de automóveis, dizia a sua filha mais nova) de Jacques Brel, conquistava o mundo.

As suas canções eram vistas já como verdadeiros poemas. A palavra tinha adquirido cor e, como dizia o próprio Brel, o espectáculo passava a ser como que uma corrida de touros, onde se não matava, mas se amava, que era quase a mesma coisa... Nas canções exprimia a sua revolta, a sua raiva contra o mundo burguês e conformista, sempre com uma temática ora existencial ora social, («Les Bourgeois», «Les Bigotes») ou ainda rendendo homenagem ao seu país natal («Bruxelles», «Les Plats Pays», «Les Flamandes»). Acabaria por compor ao longo da sua vida cerca de 400 canções.

Montará, mais tarde, uma comédia musical: «O homem da Mancha», escrita também por ele. Brassens diria que «Brel touxe à canção essa espécie de qualidade de gigante de expressão. Trouxe um modo de lutar contra os moinhos (...) Era um verdadeiro D. Quixote. Era-o na vida, e sempre que não tinha obstáculos inventava-os». Gostava dos homens que diziam «isto dói-me»... «Deus são os homens, é preciso dizer-lhes. Gosto dos homens que sofrém pelos outros. É neles que está a sensibilidade e a ternura». Por outro lado, Brel vivia permanentemente obcecado pela aventura, pela partida física numa luta quase consciente (e perfeitamente consciente a partir de 74) contra a morte. «É preciso sermos loucos, é preciso destruir a rotina», dizia.

Para além da sua actividade como cantor e compositor foi também actor e realizador de Cinema. Participou como actor, nomeadamente, em «Les Risques du Métier» (67), de André Cayatte, «Les Assassins de L'Ordre» (70), de Marcel Carné, «L'Aventure C'est L'Aventure» (73), de Claude Lelouch e «L'Emmerdeur» (73), de Edouard Molinaro.

Realizou «Franz» (71) e «Far West» (73), este o filme que representou a Bélgica no Festival de Cannes desse ano. Brel, contudo, nunca atingiria no Cinema, quer como actor ou como realizador, o nível poético e melódico das suas canções. A partir de 73 abandona, inclusive, toda a actividade artística. Passará a compor, sempre perto da Natureza, e pretende gravar de 18 em 18 meses. Em 74, quando parte para uma volta ao Mundo no seu barco, tem ainda tempo de participar num documentário feito por um canadiano: «Jacques Brel is alive and well living in Paris». Entre Paris e as ilhas Marquesas, Brel é já o mito (e simultaneamente o homem do povo), é um «mundo de generosidade» à espera da morte, recusando-se a «fazer de palhaço de circo para alegrar o deserto». O filme de Catherine Dupuis fala-nos de tudo isto e de muito mais sem contudo ter atingido uma linguagem poética (ou não), mas que tivesse de algum modo homenageado com génio o trabalho de um cantor que o futuro ainda nos dará a descobrir.

20 Televisão Espectáculos

9/7/80

telecrítica

Rui Cádima

Publicidade e TV (1)

«Arte e Comunicação» é uma nova colecção das Edições 70, na qual foi agora publicado *Modos de Ver* (*Ways of Seeing*, no original da Penguin Books, ed. de 1972). Trata-se de um livro elaborado a partir de uma série de televisão, com o mesmo título, que a BBC produziu nos princípios dos anos 70.

Um dos capítulos do livro aborda o tema «Publicidade». Nesta coluna ainda não nos referimos a essa problemática tão discutida ao nível do *marketing* das sociedades industriais. Para abrirmos as portas a esse tema tão polémico, achámos dever introduzir aqui algumas das conclusões a que John Berger e a sua equipa chegaram. Nos próximos dias prosseguiremos com o tema, tentando sistematizar ideias que nos conduzam a dispor dos «apetrechos» básicos para uma mais profunda análise do fenómeno.

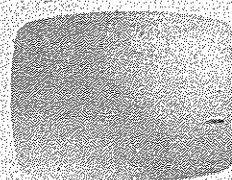
Vejamos então o que John Berger nos diz: «Nas cidades em que vivemos, todos os dias vemos centenas de imagens publicitárias. Nenhum outro tipo de imagem nos aparece com tanta frequência. Nunca houve uma forma de sociedade na História em que se desse uma tal confrontação de imagens, uma tal densidade de mensagens visuais.

Podemos fixar ou esquecer essas mensagens, mas captamo-las rapidamente e elas estimulam, ainda que por instantes, a nossa imaginação, quer através da memória quer através da esperança. A imagem publicitária pertence ao momento que passa. Vêmo-la quando passamos uma página, quando viramos uma esquina, quando um carro passa por nós. Ou vêmo-la na televisão, enquanto esperamos que acabe a pausa publicitária. As imagens publicitárias também pertencem ao instante que passa no sentido em que necessitam ser constantemente renovadas e actualizadas. No entanto, elas nunca se referem ao presente. Referem-se muitas vezes ao passado e falam sempre de futuro.

Habitualmente somos *nós* que passamos pela imagem — a pé, de automóvel, passando a página; no *écran* de televisão, porém, é um pouco diferente mas, mesmo neste caso, somos *nós*, em teoria, os agentes activos — podemos não olhar, baixar o som, ir fazer café. Todavia, e apesar disso, tem-se a impressão de que as imagens publicitárias estão constantemente a passar por nós, como comboios a caminho de um terminus distante. Somos estáticos; elas são dinâmicas — até que se deita fora o jornal, o programa de televisão muda, ou o cartaz é arrancado.

A publicidade é normalmente explicada e justificada como um meio de competição que, em última análise, beneficia o público (o consumidor) e os fabricantes mais competentes — e, portanto, a economia nacional. E está intimamente ligada a algumas ideias sobre liberdade: liberdade de escolha do comprador, liberdade de iniciativa do fabricante. Os grandes painéis e os anúncios luminosos das cidades dos países capitalistas são os sinais imediatamente visíveis do «Mundo Livre».

É verdade que, em publicidade, um tipo de fabrico, uma marca, competem com outros, mas não é menos verdade que qualquer imagem publicitária confirma e reforça todas as outras. A publicidade não é meramente conjunto de mensagens concorrentes; é em si própria uma linguagem constantemente utilizada para fazer uma mesma proposta geral. Propõe a cada um de nós que se transforme, que modifique a sua vida pela compra de mais qualquer coisa. Essa coisa mais irá tornar-nos — segundo proposta — mais ricos, embora tenhamos menos dinheiro por tê-lo gasto ao comprá-la...»



telecrítica

Rui Cádima

Publicidade e TV(2)

Marshall McLuhan era da opinião (não sei se ainda é) de que os anúncios mostraram ser uma «forma de entretenimento comunitário autodestrutiva». Essa autodestruição terá a ver de algum modo com o «enganarmo-nos a nós próprios», com o «acreditar que o detergente tal lava mais branco que o outro», ou, inclusive, com o «a publicidade é uma farsa» e «a propaganda é demagógica».

Condicionado na sociedade de consumo por imensos factores, o consumidor passivo (que normalmente pertence a altos níveis culturais) é facilmente convencido através da publicidade mais desenfreada de que a cerveja *x* é mais «fina» do que a cerveja *y*, ou de que, de um modo geral, a pessoa se transforma, será diferente, se em vez de consumir *A*, consumir *B*.

«O estado de ser invejado e o que constitui a fascinação é a publicidade é o processo de fabricar fascínio». E de que modo é que o fascínio que o filme publicitário exerce sobre o telespectador pode ser decisivo para uma opção definitiva, de escolha, por exemplo, de um par de calças? Se nos referirmos a anúncios que passam neste momento na RTP verificamos que uma marca estrangeira como a *Lois*, publicitada em termos de «grande produção», e apoiada numa linguagem televisiva que utiliza os mais recentes avanços da técnica e uma imaginação fora do vulgar, comparada com uma marca portuguesa, fabricada pela Maconde, e publicitada em termos muito pobrezinhos, é imediatamente preferida e o consumidor só em casos muito excepcionais, como no caso de haver uma acentuada diferença de preço ou de qualidade (ou também de corte) é que se voltará para as calças «fabricadas em Portugal».

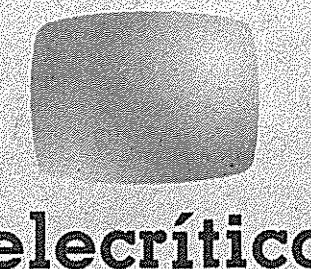
A promessa que a publicidade encerra é uma promessa de felicidade e não de prazer: a felicidade que é dada de fora, pelo olhar dos outros, quando se mostra, por exemplo, uma peça de roupa «dernier cri». A publicidade oferece ao consumidor uma imagem de si próprio tornada fascinante pelo produto ou pela oportunidade que tenta vender.

John Berger: «Ser invejado é uma forma solitária de afirmação. Depende de precisamente de não compartilhar a nossa experiência com aqueles que nos invejam. Somos observados com interesse — se o fizessemos seríamos menos invejáveis. Sob este aspecto, os invejáveis são como os burocratas: quanto mais impessoais, maior será a ilusão (para eles e para os outros) do seu poder. O poder dos fascinantes reside na sua suposta felicidade; o poder dos burocratas na sua suposta autoridade. É esta a razão do aspecto ausente, distante, de tantas imagens fascinantes. Elas olham para lá dos olhares de inveja que as observam.

«Parte-se do princípio de que o espectador-comprador se inveja a si próprio tal como se imagina depois de comprar o produto. Ele parte do princípio de que se imagina transformado pelo produto num objecto de inveja dos outros, uma inveja que fortificará a sua censuração por si próprio. Ou, por outras palavras: a imagem publicitária retira-lhe o amor que sente por si, tal como é, e devolve-lho pelo preço do produto.»

O filme publicitário acaba por ter o seu lado «iconográfico», de admiração, de desejo de «estar assim e naquele lugar». Há que interrogá-lo, portanto. Há que olhá-lo também de forma distanciada como acontece mais facilmente perante um espectáculo teatral (e mesmo cinematográfico). Há que travar conscientemente essa «arremetida icónica» duma indústria «artesanal» que pode manipular o computador mais temido.

XII / Sábado, 12 de Julho de 1980



telecrítica

Rui Cádima

Publicidade e TV (3)

Um dos vários mitos da publicidade trata de convencer o consumidor de que se não tiver dinheiro para comprar o produto *x* (cujo filme o fascinou) nunca poderá estar ao nível dos outros compradores (identificação do poder de compra com o poder de viver). Neste caso a publicidade «vende» a ânsia de comprar, «vende» a inveja (de que aqui já falámos no sentido de «forma solitária de afirmação»). Ter dinheiro é vencer a ansiedade (a publicidade basta-se nela e no receio de que não e tendo nada não se é ninguém). Por outro lado, como afirmou John Berger, poder comprar é o mesmo que ser sexualmente deseável. Ou, como diria McLuhan, a arte de publicidade acabou por preencher, à maravilha, a antiga definição de Antropologia como «a ciência do homem abraçando a mulher». A firme tendência da publicidade é a de declarar o produto como parte integral de grandes processos e objectivos sociais. O anúncio transforma-se em ícone. E cada vez mais é utilizada a sexualidade como chamariz, «como símbolo de algo que se pressupõe ser mais vasto que ela: a boa vida, a vida em que se pode obter tudo o que se deseja»...

Deste aspecto convém fazer ressaltar o «sonhador-acordado», que não é provocado directamente pela publicidade (ela não fabrica o sonho), mas sim pela promessa, que lança, de conforto, de liberdade, de poder. O «fascínio não pode existir sem que a inveja social pessoal constitua um sentimento vulgar e generalizado. A sociedade industrial, que caminhou para a Democracia e depois parou a meio caminho, é a sociedade ideal para gerar este tipo de emoções. A procura da felicidade individual foi considerada um direito universal. No entanto, as condições sociais existentes fazem o indivíduo sentir-se impotente. Vive na contradição entre aquilo que é e aquilo que gostaria de ser. E então, ou se torna plenamente consciente da contradição e das suas causas e adere à luta política por uma Democracia ampla, que envolve, entre outras coisas, o derrube do capitalismo, ou continua a viver continuamente sujeito a uma inveja que, associada ao seu sentimento de impotência, se dissolve no recurso ao devaneio, ao sonhar-acordado.

Assim se podem compreender os motivos por que a publicidade continua a merecer crédito. O fosso entre o que é e aquilo que gostaria de ser. Os dois fossos tornam-se um só e em vez de esse fosso único ser superado pela ação ou pela experiência vivida, é preenchido por sonhos fascinantes».

Este aspecto de ver a publicidade como cultura da sociedade de consumo (de ver o contraste entre a interpretação publicitária do mundo e a situação real do mundo) tem enorme importância quando de facto toca no «político». McLuhan contava a história do oficial americano que ao abandonar a Itália, no final da Segunda Guerra Mundial, predizia que havia poucas esperanças de que os italianos viessem a atingir qualquer espécie de tranquilidade ou prosperidade doméstica enquanto não começassem a se preocupar mais com os apelos concorrentes de cigarros e flocos de milho do que com a capacidade dos homens públicos... E que «liberdade democrática», continuava o oficial, consistia em ignorar a política e preocupar-se com a ameaça de caspa, as pernas peludas e os seios flácidos...

Aqui está como uma certa homogeneização, uma certa padronização, que fazem parte, quer o queiram quer não, de um «sistema filosófico da publicidade», rapidamente se desfazem para pôr a descoberto os seus terríveis mitos.

11/7/80



Rui Cádima

A dobragem dos filmes

A dobragem de filmes nunca foi vista com bons olhos, quer pelos cinéfilos quer pelos espectadores de televisão (das grandes cidades e do litoral). O público mais elitista, mais informado, prefere que os filmes estrangeiros sejam legendados.

Há que considerar, contudo, o seguinte: tanto nos países subdesenvolvidos como no terceiro-mundo, como ainda nalguns países do «Norte» com elevadas taxas de analfabetismo (Portugal, Espanha, México), a solução mais adequada a uma divulgação do filme em língua estrangeira é de facto a dobragem. O Brasil, por um lado, a Espanha por outro, são exemplos de países que optaram em devido tempo pela dobragem de muitos filmes como forma de resolverem esse intrincado problema que é a (im)possibilidade da maioria do público a quem os programas são dirigidos acompanhar o filme lendo as legendas. Isto não que se refere a filmes estrangeiros para uma população adulta.

Se considerarmos o público infantil, principalmente no caso específico da televisão, concluimos que faz pouco sentido passar séries infantis legendadas, uma vez que as crianças, ainda nos primeiros anos da escola primária, dificilmente apreenderão o sentido do filme se só lhes forem dadas as legendas. Não quero dizer com isto que a RTP não tenha feito já alguns esforços neste sentido. A dobragem de algumas séries infantis, principalmente desenhos animados, tem sido uma realidade. Impõe-se, porém, que as dobragens sejam alargadas às restantes séries infantis, para que assim se possam considerar como autêntica programação infantil.

O problema que agora levantamos é extremamente complicado, é certo. Não ao nível da sua premência (julgo que todos estamos de acordo no que se refere ao seu carácter urgente), mas antes no que diz respeito às despesas de produção: desde a contratação de actores especializados ou de «dobradores» (que nunca existiram em Portugal, porque a dobragem de filmes foi sempre um aspecto da actividade cinematográfica que nunca se desenvolveu) até aos ensaios e à ocupação do estúdio de gravação, vai todo um processo delineado que, parecendo que não, é altamente oneroso (se compararmos essas despesas com o custo de cada episódio da série veremos muito possivelmente que a dobragem fica quase pelo preço do episódio). Julgamos contudo que esta não é uma razão que justifique aquilo que por vezes não é mais senão um «laissez faire laissez passer»... Que a televisão tenha que ser uma empresa pública rentável, de acordo. Que neste momento não é — todos o sabemos. Acontece simplesmente que se existir um plano económico de recuperação, da empresa para uma situação não deficitária (como se diz que agora existe) nada há que impeça a administração da RTP de apostar desde já nalguns benefícios internos em termos de melhorar a própria programação. Se a recuperação económica está à vista não se comprehende a razão de se estarem ainda a adiar resoluções urgentes.

A dobragem de programas infantis como aquele que passou na quinta-feira intitulado «O Tecelão de Tapetes», produzido pela BBC em 74, é portanto absolutamente necessária de se fazer. Aliás este tipo de filmes para o público infantil é talvez o género ideal para se tentar a experiência (não se verificam neste caso as mesmas facilidades de dobragem como na série do «Marco», ou em qualquer outro desenho animado, mas isso também não justifica o rápido processo da legendagem).



Rui Cádima

Arlo e Gal

Enquanto seu pai, Woody Guthrie, sofreu na pele a repressão policial e profissional em resultado da luta política e sindical de que as suas canções se faziam eco, Arlo Guthrie apareceu-nos no «Muppet Show» com um pequeno repertório que não honrou em nada o seu nome e muito menos, evidentemente, a memória de seu pai.

Woody era o cantor que aparecia sempre nas lutas dos campos, apoiando os campesinos nas suas reivindicações, era o homem que preferia ficar sem um contrato com uma estação de Rádio a fazer as concessões políticas que lhe pediam. Ele trazia na guitarra um distico que dizia: «arma para matar fascistas»...

Arlo participou de princípio numa série de concertos em homenagem a seu pai, juntamente com grandes nomes da «folk-song» norte-americana como Tom Paxton, Pete Seeger, Bob Dylan e muitos outros. Era uma fase da sua carreira que não nos parece ter sido prosseguida com a mesma agressividade e o mesmo sentido político do seu pai.

Arlo esteve agora com os «Marretas». Sem dúvida que basta a presença no famoso programa para que o artista seja considerado como que um «artista de honra» da série (e do mundo do espectáculo). As suas folk-songs (poucas) desfilaram por ali, perdidas entre o Cucas, o tango do Gonzo, o poema do Fozzy e o cozinheiro sueco (que acabou por servir pilulas para o jantar, em vez de pera pirulais...). Arlo falou-nos dos «preços congelados», «de joelhos frente ao frigorífico». E quando a sequência rodou para um pioneiro muito folk que começava com o tradicional «one for the money, two for the show» não encontrámos a tradução da canção (aliás, tal como aconteceu com uma ou duas das canções de Arlo). Os «velhos» marretas lá estavam a dizer das suas: que entre canções longas e chatas e outras curtas e chatas não viam o que seria melhor e o que seria pior... Arlo lá se foi embora de harmónica «country», dizendo que o Sol e a água dão a vida e que... nunca se afastava de casa. De facto, uma grande diferença em relação a Woody, um autêntico *road runner*, perseguidor clandestino de vadios de comboios, de Leste a Oeste.

Gal Costa e a «Banda Talismã» estiveram em Montreux, integrados num show intitulado «Brasil 80». Primeiro foi o espectáculo no Coliseu, com todas as deficiências que então foram assinaladas na Imprensa de cá. Na altura Gal não encheu o Coliseu, quanto a nós; ou por outra, Gal ficou muito aquém de Milton Nascimento. Esse sim, foi «cantor de honra» da sala.

«Eu te amo», ouviu-se em Montreux, vindo da assistência. Gal, tropicalíssima, sentar-se-ia mais tarde, a meio do show, viola nos braços, para cantar que «a baiana entra no samba de qualquer maneira, que mexe, remexe, deixando a moçada de água na boca...»

Gal esteve calma, de violão ao colo, como não conseguiu, aliás, estar no Coliseu. «Eu vi... o tempo brincando ao redor do caminho daquele menino/ Eu vi a mulher... Por isso uma força me leva a cantar/ por isso é que eu canto/ Não posso parar/ por isso essa voz tamanha...»

E ainda que «O tempo não pára e no entanto nunca envelhece/ É o Sol, a estrada, o tempo e o chão». Gal jovial, Gal serena. Gal, voz tamanha, sem cabelos brancos na fonte do artista.

No final deste show, talvez numa sala mais apropriada às suas características de cantora de não muito grandes auditórios, não chegámos a compreender porque é que a RTP tendo gravado o espectáculo do Coliseu foi agora comprar (?) esta transmissão à televisão suíça. Será que a política do «enlatado» já é um vício?

15/7/80



Rui Cádima «Magazine 7»

Algo desconcertante, mais pela variedade de assuntos, bem «colada» por Luís Pereira de Sousa, e pela sua sempre óptima disposição, descontraída e em camisa, como mandam as regras neste género de programas («refrescos» de domingo à tarde), o «Magazine 7» pode, no entanto, apresentar-se como um programa em que a realidade nacional seja prioritária, e nessa medida, perscrutada e anatemizada. As «actualidades» vindas directamente da República Federal Alemã, aliás como costumamos ver nos «complementos» das sessões de cinema, parecem-nos ser um processo demasiado fácil de preencher o «Magazine». Não que elas não possam ter interesse a nível da divulgação de determinados aspectos curiosos ou meramente distrativos, ou ainda a nível informativo, daquilo que se passa lá fora; mas, fundamentalmente, por se verificar que em Portugal os «fenómenos» e as «originalidades» são tantos que de imediato somos levados a crer que Luís Pereira de Sousa encontraria afiados assuntos para glosar... Parece-nos inclusive que o seu programa de Rádio, o «Ora, Hora...» consegue introduzir quase diariamente uma série de «apanhados», digamos assim, que teriam alguns casos bastas possibilidades de «adaptação televisiva»...

É pensando nessas reportagens, nessas pequenas entrevistas, sobre temas polémicos, considerados disparatados por uns e irreverentes por outros, que nos referimos ao tal «perscrutar» da realidade e do quotidiano dos portugueses. É um tipo de trabalho que Luís Pereira de Sousa poderá fazer às mil maravilhas. Ficamos à espera.

Goethe abriu o «Magazine 7». Assunto sério, fomos avisados. Alguns poucos planos sobre a sua casa, hoje na R.D.A., um castelo oitocentista que assistiu à escrita do «Fausto». Para abrir o programa este tipo de filmes não nos parece ser o melhor. Nada melhor que um pequeno «flash» humorístico, uma anedota, um cômico que passe pelo estúdio, um *gag* do coordenador, uma «originalidade» das nossas.

Só assim o telespectador de domingo à tarde poderá esboçar o primeiro sorriso, depois da seriedade dos programas anteriores, desde o «TV Rural» aos temas religiosos. E só assim também podemos ter os ouvidos mais abertos para o «Sumário», dito em termos quase «telegramáticos», com o locutor a debitar o texto da redacção, de princípio ao fim, sem que apareça qualquer imagem a ilustrar o texto. O «Sumário» deve ser mais imagem e menos presença do locutor; se não, mais vale introduzir um plano em que o Luís Pereira de Sousa entra em campo, telefonía «de bolso» na mão, a escutar o noticiário das 17h... Se temos televisão, então usemo-la.

Chegou então a Guida Maria, com alguns pontos para pôr nos ii. Não nos parece que ela tenha dito tudo o que queria dizer sobre a situação do teatro em Portugal.

Que o teatro não está nem melhor nem pior do que o «restante País» é uma verdade. Mas é também uma constatação que a nada conduz. Afirmar que não há teatro português na televisão, e, sobretudo, deixar a pergunta «no ar» (já que mais não pode fazer) é uma outra constatação que não se fica só por aí. O que é evidente é que não podemos estar à espera que o País seja palco de uma revolução industrial ou de um «boom» económico, ou ainda de uma televisão que seja uma autêntica fonte de rendimentos, para termos teatro português no pequeno «écran»... Do resto ficamos também à espera — curiosíssimos pelo «Slag», peça que a Guida Maria, a Elisa Lisboa e a Teresa Madruga estão agora a ensaiar. E não se esqueça: ela vai ser «proibida» na noite da estreia. Corra, portanto.

telecrítica

16/7/80

Rui Cádima

Apollinaire ontem em França hoje em Portugal

Guillaume Apollinaire, poeta e crítico de arte francês, nasceu em Roma, em 26 de Agosto de 1880. Comemora-se agora o primeiro centenário do seu nascimento.

Morreu relativamente cedo, em 1918, mas a sua breve vida não deixou de ter uma grande importância na mutação entre a poesia simbolista e o surrealismo.

O último programa que vimos da série «Hoje em França», habitualmente transmitido às segundas-feiras na RTP/2, dedicou-lhe um pequeno mas significativo espaço. O filme é uma homenagem muito bem delineada, rápida, poética, com sobre impressões de rara sensibilidade e com alguns planos sobre as pontes do Sena que nos fizeram lembrar o último filme de Marguerite Duras, «Aurelia Steiner».

Em poucos minutos, portanto, penetrámos no fascinante mundo de Apollinaire, no incompreendido mundo de Apollinaire, o poeta que escrevia que «As virilidades dos heróis fabulosos erigidas como peças contra aviões... Virilidade do tempo em que estamos, ó caíndes...».

Quase no final da sua curta vida, Picasso teve oportunidade de o retratar, com um rápido «carvão», de perfil, ligaduras na cabeça, após o fatal ferimento.

Como diz o filme, foi uma vida curta que inspirou toda a renovação estética do século XX. «Não é a extravagância que me agrada, é a vida. E quando alguém sabe ver ao redor, nota as coisas mais curiosas e atraentes». Na banda sonora um belo piano... Apollinaire canta o Sena e o amor — que correm juntos, sem pronunciar um só nome de mulher...

Para o poeta a água é movimento e está ligada ao amor: «La joie vient toujours après la peine/Vient la nuit/Sonne l'heure/Les jours s'en vont/Je demeure (...). L'amour s'en va comme cet eau courante/L'amour s'en va comme la vie et l'homme/Et comme l'espérance...».

Um quadro de Chirico que representa o poeta cego (que só vê com o seu olhar interior) é uma imagem do que Apollinaire dizia do Cubismo: «É a arte de pintar conjuntos novos com elementos que provêm não da realidade da visão, mas da realidade da concepção»... A partir desta realidade da concepção Apollinaire celebrará os seus amores...

Mas os seus amores serão muitas vezes uma deceção. É a deceção de um amor que levará o poeta a alistar-se para a Grande Guerra de 14-18. O seu olhar contudo não poderá suportar o horror dos massacres e das trincheiras; escreverá, para escapar ao absurdo, um poema intitulado «Sou a vida»: «Sou a vida, o som e a luz. As pátrias enciumadas dilaceram-se num dia. Eu, o pensamento. Eu, a arte. Eu, o amor...»

Perido na cabeça por um estilhaço de canhão, morrerá dois dias antes do fim da guerra. No seu funeral, Blaise Cendrars dirá: «Não, Apollinaire não morreu. É a voz do grande poeta que ouvimos sempre, vinda de outro mundo para celebrar o Sena, Paris e os seus amores.»

Amiel

Amiel é um mimo francês. Não diremos tão próximo de Marcel Marceau, como seria de desejar. Diremos, como Marceau, que do mimo se deve exigir não que ele tenha talento, mas sim que tenha génio. «O génio de Amiel parece-nos ser mais talento do que outra coisa qualquer... Vimo-lo no Centro Georges Pompidou, dactilografando, dirigindo orquestra, pescando, remando, fazendo de astronauta (com o *off* «five, four, three...»). Vimo-lo flutuar no vácuo. Vimo-lo planar no ar. Vimo-lo flutuar...

P.S.: «Hoje em França» é uma óptima ideia (tanto de produtores como de programadores). Quando não há dinheiro para produzir Televisão em Portugal, aceitam-se todas as actualidades, as actualidades vindas de fora... Mas será que em França, para uma comunidade de cerca de um milhão de portugueses, há um «Hoje em França»?

telecrítica

17/7/80

Rui Cádima

A originalidade do Renascimento português

O Renascimento português foi tema para mais um programa integrado nas comemorações do «Ano Camões». «Das trevas à luz por mar», era o título da primeira parte do programa, dedicada à originalidade do nosso Renascimento.

O professor Joaquim Barradas de Carvalho, recentemente falecido, e o dr. Fernando António Baptista Pereira assinavam o texto do programa. Numa atitude de profunda admiração e saudade por Joaquim Barradas de Carvalho, a equipa que o acompanhou rendia-lhe homenagem, dedicando-lhe o filme, num pequeno texto lido por Teresa Cruz, antes de começar o programa. Tratou-se de facto de um trabalho extremamente interessante, onde logo à partida pontua um espantoso texto, e onde pontua ainda o nome de Cecília Netto, jovem realizadora da RTP, a produzir obras de boa qualidade ainda no princípio de «carreira», o que é de facto um óptimo sinal.

A originalidade do nosso Renascimento está, como foi aliás assinalado no texto, nos Descobrimentos dos portugueses ao longo de todo o século XV. Uma tal empresa era referida nas descrições de viagens de forma por vezes lendária e fantástica. Neste aspecto basta recordar, para se ter uma ideia mais nítida de como essas coisas se passaram, todas as imagens «terríficas» que as lendas nos transmitiram com base nos «mares tenebrosos» e na passagem do Cabo da Boa Esperança (o das Tormentas).

É-nos então referenciado o facto de em Itália, também em pleno século XV, desabrochar uma nova cultura que começa por pôr em causa «todo um saber herdado de séculos... E o desabar do edifício do saber medieval, a expressão de um homem novo».

Esse homem novo surgirá com os primeiros humanistas, profundos conhecedores dos clássicos gregos e romanos, que transformam a atitude do homem perante Deus, recusando o teocentrismo, defendendo o «homem universal», criador do seu próprio destino.

Estamos, portanto, em Florença. Ao nível da imagem pictórica dá-se também uma ruptura «de dimensões»: o homem passa a ser visto segundo as leis da *perspectiva artificialis*. As figuras humanas já não são planas e irreais (alguém dizia que era difícil imaginá-las falando). A pintura da Renascença, tridimensional, e, pela primeira vez, com um sentido exacto da realidade, isto é, olhando o mundo com a «objectiva» da câmara fotográfica, «realiza o sonho ancestral do homem: reproduzindo realidade, reproduz-se a si próprio» (André Bazin). Leonardo da Vinci diria: «A mais excelente maneira de pintar é a que imita melhor, a que torna o quadro mais parecido com o objecto natural que representa». Mas em 1508 Leonardo diria ainda que (cito do texto do filme): «As minhas coisas nascem da simples e mera experiência, a qual é mestra verdadeira». É depois referido Duarte Pacheco Pereira que, sensivelmente na mesma altura, afirmava o seguinte: «E como quer que a experiência, madre de todas as coisas, soubemos radicalmente a verdade...». Aqui residia de facto um dos principais aspectos de ruptura na cultura renascentista: por um lado, o homem é visto como centro e medida de todas as coisas; por outro, a experiência, a fazer despontar uma mentalidade pré-científica. A acompanhar estes dois aspectos, dentro da cultura portuguesa quinhentista e seiscentista, há que referir, tal como foi feito no filme, a literatura portuguesa de viagens e a literatura científica e técnica, a ela ligada, mas exposta com outro saber, por homens como Duarte Pacheco Pereira, D. João de Castro, Pedro Nunes, Garcia da Orta.

E como acabar senão com as mesmas palavras do texto de Barradas de Carvalho e Baptista Pereira, citando (e acrescentando) António Sérgio: «Até ao fim do Quinhentismo Portugal acompanha o melhor espírito europeu. O século XVII marca a passagem, em Portugal, do Reino da Inteligência para o Reino da Estupidez»...

20) Televisão/Espectáculos

18/7/80

telecrítica

Rui Cádima

Os direitos da mulher na CEE

Queríamos ainda acrescentar mais qualquer coisa em relação à programação de terça-feira, mais especificamente em relação ao filme que passou incluído no programa «Condição Mulher», um filme produzido pela CEE, com realização de Jean Leduc (Les Filmes de L'Olivier).

Trata-se de um documentário intitulado «O mesmo olhar para a mesma vida», encomendado por uma Secretaria especial para as Mulheres no âmbito da Comunidade Europeia. O tema era, fundamentalmente, a igualdade entre homens e mulheres no trabalho e no acesso ao emprego, nos Estados membros da Comunidade. Foram adoptadas inclusivamente pelos «Nove» directrizes no que se refere à igualdade de remuneração («trabalho igual, salário igual»); outra directriz é relativa à igualdade no acesso ao emprego e à promoção. Há ainda o direito de recurso, aos tribunais de trabalho, da mulher que se considera discriminada. É certo que as directrizes não bastam. O essencial é educar, informar, mudar as mentalidades.

A Comunidade dispõe ainda do «Fundo Social Europeu», instrumento de acção de carácter financeiro, através do qual, aliás, produziu o filme.

A partir dele pretende-se demonstrar, com múltiplos exemplos buscados nos países membros, que a igualdade no trabalho entre o homem e a mulher já não é uma utopia, como muitas das reivindicações dos anos 70 faziam crer (estou a lembrar-me da «Carta das Mulheres Operárias» — um caderno reivindicativo nacional das mulheres inglesas que a meio da década de 70 exigiam, por exemplo, educação e formação iguais, entre homens e mulheres, para todas as profissões; contracepção gratuita; aborto verdadeiramente livre, etc.). Podemos desde já adiantar que muitas das reivindicações da «Carta», vindas de grupos de feministas radicais e de organizações de extrema-esquerda, são hoje adoptadas pelas legislações de todos os Estados membros da CEE.

A prova não nos foi dada, de facto. Foram-nos mostrados alguns exemplos, desde as mulheres metalúrgicas francesas à condutora de autocarros irlandesa. E ainda determinadas lutas pontuais, onde o papel da mulher ganha importante destaque, lado a lado com os homens.

Outro aspecto curioso que já tem acontecido em múltiplas empresas europeias é a «rotatividade» de funções — o trabalho da mulher é também feito pelo homem (e nestes casos, são as próprias mulheres a afirmá-lo, o trabalho do homem é quase sempre mais perfeito...).

Há que referir, contudo, que os casos postos em destaque pelo filme não são de modo nenhum verdadeiramente significativos de uma profunda mudança na mentalidade dos europeus, quer homens, quer mulheres. São pequenos focos desse «novo olhar» para uma nova vida. E isso já é extremamente importante.

Importantes são também as novas escolas que começam a surgir em Inglaterra, onde as crianças de ambos os sexos iniciam um método de aprendizagem radicalmente novo, onde não há a tradicional especialização por sexo.

Este é de facto o caminho a seguir, na opinião da referida comissão da CEE (e na nossa opinião também).

telecrítica

Rui Cádima

A ler vamos

«A Ler Vamos» é um novo espaço quinzenal da RTP, dedicado nos livros, aos autores e ao que mais se movimenta pelas suas margens. Diogo Pires Aurélio é o seu coordenador; Maria Elisa a apresentadora (uma presença sempre desejada, a afirmação da competência: veja-se a maneira como conduziu a entrevista com o pintor-poeta Cruzeiro Seixas).

«Dar a conhecer o mundo dos livros» sem a preocupação de penetrar em profundidade na análise literária (preocupação que deve caber às revistas da especialidade, segundo foi dito) pareceu-nos ser a linha geral do programa: Falou-se e falar-se-á também dos «bestsellers».

Breve viagem ao Cais do Sodré: Diogo Pires Aurélio apresenta os convidados da «nova» literatura nesse pequeno «santuário» da nova onda musical, espécie de enclave nas margens do *bras-fonds* lisboeta. Mário Zambujal e Fernando Assis Pacheco lá estiveram no «Jamaica» a dizer das suas, controlando o seu calão, controlando também o português, coisa que não estão muito habituados a fazer conforme confessaram, nas suas obras e também de certo modo no seu quotidiano. E depois falou-se de literatura, de uma eventual «grande viragem», de uma moda que não se sabe se «pega» (ou se é de facto uma moda como qualquer outra, com tendência para ser retomada de imediato por uma outra...).

A propósito relembraríamos aqui o que o jornalista João Alves da Costa dizia ainda há pouco tempo «Nos Pontos nos ii»: «o jornalista deve ser o novo escritor». Os defensores dessa via parecem estar de parabéns (pelo menos os seus representantes têm dado provas que estão ai para serem lidos — e como disse Maria da Piedade, responsável pelas edições de autores portugueses da Bertrand, eles já «dão cartas», em vendas, aos consagrados).

Afonso Lopes Vieira

Quem foi esse poeta de Leiria, dito por alguns de «anarquista» e «integralista», por outros epígonos do «neogarretismo» e por outros ainda «preceptor seguro da sensibilidade portuguesa»?

Se começássemos por António José Saraiva e Óscar Lopes, na sua «História da Literatura Portuguesa», leríamos: «Foi o mais dotado dos poetas tradicionalistas; revaloriza alguns temas românticos da história e do lirismo português com uma versificação reuintada em que certos recursos simbolistas se assimilam ao gosto da simplicidade popular e infantil».

A isto Fernando Pessoa responderia, eventualmente: «Lopes Vieira criou fama e deitou-se a dormir. E visto que estes livros para crianças e parte de outros, recentes, são o seu sono, bem se pode dizer que dorme como uma besta»...

Esse lado «anarquista» encontra-se segundo João Medina, nas suas primeiras produções literárias: Afonso Lopes Vieira «deixou-se fortemente impregnar por uma especial atmosfera finissecular composta de nihilismo, tolstoísmo, acracia e certas ideias eslavas muito em voga (...»).

O filme sobre Lopes Vieira (1878-1946), com realização de Alfredo Tropa, sem avançar nada de novo sobre a sua obra, sem ser polémico, não deixou de dar uma panorâmica, embora fugaz, de toda a sua vida, contribuindo assim para um necessário encontro entre esse «singular conservador do Museu Português» (nas palavras de Vitorino Nemésio) e o público telespectador.

telecrítica

Rui Cádima

Amália

Polémica, a afirmação de Miguel Torga, em 1949: «Fados. Fados em todos os estilos e sentimentos. Quer queiram, quer não, em arte, o melhor que Portugal deu na época presente foram fadistas. Nenhum criador se levantou à altura das nossas cantadeiras. A Maria de Noronha, a Amália e a Herminia, são agora o Antero, o Eça e o Oliveira Martins»...

Mais realista, ainda polémico, Fernando Lopes Graça dizia em 1931 ser «o fado, cancro da vida e da cultura nacionais»...

Na homenagem promovida pela Câmara de Lisboa a Amália Rodrigues, realizada recentemente no São Luiz, David Mourão Ferreira diria de início que os poetas que tiveram o privilégio de ser cantados por Amália Rodrigues devem-lhe o descobrimento de três novas dimensões: «O verbo encarnado em voz; a voz arrebatada em canto; o canto transfigurado em mito». «Devem-lhe, na memória do futuro, uma possibilidade de permanência que o texto escrito possivelmente lhes não asseguraria».

São de facto, as palavras ditas na noite da homenagem, aquelas que melhor poderão traduzir a festa à qual a artista entregou a sua voz. As imagens vieram por acréscimo, numa realização certa, mas de baixo tom.

Sublinhava-se a consagração da artista, a sua «autenticidade de raiz», a voz inesquecível que todos os poetas vivos por ela cantados admiram. E alguns deles por lá passaram: Mourão Ferreira, Ary dos Santos, Alexandre O'Neill (e os outros que foram lembrados: Manuel Alegre, António Gedeão, Zeca Afonso e Vinícius de Moraes — e, para além de todos, Camões).

José Carlos Ary dos Santos estaria presente com um «inédito» (aliás muito aplaudido pelo público presente na sala, que se mostrou extremamente pluralista, o que é raro de se ver nestas coisas...), começava assim: «És filha de Camões e de Inês...»

Amália, com o seu grande saber «intuitivo» (Alain Oulman diria que ela sabe tudo como que por instinto), responderia depois, fortemente sensibilizada pelo que estava a ser dito, que «lá por cantar uma cantiga, estar a ouvir coisas tão bonitas...»

O'Neill, autor da «Gaivota» ('Se uma gaivota viesse trazer-me o céu de Lisboa...'), elogiaria o trabalho de Oulman dizendo que foi ele quem «desfrisou», quem «desencaracolou» o fado. O músico francês diria depois belas palavras para Amália: «Ouvir as suas músicas foi uma experiência desmedida. Graças a Amália fiz uma descoberta (a maior influência que tive na minha carreira de músico): descobri as 'Cantigas de Amigo', Bernardim Ribeiro, Gil Vicente e Camões».

Muitos outros nomes desfilariam pelo palco do São Luiz nessa noite magnífica que consagrou *a posteriori* uma voz inigualável na canção portuguesa. Foi o caso de Joel Pina, um «sr. ministro» da guitarra, que a acompanhou mundo fora; Augusto Cabrita, o cameraman que possui muitas das suas melhores imagens; Frederico Valério (se ele não aparecesse quando Amália tinha 19 anos...); Henrique Santana, Maluda, Augusto Fraga (que contou a «pequena história» Amália quando foi convidada para ser actriz no filme «Sangue Toureiro», teria dito que para filmar não levaria dinheiro nenhum... Levaria, isso sim, pelos tempos mortos de espera nas filmagens...); António Lopes Ribeiro falaria da sua actividade no teatro e referir-se-ia à representação da «Severa», no Monumental, como sendo «a severa mais severa de todas as severas»...

Antes ainda de cantar alguns fados-canção, acompanhada primeiro pelo seu grupo privativo e depois pela Orquestra Ligeira da RDP, viveu-se, através do monitor, um alto momento do espectáculo, quando Amália entrou no palco para abraçar Amélia Rey Colaço. «O que é que uma fadista pode dizer... A rainha D. Amélia Rey Colaço e a fadista D. Amália!...»

A fatalidade acabava por ser vencida, sem que, contudo, o destino do homem fosse ali mesmo, naquele palco, entregue a si próprio. A «petulância marialva» não deixou de estar presente. E a voz de Amália é-lhe, quer queiram quer não, profundamente abençoadas.

21/7/80



Rui Cádima

Jogos Olímpicos

Da Grécia...

Os Jogos Olímpicos nasceram na época arcaica grega; chama-vam-se nessa altura «Jogos Olímpicos Pan-Helénicos» e tinham uma origem religiosa que remonta a muitos anos antes de Cristo. Como referiu Maria Helena da Rocha Pereira nos seus «Estudos de História da Cultura Clássica», «para os Olímpicos a celebração era tripla: Zeus, a divindade; Hércules o herói que o criou; Pélops, o que pela primeira vez ficou vitorioso, ganhando na corrida de carros de cavalos a mão de Hipodamia (...). É por isso que Píndaro canta, no começo da 1.ª Ode Olímpica, a vitória de Pélops:

Brilha ao longe
a glória de Pélops, nas lides Olímpicas,
onde se disputa a rapidez da corrida,
a audácia da força.

«Estes eram os mais antigos, pois, segundo os cálculos dos gregos, datavam de 776 a.C., facto que veio mais tarde a ser usado para estabelecer uma espécie de calendário supranacional, mais amplo que os vários calendários locais. Contava-se pelas Olimpiadas, que se realizavam de quatro em quatro anos.

«Quando se aproximava o mês de Agosto, a cidade-estado de Élide, onde ficava Olímpia, mandava atrautos por toda a Grécia, a proclamar as tréguas sagradas. Quem entrasse armado no seu território, durante o festival, ficava prisioneiro de guerra.

«A duração das festas era de cinco dias, pelo menos a partir da 472 a.C. No tempo de Píndaro disputavam-se catorze provas — equestris, corrida, luta, pugilato, pancrácio (luta e pugilato) e pentatlo (salto, corrida, disco, dardo e luta)»

... Para Moscovo

Panorâmicas «positivas», palmas controladas e solidárias, «ar-rumação» rigorosa do público, enquadramentos programados, organização computadorizada, silêncio sincrono com o silêncio. URSS, ano de 1980, era dos Jogos Olímpicos modernos. Por detrás da fachada e dos ideais olímpicos, e dos ideais de Pierre de Coubertin, somos «forçados» a reconhecer que existe (sempre existiu) um

telecrítica

23/7/80

Rui Cádima

Rita Ribeiro e Joel Branco em «Part-Time»

Ontem falámos aqui do programa realizado no S. Luiz em homenagem de Amália. Hoje falaremos de um outro programa de características musicais, também «fabricado em Portugal», com profissionais portugueses (e não só...).

Trata-se do pequeno *show* de Rita Ribeiro e Joel Branco, «Part-Time» — o seu título genérico — que, tanto quanto julgamos saber, esteve há relativamente pouco tempo em cena numa *boite* de Lisboa. A ideia da realização do programa foi de Pedro Bandeira Freire, homem dos sete espectáculos, coordenador do programa sobre a actividade teatral, exibido às sexta-feiras. A realização, francamente positiva, a acompanhar o essencial do espectáculo, coube a Nuno Teixeira, um nome com provas dadas em trabalhos mais complicados que este pequeno programa de estúdio.

O trailer de «Dois homens e um destino» (Buch Cassidy and Sundance Kid) com Paul Newman e Robert Redford é um filme de George Roy Hill, de 69) abria o *show*, com José Luis Ardiz, o coreógrafo espanhol agora a trabalhar em Portugal, a comparar Joel Branco com Paul Newman... Esta falta de modéstia ibérica dava ainda entrada ao duo Joel/Rita a cantar em inglês o conhecido tema «Raindrops Keep Falling On My Head».

Alternaram depois, Rita Ribeiro com os seus temas já gravados, como por exemplo «Um Grande Amor» ou a canção sobre os palhaços (Ao palco da vida/o palhaço chegou/pintando o rosto com tintas de cor...) e Joel Branco com o seu «Limpá-Chaminés» ou as suas paixões e paixonetas (A gente cresce, cresce, e não esquece o primeiro amor).

Enfim, um espectáculo concebido a pensar no grande auditório nacional, um agradável espectáculo televisivo. Terminaria com algumas canções que fizeram parte do *show* Godspell em que tanto Rita Ribeiro como Joel Branco participaram, já lá vão uns dois ou três anos. Vimos então o famoso «Day By Day» com uma coreografia extremamente simplificada e sem coro, mas de qualquer modo a não fugir às regras tradicionais dos espectáculos do género.

Evidentemente que este género de programas televisivos são sempre muito bem recebidos pelo público em geral. Tanto mais agora que os «musicais» e as «variedades» têm andado estupidamente afastados do pequeno *écran* (e dos estúdios também). E a grande maioria dos telespectadores sente muito essa falta nos sucessivos mapas-tipo.

O «Part-Time» da Rita Ribeiro e do Joel Branco pode vir a «despoletar» uma nova fase de trabalho entre os actores portugueses e a RTP. Não são necessárias grandes verbas para estas pequenas produções.

O espectáculo que vimos, para além de estar bem «encenado» em termos de realização e cenografia, tinha também a vantagem de ser um *show* já ensaiado para os espectáculos ao vivo (que não chegámos a ver, mas que julgamos não se ter afastado muito daquilo que vimos no programa). Daí também o seu sucesso. E a conclusão de que com algum trabalho e a qualidade técnica que os bons profissionais asseguram, e ainda com o indispensável talento dos artistas, se podem produzir todas as semanas espectáculos deste tipo.

O leite em «Come e Cala»

Um litro de leite equivale a 600 gramas de carne de vaca; a 830 gramas de peixe; a 9 ovos. O leite é o verdadeiro alimento para o crescimento das crianças e é o mais completo de todos os alimentos.

Para vermos como estas indicações são escutadas em Portugal, Beja Santos referiu o facto de o nosso país ser o país europeu com menor consumo de leite e o maior consumo de álcool (por cabeça)...

Não há dúvida de que os arqueólogos do nosso quotidiano, como o Beja Santos, nos fazem uma grande falta. Para que se deixe de «comer e calar».

25/7/80

telecrítica

26/7/80 Rui Cádima

«Lírica» de Camões em «Autores Portugueses»

Sem dúvida alguma que neste mapa-tipo de Verão têm aparecido alguns novos programas de carácter cultural com um interesse inconfundível. Entre eles estão «A Ler Vamos», ao qual nos referimos sábado passado, e «Autores Portugueses», que na edição de quinta-feira foi dedicado à obra lírica de Camões.

«Autores Portugueses» é produzido em colaboração com a Imprensa Nacional/Casa da Moeda e tanto quanto sabemos pretende divulgar autores e obras por si publicados. Esperemos que a procura do programa corresponda às ofertas no prelo...

Da «Biblioteca de Autores Portugueses», que tem já publicada a «Poesia e Prosa de Eugénio de Andrade» veio agora a público a «Lírica Completa» de Camões, obra editada sob a orientação de Maria de Lurdes Saraiva. Yvette Centeno fez-lhe algumas perguntas, óbvias perguntas, se bem que à partida só fossem compreendidas por uma parte muito restrita do público telespectador («Sinhazinha Flô», no segundo canal deveria estar a captar a maior parte das atenções). Quanto a nós, Camões só começou a ganhar claramente em termos de comunicação directa com o grande público quando Luís Miguel Cintra recitou um primeiro poema «A Três Damas que lhe Diziam que o Amavam», mas já estávamos no final. Não quero dizer que o programa até aí não tinha tido interesse... Há que compatibilizar o que é dito com quem ouve. A entrevista é, aliás, muito bem conduzida, discreta e acertadamente por Yvette Centeno.

A necessidade de publicar a lírica completa foi vista pela coordenadora do livro agora editado como resultante de um maior conhecimento, por parte do público em geral, de «Os Lusíadas». Um problema interessante de ver neste tipo de trabalho, no trabalho de Maria de Lurdes Saraiva, é o das dificuldades que surgem ao investigador perante os textos das primeiras edições: os poemas que desaparecem, as epígrafes que se alteram, a censura editorial da época, a inquisitorial, etc., etc., etc. Depois há a considerar a questão biográfica ligada à «Lírica», que, segundo a autora, é extremamente autobiográfica («autobiográfico é absolutamente tudo», na «Lírica», compreenda-se). Posição polémica, é certo, tanto mais que muitos dos autores que têm estudado mais particularmente a «Lírica» concluem pela imprudência de extraí dela indicações autobiográficas. De qualquer modo ali ficou exposta a ideia, a pista, de descobrir a partir da poesia de Camões a sua «biografia real» e não a «biografia mental», como diria Yvette Centeno. É de facto uma hipótese.

A emissão não deixou de ter um carácter demasiado «fechado», pouco aliciante em termos de imagem e banda sonora. Haveria que destruir um certo tom professoral que saia do diálogo Centeno/Saraiva; Luís Miguel Cintra poderia ter entrado muito antes; poder-se-iam ter utilizado gravuras da época, música renascentista, enfim, o mínimo amenizador. E já agora uma informação para aqueles que não viram o programa: após esta edição da «Lírica» de Camões, a Casa da Imprensa prepara novas edições da obra do «príncipe dos poetas» (como disse o espanhol Baltasar García no século XVI, pelo seu «falar engenhoso»): trata-se dos «Sonetos» e das obras maiores (o restante da obra).

Luís Miguel Cintra, bastante melhor no primeiro poema, deixava-nos-a com este belíssimo «A Três Damas...» (que não resistimos a transcrever, com algumas possibilidades de erro):

Não sei se me engana Helena, / Se Maria, / Se Joana, / Não sei qual delas me engana. // Uma diz que me quer bem, / Outra jura que mo quer, / Mas em jura de mulher / Quem crerá se elas não crêem? / Não posso não querer a Helena, / A Maria, / Nem a Joana, / Mas não sei qual mais me engana. // Uma faz-me juramentos, / Que só meu amor estima, / A outra diz que se fina, / Joana que bebe os ventos. / Se cuido que mente Helena, / Também mentirá Joana. / Mas quem mente não engana.

telecrítica

Rui Cádima

Vinicius operário construído

De manhã escureço/De dia tarde/De tarde anoiteço/De noite ardo.

A Oeste a morte/Contra quem vivo/Do sul cativo/Oeste é meu norte.

Outros que contem/Passo por passo/Eu morro ontem.
Nasço amanhã/Ando onde há espaço:/— Meu tempo é quando.

Vinicius de Moraes (Poética I)

A última embaixada da música popular brasileira a estar entre nós (a última, até agora, já que se anuncia a segunda presença de Egberto Gismonti dentro de dias) foi aquela que esteve presente na festa do «Avante!», com Chico, Simone, Edu e o MPB/4. Não sei já quem disse que Vinicius também gostaria de lá ter estado. E esteve... Como se naquele palco enorme, no fundo da encosta, a sua esfinge se sobrepuasse aos onze músicos e aos milhares que os ouviam. O espectáculo, para além do mais, foi-lhe dedicado.

Chico diria ao «Sete»: «Vinicius era a pessoa mais amada que conheci. A partir de agora (da sua morte, a 9 de Julho) vai haver um buraco, não apenas na música, mas no coração de toda a gente que conviveu com ele. Toda a gente no Brasil é meio-órfã, meio-viúva de Vinicius.» Se não fosse a equipa do «Tropicália», Vinicius de Moraes, «o branco mais preto do Brasil», teria ficado irremediavelmente para trás, como tem acontecido a muitos artistas e intelectuais desaparecidos que, muitas vezes, nem sequer têm direito a uma breve referência na informação televisiva.

Vinicius de Moraes nasceu em 1913 no Rio; formou-se em Direito, e depois de uma passagem por Oxford como bolseiro, regressa ao Rio quando eclode a Guerra em 39. Terá então como amigos os maiores nomes do mundo cultural brasileiro, de Manuel Bandeira a Oscar Niemeyer. Em 1941 fará crítica de cinema, depois fundará a revista «Filme» e (ao contrário do «Cacá» da telenovela) após publicar *Cinco Elegias* (43) ingressa na carreira diplomática. Terá amigos por todo o lado: Neruda, Guillén, Siqueiros, Lançará, nos anos 50, com António Carlos Jobim e João Gilberto a *bossa nova*, importante movimento de renovação da música popular brasileira.

O «Tropicália Especial», dedicado a Vinicius, se teve o mérito de preencher um pouco o espaço em aberto de que falava Chico Buarque, perdeu, por outro lado, a possibilidade de fazer um trabalho mais desenvolvido sobre o grande poeta; não basta de facto pegar em imagens de arquivo, montá-las de forma q.b., e depositar a «coisa» no telecinema. Há que corrigir este tipo de trabalhos-collagem, estes «in memoriam à la minuta».

Do filme montado por Reinaldo Varela respingamos os seus pontos altos (de arquivo): o «Samba pra Vinicius» de Chico e Toquinho vom um «Saravá» ao poeta e camarada; ou o próprio Vinicius a referir-se a Rimbaud, a Baudelaire e a Verlaine como seus «mestres»; ou ainda um dos seus sambas mais famosos cantado e tocado por ele, a solo: «E por falar em saudade/onde anda você/onde andam seus olhos que a gente não vê/onde anda esse corpo que me deixou morto de tanto prazer.» Ou «fazer samba não é contar piada/quem faz samba assim não é de nada/um bom samba é uma forma de oração»... «...e se ele é branco na poesia é negro de mais no coração...» Mais umas breves referências a Itapoam, à «Carta ao Tom» à visita a Portugal em 68 e a «Marcha de Quarta-Feira de Cinzas» e aí estava a «pincelada» pronta.

A mais bela homenagem que vimos por aí foi a do José Niza, no «Sete». Entre muitas coisas bonitas que a saudade lhe fez escapar: «A poesia foi o teu oxigénio. A música o teu álcool. Entre Pablo Neruda e Tom Jobim, tu foste o maior diplomata do Brasil, o Grande Embaixador do Samba, sobretudo a partir do momento em que correm contigo das chancelarias. Os ditadores do teu país, burocratas de pescoco gordo e sem poesia, nunca entenderam que um samba bem batido não precisa de ser contrabando da mala diplomática; passa fronteiras, boca a boca, sem carimbos e sem passaportes.»

Vinicius também foi «operário em construção» e acabou, sem dúvida alguma, tal como o seu, «o que construiu as casas onde an-



telecrítica

Rui Cádima

Sábado à noite

Reparo agora que o processo de afastamento ou de distância do telespectador para com a «Informação» (não meadamente o Telejornal) é um processo lento de recusa de uma informação viciada, umas vezes por ser declaradamente propagandística dos actos e feitos do governo intercalar, outras vezes por se refugiar no texto «ensoso», limar as arestas das notícias e dos factos, e oferecer um trabalho caduco que nada tem a ver com o jornalismo — isto é, é-nos dada mal e porcamente uma informação «velha».

Tanto assim que se pensarmos nos bons trabalhos que têm aparecido a nível de reportagem no exterior ou de texto de redacção, veremos que é de facto difícil encontrar uma mão cheia de exemplos.

Esta uma impressão geral que tentaremos tornar clara e justificada em próximos textos.

No Sábado, depois do Telejornal ter passado por nós com uma «rapidez» mais incrível que a do Marretajornal, estivemos com Kenny Rogers, convidado especial do Cocos e de toda aquela Bicharada muito bem domesticada pelas mãos do Franz Oz e do Jim Henson.

Kenny Rogers, ultimamente um pouco afastado da nossa Rádio (a «new wave» e as novas bandas rock parecem entrar em 80 predispostas a abafar o *country* e o *folk* mais ainda do que o que estão) é um popular cantor dos Estados Unidos que foi grande vedeta da *country music* nos anos 60 e 70. A provar que este é um género de música extremamente interessante, quando bem interpretado e recriado, esteve «The Gambler», tema cantado por Rogers num compartimento de comboio, onda sobressaíam três bonecos humanos extraordinariamente bem «fabricados», dignos de figurar no melhor museu das máscaras do *far-west*.

Apesar de só ter interpretado duas canções, Rogers foi uma presença de respeito no «Muppet Show» de sábado; para além dele e do seu pequeno show, a bicharada esteve muito irrequieta, com o Gonzo a ser catapultado para o camarote dos velhos Waldorf e Statler (que acabaram por levar com o Cocos e a Miss Piggy em cima). O Cocos esteve de facto em noite «não»: depois de ter sido hospitalizado numa cama inventada por uma fábrica produtora de torradeiras eléctricas e de levar com os candeeiros na «coca», não teve outra alternativa senão arranjar uma muletas e andar com Miss Piggy «às costas»... Coitado do Cocos...

Ninguém deve ter dúvidas sobre a oportunidade e a necessidade de estarmos permanentemente em contacto, *via televisão*, com as riquezas patrimoniais que nos pertencem — e que, ou estão em óptimo estado de conservação (e devem ser visitadas), ou estão em estado adiantado de degradação (e devem ser rapidamente defendidas e recuperadas). Infelizmente este último caso é aquele que se verifica em profusão. Esse contacto permanente é necessário, porque os portugueses devem ser consciencializados de que não há de facto melhor herança para os nossos filhos do que um Património Cultural conservado e inclusive salvaguardado de possíveis catástrofes que o deitem definitivamente por terra.

«Património, o que é?» cumpre essa missão inadiável: informa, alerta e propõe caminhos para se chegarem a esses objectivos. Já o havíamos dito. No que respeita ao horário de programação que lhe foi atribuído no sábado à noite, a seguir aos Marretas, não nos parece que seja o mais adequado. De facto, se é verdade que grande parte dos telespectadores estão em casa, mais ou menos predispostos para uma programação «ligeira» de fim-de-semana, a que normalmente só as variedades ou os «musicais» conseguem responder consensualmente, é lógico que um programa como «Património o que é?» seja por vezes demasiado «pesado» para uma parte significativa do público de sábado à noite. Ainda assim, a ser mantido no horário de sábado à noite, (estas questões são sempre muito contingentes) preferímos vê-lo antes dos «Marretas», uma vez que quem lê o programa da BBC também lê «Património» e o contrário já não acontece.

29/1/80

Rui Cádima

Um médico no Ártico outro no Far-West

No domingo, uma viagem ao Círculo Polar Ártico, depois de um dia de praia... Tratou-se de uma produção da BBC, de 1974 (um pouco atrasada, não acham?) com realização de Richard Robinson. Em foco o dr. Alex Williams, um jovem médico que utiliza a sua profissão quase como se de um etnólogo se tratasse, com experiências vividas nos trópicos africanos e nos gelos polares do Alasca canadiano.

A experiência do jovem cirurgião é de tal forma fascinante que a BBC não perdeu tempo em realizar o filme que agora vimos, seis anos depois portanto de ser produzido, quando Alex Williams tinha 32 anos.

Dele também se poderia dizer, como alguém disse de Robert Flaherty (o realizador de «Nanouk o esquimó») ser «o homem do Pólo». *Nanouk*, esse maravilhoso filme de Flaherty esteve sempre presente em nós à medida que fomos vendo este «Médico no Ártico».

Se Alex Williams preferia ser transportado nas grandes viagens por trenós puxados por cães (em vez dos *skidoos*, os veículos motorizados para o gelo), Flaherty, em 1919 não teve outra alternativa. Assim como a construção dos *igloos* (as «casas de gelo» dos esquimós) também foi comum a ambas as «expedições». Em qualquer delas, ainda, grandes percursos a serem transpostos através de gelos e de temperaturas negativíssimas...

Todavia, se Flaherty procurava com *Nanouk* «O Espírito e o Homem», Williams, enquadrado por outras tecnologias, procura outra dimensão do homem, muito possivelmente o seu próprio ser, numa entrega constante de si próprio; cumpre também uma missão profissional: visita anualmente Artic Bay, a caminho já do Polo Norte, para consulta dos doentes.

O seu local de trabalho permanente é em Frobisher Bay, mil quilómetros a Sul de Artic Bay. Williams coordena uma região extremamente vasta, subdividida em zonas com postos de enfermagem em ligação telefónica com o seu centro hospitalar.

Naquelas regiões já não se verificam actualmente os mesmos índices de mortalidade infantil do tempo de *Nanouk*, como é óbvio... Se antigamente as famílias de esquimós perdiam mais de metade dos filhos, hoje é já possível compreender o planeamento familiar, as limitações de caça ao urso polar e às focas.

Para a viagem de oito dias a Artic Bay, um percurso de cerca de 320 quilómetros por terras cobertas de gelo e a temperaturas que variam normalmente entre os vinte e os oitenta graus negativos, os participantes aprontam as suas peles de caribu, montam os trenós, arrumam os mantimentos, atam os cães. Partem em Abril, na altura em que os gelos derretem um pouco. Os primeiros dias passam-nos a percorrer os lagos gelados, para depois subirem para terra. Por cima de um enorme silêncio o velho esquimó canta a história de um caçador que chega a um rio e não o pode atravessar. Terão que parar mais tarde e construir um *igloo*, com blocos de gelo de 13kg, num total de 65 blocos, cerca de 900kg de peso e 40 minutos de trabalho para três esquimós experientes. O chão será coberto por duas camadas de pele de caribu (a pele mais quente para aquelas regiões) e lá dentro farão um guisado nórdico com carne de caribu e de foca (esta chega a ser comida um ano após ser morta e escondida no gelo). Vêm as temperaturas mais frias e são as próprias câmaras a parar... Finalmente algum sol e a descida para Artic Bay. A recepção é feita com *skidoos*! Os tempos de Flaherty ficaram para trás, mas *Nanouk* não deixou de espreitar, diria quase plano a plano, este médico do Polo...

Dr. Sócrates

William Dieterl, o realizador de «Dr. Sócrates», com Paul Muni (esse mesmo, o Al Capone de «Scarface» de Howard Hawks) foi sem dúvida um cineasta de segundo plano nesses loucos anos 30 e 40 do cinema norte-americano. Contudo, «Dr. Sócrates» foi para nós uma descoberta interessante, na noite de sábado. Parte de um facto vulgar — a chegada de um novo médico à cidade (com tudo o que daí já foi dito pelas mais variadas ficções) — para depois desafiar uma narrativa complexa, principalmente a nível das relações entre os personagens principais, até penetrar de forma bem conseguida (por vezes com sequências inesperadas de «auténtico» filme B) no *underworld* de uma pequena cidade americana, onde os cavalos de Jesse James foram substituídos pelos Buggati — e tudo o resto permanece na mesma...



telecrítica

30/7/80

Rui Cádima

Os miúdos, os graúdos e o Quincas

Poder-se-ia dizer à partida que o grande público televisivo começa a estar de parabéns no que se refere à programação dos musicais «ligeiros» ou das variedades. Com efeito, depois de um longo interregno após a última emissão dos «Sheiks», apareceram três programas musicais que mereceram de uma forma geral a aceitação do público. Como estão lembrados, primeiro tratou-se da homenagem a Amália no S. Luiz (um programa que foi polémico, sem dúvida), depois vieram a Rita Ribeiro e o Joel Branco, em «Part-time» e agora os «Miúdos e Graúdos», com produção e realização de Nuno Teixeira e texto de Orlando Neves.

Não chegámos a perceber se se trata de uma série, se de um programa isolado. De imediato julgamos que «Miúdos e Graúdos» poderia ser um ponto de partida para uma série musical. A velha ideia de reunir vários grupos e cantores «ao vivo» no estúdio, ou numa *boite*, se é de facto o mínimo que se deve exigir à programação de uma qualquer cadeia televisiva, é, por outro lado, no caso da RTP, algo que quando chega quase merece ser festejado. É que por vezes os meses passam sem que a música portuguesa esteja presente... E isso ninguém comprehende. Se há dezenas e dezenas de bons grupos e cantores, que vão desde o *rock* e o *jazz* à música popular tradicional e ao folclore, não se comprehende, não se vê a razão de um afastamento prolongado e generalizado de todos esses profissionais do seu público.

Mas se «Miúdos e Graúdos» poderia ser uma série musical simples, de produção pouco ambiciosa, para o inicio da noite de segunda-feira, deveria sê-lo cqm algumas correções na sua planificação, que nos pareceu confusa, principalmente na montagem das cenas dos miúdos, um pouco à sorte, ou se preferirem «a martelo», entre duas canções.

Não teria sido difícil passar o texto de Orlando Neves mais por dentro das canções, ou do *plateau* (nem que isso obrigasse a algumas alterações quer de texto, quer de locais de filmagem). Não está em causa, evidentemente, a saudável irreverência e o sentido de humor desses textos. O que nos parece é que poderia ter havido uma maior interligação entre esses diálogos «adultos» das crianças e os próprios cantores (e/ou as palavras das suas canções). O desfasamento entre os miúdos e os graúdos, entre as cenas com texto e as canções, deu a ideia de que se juntaram dois projectos completamente diferentes num só, sem sequer se acordar uma aproximação entre ambos.

Outro aspecto que poderia ter sido resolvido de outra maneira é o que se refere aos participantes no programa. Houve como que uma «mini» reedição do Festival RTP da Canção... Sabendo-se da quantidade enorme de profissionais arredados e «saneados» dos estúdios da RTP — Empresa Pública (neste aspecto é mais privado do que público) é lógico que se condene essa repetição de canções-tistas (e também de reportório). Duas exceções de «peso», apesar de tudo: Shila e Jorge Palma. Bom, de qualquer modo todos estiveram bem, eles e os outros, o Manuel José Soares e o Bric-a-Brac, a Lara Li e os fandangueiros, a Dina e o Quarteto em Si, todos à altura de um bom programa de variedades, agora mais descontraídos que no Festival da Canção.

Quincas Berro d'Água

Profundamente misterioso e sonhador o Jorge Amado da novela «A Morte de Quincas Berro d'Água», publicada pela primeira vez em 1959 e algum tempo depois na revista francesa «Les Temps Modernes», dirigida por Jean-Paul Sartre. Walter Avancini, o mesmo da «Gabriela», realizou, dando-nos o Quincas pelo olhar dos outros, do seu grupo de amigos e da sua família distante, que o reenvergava. Por eles fomos levados às várias mortes desse funcionário vagabundo, último filho de liberdade da cachaca, das mulheres e

telecrítica

31/7/80

Rui Cádima

«Você tem visto os Jogos Olímpicos?»

Desta vez o cronista sente necessidade de filosofar um pouco em torno dos Jogos.

Não é novidade para ninguém referir que nestes Jogos Olímpicos de Moscovo se pretendeu jogar mais com a publicidade e a propaganda políticas, a partir das quatro paredes dos gabinetes presidenciais e ministeriais, do que permitir a competição amigável entre desportistas de todo o Mundo, nas pistas e nos «rectângulos» dos estádios soviéticos. E a prova é que em determinados órgãos, de informação mais ou menos «tóxica», se verifica, por vezes, haver mais referências ao que está (e não está) para além dos Jogos, mais concretamente a tudo aquilo que é identificado pelos sectores mais conservadores como a «ameaça imperialista soviética» do que aos próprios Jogos e a uma tradição de paz e compreensão entre os Homens que, no fundo, nunca se afastou dos Jogos nas suas várias edições — e isto contra essas mesmas pressões políticas que se abatem sobre o ideal olímpico.

Tudo estaria quase certo, no plano da moral política, se esses mesmos sectores conservadores fossem «diplomáticos» e coerentes em termos de relações internacionais e de política externa. O que é um facto é que não o são. Têm de viver de truques e expedientes para não se tornarem em espécie extinta (veja-se o recente caso «Rio Vouga»). Assim se comprehende por que é que esses sectores políticos, no nosso caso, concretamente, vêm a invasão do Afeganistão com olhar de democratas e já não vêm, pura e simplesmente, a invasão de Angola, por exemplo (ver retardado, quando não há razão para isso, é ver irregular).

É nesta perspectiva que devem ser vistos os pequenos e grandes boicotes que se abateram sobre os Jogos Olímpicos de Moscovo. Aqui o nosso cantinho, à beira-mar plantado, governado como é do conhecimento público por essa espécie de política naturalmente em extinção, fez coro, por obrigação, com os grandes boicotadores. O pequeno papel que coube a Francisco Sá Carneiro nesse coro foi já definido pela Edite Soeiro, no semanário «O Jornal», como a «Olimpíada do Governo». Na verdade, tudo começou com a invasão do Afeganistão e a adesão ao boicote de Carter, depois foi a dissolução do Comité de Preparação Olímpica, depois o cancelamento das verbas para a preparação e deslocação dos atletas, depois a criação do Comité de Apoio à Alta Competição (espécie de manobra dissuasora), depois a limitação da presença das Federações portuguesas nos Congressos das Federações que se realizam em Moscovo durante os Jogos, depois ainda um cancelamento — da emissão filatélica comemorativa dos Jogos que, segundo Edite Soeiro apurou, havia sido determinado na mesma altura em que o Governo interveio junto do Comité, aconselhando-o a não levar os atletas a Moscovo.

Uma análise atenta do que foram as transmissões dos Jogos na primeira semana levar-nos-ia com certeza a concluir que também neste caso se verificaram variadíssimas desatenções (principalmente de segunda a sexta-feira, já que a programação do fim-de-semana, para além de ter sido substancialmente alterada, tem que ser encarada de outra maneira uma vez que o telespectador pode assistir às transmissões em directo); essas «desatenções» podem ser interpretadas e lidas de diversas maneiras inclusive como boicote subreptício.

No que se refere ao primeiro canal, as transmissões foram feitas, em grande parte, durante a tarde e a encerrar a emissão, antes das notícias (este aspecto de escalar a programação dos Jogos para os horários menos «nobres» é já de si significativa...). No que respeita ao segundo canal, as transmissões coincidiram quase sempre com o bloco informativo principal do primeiro canal (o que também diz tudo...). E, enfim, parece estar tudo dito... Parece-nos, portanto, que a Edite Soeiro pode acrescentar à sua lista a «Mãozinha» que a RTP está a dar aos Jogos Olímpicos proibitivos» de Francisco Sá Carneiro...

telecrítica

1/8/80

Rui Cádima

«Manta de retalhos» e o teatro na província

Antes de abordarmos o último «Manta de Retalhos», dedicado ao teatro profissional que se faz por esse País fora, teatro descentralizado dos dois grandes centros urbanos que são Lisboa e Porto, gostaríamos de tecer algumas considerações sobre o programa em si e o seu lugar na programação cultural do primeiro canal.

Durante algum tempo «Manta de Retalhos» foi como que o único e exclusivo «tapu buracos» de serviço para as questões da cultura. Era nesse programa que se referia a abertura de uma nova exposição, a retrospectiva deste ou daquele cineasta, a estreia de uma nova peça, um novo bailado, etc. Era na «Manta de Retalhos» que se faziam (e fazem) «mesas quase redondas» sobre as questões «quentes» do nosso pequeno mundo cultural (foram, entre muitas outras, abordadas as questões editoriais, a polémica em torno da «Tragédia da Rua das Flores», a adaptação dos «Retalhos da Vida de um Médico» e, desta última vez, os subsídios aos grupos de teatro que actuam nas cidades de província). «Manta de Retalhos» chegou a ser em determinadas alturas, se não estamos enganados, o único programa no primeiro canal onde se falava de literatura, de artes plásticas, de teatro, de cinema, de bailado e de muitas outras coisas...

Entretanto foram surgindo alguns programas mais específicos, como é o caso do «Roteiro dos Teatros» (que depois mudaria de horário e passava a ser «Espectáculo-Teatro»), do recente «A Ler Vamos», do suplemento cinematográfico de Luís de Pina e parecemos que nada mais (há ainda «Autores Portugueses» que é demasiado circunscrito). No que se refere ao bailado e às artes plásticas nada de novo nem de velho surgiu. Talvez um pouco por isto tudo, talvez um pouco por aquilo que ainda não vimos, «Manta de Retalhos» começou a rarear...

Contudo, parece-nos que ainda tem um enorme espaço de ação, quer como programa informativo, quer como gerador ou apaziguador de polémicas, quer ainda como espaço para divulgação, análise e crítica; enfim, os retalhos da incomensurável manta... Há que definir campos de ação e estratégias, «arrumar» os programas, delimitar as zonas de actuação. O programa coordenado por Orlando Neves tem tapado e bem, como dissemos, imensos buracos culturais da nossa televisão. Se o seu campo de actuação for circunscrito fa-lo à muito melhor. Porque não, por exemplo, um espaço-magazine semanal?

Bom... Em relação ao que foi tratado no programa de quarta-feira, um tema que aliás surgiu na sequência da atribuição de subsídios aos grupos de teatro independentes, há a referir, fundamentalmente, a acusação feita a Vasco Pulido Valente de ter comprometido o trabalho dos grupos de teatro de província com a sua política de financiamento dos vários grupos.

Se a defesa de Pulido Valente (que também foi convidado para a mesa-redonda, tendo respondido que não poderia estar presente devido aos seus afazeres governamentais), defesa exposta, salvo erro, em conferência de Imprensa, foi que era legítimo reduzir os subsídios para alargar o número de grupos subsidiados, os grupos representados no programa (o TEAR, de Viana do Castelo; o TAS, de Setúbal, o Teatro Laboratório de Faro e o «Grupo de Campolide», agora em Almada), foram unâmes em atacar a política do secretário de Estado da Cultura como sendo uma política que pretende descartar o governo central do papel de garante da continuidade de trabalho de todos os grupos. Tal como foi afirmado por Joaquim Benite, uma coisa é considerar os apoios camarários como apoios suplementares, outra coisa é querer que sejam as autarquias a sustentar os grupos profissionais da província (ainda por cima após a redução dos apoios financeiros às autarquias)... Esperemos que essa posição seja revista para que a actividade desses grupos, que neste momento já se repartem por sete cidades do País, se possa desenvolver cada vez mais e nesse sentido dar o exemplo exacto da descentralização que se fala e não se pratica.

XII / Sábado, 2 de Agosto de 1980

telecrítica

Rui Cádima

Pormenores...

Em primeiro lugar um pormenor que tem a ver com a realização televisiva dos Jogos Olímpicos: estamos a ver o *replay* de uma das séries eliminatórias da estafeta de 4 x 400 metros, prova ganha pela República Democrática Alema, muito bem disputada e discutida nos últimos metros também pelos italianos e pelos checos. Eis que, entretanto, na banda sonora (que é transmitida em directo, enquanto a imagem está a ser repetida) nos é dado aquele «bruá» típico de quando «cai» uma marca. Naturalmente, o telespectador não sabe o que se passa, os comentadores do Lumiar também não dizem nada que elucide sobre o acontecido e é a realização que, sobre o *replay* da estafeta, nos dá a repetição do salto em comprimento de uma atleta polaca que tinha, de facto, causado o pasmo geral com os seus 6.95 metros (marca que viria a ser ultrapassada por três atletas, com marcas superiores aos 7 metros — facto inédito nas provas femininas de salto em comprimento).

Mostrado o salto de Vodarszyk, de novo nos é dada a continuação do *replay* da estafeta, a partir do plano onde tinha sido deixada, para acompanhar o novo acontecimento que tinha já ido para o ar através da banda sonora...

Trata-se, de facto, de um pormenor extremamente raro neste tipo de transmissões. Nós, confessamos, se isto já tinha acontecido ao longo destes Jogos, não o tínhamos visto ainda. Nem nestes Jogos nem noutras...

Vimos, ainda, o bom comportamento de João Campos nas meias-finais dos 1500 metros, que, apesar de penúltimo, acabou por chegar no «pelotão» dos «craques»...

Alterado, entretanto, o horário da programação de antes do jantar (ou de antes do Telejornal), com os Jogos a prolongarem-se até às 19.10H, a programação infantil, cujo inicio estava previsto para as 17.55H com os «Contos Infantil», seguidos, depois, às 18.20H, das «Histórias Contadas», não chegou pura e simplesmente a ir para o ar... «País, País» também não entrou a horas, passando para o horário da «Encyclopédia de Bolso». Entre o bloco dos Jogos e o bloco informativo ainda tivemos o «Popeye», para criança ver...

E passamos por cima de «País, País» e do «Telejornal», para os quais (principalmente para o último) nos vai faltando a paciência, para falarmos um pouco de férias, das férias que os outros também parece não terem, e falar da literatura própria dos meses de Verão e dos livros que os entrevistados «A Ler Vamos» nos deram a ver...

Alguém dizia que aproveita o Verão para ler livros sobre ecologia e sobre o mito da Virgem Maria, ao contrário do que prefere no Inverno: policiais... Outros afirmaram quase o contrário... Enfim, daqui logo se conclui que nestas coisas da literatura de férias «cada cabeça sua sentença»...

O Mário Viegas era, entretanto, «apanhado» no Cais do Sodré, não no Jamaica, mas na estação dos comboios, pelo Diogo Pires Aurélio — e depois foi todo um «papo» muito bem batido, acabando de chegar do Brasil, com o «Corcovado» ali ao pé, enfim, o Mário Viegas ainda tinha um pezinho no Rio (e não resistiu...). Ele falou do Vinícius, do «poeta sem gravata», que uma vez recitou a sua poesia em cima de um automóvel, à porta de uma boite gráfica do Porto, nos finais dos idos sessenta...

E o Mário falou-nos ainda de um tal Álvaro de Campos e de um tal Carlos Drummond de Andrade, e de Fernando Pessoa — que, como ele disse, é mais publicado e lido no Brasil do que na sua terrinha natal. E falou-se de muitas outras coisas mais... Eu só vos queria dizer que o Diogo Pires Aurélio e a Maria Elisa foram responsáveis por um bocadinho de televisão como raramente conseguimos apanhar. E quem foi o culpado? Não digam nada a ninguém mas o principal culpado foi o Mário Viegas... A palavra tem que lhe ser dada!

telecrítica

4/8/80

Rui Cádima

«AO VIVO»

Após o último «Tal & Qual», «Ao Vivo» (que era emitido à sexta-feira) passou para a programação de sábado. «Sinhazinha Flô» e «A Par e Passo» acompanham-no no preenchimento do espaço deixado em aberto pelo programa de Joaquim Letria (um dos programas de maior auditório da RTP).

Ver de que forma é que o telespectador ficou mais ou menos bem servido parece-nos ser uma questão fora de causa, pelo menos neste texto, embora à primeira vista se possa adiantar, com alguma segurança, que o bloco informativo e cultural ficou mais favorecido, por assim dizer. E se este aspecto ressalta com alguma nitidez, não será descabido afirmar que, em termos de programação própria para a noite de sábado, a «2» desceu uns bons pontos, depois da saída do «Tal & Qual» — que foi uma nova aposta nesse âmbito — uma aposta ganha.

Em relação ao último «Ao Vivo», Eduardo Prado Coelho, logo de inicio, ao fazer o sumário do programa, mostrou-nos que uma emissão de características culturais (dirigida sem dúvida alguma a um público mais informado, com zonas de interesse completamente diferentes das do telespectador médio) pode (e deve) suscitar a curiosidade e a predisposição desse mesmo público (e do outro) para a abordagem por vezes ligeira de assuntos que também deverão ter o seu lado lúdico.

Tinhamos então um tema central com o cineasta António de Macedo como convidado especial, para falar, entre outras coisas, da estreia do seu filme «O Príncipe com Orelhas de Burro», prevista ainda para este mês, no Apolo 70. Tocar-se-ia ainda nalguns livros para férias — intervenção de Fernando Assis Pacheco e de Eduardo Prado Coelho com óptimas referências e alguns bons conselhos, como é o caso de um «livro de cantares», antologia da poesia chinesa, de um livro de um tal Tomás de Melo (boémio do século passado, homem que privou com alguns dos nomes sonantes da Geração de 70), e, enfim, entre algumas outras obras, dois ensaios — um de Alberto Ferreira, «Estudos de Cultura Portuguesa do século XIX» e a «Literatura Marginalizada», de Arnaldo Saraiva.

Para além dos livros e de uma informação-roteiro dos espetáculos (digamos que do bom cinema, do teatro de qualidade, etc.), «Ao Vivo» reservava-nos ainda uma intervenção de Rão Kyao, julgamos que a primeira depois de ter regressado de uma digressão de seis meses por terras do Oriente. Rão é um dos grandes nomes do Jazz fabricado por cá, o único que vai a caminho do quarto LP. Profundo adepto do Jazz modal e da música tradicional indiana, como ele confessou ali mesmo a Aníbal Cabrita (grande parte dos homens da Rádio sentem essa necessidade de estarem off... Há que encontrar a forma e o gesto da passagem de um meio para o outro), Rão interpretou alguns dos seus últimos temas (variações) num momento de televisão extremamente belo e arriscado (o público já deveria conhecer bem o Rão de «Malpertuis» e de «Bambu» para melhor compreender a sua deambulação oriental, mas, há sempre esse mas, a RTP nunca cumpriu com os músicos e, de uma forma geral, com os artistas portugueses. Às vezes chegamos a pensar que a promoção dos valores nacionais é entendida pela burocacia do «5 de Outubro» como publicidade paga...).

De cinema português fez-se ainda um pequeno apontamento sobre a nova Cinemateca Portuguesa; Félix Ribeiro e António de Macedo falariam da antiga e da nova, da sua história e da polémica que levantou o edifício de Barata Salgueiro. Macedo atacaria depois a política do secretário de Estado da Cultura, Vasco Pulido Valente, acusando-o de criar um vazio legislativo em relação à produção de filmes e também de não ter cumprido a lei em vigor, ao impedir a elaboração dos planos de produção de 79 e 80. Não se chegou a fazer luz sobre o que nos parece muito importante na política cinematográfica de V.P.V.: Quanto dinheiro já foi gasto e de que forma foi gerido? Qual a legalidade que preside à atribuição de subsídios não integrados num plano de produção? Qual a legalidade de uma política sectorial que não liga coisa nenhuma, às pretensões legítimas, da grande maioria dos profissionais da actividade cinematográfica? Qual a legalidade de uma política que não liga coisa nenhuma à interpelação da oposição e às perguntas concretas que lhes são postas na Assembleia da República? E já agora, qual a legalidade da política da indústria cultural?

telecrítica

5/8/80

Rui Cádima

A despedida dos Jogos

Terminaram os Jogos Olímpicos de Moscovo. Sobre eles aqui fizemos algumas breves análises, umas de características históricas, outras políticas, outras ainda no âmbito da especificidade da linguagem televisiva.

Aquando da cerimónia de abertura, sem que nos passasse despeitado, no texto então publicado não chegámos a falar da grande confusão que causou o facto desse trabalho não ter sido transmitido a cores. Foram apresentadas razões algo insólitas, como, por exemplo, o ter-se dito que a retransmissão via Marrocos (sistema *se-cam*, tal como o soviético) impossibilitava a captação da cor. O que se passou, concretamente, não chegámos a entender. Também à espera de resposta concisa estão algumas dúvidas por nós já levantadas (e não só por nós) acerca da participação da RTP nestes Jogos através dos seus enviados especiais... Durante as transmissões do primeiro dia falou-se na presença em Moscovo de alguns comentadores da RTP. Apesar de não termos acompanhado todas as transmissões dos Jogos, pelo menos em todas aquelas a que assistimos, os comentários foram sempre «em directo» do Lúmiar, feitos um pouco de improviso, com toda a boa vontade dos profissionais, mas sem qualquer apoio à altura do acontecimento (não demos pela presença dos dois intérpretes soviéticos referidos no primeiro dia...). Veja-se que, curiosamente, após a cerimónia de encerramento, no domingo, seguiram-se os Jogos sem Fronteiras, transmitidos de Inglaterra, onde estiveram dois enviados da RTP...

Na cerimónia de encerramento, transmitida agora a cores, pudemos observar de novo a grandiosidade de uma festa que não deixou de exaltar o ideal olímpico, sem descurar a sua importância propagandística. Tratou-se aqui de uma festa à altura da propaganda necessária ao Estado Soviético: uma festa total (se assim se pode chamar) para um Estado totalitário. Uma festa «pirosa» para todos os apaniguados e saudosistas do realismo socialista, decretado em tempos que já lá vão por Estaline.

Uma festa de um provincialismo estético (e colorido também) onde sobressaiu ainda o tom melodramático de algumas encenações (dentro e fora do relvado). Não me refiro tanto à lágrima no olho do simpático Micha, mas antes às canções e às danças finais, com um certo «kar» moderno, com uma meninas e uns meninos que mais pareciam actores secundaríssimos do «American Graffiti», do George Lucas, como se estivessem a ilustrar os anos 50 nos Estados Unidos... Vimos ainda, nas «cúpulas» do Estádio Lenine, o fogo de artifício, e enquanto a pira se apagava, as quase mulheres de Atenas, num ritual grego clássico... E as bonecas gigantes (tradicionais); e as danças cossacas, engalanadas por bandeiras rubras e por um fogo vermelho no céu...

Amadeu José de Freitas preparava a despedida, dizendo «boa-noite Moscovo, bom-dia Los Angeles»... Os «anjos» e o «diabo» acabam de facto por estar ligados. Daqui a quatro anos as «mariquetas» de agora darão lugar às *majorettes*!

De 80 para 84 vamos ficar com aquelas imagens de ondulações corporais, da música apoloética, dos lirismos artificializados, dos jovens e dos lenços produtores de dezenas de símbolos. E da lágrima no olhar do Micha — imagem fotográfica de um «ficar só»... A abertura em Los Angeles terá outro aspecto geral, mas não deixará de vestir uma farda, não deixará de mecanizar os gestos. Mas com certeza que setecentos mil habitantes «indesejáveis» não serão «expulsos» da cidade; nem as entradas ficarão proibidas aos forasteiros; nem as estradas de acesso terão grandes painéis a anunciar aos condutores que não podem entrar na cidade sem livre-trânsito especial. Em Los Angeles, muito provavelmente, não será assim.



telecrítica

6/8/80

Rui Cádima

Os atrasos, os azares e o 13.º

Segunda-feira, à espera do «Telejornal». Passam as 20 h. e o bloco informativo não entra. Musiquinhas, silêncios e o cartão RTP/1. Eis que entra então, não o Telejornal, mas o filme-anúncio de «A Minha Gueixa» que vai para o ar na noite de quarta-feira (hoje, portanto). Depois é a vez de Fátima Medina: pede desculpa pelo sucedido (qualquer coisa de última hora tinha atrasado o «Jornal das 20»)...

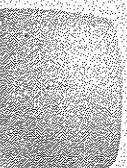
É então a vez das notícias. Esperávamos a abertura do «Telejornal» com uma reportagem sobre a tomada de posse do novo presidente da Comissão Administrativa da RTP — Proença de Carvalho. Tal facto não seria tão despropositado como à primeira vista pode parecer... Contudo, ao contrário do que esperávamos, Fernando Balsinha, logo de início, dá-nos um trabalho sobre o atentado fascista na estação de Bolonha e as manifestações e comícios de protesto que entretanto ocorreram.

Não foi com certeza pelas reportagens enviadas de Itália que o Telejornal se atrasou. Muito provavelmente foi o trabalho sobre a tomada de posse de Proença de Carvalho a sua causa. Enfim, sem querermos tomar uma posição crítica em relação à forma como estas notícias foram tratadas (não nos parecem ser casos extremos), gostaríamos, todavia, de aqui deixar a nossa perplexidade perante a demora das notícias (compreendemos que o Telejornal seja uma espécie de barómetro enferrujado da vida política nacional, mas não entendemos a razão por que se retarda uma informação «morta» à partida — deitando fora, para além de outras coisas, a sua parte mais significativa, que «Informação/2» aproveitou — refiro-me à entrevista com uma empregada da estação de Bolonha que escapou à «bomba-negra»).

Será que tudo não foi mais senão um pequeno conflito em torno da tomada de posse do 13.º presidente da RTP após o 25 de Abril?

Seja como for, os atrasos do Telejornal parecem ser, em noventa e nove por cento dos casos, pura e simplesmente inadmissíveis. Mudando um pouco de assunto. Tenho a impressão de que nunca tinha sentido como na segunda-feira a necessidade de ver simultaneamente (se isso me fosse possível) os dois canais da RTP. Não é que se tratasse de uma programação fora do normal... Eu teria só que optar entre Sousa Brito/Proença de Carvalho/tempo de antena do PSD e «Hoje em França» (um programa de excelentes actualidades culturais franceses, que tinha desta vez a participação de Maurice Béjart, de Jean-Michel Jarre e ainda dois pequenos apontamentos, um sobre a morte de Jean-Paul Sartre e outro sobre o Museu de Cinema Henri Langlois)...

É evidente que perante tão diferentes alternativas (e apesar de tender a dar mais importância às questões de ordem cultural) não tive outro remédio senão proceder pela primeira vez («mea culpa») a essa estranha forma de ver Televisão mudando quase continuamente de canal... Confesso a brincadeira. Prometo não repetir... O que é engraçado é que tive então oportunidade de ver de repente Sousa Brito a dizer que Proença de Carvalho estava extremamente interessado em incrementar a produção nacional... E aí, como devem calcular, dei comigo ternamente embevecido a escutar um discurso de alguém de quem suspeitava o pior... Com medo que Proença de Carvalho dissesse entretanto algo que destruísse as minhas esperanças, passei de repente para o segundo canal... Um pouco mais tarde, de novo no 1.º canal, vi Pinto Balsemão a dizer que os portugueses inteligentes votarão na «AD» (estava ainda o PSD a utilizar o seu tempo de antena). Ora, depois de ouvir esta (porque a outra entretanto esqueci), digo-vos que o meu medo vai agora todo direitinho para a percentagem que a «AD» terá nas próximas eleições. Será que para Pinto Balsemão mais de metade dos portugueses serão estúpidos?



telecrítica

7/8/80

Rui Cádima

A gala do barrete

Idos os Jogos Olímpicos, tivemos agora uma espécie de primeira «desforra» entre muitos dos finalistas em Moscovo e alguns detentores de records e de grandes marcas que não estiveram lá presentes. Foi o grande encontro internacional — «Golden Gala», que teve lugar no estádio Olímpico de Roma.

Este encontro teve a característica pouco vulgar de ter sido apresentado por alguns sectores como uma reunião de alto nível desportivo, quase em oposição ao que se passou em Moscovo. De facto, após o boicote aos Jogos deste ano, dado que nem americanos nem alemães ocidentais participaram nas competições, alguém quis fazer crer que em Roma é que se daria o grande encontro entre os desportistas e o ideal olímpico... Nada mais falso. A «Golden Gala» contribuiu, muito seguramente, aliás como os próprios Jogos, para atenuar divergências e aprofundar a amizade que nunca deixou de existir entre atletas e todos os participantes. A própria delegação portuguesa o reconheceu. Para além disso a «Gala» teve um outro aspecto positivo que foi de facto permitir um reencontro entre atletas, que por motivos que lhes são alheios não se tinham podido encontrar.

A RTP, consciente da importância da prova (e com certeza devendo também a nela participarem Fernando Mamede e Helder de Jesus — dois brilhantes segundos lugares), tratou de assegurar a sua transmissão em directo, das 19h. às 22h. Para Roma seguia entre tanto Bessa Tavares, como enviado especial (prémio de consolação pela maratona «Moscovo visto do Lumiar»).

O que é um facto é que daqui se poderá depreender que a RTP deu mais importância à «Golden Gala» do que aos Jogos de Moscovo... Por um lado nunca tivemos nesse horário, no primeiro canal, qualquer transmissão em directo (excepto ao fim-de-semana), por outro lado não tivemos um comentador no local tão informado e atento como demonstrou querer estar Bessa Tavares. Bom... tudo não passará de um acidente de percurso, se bem que imperdoável, decerto.

No final da «Gala», um pouco antes do comentador ter sido «cortado» a meio de um «porém...», ouvimos a sua opinião desfavorável em relação à provas e ao que se esperava do encontro. Quanto a nós tratou-se mesmo de um pequeno grande *bluff*. Não falamos tanto do aspecto relativo à competição e às próprias marcas alcançadas, mas, principalmente, ao trabalho televisivo realizado no estádio de Roma.

A cerimónia inicial, na qual foram apresentados alguns dos «craques» presentes, deu-nos logo o sinal distanciado de um trabalho correcto que tínhamos visto nos Jogos de Moscovo. O relvado chegou a parecer uma feira, com mais fotógrafos que atletas. A voz do Bessa Tavares de vez em quando perdia-se nos estridentes altifalantes ao serviço do locutor que das cabines informava do andamento das provas... Apesar de a organização desta «Gala» ser extremamente difícil, com as provas a sucederem a um grande ritmo umas às outras, o facto não justifica, não desculpa uma realização que foi por vezes anedótica. Já não bastavam os «palpos de aranha» em que o Bessa Tavares confessou estar... Chegámos a ver uma filmagem um pouco ao acaso de cinco provas simultâneas, com as inevitáveis confusões que daí resultam: planos declaradamente perdidos, *cameraman* «à nora», desatenção dos operadores de câmara, etc. veja-se por exemplo a filmagem da prova em que Helder de Jesus participou — ele só «entra em campo», no final da corrida, já em cima da meta, apesar de ter sido segundo classificado! Algo de mais incrível aconteceu na prova dos 400 metros barreiras, com o vencedor da prova positivamente «esquecido», aparecendo só em cima do risco final, no canto superior direito do ecrã. Enfim, pesados os dados, este foi sem dúvida mais um «barrete» que a RTP enfiou. É pena que as boas oportunidades tenham sido perdidas.

telecrítica

8/8/80 Rui Cádima

Gueixas e queixas

As noites de cinema do primeiro canal continuam a ter os seus altos e baixos, ao contrário do que acontece com a rubrica correspondente do segundo canal, o «Cineclub» das sextas-feiras. O filme da passada quarta-feira, «A Minha Gueixa», realizado em 62 por um antigo operador de câmara inglês, Jack Cardiff, é uma obra bastante significativa desse género de filmes que não adiam nem atrasam em relação a uma programação de qualidade que todos estamos interessados em ter.

Cardiff é um realizador de muito pouca importância; ele evidenciou-se no cinema, fundamentalmente como director de fotografia de alguns grandes realizadores, tais como John Houston, Joseph Mankiewicz e King Vidor, entre outros. Em 1947 ganha o Óscar para a melhor fotografia, «Quando os sinos dobraram».

Em «A Minha Gueixa» Yves Montand representa o papel de Paul Robaix — cineasta de ocasião (tal como Cardiff), um na ficção, outro na realidade. Para além de Montand, Edward G. Robinson — um personagem dos submundo que neste filme encarna um «todo-poderoso» produtor cinematográfico, um pouco na senda de uma experiência demasiado batida nos personagens do «policial».

Para além deles, Shirley MacLaine é a candidata a actriz na adaptação de «Madame Butterfly», uma gueixa ruiva de olhos azuis, mulher do cineasta, agora disfarçada de japonesa, com a cumplicidade do produtor, para poder participar no filme do marido, pessimamente mal dirigido, aliás, a fazer-nos relembrar o Montand de «Tout Va Bien», onde tudo ia muito melhor sob a batuta de Godard...

Edward G. Robinson, depois de «dar cartas» na série B, altera aqui radicalmente de personagem-tipo (para muitos a ruptura não é assim tão evidente — lembremo-nos da comparação que já foi feita entre o «gangster» e o produtor de filmes — homens todo-poderosos, senhores de uma «equipa»)... Contudo essa mudança radical na sua filmografia não se verifica na forma de representar, que não se distancia muito da que lhe é típica nas suas obras mais conhecidas. Nesta comédia Robinson passaria, com aquele rosto e aquela presença, com a maior das facilidades, de produtor a *gangster*, de *gangster* a polícia e de polícia a produtor... Seguramente que se defendia utilizando aquela máscara pouco maleável mas possível para qualquer dos papéis.

Comédia forçada esta «A Minha Gueixa», com uma americana a fazer de gueixa, um cantor francês a fazer de realizador de filmes (só à segunda vez é que se saiu bem) e um actor de série B a fazer de produtor de filmes... No meio de tanta confusão o resultado final não podia de facto ser famoso.

«A Minha Gueixa» é hoje um filme já datado. Pensei inclusive que já o era no ano da sua produção. Quando os realizadores são antigos *cameraman* os resultados nunca são convincentes em termos de realizações brilhantes ou pelo menos, «correctas»... «A Minha Gueixa» é hoje um filme «velho», apesar de ter sido produzido em 62, é uma comédia quase boleadora, «repescada» pela programação com certeza devido ao facto de fazerem parte do seu «cast» três nomes famosos. O que não é suficiente como agora vemos ocasião de observar.

No «Suplemento» de Luís de Pina, um dos programas «a martelo» da actual programação, um espaço sem rei nem roque, vimos ser abordado «ao de leve» o filme que acabávamos de ver; falou-se dos Jornais de Actualidades (que aliás ainda passam sob a forma de «notícias da RFA») e, no meio disso tudo, houve ainda tempo para ir ao bolo mais negro dos arquivos mostrar filmes com a saudação fascista e a marca do SNI, e as legendas «4.º Aniversário da Revolução Nacional»... Se o interesse em fazer levantamentos destes é tão grande, não compreendemos porque é que a RTP, ainda há relativamente pouco tempo, recusou uma proposta de série sobre a história da Mocidade Portuguesa... Um recado para o Luís de Pina: não vale a pena estar a perder-se por tão pouco. Você po-

XII / Sábado, 9 de Agosto de 1980

telecrítica

Rui Cádima

Desabafo: em Portugal não se passa nada?

O emigrante que chega agora a Portugal passar uns dias de férias junto da família tenta saber por aqui e por ali o que de mais significativo se tem passado em Portugal, quer sob o ponto de vista político quer sob o ponto de vista económico. Compra os jornais, presta atenção aos noticiários da Rádio, vê o Telejornal. E discute; discute com base na razão que lhe assiste de ser «mão-de-obra exportada», esquecido nos confins do velho continente, de quarentena em ilhas de trabalho e saudade. Nada mais. E do seu País pouco sabe. Lamenta-se por isso.

O mais natural é ouvir o emigrante culpabilizar frequentemente o Governo português por só se lembrar dele quando é necessário que as divisas atravessem a fronteira, ou então em período eleitoral... O exemplo dos emigrantes é aqui focado porque a partir dele melhor se compreenderá a «excelente» programação e «informação» que temos tido na RTP. Não é com o «doce» da Linda de Suza que se resolvem estas coisas...

Nós, que estamos em Lisboa (ou no Algarve, ou em «férias portuguesas»), nós que não saímos daqui, que não observamos Portugal do lado de fora e que, por conseguinte, acabamos mais facilmente por cristalizar perante o pequeno ecrã, perdendo rigorosamente, muitas das vezes, o sentido crítico perante aquilo que é injetado diariamente do Lumiar para nossas casas, nós, dizia, devemos começar a despertar dessa sonolência que o Telejornal faz actuar como droga pesada no telespectador mais incauto. E a solução já deixou de ser, de facto, apagar o televisor. Ele deve estar aceso e bem aceso, tal como o olhar deve ver «claramente visto», para estigmatizar esse vício, essa indolência que é assistir serenamente, passivamente, a um bloco de notícias febris, preparadas por uma espécie de «internacional da mordança». Os Telejornais que não nos dizem nada, a informação que todos n'os pagamos e que não nos é dada e a censura, institucionalizada devem ser radicalmente postos em causa, sem qualquer espécie de abdicações, de pactos ou de conluios com os responsáveis por essa política informativa «oficial», conservadora, doentia, retrógrada.

E se só agora assumimos claramente este «desabafo» perante um Telejornal que desde há algum tempo para cá tem seguido essa única via é porque deixámos autenticamente «encher o saco», ficámos «pelos cabelos» e já não aguentamos mais!

Para quem chega de fora e também para aqueles que não se deixam adormecer ou embalar por essa droga pesada, a conclusão a tirar depois de uma boa dose de telejornais é a seguinte: em Portugal não se passa nada de significativo: não há inflação, não há conflitos na «maioria», não há dissidências, não há política externa, não há oposição, não há sindicalismo, não há cultura, não há manipulação nos aparelhos ideológicos, não há reportagens «vivas», não há País... (e não resisto a citar os antigos «hermano lobos» que diziam da «apertura» espanhola: «aqui não se passa nada... se se passasse algo já o tinhemos proibido»)...

O Telejornal que temos dá-nos infelizmente uma triste imagem «oficial» deste País. Voltamos à política informativa que é simultaneamente propagandística e censória: são as tomadas de posse, as inaugurações, os empossados sem rosto, os comunicados, as intervenções ministeriais, as notas oficiais, os filmes de arquivo com análise política de antecipação e, enfim, a cobrir tudo isto, a enorme barraca de feira que vende a «banha da cobra», a propaganda, e a anti-informação. Estamos fartos!

Telecrítica

11/8/80

Rui Cádima

«Telejornal»: a informação que não temos

Estávamos nós a referirmo-nos, sábado passado, à «informação — Fialho de Oliveira» como uma espécie de praga censória e auto-censória, quando lemos nos jornais da manhã que ele, director de informação da RTP, acabava de pedir a demissão, depois de estar perante as condições «inaceitáveis» propostas para a nova informação televisiva pelo actual presidente da C.A. da RTP...

É caso para dizer que ainda fomos a tempo... O que então escrevemos, em forma e jeito de escrita automática, paradoxalmente hiper-realista, vinha a confirmar-se nos telejornais de sexta-feira e de sábado.

Vejamos: sexta-feira, de novo com atraso, o Telejornal começa com uma reportagem sobre o pugilato no ciclismo (modalidade bem «à portuguesa») ou seja, sobre os graves acontecimentos ocorridos junto do Sameiro, na 4.ª etapa da Volta a Portugal. Prosssegui com a notícia da morte de 7 pessoas numa fábrica de pirotecnia. A seguir viria uma reportagem sobre a visita de Sá Carneiro a Sines, a convite do GAS (reportagem que não pôde ser transmitida no dia anterior...). A visita do Presidente da República ao distrito da Guarda viria logo de seguida (estranhíssimo o facto de uma outra referência à visita de Ramalho Eanes tenha iniciado o Telejornal de sábado, quando no dia anterior era acontecimento relegado para segundo plano...). Depois passou-se ao noticiário internacional.

As conclusões não são difíceis de tirar (o texto, como o leitor verá, facilitar-lhe-à o «trabalho»). Por mim posso dizer: a ordem e a desordem das notícias pareceu-me ter sido estabelecida a partir da saída das bolas do chapéu do ilusionista. Mas não foi!...

Se nos referirmos assim detalhadamente a esses telejornais é porque vos queríamos dizer que estávamos à espera de outra (de mais) informação, tratada, evidentemente, como tem sido hábito, «à moda da casa», moda bem antiga, por sinal.

Estávamos de facto à espera de ver abordada a polémica (saudável polémica) que entretanto se gerou no seio das Forças Armadas, e ainda a questão dos vencimentos. Estávamos à espera de saber mais qualquer coisa sobre a sondagem encomendada pela AD (que dava vantagem a Eanes) e ainda sobre a posição tomada por Belém perante as «transgressões disciplinares» de Soares Carneiro. Estávamos também à espera de saber como é que tinha sido essa coisa de recusa de investimento da Ford em Portugal e dos despedimentos, na mesma fábrica, na RFA. Estávamos à espera de saber ainda mais: que os candidatos a Belém acabavam de ter (mais vale tarde do que nunca, pensou com certeza Proença de Carvalho) um «estatuto democrático» para as suas intervenções na RTP; e que os conselhos de Redacção dos dois canais estavam contra as afirmações de Proença de Carvalho (isto ainda antes da demissão do director de Informação).

De muitas outras coisas estávamos à espera: da confusão que grassa no sector das pescas, das novas regras para o acesso ao Ensino Superior e do grau de mestrado, das reacções à reprovação constitucional do estatuto da Madeira (vergonhosamente abordada no dia anterior), da reunião sobre a mulher, no Estoril, da greve das Finanças, etc, etc, etc.

De tudo isto estávamos à espera... Não pensem agora que todos estes assuntos aqui explanados nos foram fornecidos por alguma central de informações estrangeira... Não. Limitámo-nos a seguir o conselho que a SECS agora dá e lemos ainda mais os jornais do que nos é habitual. A partir daí estabelecemos, de entre jornais estatizados e privados, que as notícias atrás referidas seriam as mais importantes do dia. O Telejornal assim o não entendeu. O Telejornal não segue o conselho da SECS. O Telejornal não lê os jornais.

Dai, muito provavelmente, Proença de Carvalho ter sugerido as tais novas directrizes a Fialho de Oliveira... Podemos estar desengajados: a partir de agora o Telejornal passará a ler os jornais, a ter notícias e reportagens originais e, inevitavelmente, a informação melhorará substancialmente.

12/8/80

Telecrítica

Rui Cádima

Um «rebuçado» para o emigrante

Falávamos há dias na atenção que a RTP dedica nesta altura do ano aos emigrantes que vêm a Portugal passar as férias com os seus familiares: nem a «Informação» — e muito menos a restante programação, desde os culturais aos recreativos, têm apresentado programas que de algum modo satisfaçam a curiosidade desses muitos milhares de portugueses que à noite ficam «agarrados» ao pequeno ecrã para verem «televisão em português»...

Linda de Suza, ela própria uma emigrante desde há cinco anos em França, esteve no domingo passado no primeiro canal, num programa de meia-hora, realizado por Nuno Teixeira. Linda é uma portuguesa que ganhou muito repentinamente um lugar de destaque entre os cantores preferidos pelos emigrantes portugueses em França. Para além disso Linda de Sousa (o novo apelido satisfaz os desejos de grande parte dos seus admiradores franceses) vende muito bem em todo o mercado francês. Os seus «singles» ultrapassam sempre o milhão de exemplares vendidos — o que constitui de facto um caso de espantar.

Neste programa ela cantou alguns dos seus temas mais populares, em português e em francês, incluídos, ao que julgamos, no seu álbum «La fille qui pleurait».

Programas deste género, onde participem não só cantores portugueses conhecidos das colónias de emigrantes como também aqueles que por diversas razões têm andado afastados tanto da RTP como dos próprios emigrantes, além de serem imprescindíveis em qualquer mapa-tipo, são-no mais ainda nesta altura, em que milhares e milhares de portugueses espalhados pelo Mundo visitam a sua terra natal. Eles devem ser acompanhados pela programação televisiva. E isso não tem sido feito. «Linda de Suza» é um programa isolado que deveria servir de ponto de partida para um contacto mais habitual da RTP com o emigrante, quer no âmbito recreativo e musical, quer em muitos outros aspectos; também a Informação deve prestar ao emigrante o melhor apoio e um contacto que ele sinta permanente.

Esta uma proposta que, ainda que surja aqui com algum atraso, julgamos vir ainda a tempo de alertar os responsáveis da RTP pela pouca atenção que tem sido dada ao emigrante. Uma proposta que poderá permitir, tal como o desejamos, que ainda se faça justiça este ano...

O concurso «Prata da Casa» parece estar a atravessar uma fase em que os «maus olhados» se dirigem todos ali para o teatrinho das Picoas aos domingos à noite. De facto, de azares se trata: veja-se a penúltima emissão em que só faltou um desafio para duelo, com luva na face e tudo, entre Fialho Gouveia e Ribeiro de Mello e veja-se agora esta última com a interrupção da emissão por falta de energia no Villaret (não vale a pena interpretar essa falta de electricidade como pequena vingança de um qualquer marialva fadista, depois de O'Neill e Ribeiro de Mello terem prendido o amador es calabatano com 1 voto cada...).

Enfim, são azares... Azar também do telespectador que teve que gramar um «interlúdio» forçado com imagens do Manuelino, do Castelo de S. Jorge, etc., e com música que ia do rock português a temas do século XVI. Uma péssima escolha tanto de imagem como de som. Mais valia ter repetido a Linda de Suza...

Uma chamada de atenção ainda para a excelente série que está a passar no segundo canal, a partir das 22h. de domingo, intitulada «Tendências do Século XX» — uma boa alternativa ao «Prata da Casa» para quem se interessa pela arte contemporânea.



telecrítica

13/8/80

Rui Cádima

«Mathis»:

Um amigo perfeito?

«Mathis» é o novo programa infantil que a RTP escolheu para substituir «O Salva-Vidas Voador», série que passava habitualmente no horário de abertura das segundas-feiras. Embora limitados ao primeiro episódio, achamos que foi uma boa escolha. Trata-se de uma produção sueca e, por isso mesmo, de uma série feita para um público de um outro nível cultural e social, absolutamente diferente do nível médio português. Esse aspecto ressaltou-nos logo neste primeiro episódio. Para além dele há que referir a particularidade de ser uma narrativa que se desenvolve entre Mathis (uma criança de cinco anos) e os seus pais, um jovem casal — o que não deixa de ser pouco vulgar nas ficções televisivas. Um outro aspecto relevante é a voz *off* que vai descrevendo, na medida do possível, ao que julgamos, o que se passa em cena: como temos afirmado por diversas vezes, os filmes infantis com legendas raramente são seguidos de verdade pelas crianças, pela simples razão de não estarem ainda na fase de lerem com rapidez as legendas dos diálogos.

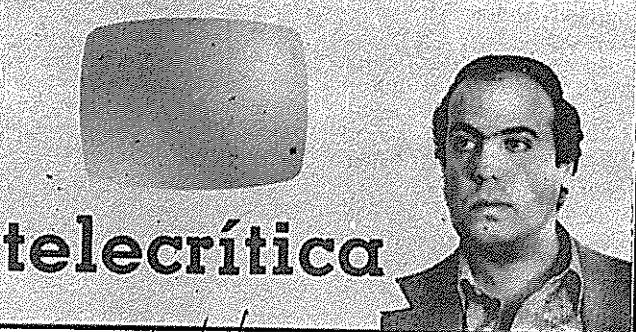
Por isto, e ainda porque «Mathis» parece-nos ser uma série em nada pretensiosa, baseando-se nas histórias simples do quotidiano de um jovem casal com um filho pequeno, achamos que ela virá a despertar um grande interesse não só entre os miúdos como também entre os pais, que os devem acompanhar na visão da série (veja-se, aliás, o exemplo dos pais, neste primeiro episódio, quando se sentam com o filho frente ao televisor para verem em conjunto o programa infantil do ursinho Theodor, explicando ao filho determinadas coisas que vêm que ele não compreendeu...).

Mathis poderá assim tornar-se um bom amigo dos pequenos espectadores e também dos pais, permitindo uma troca de experiências entre uma educação e outra, pondo em cheque os pequenos tabus que por aqui ainda se estabelecem em relação às crianças e, enfim, contribuindo para uma saudável comunicação entre formas de educar e de viver que nos parecem importantes de seguir.

Para além do «Come e Cala» (que continua a analisar de forma criteriosa e didáctica os pequenos e os grandes contras daquilo que consumimos e da própria qualidade de vida), tivemos, ainda na segunda-feira, um «Telejornal» que subiu alguns pontos em relação aos imediatamente anteriores, francamente mediocres e capciosos, e ainda com a novidade de ter aparecido Adriano Cerqueira autenticamente «em forma».

Passamos por cima da reposição de «Platonov», que Carlos Cruz foi buscar aos arquivos (enquanto não consegue, tal como quer, produzir quinzenalmente novas peças) para fazermos uma breve referência à segunda parte do programa sobre a originalidade do Renascimento português, com texto de Joaquim Barradas de Carvalho e António Baptista Pereira e realização de Cecília Netto. «Um Saber de Experiência Feito», assim se intitulava a segunda parte; para o demonstrar através da história de quinhentos, os autores optaram por uma pequena encenação com alguns actores a representarem os nossos experimentalistas do século XVI, grandes obreiros de uma mentalidade pré-científica. Apesar de as duas partes terem sido extremamente importantes para a divulgação do nosso século mais «venturoso», não queríamos deixar de referir ainda assim uma certa pobreza de meios e de condições de produção que não estiveram de forma nenhuma «à altura» de tão elevado tema na História de Portugal.

20 Televisão Espectáculos



telecrítica

14/8/80 Rui Cádima

Recear o pior...

Afinal quem ironizava em torno da última nota interna de Fialho de Oliveira, como nós fizemos muito recentemente, nota essa em que era revisto o tempo de antena a atribuir aos candidatos às eleições presidenciais, viu agora completamente gorada a sua ironia: Proença de Carvalho acaba de suspender essa ordem de serviço, não se sabendo se de facto prevalecerá ou não o espírito democrático na distribuição dos tempos. Também nós, como aliás os próprios conselhos de redacção, receamos o pior. E quando isto acontece é porque já estamos, infelizmente, perante situações anómalas. A ver vamos.

Terça-feira estava previsto para antes do Telejornal mais um programa co-produzido entre a RTP e a Comissão da Condição Feminina, anunciado como mesa-redonda sobre a Conferência Internacional da Mulher, recentemente realizada em Copenhague. Este era de facto o programa que aguardávamos com mais interesse na programação de anteontem, fundamentalmente pelo seu conteúdo. Suspeitávamos mesmo que a restante programação do primeiro canal (com exceção para a série inglesa «Perigo! Bomba Não Detonada») fosse extremamente «morna», sem qualquer atractivo de maior.

Quando foi anunciado que «Condição Mulher» não tinha sido terminado a tempo de entrar no «telecinema» voltámos de facto a recear o pior...

Felizmente que os nossos receios neste caso não se vieram a confirmar. «Res Pública» substituiu «Condição Mulher» e às 20h lá tivemos o malfadado Telejornal, a começar com a conferência de Imprensa de Cavaco e Silva que, se para uns comportou afirmações contraditórias, para outros não passou de mais uma manipulação de dados económicos e políticos como forma de pôr em destaque chavões como «a inflação não aumentará» (um tratamento mais consentâneo pareceu-nos ser dado pela «Informação/2», com uma breve análise da redacção que de qualquer modo acabou por ser pouco esclarecedora em relação a uma terminologia técnica que o grande público normalmente não comprehende). O Telejornal prosseguiu entretanto com o noticiário internacional: crise no Governo espanhol, convenção democrática norte-americana, Irão, etc., etc. Só depois viria uma referência à conferência de Imprensa da FRS (reportagem toda ela muito *off*) e, depois dela, uma pequena nota sobre o final da viagem de Ramalho Eanes ao distrito da Guarda... Sem comentários, mas com um desejo: que a «Informação/2» possa servir neste momento de exemplo para uma informação não tão mediocre como aquela que nos está a ser dada pelo primeiro canal.

Ainda uma referência a «Viva! Seja Bem Vindo», segundo título da mesma série. O quarto programa, primeiro que vemos, foi uma surpresa. Por um lado, pela qualidade da produção de João Serradas Duarte, por outro, por ter sido dedicado fundamentalmente ao emigrante. Com a «chega» entre os bois cobridores, o folclore de Montalegre, as festas em honra da Senhora da Piedade e o bom trabalho de toda a equipa, incluindo a «nova» Helena Ramos, «Viva» atingiu claramente o objectivo a que se propôs.

No segundo canal teríamos um novo episódio do «Zé Gato». Apesar de dividido em quase *sketches*, teve a servi-lo um óptimo Luís Lello, vendedor de ilusões (com brinde), um Orlando Costa em excelente forma e, de um modo geral, bons trabalhos de todos os «secundários». O texto também se viu beneficiado desta vez com o reforço da equipa por um *expert* destas coisas, o Diniz Machado.

XII / Sexta-feira, 15 de Agosto de 1980

Telecrítica

Rui Cádima

Palavrinhas

«Três palavrinhas» é o título da longa-metragem que passou na quarta-feira, considerado por alguns como um dos grandes «musicais». Muitas mais «três palavrinhas» há para dizer... Não nos queremos ficar só por essas... Principalmente sobre o «Telejornal» muitas mais há a dizer. Na quarta-feira tivemos a sensação de estar a ver a abertura de um qualquer bloco informativo norte-americano, com aquele longuissimo trabalho sobre o que se passa no seio do partido democrático yanque...

De facto quando em Portugal se passam variadíssimas altercações e outras confusões a nível do aparelho político, dos respectivos aparelhos ideológicos e da economia nacional, o Telejornal temia em «chamar» as notícias internacionais, muitas vezes de reduzidíssimo interesse, para a «primeira página».

Não é bem o caso de quarta-feira... Não se pode dizer que a convenção democrática nos Estados Unidos seja um assunto de reduzido interesse, assim como a aprovação do plano económico Kennedy, mas a verdade é que neste País, nesta fase pré-eleitoral as notícias «chovem» de tal modo, e são tão graves e polémicas, que o simples facto de relegá-las para um segundo plano (ou mesmo de occultá-las) é por demais significativo da pouca vergonha que existe nos sectores responsáveis de uma política informativa ultra-sectária, direitista, atentatória dos direitos mais elementares do telespectador.

Ontem já nos referimos ao tratamento dado a alguns acontecimentos políticos — foi o caso da conferência de Imprensa da FRS, de tal modo mal tratado que mereceu inclusive um comunicado condenatório do PS (evidentemente não referido no Telejornal...).

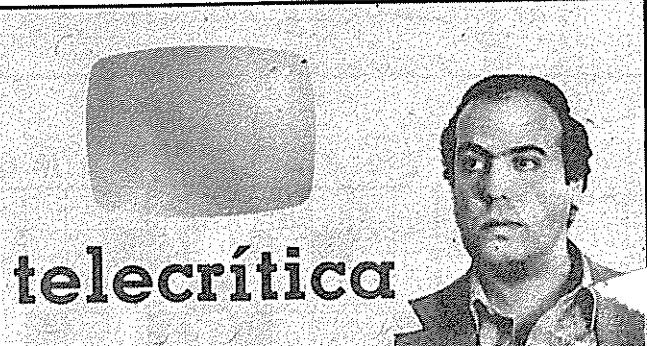
Na quarta-feira tivemos de novo a habitual informação, manipulada, bem urdida: para além de abrir com o «internacional», quando cá na terrinha se passam «fenómenos» todos os dias (não só de Abrantes mas de S. Bento também), o Telejornal abordaria depois a entrega dos requerimentos do PS e do PC para um inquérito parlamentar às alegadas dívidas de Sá Carneiro à Banca. A notícia foinos dada mas a oposição não se pôde pronunciar... Em contrapartida só ouvidos dois membros do PSD, António Capucho e Leonardo Ribeiro de Almeida, que explicariam com o tradicional desplante, a posição do seu partido perante o caso... Direito de «resposta» não existe. Direito à palavra tão pouco.

Tão pouco soubemos o que se passa na Comunicação Social, principalmente no que se refere às «dispensas» e admissões na RDP e à maneira como foi recebida na RTP a proposta segundo a qual Duarte Figueiredo será o novo Director de Informação... Tão pouco sabemos quem dirige agora a informação no primeiro canal, após a demissão de Fialho de Oliveira. Será ainda ele? Será Proença de Carvalho (ou o seu espírito)? Será... Vamos lá a responsabilizar as pessoas e a assinar os trabalhos apresentados, desde a coordenação à reportagem de rua. Vamos lá a mostrar essas «caras» e esses «corações»...

Interessante é também o facto do relatório da OCDE sobre a economia portuguesa ter sido relegado para quarto lugar, quando no dia anterior o «relatório» Cavaco e Silva abria o Telejornal...

Bom... Com isto tudo as «Três Palavrinhas» — canção que foi o último grande êxito da dupla Bert Kalman/Harry Ruby (chegaram a ser considerados «os homens que escreveram as melhores canções na América») e que deu origem ao filme com o mesmo título de Richard Thorpe, ficam reduzidas de facto a menos de três palavrinhos... Thorpe não é cineasta torpe, mas também não é um dos grandes de Hollywood. Realizou filmes de vários géneros mas o musical foi aquele em que assinou trabalhos de maior qualidade. «Three Little Words» (50) é inclusive um bom musical com alguns bons momentos de comédia e com uma excelente coreografia desse mestre que dava pelo nome de Hermes Pan. E se para Fred Astaire este era um dos seus filmes preferidos (e se nós ficámos deliciados) é caso para perguntar agora: mais palavrinhas para quê?...

Segunda-feira, 18 de Agosto de 1980 / Portugal HOJE



Rui Cádima

Erros crassos

Uma das coisas que por diversas vezes não é devidamente considerada pela RTP é a sobreposição de programas de temáticas com interesse idêntico, isto é, nos dois canais, no mesmo horário, passam programas que agradam a um mesmo público.

Na semana passada tivemos uma flagrante que ilustra perfeitamente o erro desse tipo de programação: No sábado estava programado, no primeiro canal, a homenagem a Alfred Hitchcock, produzida pelo American Film Institute. No segundo canal, sensivelmente à mesma hora, deveria ir para o ar o segundo programa da série «Grandes Escritores», dedicado a Henry Miller.

Para determinado sector do público (o público de nível cultural mais elevado), qualquer desses dois programas teria à partida a sua total aderência. Sóeria qualquer deles o «prato forte» da noite — em actualidade, informação e qualidade televisiva. Contudo, para o grande público já não se verifica o mesmo: com certeza que, quer Miller, quer Hitchcock, não iriam satisfazer de maneira nenhuma os desejos do grande auditório de sábado à noite... Portanto a direcção de programas caiu assim num duplo erro: por um lado sobrepõe dois programas com as mesmas características; por outro lado, e em consequência disso, não programou nenhuma emissão de verdadeiras características populares para o horário de sábado à noite. Não seria John Ford a salvar o serão televisivo...

Sábado passado voltaria a suceder o mesmo. Não podemos ter a veleidade de julgar que a pequena série sobre Luther King teve a aderência do grande público. Só o simples facto de ser legendada rapidamente de imediato o auditório numa grande percentagem (não arriscamos o número...).

No segundo canal o «Ao Vivo», programa de grande interesse cultural, não era também uma alternativa para «King». Era-o de facto se tivermos em consideração só essa reduzida camada.

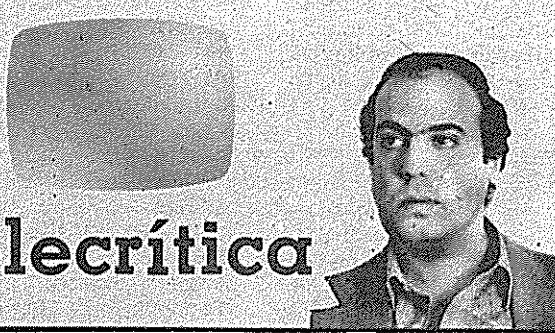
Conclusão: para além da programação de fim-de-semana não surgir com um bom programa de âmbito nacional (recreativo, de variedades, humorístico ou aquilo que lhe queiram chamar) que centralize de facto as atenções do grande público (no «Prata da Casa» sublimam-se os desejos e nada mais), verifica-se que nelas são também exageradamente distribuídos (mal distribuídos) alguns programas que poderiam ser deslocados para os outros dias, mormente quando se verificam essas coincidências absurdas entre os dois canais.

«Animação»

A «Animação» de Vasco Granja mostrou-nos no sábado três pequenos filmes de animação do estúdio da Warner Brothers, produzidos nos anos 40. Dois deles eram inclusive bons exemplos de sátira política, directamente relacionada com os acontecimentos da II Guerra Mundial, dois «Bugs Bunny» com realização de Robert Clampett e Friz Freleng. Segundo o «Top Tv» da revista «Tv Guia», «Animação» é o programa mais popular de toda a programação. É interessante ver até que ponto os mais novos fazem da defesa dos seus programas um ponto de honra. Este «top» para «Animação» não é mais do isso. É ainda uma forma desse público mais jovem exigir uma maior atenção da RTP no que se refere à programação infantil.

O que não queríamos aqui deixar passar em claro era um pequeno pormenor extremamente significativo do desleixo técnico durante o trabalho. As deficiências no som durante a gravação da apresentação de Vasco Granja junto do Tejo, vindas do facto do operador de som não se ter importado com o cabo a bater no chão, são inadmissíveis.

19/8/80



telecrítica

Rui Cádima

Tendências do século XX

Já aqui havíamos feito uma breve referência a este novo programa do segundo canal. Trata-se de uma excelente série que pretende ilustrar a evolução das artes plásticas, abordando a especificidade de cada uma das correntes mais significativas dos princípios do século. Tivemos um primeiro programa sobre a Arte Nova, depois um segundo sobre o futurismo italiano e foi agora a vez do expressionismo.

Conscientes de que se trata de um programa que muito dificilmente conquistará os espectadores adeptos do «Prata da Casa», ainda assim não queríamos deixar de sugerir ao telespectador menos predisposto para aturar o concurso (que se prolonga até à madrugada de segunda-feira), a hipótese «Tendências do Século XX» como forma de encerrar da melhor maneira, pelo menos com um programa de qualidade certa, o fim-de-semana.

Lionello Venturi dizia que o expressionismo sempre existiu («no século XIII Giunta Pisano era um expressionista». O filme de Giacomo Battiato sublinharia em parte esta posição um pouco «marginal», ao referir-se à corrente belga e a Ensor, que nos princípios do século pintaram a Flandres e as suas paisagens, as suas árvores espetadas nas águas, como se a Flandres de Van Eyck fosse também ela precursora do expressionismo. Outros críticos falarão da atitude expressionista de Caravaggio, ou da exacerbação das veias em Miguel Angelo ou ainda de determinadas atitudes expressionistas de certo barroco...

De resto, as posições assumidas em nada eram originais. Aliás, para além de não ser essa a função de séries deste tipo (que têm uma função essencialmente de divulgação) também será difícil dizer agora algo de radicalmente diferente sobre o muito que já foi dito em relação à corrente expressionista.

Assim, o filme de Battiato acabaria por seguir um percurso tradicional na abordagem do tema, não deixando de tratar com um realce inesperado o teatro expressionista alemão, quase sempre esquecido quando se fala no tema.

Na base, portanto, do movimento estariam Ensor e Munch (ele próprio um grande admirador de Gauguin, em quem se tem visto também, assim como em Van Gogh, aspectos percursores do expressionismo), qualquer deles começaria por ser naturalista (*lato sensu*) passando rapidamente para temáticas do grotesco e animalesco, condenando um certo irracionalismo no mundo, as «maldições» e os conflitos entre os homens, etc.

Seriam depois tratados inevitavelmente o movimento «Die Brücke» (a ponte) que transcrevia na tela o absurdo e a crueldade, fazendo notar que a pintura deve ser repelente para traduzir a «náusea» de um momento. Dizia-se na altura, em 1911, que «os planos coloridos não anulam as linhas fundamentais dos objectos coloridos mas criam, pelo contrário, uma função nova que não é nem de representar nem de dar a forma mas de circunscrever a expressão emocional para designá-la, e fixar a vida figurativa à superfície». Falou-se ainda da «Blaue Reiter» a que pertenceram Klee e Kandinsky. A propósito: um crítico italiano, Giulio Carlo Argan, dizia que «da «Brücke» passar-se-ia directamente, por sublimação, à abstracção formal da «Blaue Reiter» — e não foi por acaso que aquele que mais se evidenciou foi um russo: Kandinsky». Tivemos ainda referências exactas ao cinema expressionista alemão, a completar um quadro bem elaborado do que foi o expressionismo e a confirmar que as «Tendências» são de facto uma série a não perder.

20/8/80



telecrítica

Rui Cádima

A Bruto o que é de Bruto!...

Antes e durante César os romanos viveram sob o poder de uma aristocracia que fez de Roma a grande potência mundial dessa época, senhora de um vasto Império.

Até ao assassinato de Júlio César em 44 a.C., e inclusive depois, com Marco António, Roma viveu períodos de grande florescimento, períodos extraordinariamente importantes na sua história, mas viveu também períodos desastrosos, guerras civis, instabilidade social e política e, sobretudo, conheceu a corrupção das suas administrações provinciais, à qual nenhum governador se escapou, incluindo o próprio César.

Nenhum período, como esse, produziu homens tão importantes, senadores e cônsules de renome, queridos dos antigos romanos... Lembramos os Graco, Sila, Pompeu, Marco António, Octávio, Bruto e, evidentemente, Júlio César.

Foi precisamente «Júlio César», a peça escrita por William Shakespeare ao que se julga no ano de 1599, que a BBC produziu e Herbert Wise realizou em 1978, o excelente telefilme (ou a peça de teatro, se quiserem) que vimos na passada segunda-feira.

Paradoxalmente esta adaptação televisiva não incidiu, tanto quanto se poderia esperar, sobre a vida de César e a sua tirania, «galardoadas» pelo Senado no ano em que foi morto com a «inviolabilidade de tribuno» e o título de *divus Julius* — Ditador por toda a vida. De facto, como se dizia no folheto de apresentação «se há alguém que se possa considerar o herói desta peça é Bruto» (Richard Pasco)...

César entra em cena ameaçado desde logo por Cássio, velho amigo seu que sempre se lhe superiorizou, inclusive em brincadeiras da adolescência. Cássio perguntava então a Bruto se aquele homem timido (referindo-se a César) que, por diversas vezes lhe tinha pedido auxílio, poderia ser agora cônsul dos romanos, possuidor de demasiados poderes para um homem só...

Estávamos já perante a conspiração que iria unir Cássio e Casca e alguns outros senadores, à figura incólume e prestigiada de Bruto (o «Também tu, Bruto?» proferido nos derradeiros momentos por César era elucidativo disso mesmo: do poder moral de um homem que ao ser posto ao serviço de uma causa, de um acto conspiratório, logo lhe dá legitimidade — convenhamos que, neste caso, não seria necessária a presença de Bruto para Cássio ter razão quando gritava por «liberdade!»...).

Após o assassinato junto da estátua de Pompeu (também ele perseguido por César e assassinado por um apaniguado), assistimos, na peça, ao elogio fúnebre permitido por Bruto a Marco António, dito ao povo de Roma, à espera de «novas» à porta do Capitólio. Arrebanhadas as multidões, instalado um verdadeiro clima de caça aos conspiradores, fácil seria então a Marco António, ajudado por Octávio, assumir o poder no segundo triunvirato de que faria parte também Lépido, visto na peça de Shakespeare como um «moço de recados». Depois será o fim das esperanças e o suicídio de Cássio e Bruto, na batalha de Filipos.

Pequenas alterações sem grande importância foram introduzidas nesta adaptação histórica, digamos assim. Contudo elas não são significativas de qualquer tipo de manipulação documental; bem pelo contrário. Algumas omissões, como por exemplo os actos importantes e as reformas de César, a amnistia, em pleno senado, dos conspiradores, não vieram perturbar em nada a seriedade e a modernidade de uma narrativa construída há quatro séculos por um dos maiores nomes das letras de todos os tempos: Shakespeare. A BBC veio homenagear mais uma vez de forma intocável o seu nome, prestigiando-se assim a si própria. Tal e qual como fazemos por

21/8/80



telecrítica

Rui Cádima

Condição telespectador

Mais uma vez a nossa curiosidade pelo programa «Condição Mulher» (anunciado para as 19.30H da passada terça-feira, como o já havia sido feito uma semana atrás) foi defraudada.

Tivemos o retinto azar de ligar a televisão uns minutos antes do programa começar — o suficiente, contudo, para não ouvirmos qualquer explicação e, em vez disso, o filme-anúncio da «Super-Mulher»... Receámos o pior... Pensámos que «Condição Mulher» se tinha «masculinizado», e agora se apresentava em jeito de feminismo «machista». Tudo falsos pensamentos, porém. «Condição Mulher» não apareceria. Nem chegámos sequer a ouvir qualquer explicação. Talvez a locutora tivesse anunciado, como é natural, antes da «Super-Mulher», que «Condição Mulher» não iria para o ar... Motivos não sabemos. Na semana anterior os motivos eram de ordem técnica. Um atraso qualquer tinha impedido o programa de ir para o ar. Estranhámos o facto tanto mais que se tratava de uma mesa-redonda. A gravação de uma mesa-redonda é normalmente feita em estúdio — o que facilita evidentemente todo o processo técnico até o produto acabado chegar ao telecinema, isto é, estar pronto para ir para o ar.

Enfim, contas que se fazem... Ficamos, entretanto, a aguardar que para a próxima semana o programa da Comissão da Condição Feminina sobre a participação portuguesa (e não só) na última Conferência Internacional da Mulher realizada em Copenhaga vá finalmente para o ar!

Domingos Monteiro

Não sei porque mistério, o Telejornal tem tido nos últimos tempos uma tendência invulgar para esquecer as sempre patéticas referências àqueles que nos vão deixando, aos grandes vultos da nossa história, aos homens das letras, das artes e das ciências. Escrevi ainda há pouco tempo uns breves parágrafos sobre isso mesmo aquando da morte do saudoso Joaquim Barradas de Carvalho. Estou agora tentado a voltar de novo ao assunto, pela morte de Domingos Monteiro. Não porque o escritor me seja familiar, quer através das suas obras, quer pela sua presença física, mas simplesmente porque li, há alguns anos, um pequeno conto de Natal — «O Sortilégio de Natal», que me impressionou fortemente, deixando-me inclusive o desejo de o adaptar a cinema (chegou mesmo a entrar uma proposta nesse sentido na RTP): é um conto com um elevado sentido do humano, uma prosa quase «pérola sem defeito», de um naturalismo terno e irrequieto. Para alguns críticos, Domingos Monteiro chegou a ser um dos mais notáveis novelistas portugueses contemporâneos. João Gaspar Simões, inclusive, numa antologia do conto universal moderno, escolheu-o a ele e à sua novela «A Enfermeira» para representar a literatura portuguesa a par de outros escritores como Aldous Huxley, Luigi Pirandello, Carlos Drummond de Andrade e Franz Kafka.

Disto e do mais que muitos outros sabem o Telejornal não quis saber. «Cultura», muito possivelmente, só em notas oficiais da SEC... Tivemos depois, nas «24 horas», uma curta referência, lacônica, de obrigação, à morte de Domingos Monteiro...

Aqueles que fazem do Telejornal o seu jornal diário e pouco lêem, nem com a morte dos grandes autores chegam a ter o primeiro encontro... Terão que esperar por melhores dias e outros ventos, para terem ao seu serviço uma informação dignificada e não um trabalho propagandístico.

22/8/80



telecrítica

Rui Cádima

Cole Porter visto de Hollywood

Michael Curtiz, o realizador de «A Vida de Cole Porter» tem sido um dos cineastas cuja obra tem aparecido com mais frequência na programação das noites de cinema do primeiro canal.

Curtiz foi um realizador extraordinariamente prolífico — da sua filmografia constam mais de cem títulos, filmes de todos os géneros cinematográficos, realizados uns com a maior dedicação e outros com as concessões próprias de um autor que nem sempre o soube ser, cedendo muitas vezes à vontade do «cliente»...

O seu período áureo coincidiu inevitavelmente com a «época de ouro» de Hollywood. Logo no início dos anos 30, Michael Curtiz era como que o cineasta de serviço da Warner Brothers, realizando, entre 30 e 39, nada mais nada menos que 44 filmes para a «maior» com quem tinha assinado contrato.

A primeira impressão causada pelos seus filmes mais comerciais, despojados do seu vinco pessoal, remetem normalmente o cinéfilo para uma posição de indiferença perante grande parte da sua obra. Há de facto filmes por ele realizados que lhe proporcionaram grande popularidade (é o caso de «Casablanca» com Humphrey Bogart e Ingrid Bergman), mas, regra geral, isso não aconteceu com a maior parte dos outros.

«Nunca foi um 'autor', mas foi sempre um realizador a saber valorizar um bom argumento». Estas palavras foram escritas no catálogo dos anos 30 (do ciclo de cinema americano da F.C.G.). A posterior visão — graças à RTP — de alguns filmes mais esquecidos, levam a considerá-las um tanto injustas. Bastará pensar em *Virginia City* (Duas Causas) e *Yankee Doodle Dandy* (Canção Triunfal) para não se poder falar de pouco brilho. E quanto a não ser um «autor», a recente descoberta dos seus filmes húngaros, no tempo em que ainda não tinha americanizado o nome e servia o Império de Francisco José em vez do dos irmãos Warner, prova, curiosamente, que o seu estilo mudou menos do que o que se pensava e que certos planos e certo gosto pela ação já traziam a marca do futuro autor de «Robin dos Bosques». Esta a opinião de João Bénard da Costa referente à questão com que iniciámos o texto, opinião expressa no programa elaborado aquando da retrospectiva do cinema americano dos anos 40, nos finais do ano passado.

Curtiz morreu a 10 de Abril de 62, em Hollywood. Nasceu em Budapeste, em 1888. Iniciou a sua actividade artística logo em pequeno como actor e depois como encenador. Na guerra de 14-18 esteve já ao serviço da UFA e em 1925 Harry Warner levou-o para a América.

Até realizar «Night and Day» («A Vida de Cole Porter»), o filme que passou na noite de quarta-feira e que narra, de forma pouco satisfatória, a vida do grande compositor de música ligeira Cole Porter, Curtiz tinha já granjeado grande popularidade ao serviço de Warner, nomeadamente com alguns dos trabalhos atrás referidos.

Em «Night and Day» (que na altura da estreia em Portugal apareceu com o título «Fantasia Dourada») Curtiz mostra-se um autêntico cineasta «de encomenda» com resposta pronta e rápida para as difíceis soluções que uma adaptação biográfica sempre apresenta. É aliás este o aspecto que mais nos ressaltou do filme. A sequência inicial por exemplo, com a reunião na Universidade, a festa de Yale e Cole Porter (Cary Grant) a ensaiar no teatro com a bailarina, cenas montadas e encadeadas de forma a estarem perfeitamente interligadas no discurso filmico, em segundos, dá-nos uma pequena amostra do que Curtiz era capaz. Quem não ficou muito contente foi o próprio Cole Porter, enganado primeiro pelos argumentistas e depois (por quem havia de ser?), pelo próprio Michael Curtiz, também ele «dirigido» por argumentistas ao serviço da caixa...

23/8/80

telecrítica

Rui Cádima

Eugénio de Andrade

e «Autores Portugueses»

Narrativas de história trágico-marítima, a lírica de Camões e agora a poesia de Eugénio de Andrade passaram já por «Autores Portugueses». Enfim, de Eugénio de Andrade, seguramente um dos grandes poetas portugueses contemporâneos vivo, poder-se-ia dizer que esteve e não esteve presente... Dizem-nos que é difícil convencê-lo a estar perante as câmaras, a falar de si e da sua poesia. A sua presença em «Autores Portugueses» poderia ter sido uma razão tão grande como a da sua poesia para estabelecer a ligação entre o que se quer dizer e o que se pode ouvir e ver, ou seja, para estabelecer a comunicação entre o texto *ensaiado* (intelectualizado) e o destinatário, eventualmente aberto a um possível e necessário diálogo.

Seriam então duas boas razões contra uma só. Razão aritmética mais que suficiente para a sua presença, se é que estas coisas podem ser vistas por este lado. Razão de estar vivo, de publicar (de estar público), de dar-se a conhecer na exacta medida do desejo dos outros em conhecê-lo — e mais do que isso, com certeza. E para isso, inevitavelmente, contribuiria a presença do poeta.

Sem Eugénio de Andrade, mas com a sua poesia, estiveram Óscar Lopes (porventura quem mais se aproximou de uma — quase que diria total — compreensão da obra do poeta), José Ribeiro da Fonte (na qualidade de musicólogo), Luís Miguel Cintra (que leu, desta vez melhor, alguns poemas) e Ivette Centeno, a coordenadora do programa.

Desde já gostaria de fazer algumas considerações genéricas sobre o programa. Parece-me importante que haja programas na RTP dedicados a uma abordagem digamos que ensaista da obra literária. É necessário e salutar, é uma aposta a ganhar sem qualquer dúvida. «Autores Portugueses» parece ter esse objectivo — se bem que limitado às edições da Imprensa Nacional. Apoia-mo-lo assim como apoiamos a precisão e o conhecimento de Ivette Centeno. Há porém determinados aspectos que nos parecem algo desordenados.

O horário, por exemplo, não é o mais aconselhável para programas do género (com a agravante de vir «em cima» do Telejornal castiante que temos). Se há que manter o horário, não é necessariamente obrigatório que o programa se «popularize»... Aliás este aspecto tem ainda a ver com a temática de cada um dos programas.

Há é que «refrescar» um pouco a sua forma e arrastar com ela as temáticas (e vice-versa). Aquele sofá começa a ser demasiado confortante para os participantes (incluindo os telespectadores). Não é que adormeça os convidados mas, provavelmente, num estranho processo de *transfert*, pode adormecer o espectador...

Assim, *a priori*, do lado de cá do ecrã, a primeira hipótese a pôr é a saída do programa para fora do estúdio; é o jogar na imagem: então nesta emissão sobre Eugénio de Andrade teria sido interessante provocar os elementos do poeta com a câmara, sentir o húmus, a matéria, a *mater* de uma poética. Teria sido interessante provocar as «litanias» do poeta, dar-lhes uma possível leitura filmica. Teria sido interessante ter o poeta. Luís Miguel Cintra entraria então de um outro modo e a participação de Óscar Lopes e José Ribeiro da Fonte adquiririam forçosamente um outro tempo, também ensaiado, ainda que com a mesma intensidade.

25/8/80

telecrítica

Rui Cádima

Nem frio nem quente

Dizia o jornal de sábado que as coisas na Televisão estavam muito «quentes», principalmente, continuava o jornal, no sector da informação. De facto, depois do «consulado» Fialho de Oliveira ter deixado bem explícita a forma como transformar um Telejornal que cumpria minimamente a sua função num Telejornal híbrido e soturno; depois de Proença de Carvalho ter nomeado Duarte de Figueiredo (o assessor de Sá Carneiro para a comunicação social, como é sabido), profissional que teria afirmado não saber o que fazer na informação televisiva (e que segundo outros nunca soube o que fazer na informação radiofónica — para além de ser bom ministro de propaganda); depois da demissão do director de programas, Carlos Cruz e de alguns dos seus assessores; depois da nomeação de Maria Elisa para o mesmo cargo (nomeação que está a ser vista de forma muito «curta» e limitada pela esquerda democrática); enfim, depois disto tudo, evidentemente que haverá razões mais que suficientes para as coisas estarem assim tão «quentes»...

Mas voltando à informação (à informação que não temos ou ao Telejornal desconexo e contra-informativo que temos) é de notar agora, mais uma vez, o relevo que tem sido dado ao noticiário «nacional» na abertura do bloco informativo principal. Na sexta-feira foi interessante ver que a única notícia nacional à qual os responsáveis do Telejornal reconheceram uma maior importância em relação ao noticiário «internacional» foi exactamente, imaginem, a impressão dos boletins de voto, que por acaso se tinha iniciado no próprio dia... Helder de Sousa abria assim o Telejornal: «Cada dia que passa... aproximam-se mais as eleições»... Elucidativo. Seguiu-se imediatamente o «internacional» com alguma informação referente à Polónia e só no final se veio a retornar o bloco nacional onde se falou do Estatuto da RTP (publicado nesse dia no «Diário da República») e ainda de forma brevíssima (e concisa?), como é apanágio do Telejornal, na demissão de Carlos Cruz e na nomeação da nova directora de programas. Não há dúvida portanto de que no dia de publicação do Estatuto da RTP no «Diário da República» o Telejornal soube seguir à risca todos os parágrafos que nele (Estatuto) lhe dizem respeito (nomeadamente aqueles que se referem a uma informação competente, completa e plural)...

Entretanto no sábado o Telejornal parece ter descoberto que Ramalho Eanes se vai candidatar à Presidência da República (para aqueles lados nunca há fumo nem fogo). Foi a sua primeira notícia. Falou-se inclusive, vejam lá, no apoio de Virgílio Ferreira e Fernando Nâmor à sua candidatura. E pouco mais se disse. É que entretanto Soares Carneiro estava na bicha para entrar em diferido de Vila Nova de Gaia e responder a uma pergunta algo insolita na qual se falava na possibilidade de um regresso ao fascismo. Imaginem as perguntas que o Telejornal agora faz... (inclusive, perguntas que vinhão de terceiros). Evidente que o general respondeu amavelmente com a negativa. Nada mais era de esperar, de resto. A imaginação do entrevistador é que parece, para além do mais, não estar suficientemente informada. Aconselhamos de futuro a leitura de um artigo publicado no semanário «Tal e Qual» do dia 9/8/80, assinado por António Ramos (ajudante de campo de Spínola), intitulado «Soárez Carneiro: que perfil militar?».

Tudo isto a «quente». A «frio» tivemos o resto, que não é nada pouco. Vá lá à exceção para Liza Minnelli e todos os seus admiradores «Marretas».

20 Televisão/Espectáculos

26/8/80

telecrítica

Rui Cádima

Um minuto de silêncio!...

Quem no domingo ligasse o televízor um pouco antes do Telejornal depararia com a transmissão de um resumo do Sporting-Porto, em vez da anunciada primeira parte do Festival Internacional da Canção de Vila do Mar. Os adeptos do futebol com certeza que receberam agradavelmente a alteração na programação. E sabemos que eles não são nada poucos. Os outros, aqueles que aguardavam o festival de canções, no qual participava Paulo de Carvalho, não teriam ficado tão satisfeitos. De qualquer modo, a uns e a outros não deve escapar o significado de utilizar o desporto profissional como catalisador (e simultaneamente alienante) das paixões e discussões populares. Em jeito de sobreaviso: em vésperas de eleições nada melhor do que o favorecimento da polémica desportiva, nada melhor do que o Sporting-Porto para fazer esquecer um outro *derby*, estoutro político, — *derby*, aliás, que nunca o foi — explicar o porquê disso não será com certeza o Telejornal, por exemplo, a fazê-lo. Mas fazer da luta política o tal *derby* de rivais, disso já o Telejornal é capaz, inclusive em suplemento, se necessário. O Telejornal é ainda capaz de muitas outras coisas: por exemplo (aconteceu no domingo), abrir com a notícia da demissão do primeiro-ministro polaco e informar mais à frente que também na Rádio e na Televisão polacas se tinham verificado alterações nas respectivas direcções e administrações. Lá como cá. Mas cá, onde a informação de pantanas, haja ou não haja profundas alterações na RDP e na RTP, o telespectador que queira de facto saber o que se passa não terá outro remédio senão comprar os jornais da oposição. A «AD» não informa; é caso patológico...

Bom... O «Prata da Casa» anuncia-se extremamente polémico para a noite de domingo. Pelo que o «PH» informava a prova de humor da equipa do Porto não estaria nos ajustes com as regras «AD» da casa — facto que teria levado a administração da RTP a actuar no sentido de «proibir a todo o custo» o *sketch* dos tripeiros. Lemos e receámos o pior. E quando o Telejornal acaba e o «Prata da Casa» demora todo aquele tempo (20 minutos) a ir para o ar, começámos a pensar nas coisas mais estranhas... Afinal desta vez não era nada; só um atraso como tantos outros. Ribeiro de Melo fê-lo crer, em declaração pessoal.

Não há dúvida de que após uma breve pausa para reflectir um pouco, pausa provocada por «avaria», facilmente chegamos à conclusão de que o grande *show* do concurso nos é dado pelo júri. Escrevo isto ao mesmo tempo que leio desconfiado no pequeno ecrã «Contamos ligar ao Teatro Villaret»... Elis Regina canta, o documentário do Nepal já passou, o «Prata da Casa» não volta e eu começo a fazer o balanço de «meio-Prata». Vem o júri à baila: é a Beatriz Costa que inicia a votação. Interrompo: o «Prata da Casa» volta 45 minutos depois. Fialho conta tudo: afinal não se tratou de uma avaria. Um telefonema anónimo dizia estar uma bomba na sala. Evacuação, brigada de minas e armadilhas, tudo pronto de novo, excepto a equipa de Castelo Branco. Nova interrupção da transmissão.

Volto à Beatriz Costa que dava 5 pontos aos intérpretes (interrompo: volta a Elis Regina de novo) do folclore de Monsanto (estavam «muito bem vestidos»). Contra o que possam pensar não era uma passagem de modelos... Ovnilogia versus feminismo, em entrevista bem conduzida mas mal encenada, pois que de encenação se tratou, quase parecia (Teresa Cruz diz para aguardarmos. Aguardamos. Volta Elis), quase parecia texto decorado. O'Neill fala em literatura portuguesa progressista e em baladeiros revolucionários (interrompo: volta o «Prata da Casa»). Fialho: Proença de Carvalho telefona do Algarve e pede para Castelo Branco reconsiderar. Não reconsideram. Então que seja tudo resolvido no dia seguinte (ontem) rios — revolucionários, dizia eu. Desculpem-me mas agora é a minha vez de pedir um minuto de silêncio (o Ribeiro de Melo é que teve a ideia).

27/8/80

20 Televisão/Espectáculos

telecrítica

Rui Cádima

Uma televisão
à prova de bomba

Em Portugal é assim: 23 anos depois de cá ter chegado o maior culpado pela «aldeia global» e pela «sociedade da ubiquidade», ainda não se conseguiu estabelecer para um concurso televisivo um regulamento à prova de bomba... Por tudo é por nada é necessário recorrer ao júri e à «mesa», ao Governo Civil, ao dr. António Alçada Baptista, aos «Tesouros Artísticos de Portugal», à Encyclopédia Luso-Brasileira, à brigada de minas e armadilhas, à interrupção, ao guardar para o dia seguinte o que se pode fazer no próprio dia, ao dr. Proença de Carvalho, etc.

O que é um facto é que nós somos todos uns «bacanos», improvávelmos sempre, improvisamos perante as câmaras em directo, enfim, os nossos habituais — ditos — brandos costumes, tudo permitem. Às vezes, as mais diversas situações quase nos fazem julgar que para muitos o ideal seria computadorizar espíritos e gestos, fazer de Portugal um orfeão, um coro unissonante, recital de ladaínhas, em que a programação televisiva não fosse mais do que isso mesmo. Não haveria então desentendimentos nem opiniões adversas. Já os concursos não precisavam de regulamentos. Nem as comissões administrativas se preocupariam com os *sketches* humorísticos de tripeiros ou doutros. Nem a censura teria esse nome. Nem a sátira provocaria sensibilidades uma vez que deixaria de existir. Nem haveria sequer telefonemas anónimos. Enfim, nada se passaria; seria um País à prova de bomba. Seria o País do «tudo vai bem».

Ora enquanto andamos neste vaivém, neste jogo de candidatos a meninos de coro unissonante, enquanto andamos nesta luta pela nossa emancipação (em oposição à desses meninos de coro) aparecem sempre uma ou duas ovelhas negras que por rotunda estupidez não aceitam a crítica nem a sátira (ou o pouco riso e o muito siso), mesmo quando são pouco inteligentes. Não a aceitam, isto é, temem-na sempre, de tesoura na mão, como se a ética alheia fosse igual à sua. E das duas uma: ou começam com falinhas mansas, de tesoura na sátira (ou o siso), ou perdem nas falinhas e ficam por tudo. A outra ovelha encarregar-se-á do resto: basta uma chamada anónima... É a chamada agitação tresmalhada.

E pronto: depois é o regulamento que não serve, são as lesões albicastrenses, os telefonemas do Algarve, os bilhetes da Ibéria, a tourada, é o caos no barraco. É o botar sentença como quem pica o ponto. Tudo isto não é mais senão, afinal, a rabicha democrática no reino da estupidez...

Em Portugal é assim.

E se o espectador quiser fazer a sacramental pergunta: «E agora, RTP?», Proença de Carvalho responderá, expedito, como respondeu, que as «falsas ideias democráticas» não o levarão a hesitar em proibir o que deve ser proibido. E o telespectador, eventualmente, perguntará: «O que será, então, o que é o que deve ser proibido?»

Aguardemos a resposta. Os «estatutos» algumas situações têm tendência a inchar — pode ser que a resposta venha mais rápida do que parece. Pode ser que em breve tenhamos uma Televisão à prova de bomba...

Tudo pode acontecer no Reino da Estupidez.

27/8/80

telecrítica

28/8/80

Rui Cádima

Programas-fantasma

Já é caso para desconfiar: primeiro, há quinze dias atrás, estava anunciado um programa da série «Condição Mulher», no qual estariam presentes, em mesa-redonda, várias participantes portuguesas na Conferência Internacional da Mulher, realizada recentemente em Copenhaga.

Na altura em que o programa devia ir para o ar (12/8/80) a RTP informava que o programa não tinha sido acabado a tempo de ser transmitido. Substituiu então «Condição Mulher» por «Res Pública» e anunciou a emissão sobre a Conferência de Copenhaga para daí a oito dias. O que não se veio a verificar: oito dias depois, de novo curiosos pelo que nessa mesa-redonda se diria, esperámos, em vão, pelo programa. Em vez dos problemas debatidos na capital dinamarquesa, foi apresentado um documentário realizado por António Faria e produzido pela delegação da RTP no Porto. Tratava-se de um filme que acompanhava um grupo de jovens cristãos que espalhavam a mensagem bíblica através de cânticos religiosos, de espirituais, etc. Na altura nem sequer fizemos referência a esta substituição, mas já que somos obrigados a retrospectivar, não queríamos deixar de expressar a nossa absoluta condenação desse programa. Não pelo seu conteúdo, como é evidente. Mas pela forma como foi realizado. Aquele documentário, quanto a nós, nem deveria ter lugar na primeira emissão experimental da RTP há 23 anos atrás. Na verdade raríssimas vezes tivemos oportunidade de ver filmes (?) tão incipientes.

Voltando a «Condição Mulher»: depois dessa nova alteração ficámos convencidos que ainda variámos o programa, se bem que fosse muito estranho o facto de uma mesa-redonda ter assim tantos problemas técnicos em ir para o ar... Qual não é o nosso espanto quando verificámos, ao tomar contacto com a programação da semana, na «TV Guia», que «Condição Mulher» da passada terça-feira não seria já sobre a Conferência de Copenhaga, mas, antes, sobre a problemática da emigração e seus reflexos na situação da mulher, nos dois aspectos imediatos que o fenómeno levanta: a mulher que fica em Portugal à espera do marido que emigra; e a mulher que acompanha o marido na ida para o estrangeiro.

Ficámos profundamente chocados com o «esquecimento» do «Condição Mulher» sobre a Conferência de Copenhaga, esperámos explicações por parte da RTP, mas, como até então nada de novo nos chegasse sobre o assunto, resolvemos aguardar calmamente pelo novo programa sobre a «Mulher e a Emigração» — podia ser que alguma nova informação fosse dada. Mas não.

De facto, terça-feira passada, enquanto esperávamos pelo programa, vêm-nos dizer que afinal já não passa o anunciado «Condição Mulher», mas sim um programa sobre «Ervas e Ervanários». Às 19.30 h confirma-se a alteração. «Ervas e Ervanários» lá esteve a substituir «Condição Mulher».

Teresa Ambrósio dizia há dias que o Governo não estava muito interessado em divulgar as conclusões da Conferência de Copenhaga. Isso viu-se na Imprensa. Vê-se na RTP (o trabalho de Diana Andriga não nos pareceu ser só por si suficiente).

Quanto a «Mulher e Emigração» resta-nos aguardar...

telecrítica

Rui Cádima

Em defesa da olaria alentejana

O primeiro Encontro Regional de Olaria do Alto Alentejo foi tema para o último «Manta de Retalhos», transmitido na passada quarta-feira, antes dos «Jogos sem Fronteiras».

Este primeiro encontro realizado recentemente em Vila Viçosa, veio alertar o País para o facto de se estarem a perder progressivamente os artesãos e a própria arte da olaria da região, mercê de um crescente desinteresse das entidades oficiais pela protecção dessa arte, desse património cultural verdadeiramente popular.

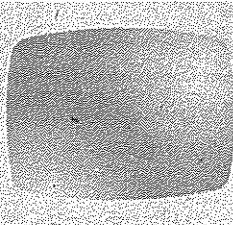
Em boa hora o programa coordenado por Orlando Neves optou por fazer uma desenvolvida reportagem desse encontro. Ter-se-ia perdido grande parte do esforço desenvolvido para a concretização do primeiro encontro se alguma Imprensa não tivesse para lá mandado os seus enviados especiais, mas, sobretudo, se a RTP não estivesse atenta ao que lá se desenrolou. E, infelizmente, tem-se verificado que se não são alguns colaboradores da RTP a salvarem muitas vezes *in extremis* as situações que surgem e que devem, pelo seu interesse, ser captadas, ninguém com certeza o faria, pois a dinâmica interna da «casa» nunca demonstrou ser capaz de se autogerir a si própria... Neste aspecto «Manta de Retalhos» tem sido exemplar, procurando sempre fazer um programa daquilo que é de facto acontecimento cultural. Mas o programa de Orlando Neves, por si só, não chega para as encomendas...

Desta vez, porém, tivemos possibilidade de assistir, através de uma reportagem bem conduzida por Francisco Manso — jovem realizador da cooperativa Arca-Filmes — a este importante encontro de Vila Viçosa.

Ao longo do programa fomos ouvindo as razões que assistiam aos próprios artesãos do barro e à defesa da sua arte; é o problema das faltas de apoio, o encarecimento das matérias-primas, as desistências que se verificam no sector por parte de muitos oleiros, o pouco incentivo dado aos mais jovens, enfim, toda uma série de problemas que confluem todos para o mesmo ponto: o desaparecimento progressivo do artesanato português, que é simultaneamente o desaparecimento de uma tradição secular, forma de expressão genuína de um povo.

Para além deste aspecto o programa deu-nos ainda uma breve panorâmica da região, da sua arquitectura e da sua história: uma visita ao Museu de Estremoz para a filmagem de uma coleção de figuras de barro de temáticas profanas e religiosas que remontam ao século XVIII; uma visita à Pousada da Rainha Santa Isabel, também em Estremoz, recentemente considerada internacionalmente como uma das melhores do mundo, etc.

A festa, entretanto, também tinha lugar, a par do encontro. Convocados ranchos folclóricos, os mineiros de Aljustrel, zés pereiras do Porto, grupos corais, teatro de amadores, cantores populares, «dezedores de décimas», o Grupo de Cantadores do Redondo (que também fez parte da organização ao lado de alguns centros culturais do Alto Alentejo). Enfim, uma festa de raiz bem popular, um encontro de uma grande importância para a defesa do património cultural e do artesanato português, um programa realizado com cuidado, a merecer o nosso aplauso.



telecrítica

Rui Cádima

Se Rafael Bordalo Pinheiro fosse vivo...

Não é uma exposição muito rica. Nem sequer à medida das nossas possibilidades (isto é, das possibilidades de quem dirige o Museu da Cidade). É, enfim, uma exposição pobre. Se vos dissessemos que o tema é Camões, então a pobreza avolumar-se-ia ainda mais (na razão inversa da grandiosidade do poeta). De qualquer modo, se atendermos ao pouco que se tem feito neste IV Centenário, a exposição «Tricentenário de Camões em Lisboa», patente no Museu da Cidade (Campo Grande, 245), informa q.b. da diferença entre as comemorações deste ano e as de há cem anos atrás. Não por comparação: essa faça-a o visitante.

Sobre algumas das imagens aí expostas Diogo Pires Aurélio leu no seu «A Ler Vamos» o seguinte texto: «As comemorações (do III Centenário) tinham sido organizadas por uma comissão de escritores e jornalistas à qual pertenceram alguns dos principais homens de letras dessa altura. Foi tal o trabalho realizado por esse grupo que já alguns meses antes do 10 de Junho o País se mobilizava em redor da figura de Camões. Por toda a parte constituíram-se comissões de bairro e outros agrupamentos cívicos para prepararem as festas. O comércio e a indústria associaram-se das formas mais bizarras: lenços, bengalias, marcas de vinhos e azeites, ovos à Camões, a tudo se associava o nome do poeta. Mas não foi só nesses aspectos mais folclóricos que se reflectiu o trabalho dos escritores e jornalistas. Houve também a preocupação de divulgar os principais valores contidos no poema de Camões. A tal ponto que Rafael Bordalo Pinheiro ironizava no seu jornal, o «António Maria», com uma caricatura que tinha por legenda: «O Zé Povinho chega quase a convencer-se que «Os Lusíadas» deve ser uma coisa talvez um pouco superior à Carta Constitucional...».

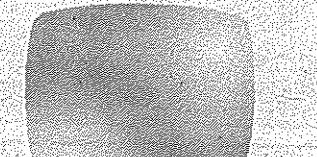
A verdade, porém, era outra. Germinava por essa altura o fermento republicano que em pouco tempo iria pôr fim à Monarquia. A pretexto de Camões iam-se criando associações de cultura e de benemerência por todo o País através das quais se divulgavam não só os ideais da Pátria, cantada por Camões, mas também os ideais do Liberalismo e da República. E no dia 10 de Junho, pela manhã, todas essas associações se apresentaram no Terreiro do Paço para incorporarem com os seus estandartes e carros alegóricos o grande cortejo, em direcção à estátua de Camões onde depositaram ramos de flores. Mas o Rei e o Governo não se tinham dignado a integrar o cortejo. E mais uma vez o desenho do Bordalo Pinheiro caricaturou a situação desenhando Camões a agradecer aos altos poderes do Estado o não terem ido à sua procissão e terem-no feito republicano, com o que muito ganhou...».

Se Bordalo Pinheiro fosse vivo imaginem o que seria...

O IV Centenário foi a fanfarronice que se viu. Do III Centenário podem conhecer-se essas imagens agora expostas no Museu da Cidade. Elas merecem uma visita.

Este um dos convites de «A Ler Vamos».

Não o percam.



telecrítica

Rui Cádima

Aliciantes de Setembro

Há dois meses atrás a programação do primeiro canal sofria uma ligeira alteração; à partida, nada de substancialmente significativo: foi-se uma telenovela veio a outra — ao telespectador bastaria mudar de canal e ver «Sinhazinha Flô»...

O período de emissão que sucedia ao Telejornal, habitualmente preenchido ao longo de meses, pela novela «Dancin' Days» passaria a ser ocupado por rubricas diversas, geralmente de índole cultural, rubricas que não tinham nem têm a enorme audiência que a telenovela conseguiu ter. É o caso de «Manta de Retalhos», de «A Ler Vamos» (uma das melhores apostas da programação de Verão), «Autores Portugueses», «Viva», etc., etc.

Estávamos então (e estamos) com o mapa-tipo de Verão, espécie de mapa intercalar e, no caso do primeiro canal, desfasado de um dos programas «top» — a telenovela.

O mapa-tipo de Outono (a data estabelecida para o seu início é salvo erro 15 de Setembro) delineado inicialmente por Carlos Cruz e a sua equipa de assessores, foi, ao que consta, profundamente alterado pela nova Comissão Administrativa (facto que, inclusive, segundo noticiavam os jornais, teria levado também, para além de outros factores, à demissão do director de programas). Tanto quanto sabemos não se tratava de uma escolha invulgar, bem pelo contrário, situava-se numa mediania possível de programação, fechada pelas regras de austeridade da administração Vítor Cunha Rego. A mediania que por diversas vezes temos atacado nesta coluna.

Contudo, e inevitavelmente, uma grande falta (num mapa-tipo que se quer popular) se fazia sentir. Carlos Cruz de imediato tratou de acordar, com a devida antecedência, a compra da telenovela «Dona Xepa» para obviar a essa «terrível» lacuna. É portanto a partir de hoje, 1 de Setembro, que o grande público espera reconciliar-se com uma programação que não o tem servido totalmente, uma programação de remendos, de enlatados, de reduzidíssima produção nacional.

Para isso, para essa reconciliação, basta, de facto, que haja todos os dias um programa de qualidade (recreativa e simultaneamente cultural) falado em língua portuguesa. «Dona Xepa», pelo que temos lido, parece assegurar esses atributos... A programação de Verão será assim reforçada com o poderoso paliativo, ao mesmo tempo que, já no seu término, se verá invadida pela campanha eleitoral. Serão, aliás, este os dois «aliciantes» de Setembro.

Sem telenovela, com campanha eleitoral e com o Telejornal que temos, imagine-se como se comportaria o telespectador, como *real-iria*, perante uma televisão que mais pareceria um jornal de actualidades, com uma informação ora propagandística, ora plural aproveitando os «tempos de antena» da campanha)... Seria o im... Aliás, Julho e Agosto, sem telenovela, fez com que as atenções incidissem sobremaneira, quase a nível inconsciente, sobre o Telejornal. As análises comuns eram então (são-no ainda) mais rias e exigentes.

A telenovela é sem dúvida nenhuma um fenómeno cultural e político com profundas implicações sociais. Não pode ser o centro de ma programação. Por isso mesmo.

telecrítica

2/SET/80

Rui Cádima

Balbúrdia de domingo à noite

Mais uma vez o «Prata da Casa» andou nas primeiras páginas dos jornais. E o que é sintomático é que tal facto não sucede por se terem verificado provas de grande qualidade (e por conseguinte votações entusiásticas do júri, como aconteceu na «Cornélia») ou por um renovado prestígio do concurso, mas antes por a sua própria fragilidade do ter dado azo, mais uma vez, a uma polémica pouco clara, com algumas equipas, por um lado, a tomarem uma posição de intransigente recusa em «pactuar» com algumas alterações ao regulamento do concurso e, por outro lado, com o júri, a administração da RTP e o Governo Civil do lado da «legitimidade democrática» (como foi afirmado) dessas mesmas alterações ao regulamento.

Anotamos, sem deixar de voltar a referir o baixo nível técnico e jurídico do regulamento do concurso, série de alíneas que tudo permitem, que originam concursos dentro do concurso, guerra de comunicados, repescagens «à la Reader's Digest», minutos de silêncio e, claro, sketches humorísticos que são também uma sátira «séria» à mediocridade que tem vindo a ser exposta ao longo das dezasseis sessões do «Prata da Casa».

Em virtude disso, o «Prata da Casa» tornou-se no programa mais desejado do momento. O telespectador anseia por ver até que ponto é que a sessão seguinte deixa de ser de prata para ser de lata, de latão, pechisbeque reluzente, ou então «tempo de antena» do júri, das equipas, do Fialho de Gouveia, da Comissão Administrativa, da brejeirice saloia, etc., etc., etc. O «Prata da Casa» corre o risco de ser (ou já é?) a imagem perfeita da metodologia do improviso e da incompetência nessa coisa «complicada» que é a assinatura de contratos entre a produção externa e os serviços jurídicos da RTP (esperamos que entretanto todo esse intrincado complexo tenha sido um pouco desnovelado com as últimas alterações).

O que é engraçado é que comprovado o facto, tanto os criadores do concurso, como os responsáveis da RTP (bem como os próprios elementos do júri) têm esboçado sempre o seu melhor sorriso a todas as atribulações e a todos os «golpes de rins» a que nestas últimas noites de domingo milhões de telespectadores têm vindo a assistir. O que é grave. Não se deve dar cobertura risonha ao improviso; não se deve aceitar de ânimo leve que um programa de domingo à noite com as características populares que o «Prata da Casa» pretendeu conquistar, se torne em mais um regabofe nacional-televízivo.

É a altura de se acabar com esse pandemónio amador, com esse vamos - brincar - aos - concursos. É a altura de todos medirem bem as suas responsabilidades perante o público telespectador. É a altura de se deixar de falar em «dias especiais de alegria» ou em «sessão das mais alegres» (em referência à última sessão, na qual só participou Santarém, como todos sabem). É a altura, finalmente, dos zelosos jurados observarem com serenidade o profundo ridículo que ressalta deste espetáculo «malfadado».

20 Televisão/Espectáculos

telecrítica

3/0/80

Rui Cádima

Mathis: uma bela série infantil

Não é segredo para ninguém: a criança é espectador marginalizado na programação televisiva. Nenhum sector está mais abandonado do que o da programação infantil. Embora os responsáveis pelos programas para crianças tenham sempre diversos projectos prontos a ser produzidos, deparam-se na maior parte das vezes com as dificuldades financeiras e a austeridade da empresa, chocam com essa terrível barreira que são os argumentos da Administração.

É imperioso que, seja quem for que esteja à frente da RTP, dê prioridade absoluta à programação infantil. Só assim se poderá dizer que uma das grandes tarefas, uma das atribuições deste meio de comunicação é exactamente a formação (não a formação «ad-hoc», para adultos, depois do jantar com telenovela e tudo...). Formação infantil, portanto, em primeiro lugar.

Ora dada a importância que deve merecer a programação infantil em qualquer mapa-tipo, se tentarmos ver sé o actual mapa — e todos os outros anteriores — têm respeitado de facto essa política, facilmente chegaremos à conclusão que não. Mais: só muito raramente a RTP se tem aproximado daquilo que se poderia considerar o «mínimo» exigível...

Facto sintomático desse alheamento ostensivo é, por exemplo, o apoio dado (e não dado) à divulgação dos melhores programas: quando há uma boa peça inglesa, uma longa metragem para sábado à noite ou um concerto de grande qualidade, logo a RTP põe no telecineiro os respectivos trailers (os filmes-anúncio).

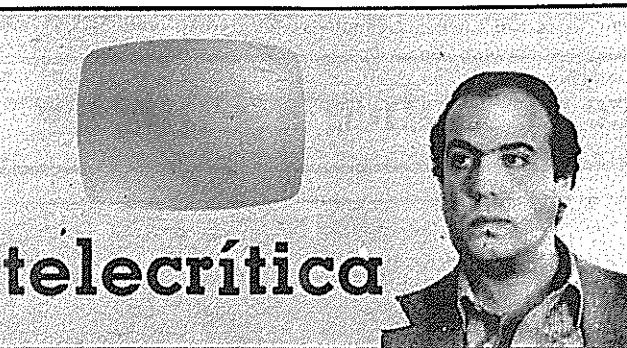
Se pensarmos quantas vezes vimos essa divulgação feita a uma boa programação infantil logo veremos qual o índice da sua importância nos mapas-tipo, qual o relevo que é dado a essa programação.

Vem isto a propósito, fundamentalmente, de uma nova série infantil que começou há cerca de um mês e à qual já aqui tinhemos feito uma referência, logo após a exibição do primeiro episódio. Trata-se da série sueca «Mathis», que passa às segundas-feiras às 18.30. Na altura tinha dito que «Mathis» não era só um programa de formação para crianças; também os próprios pais terão algo a aprender nessas meias-horas das segundas-feiras.

Dado o tratar-se, quanto a nós, de um programa que alia a função didáctica e educacional no seio familiar, em relação à criança, à própria ficção narrativa — quase que diria naturalista — de um quotidiano que sentimos ser comum (pelo menos no que diz respeito ao «homo telespectador» europeu) a todos os casais com filhos, e na medida em que o consegue fazer de uma forma extremamente aberta, sem tabus, seria interessante que a RTP lhe desse um outro destaque, divulgando-o também com filme-anúncio e, para além disso, fazer um esforço ainda maior para que as histórias tivessem uma locução off mais desenvolvida, para que todas as crianças da idade de Mathis possam compreender a série.

4/10/80

20 Televisão/Espectáculos



telecrítica

Rui Cádima

«Tendências»: o surrealismo

«Tendências da Arte no Século XX», já o havíamos dito, é uma excelente série sobre as principais correntes artísticas deste século. E de tal modo lhe reconhecemos importância que convidámos inclusive o telespectador a prescindir de um «Prata da Casa», ligar para o segundo canal, e ver o programa de artes plásticas, produzido, como sabem, por várias cadeias de televisão europeias.

O programa era emitido aos domingos à noite. A RTP anunciou entretanto, através de um filme anúncio, no segundo canal, que a segunda parte do programa sobre o Surrealismo seria transmitida na noite de hoje, quinta-feira, às 22 horas. Sobre a alteração do dia de emissão não nos vamos pronunciar agora. Terá razão de ser, não terá, — a ver vamos.

A primeira parte do programa foi para o ar no passado domingo, exactamente no mesmo dia e durante a emissão do «Prata da Casa» em que a equipa de Santarém se dispôs a preencher o serão televisivo.

A segunda parte vai hoje à noite para o ar. Desde já gostaríamos de vos aconselhar a seguir o programa, mesmo no caso de não terem visto a primeira parte. É verdade que «Tendências da Arte no século XX» terá uma alternativa de peso no primeiro canal: «Os Alvos de Andros». De qualquer modo, para os adeptos desta excelente série norte-americana, aqui fica também o convite para seguirem o programa.

No que se refere à primeira parte já transmitida vamos fazer agora alguns comentários que servirão, inclusive, para quem a não viu, ter agora uma rápida ideia do que lá se disse.

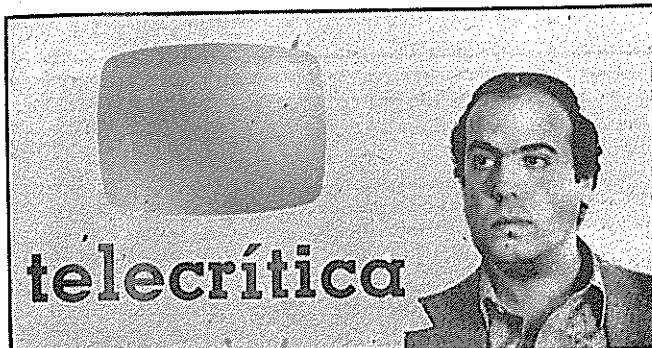
Logo de inicio o programa focava os precursores do Surrealismo: entre eles, claro, Appolinaire. De imediato passava a André Breton — figura central da corrente surrealista — e à escrita automática» que foi para muitos uma espécie de imagem de marca dessa prática artística.

Breton ia sendo apresentado por vários intervenientes, muitos dos quais completamente desconhecidos nossos. Como nunca surgiam os seus nomes na base do ecrã, ficámos sem saber, nalguns casos, quem era quem. Mas como, por outro lado, o que era dito não passava de uma espécie de «in memoriam» ao amigo e mestre, com algumas banalidades de perrengue, acabámos por reconhecer o grande momento do programa na intervenção de Salvador Dali sobre Breton. Dizia ele que nunca se tinha dado bem com Breton porque ele, Dali, tinha mais a ver com Carlos V — estava do lado das pessoas de olhos secos — enquanto Breton estava do lado dos lamentos...

Moreau, Masson, Chirico (um sistema para saber a verdade é sempre o contrário do que as pessoas pensam e dizem...), e Miró foram outros dos nomes abordados, estando relacionados de um ou de outro modo com o movimento.

Freud, Jacques Vaché, Tristan Tzara e Desnos também não seriam esquecidos. Por lá passariam as teorias do inconsciente e a sua relação com a «escrita automática», a guerra, a «cretinização colectiva» e o humor negro, o dadaísmo e o hipnotismo. Outro grande momento do programa foi a pequena sequência (extraordinária) do filme de Man Ray «A Estrela do Mar» integralmente filmado através de uma objectiva coberta de gelatina (facto que não chegou a impedir o corte sobre o nu de Cybele, «si belle»...).

20 Televisão/Espectáculos



telecrítica

Rui Cádima

«D. João VI» «saneado» do primeiro canal

Hoje, na RTP-2, vai para o ar a peça «D. João VI», que foi representada no passado ano no teatro «A Barraca», na Rua Alexandre Herculano. Vou falar-vos hoje de alguns aspectos que rodeiam a apresentação desta peça na RTP.

No mesmo dia em que alguns jornais falavam do sucesso alcançado por grupos portugueses no Brasil (o «TEC» e «A Barraca»), os elementos de «A Barraca», denunciavam também à Imprensa um acto de Censura na RTP. Concretamente, no primeiro caso, o Serviço Nacional de Teatro de Rio de Janeiro fazia o balanço da presença portuguesa, assinalando, em relação a ambos os grupos, o «absoluto êxito» nas suas apresentações. O SNT prosseguia depois, afirmando que qualquer dos grupos portugueses ultrapassou os dez mil espectadores e que estava pronto para prosseguir o intercâmbio teatral entre o Brasil e Portugal, com outros grupos portugueses.

Por outro lado, «A Barraca» acusava a RTP de ter praticado um acto de censura ao não cumprir os termos em que o contrato para a emissão da peça «D. João VI» foi assinado. De facto, a peça, gravada há cerca de três meses, deveria ser transmitida no primeiro canal (segundo o contrato) vindo agora a RTP a programá-la para o segundo canal...

Ora, sabendo o telespectador do desprezo a que têm estado votados pela RTP os profissionais de teatro e os seus espectáculos; sabendo-se que houve um esboço (?) de tentativa para se estabelecer um acordo com os grupos e as companhias, por um lado, e a RTP, por outro, para serem gravadas as peças encenadas; sabendo-se que qualquer director de programas, normalmente, afirma estar muito interessado no teatro português, mas que para o levar ao ecrã luta com enormes dificuldades, barreiras da administração, falta de verbas, etc.; sabendo-se que os contratos com os grupos independentes e as outras companhias são a melhor forma de se levar o teatro à televisão, sem ter que dispender as verbas de produção própria da RTP; sabendo-se que o telespectador, em geral, é um grande apreciador das noites de teatro e sente particular prazer por ver essa coisa rara que é a representação teatral falada em português; sabendo-se isto tudo e o que mais de imagina, é lícito, pelo menos, exigir uma resposta à RTP sobre a alteração na programação de uma peça portuguesa (*totalmente portuguesa*), contra o estabelecido no contrato, contra a própria deontologia inerente a uma política de programação e, por conseguinte, contra o próprio telespectador.

Não bastou «D. João VI» ter sido premiado com o melhor texto original no Festival Internacional de Sitges de 1978; nem sequer o trabalho de Mário Viegas nesta peça ter sido distinguido com o prémio da crítica portuguesa no ano passado e muito menos o êxito que a peça teve recentemente na digressão por terras do Brasil. Nada disso é importante, pelos vistos, para os responsáveis da RTP.

«Segundo canal — e mais nada!»

Pergunta:

A segunda parte do programa sobre o surrealismo, anunciado para a noite de quinta-feira acabou por ser transmitido, sem qualquer explicação, na noite de quarta-feira, em substituição do anunciado «Directo/2»... Será que tudo não passou de um erro na divulgação da programação?



telecrítica

Rui Cádima

Fenómenos do Lumiar

Acho que foi na Costa da Caparica que o *disco sound* foi definitivamente enterrado cá na terra... Pelo menos, se não o chegou a ser, houve a firme intenção disso mesmo... De qualquer modo, como estamos em tempo de «ressurreição», ou de ressurgimento insatável, balofo, tudo é de esperar.

«Thank God It's Friday» veio num filme de tarde de quinta-feira, a seguir ao «Pais, País», no horário previsto, inicialmente, para «XX-XXI Ciência e Tecnologia» (segundo a «oficiosa» *TV Guia*), e, depois, para «Património, o que é?» (segundo o «Roteiro TV do Sete»). Contudo, nem um nem outro.

Donna Summer, D. C. Larue, Pattie Brooks, e o seu *show disco*, produzido há dois anos, intitulado «Graças a Deus é Sexta-Feira», chegou-nos por vários paradoxos, numa quinta-feira. Perguntamos: Qual o estranho fenómeno que está por detrás deste moribundo «Discomagic»? Para que serve esse som decadente, essa música de *boites* de terceira? Qual o cabimento do *disco* no inicio dos anos 80 numa programação que se quer coerente com o seu tempo, competente nos vários domínios que deve respeitar? Porque é que são preferidos, sucessivamente, dois programas culturais (ou de «Divulgação») produzidos em exclusivo para a RTP? O que é que se passa na RTP?

Candidaturas à Presidência da República

Primeiro foi o que toda a gente viu em relação a Soares Carneiro. Uma nota interna perfeitamente obsoleta, sem o menor respeito pelas mais elementares regras democráticas relativas a uma campanha eleitoral num órgão de comunicação como a Televisão, sem o mínimo respeito pelo *equal time* e pela *fairness doctrine*, permitia que a apresentação de determinadas candidaturas fosse privilegiada em relação a outras.

Fialho de Oliveira viria a corrigir a primeira determinação e dias antes de se demitir vem a repor a equidade no tratamento das candidaturas, numa nova nota interna. Após a sua demissão os jornais noticiavam a suspensão da mesma nota por Proença de Carvalho, não se sabendo depois disso qual o documento que regula, e em que termos, os critérios e o tempo a atribuir a cada candidato, nas campanhas que prosseguem até Novembro.

Independentemente disso, e em relação ao anúncio da recandidatura de Ramalho Eanes à Presidência da República, queríamos referir-nos aqueles planos de corte intercalados no discurso de Ramalho Eanes, planos em que se vêem pequenos grupos de personalidades presentes em conversa amena, soridentes. Evidentemente que a primeira impressão que tais planos causam é a estupefação perante o desrespeito (...) de tais personalidades pelo orador... Coisa que não pode de facto estar em causa. O que está na verdade em causa é o desrespeito, na montagem da reportagem, pela apresentação da recandidatura de Ramalho Eanes. Processo de intenção ou de inocência, é necessário aclarar desde já responsabilidades por essa montagem provocatória.

Face a Face

Apesar da hora tardia do seu começo, foi com agrado que seguiram o debate entre Cavaco e Silva e Vitor Constâncio. O telespectador está com certeza pronto para ter «Face a Face» na sua programação semanal.

12 | Espectáculos

telecrítica

Rui Cádima

29/80

Os publicitários

Nos últimos dias tem-se falado muito em publicidade e em propaganda. São as referências espaçadas sobre os anúncios, na Televisão e na Imprensa, ao tabaco americano agora fabricado em Portugal. É a discussão do código da publicidade e a respectiva legislação. É, enfim, a propaganda política (directa e indireta) reforçada quantitativamente, por vezes com algum despudor, nestas vésperas eleitorais (aspecto a que nos temos referido já por diversas vezes, principalmente em relação ao tejornal — quer de Fialho de Oliveira, quer de Duarte Figueiredo).

Publicidade e ideologia política, se à partida podem parecer distintas, uma da outra, estão, no fundo, intimamente ligadas, como veremos mais à frente. Jean-Marie Domenach no seu livro «A Propaganda Política» chegou mesmo ao ponto de considerá-las como «fontes» da Propaganda. Vejamos o que ele acrescenta:

«Não vamos discutir para se saber qual das duas — publicidade ou propaganda — é filha da outra. Mal se distinguem até à época moderna: a propaganda de César, de Carlos Magno ou de Luís XIV não passava, em suma, de publicidade pessoal, assegurada pelos poetas, historiadores e fabricantes de imagens, bem como pelos próprios grandes homens, nas suas atitudes, nos seus discursos e através de frases «históricas». Durante longo tempo a propaganda e publicidade andaram entrelaçadas, evoluindo paralelamente: gambam-se as doutrinas, de inicio, tal como os farmacêuticos se vangloriam dos seus ungüentos; pintam-se as características, pormenorizam-se os benefícios: correspondem à publicidade *informativa* — que assinala o começo da arte publicitária — os programas e as exposições de sistemas, pululantes no século XIX. Numerosos são os processos comuns à propaganda e à publicidade: ao reclamo corresponde a «profissão de fé»; à marca de fábrica, o símbolo; ao *slogan* comercial, o estribilho político. Parece, na verdade, que a propaganda se inspira nas invenções e no êxito da publicidade, copiando um estilo que, segundo se julga, agrada ao público.»

Ora, não é estranho portanto que sejam publicitários alguns dos técnicos que dirigem as campanhas eleitorais dos partidos políticos; ou que sejam homens políticos (erradamente considerados profissionalmente de jornalistas) a desenvolverem uma actividade propagandística (espécie de função semelhante aos famigerados «comissários para a informação»); ou ainda que sejam jornalistas menos apaixonados pela profissão, a dirigirem gabinetes de promoção de vendas ou de relações públicas, em grandes empresas. Não é estranho, de facto.

Estranho seria o inverso. Seria a eventualidade ou o facto de um publicitário dirigir determinados meios de informação quer audiovisuais, quer Imprensa. Esse seria o exemplo limite de uma certa «promiscuidade» entre a prática de ambas as funções.

Daí os telespectadores acharem estranho o tejornal que temos.

Terça-feira, 9 de Setembro de 1980 / Portugal HOJE

Espectáculos 21

telecrítica



Rui Cádima

Aprendizagem difícil

Para este final de fim-de-semana, mais uma vez, a curiosidade do telespectador incidia impiedosamente sobre o «Prata da Casa».

António Alçada Baptista, membro do júri de bastidor do concurso, dizia na sua, por vezes fastígia crônica de domingo, no final do Telejornal, que o «Prata da Casa» tem levado, apesar de tudo, à identificação profunda de nós próprios. Que era um programa recreativo com implicações culturais muito fortes, que realiza um grande levantamento regional no domínio da música, da dança, do folclore e até o conhecimento de personagens curiosas de várias zonas do País.

Assim seja. O «Prata da Casa» pode ser isso tudo. Mas não é só isso. É muito mais. Mesmo quando não é emitido, como foi o caso de domingo passado. E a esses outros aspectos Alçada Baptista não se soube referir.

Não houve uma referência, por pequena que fosse, à bagunça em que o «Prata da Casa» ultimamente se transformou. Teria sido interessante que Alçada Baptista definisse o que se tem passado nestas últimas emissões num dos seus *flashes* sociológicos: e toda a polémica que se tem estabelecido em seu torno; ou o retrato português que o concurso reflecte; ou, ainda, o retrato do próprio, implícito, como personagem urbana quase curiosa.

É que o «Prata da Casa», pelos vistos, já não existe... Daí o palavra *requiem*, atrasado e incompleto. O «Prata da Casa» foi ao longo das quase duas dezenas de emissões um nado-morto a arrastar-se penosamente. Em primeiro lugar, por uma deficiente concepção e por uma elaboração de um regulamento que se vieram a comprovar de ridículas. Depois, pelas inevitáveis alterações introduzidas ao longo da sua história: alteração de provas, alteração de alíneas do regulamento, alteração radical do horário de emissão, etc., (como estão lembrados o «Prata da Casa» começou por ser transmitido aos domingos entre as 17 e as 20 horas). Depois, ainda, pela situação criada já no final, situação profundamente estúpida, aliás, em que as equipas, a produção do concurso e o júri de pontuação se resolvem afrontar mutuamente, com permuta de acusações de baixo nível, irreductibilidade e birra, falta de maleabilidade consensual, etc., etc., etc.

A encimar todos estes aspectos está de facto uma falta gravíssima de partida que já aqui referimos: os termos de um contrato (e de um regulamento) que tudo isto originou.

O «Prata da Casa» funciona assim, ao fim de 23 anos de «casa», como um explosivo e terrível balão de ensaio. A partir de agora os serviços jurídicos e a direcção de produção terão algumas pistas mais (...) para que daqui a 23 anos não se repita um «Prata da Casa».

Seguiu-se, em quase improviso, «Os novos cantores de charme», com dois ou três momentos iniciais a referir, mas que não nos pareceu continuar ao nível de um Brel, de um Nougaro ou de um Leo Ferré, que por lá passaram.

Quanto ao resto: O «Ao vivo» para o primeiro canal, já! Ou será que Santareno, Prista Monteiro, Avilez, «All That Jazzy», «Slag» e os outros, não mereciam a emissão simultânea, ido que foi o «Prata da Casa»? Ou será que o que se tem visto no concurso merece um minuto de emissão?

telecrítica

10/9/80 Rui Cádima

O Telejornal continua lindo...

É por demais significativa a tomada de posição da «AD» de não comparecer às reuniões do Conselho de Informação para a RTP. É público o despidor e a manipulação informativa levados a cabo pela «AD» nas respectivas rubricas da RTP. É pública também uma recente estatística elaborada por um partido político, estatística que denuncia o enorme espaço concedido na Informação à coligação governamental e, por conseguinte, a atitude antidemocrática dos já conhecidos «comissários para a Informação» governamentais. Diariamente a oposição divulga através dos seus *media* toda uma série infinita de atropelos, de censura e de alienação informativa nos órgãos de comunicação estatais. Não bastam pois as denúncias permanentes da oposição e de entidades internacionais, dos conselhos de redacção, as demissões de jornalistas, as críticas desenvolvidas pelos mais diversos sectores da vida nacional — a direcção de Informação não desanima na sua política de intoxicação pública, no jogo do «totoministro» como diria Joaquim Letria, enfim, na soturnidade jornalística. O «Sumário», o «Telejornal» e as «24 Horas» continuam lindos! Para além de desfrutarmos de uma política informativa ultra-sectária, envolvida numa embalagem extremamente retrógrada e tratada na maior parte das vezes por uma incompetência crassa, não se verifica ainda um aproveitamento mínimo das potencialidades do material ao dispor da realização. E assim iremos continuar, pelos vistos (isto é, se não piorar...).

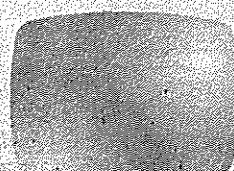
Mathis

A série infantil «Mathis» à qual nos temos referido aqui já por diversas vezes, teve agora um dos seus episódios mais fracos com o pequeno Mathis em férias. Isso não significa, porém, que se deva fazer uma pausa na defesa da série. Continuamos a considerá-la uma excelente série infantil, para miúdos e graúdos, que deve ser, inclusive, apoiada de um outro modo pela RTP, uma vez que a sua programação não é pródiga em programas infantis de qualidade.

Mathis em férias não teve de facto o interesse de outros episódios anteriores. Estamos a lembrar-nos principalmente do episódio em que os pais de Mathis lhe dizem que ele vai ter uma irmã, explicando-lhe abertamente como é que essas coisas se passam, o processo de gestação do feto, etc., e também dos episódios seguintes em que Mathis se apercebe da forma como o bebé nasce, dos aspectos que rodeiam o parto e também da aproximação estabelecida entre o pequeno Mathis e a sua irmãzinha.

Como dissemos este último episódio não teve o interesse didáctico e narrativo dos outros anteriores, embora se deva reconhecer que em termos de estrita linguagem televisiva houve um melhor aproveitamento do espaço filmico, uma planificação que se notou ter sido elaborada com maior rigor, muito provavelmente pela facilidade que este novo espaço concedeu ao realizador.

11/9/83



Rui Cádima

telecrítica

Uma viagem às claras outra às escuras

Alberto Pimenta é um nome já conhecido dos telespectadores. Quem não se lembra de «A Arte de Ser Português», o irreverente programa de Alberto Pimenta e Jorge Listopad, porventura um dos melhores programas que a RTP produziu no pós-25 de Abril?

Tratava-se de um programa surreal e extremamente satírico a um quotidiano «muito português». Ao longo dos seus episódios Alberto Pimenta afirmou de facto a sua excepcional presença televisiva, inclusive no âmbito da própria ficção: umas das presenças mais espetaculares e naturais que surgiram nos últimos anos na RTP. Apesar disso «A Arte de Ser Português» finou-se... Não mais voltou. Alberto Pimenta também não. Com muita pena nossa.

Foi portanto com grande satisfação que assistimos à sua passagem repentina pelos estúdios do Lumiar, no programa coordenado por Ivette Centeno — «Autores Portugueses». Ivette Centeno convidou-o para uma troca de ideias em torno do tema a «Viagem». Estamos perfeitamente convencidos de que o que foi dito durante o programa adquiriu um valor invulgar, se atentarmos no nível geral de uma programação que parece fugir a um diálogo inteligente com o telespectador. Nem Alberto Pimenta nem Ivette Centeno tiveram receio de estabelecer esse diálogo. Tivemos então belíssimas referências às viagens como parte de um movimento cultural, e não só como necessidade para a conquista de novas terras, nem como «diálogos da Fé e do Império». Tivemos a viagem como reconhecimento do outro e da sua diferença, ou como molde e não-diferença, como mudança, viagem-morte, viagem-vida, viagem-peregrinação. Tivemos a bela citação de Ana Haterly e o «que cada um de nós seja a sua única viagem». Um convite, em suma, à viagem com Alberto Pimenta.

Um cadáver chamado Telejornal

Também a iniciar com ministros, mas ministros aqui do lado, para variar um pouco. Foi a tomada de posse do novo governo de Suárez.

Confirma-se portanto a «psicomisteria» telejornalística. A folheca oficial emitiu ainda, para além de ampla divulgação da actividade governamental + actividade «AD» + actividade Soares Carneiro, breves reportagens sobre as posições (?) de partidos da Oposição.

Lá apareceram os dirigentes da FRS e do PCP, que apesar de serem organizações que somam mais de metade dos eleitores, surgem em termos noticiosos como pequenos grupelhos a sizerem de sua justiça.

Hélder de Sousa, nova «descoberta» das últimas direcções de Informação, lá foi debitando, atabalhado, as «totonotícias» ao longo da enfadonha meia hora.

Desabafos: o Telejornal está de facto a saque! Parece já nem ter jornalistas; está uma autêntica folha oficial de actualidades; não em sequer «papagaios» coloridos — eles estão cinzentos, gagos e noturnos, e sorumbáticos — não se dão bem com a nova selva. O Telejornal está em coma! Vê-lo é um sacrifício...

Desgraçadamente temos que aturá-lo até 5 de Outubro. Por favor, tirem-nos esse cadáver daí! Nós já não aguentamos mais.

Telecrítica

AVULSOS

Rui Cádima

14/9

Nos vos vou falar sobre «Santo Antero». Desculpem, mas não vou. Não pensem que tomei essa decisão depois de ver a «apresentação» (ou o que lhe queiram chamar) que anunciou na passada terça-feira o filme de Dórdio Guimarães para a noite seguinte. Não, não foi por isso. (Dessa montagem de cenas de trabalho, de chegadas e partidas, de «ficha técnica», também não vos vou falar.) É que no mesmo dia em que passava o filme sobre Antero de Quental na RTP, na SPA realizava-se o tão falado «Painel» sobre a Televisão, iniciativa do Sindicato dos Jornalistas. E lá fui, com pena de não ver a biografia desse grande nome da Geração de 70, mas, curioso, contudo, pelo que se iria passar no debate da Duque de Loulé. Do que afi se passou já com certeza a Imprensa fez ampla referência. Daí não nos referirmos a «Santo Antero».

«Veja Cinema Português»

Ainda sobre filmes portugueses e respectivos anúncios, não queremos deixar passar em branco o facto de ter surgido pela primeira vez no pequeno ecrã o trailer de um filme português em exibição, julgo que ao abrigo de um acordo realizado entre a SEC e a RTP, para a defesa do cinema português. A qualidade do trailer também não vale a pena discuti-la agora; com certeza que melhor poderia ter sido feito (por certo ao abrigodo mesmo acordo). Acho que o que é importante dizer desde já é o seguinte: a primeira vez que vimos o filme-anúncio foi na passada terça-feira antes da telenovela e depois de «A Magia da Dança». Quer isto dizer que três dias antes do filme sair de cartaz é que a RTP se lembra de pôr no ar o trailer do filme. «O Príncipe com Orelhas de Burro», de António de Macedo, merecia outro apoio. E se há leis que determinam de facto a defesa do cinema português na RTP, convém que tudo se prepare para que nas próximas estreias que se anunciam não se venha a verificar o que agora aconteceu ao filme de António Macedo.

«Face-a-Face» e o mestre de cerimónias

Permitam-me este flash-back ao «Face-a-Face» da passada terça-feira: Adriano Cerqueira foi marcar o ponto, bem instalado, sossegado, ao longo dos 75 minutos de diálogo Morais Leitão/António Arnaut.

O realizador Fernando Amaro brincou as «cortinas»: num único plano foi-nos dado um campo-contracampo demorado, contra todas as regras da natureza, por vezes, inclusive, com as mãos de Morais Leitão sobre a cara de Arnaut (erro técnico — não passou disso). Mais um plano geral e o trabalho ficou feito...

Ah!, para a próxima não se admirem de ver (ouvir) um jornalista especializado em temáticas sociais a fazer a reportagem de um Grande Prémio de Fórmula 1... É que, no fundo, há moderadores, há mestres de cerimónias, há pau para toda a obra, há...

«Espectáculo-Teatro»

Ana Zanatti apareceu-nos, inconfundível, lendo um texto em que se falava de opereta, dos «astros» do antigamente, da revista à antiga portuguesa, etc., etc., etc.

Vimos e não ouvimos. O texto pareceu-nos mesmo que não era para perceber. Entrecortadas com a leitura de Ana Zanatti, séries de fotografias de actores e actrizes dos princípios do século foram passadas exaustivamente com musiquinha também do antigamente, embora com uma adaptação «ligeira» mais recente (não era o «disco»...). Na filmagem dessas fotografias o operador não controlou sequer os enquadramentos, chegando-se ao ponto de ver cartazes filmados com os títulos cortados: «Eden Teatro» lia-se «... en Teatro»...

Tirando a presença de Zanatti, «Espectáculo-Teatro» foi abafado.



Rui Cádima

Como se fossem eliminatórias

Na altura em que escrevo estas linhas vejo o «Face a Face» entre Freitas do Amaral e Mário Soares. Fala-se de Comunicação Social. Freitas do Amaral faz demagogia em torno da pretensa democracia do «Ministério da Propaganda» da «AD». E diz mais ou menos o seguinte: «Mas nada se passa na RTP... Ainda nem sequer houve uma greve...». Quer dizer: Não bastam as tomadas de posição dos Concelhos de Redacção, do Conselho de Informação, do Sindicato dos Jornalistas, de variadíssimas organizações internacionais, sindicais e outras, da Oposição em geral, do próprio Conselho da Revolução, dos vários candidatos à Presidência da República (entre os quais se conta inclusive o ex-deputado independente Galvão de Melo), etc., etc., etc. Freitas do Amaral só ficará contente, só respeitará estas opiniões se os jornalistas da RTP as sublinharem com uma greve. Aí, então, é porque há «gato»... Enquanto isso não acontecer, nada de anormal na RTP. Mas será que a influência da Informação/«AD» é assim tão eficaz? É que uma resposta daqueles só de quem vê todos os dias o Telejornal...

Este último «Face a Face» voltou a passar, como os outros, no já conhecido «Canal dos 120». Dizia um responsável que era melhor assim: 40 por cento de telespectadores do segundo canal não chega a nada. «Passa-se» também o programa no primeiro Canal, que sempre tem cerca de 80 por cento dos telespectadores e, assim, segundo o entendido, já cerca de 120 por cento dos portugueses poderiam seguir o «Face a Face»... Não há UHF nem VHF que lhe resista...

Mas a criação deste programa não está só a cair no ridículo por isso (evidentemente que não estão em causa os seus primeiros objectivos). O «Face a Face» e o que lhe está por trás constituem um dos meios perseguidos pela nova Administração na tentativa de uniformizar os dois Canais e, nessa medida, inviabilizar o projecto alternativo que era a RTP2. E é por de mais evidente, como, aliás, tem vindo a ser afirmado que essa inviabilização, que já deixou de ser tácita, é a expressão máxima de um projecto totalitário para a Informação e, em última instância, para a política cultural televisiva e para a sociedade portuguesa.

Desse projecto totalitário («maccarthismo salofíssimo» chamou-lhe Meneses Alves, no recente Painel sobre Televisão promovido pelo Sindicato dos Jornalistas), temos, em vésperas de eleições, os exemplos dos Telejornais e, de uma forma geral, toda a Informação televisiva e ainda o nítido boicote à presença de outras tendências políticas no «Face a Face». Não esqueçamos que após os quatro debates até agora realizados (um deles integrado no «Direto/2») se tira facilmente a conclusão de que se estão a iludir variadíssimas coisas. Uma delas, gravíssima, aliás, é a seguinte: Não há qualquer hipótese de pensar em termos plurais. Explico: tira-se a conclusão de que temos um só Governo, uma só Oposição, um só canal televisivo. (Um só processo técnico também: a «cortina», espécie de «co-piloto» do realizador, que corta, para além do resto, os braços aos participantes, mas que permite ir tomar uma bica...). A tendência é essa, de facto. Tendência para uniformizar, «simplificar», cortar...

Telecrítica

Rui Cádima

Telejornal: objectivo ou sem-vergonha?

Quando, na passada sexta-feira, a C.A. da RTP respondia, no Telejornal, ao comunicado do Conselho da Revolução lido no dia anterior, sublinhava responder não por lhe terem sido feitas críticas consistentes, directas e pontuais, mas tão somente por o Conselho da Revolução ser um órgão de soberania e também para «defender o prestígio da Empresa»... Assim mesmo. O C.R. pelo que tinha dito não merecia sequer resposta, segundo a C.A...

Como devem estar lembrados, o comunicado do C.R. alertava para o facto de estarem a surgir demasiadas dúvidas e acusações por parte de amplos sectores da vida nacional quanto ao pluralismo nos media estatizados e ao modo como têm tratado as matérias informativas.

O «Conselho de Gestão» da RTP, indignado, revoltava-se contra essas acusações do Conselho de Revolução, sublinhando que a Informação na RTP é «objectiva», «rigorosa» e «pluralista». E adiantava vários «índices significativos» da auto-adjetivação: por um lado, os 4 debates realizados no «Face a Face» e no «Direto/2»; por outro lado, os tempos concedidos na Informação à «AD», ao Governo e à Oposição (donde se conclui que a «AD» tem sido amplamente desfavorecida pelo assessor de Sá Carneiro, Duarte de Figueiredo...). Vejamos só: segundo a C.A. da RTP, de 1 a 10 de Setembro de 1980, à «AD» foram concedidos 9,22 minutos, à FRS 21,44 minutos e à APU 5,57 minutos. Acreditamos. Ficámos foi sem saber quanto tempo foi concedido, no mesmo período, ao Governo. E isso não aconteceu com certeza por acaso. Uma hora, duas horas? Bom. Quanto aos debates entre «as principais forças da maioria e da Oposição» já está tudo dito. A própria Comissão Nacional de Eleições já se insurgiu contra a C.A. da RTP pelo facto de nos 4 debates serem sempre as mesmas forças políticas a estar representadas. Sem dúvida nenhuma trata-se aqui de um «índice» altamente significativo do que é a manipulação da Informação na RTP (a propósito: o Telejornal chegou a noticiar essa tomada de posição da C.N.E.? Pelo que temos visto na «folheca oficial» sou levado a julgar que não).

Quanto ao tempo atribuído às coligações partidárias e aos outros partidos, bem como ao Governo, não vamos entrar na discussão de cronómetro na mão. Vamos só referir-nos a um Telejornal, como exemplo de uma regra.

Sábado, 13 de Setembro de 1980, 4 horas antes da abertura da campanha eleitoral. O Telejornal abre com «vitória diplomática de Portugal na ONU». Óptimo (sério). E depois? Depois nada mais. Isto é, depois o «Internacional». Reparem: o noticiário internacional tem sido desde há algum tempo a esta parte uma forma subtil de esconder, de censurar ostensivamente outras notícias *nacionais* de importância indiscutível.

Exemplos (de sábado passado, só Telejornal): Por que não se fez qualquer referência às críticas da Oposição ao discurso de véspera de Sá Carneiro? Por que é que não se falou nas graves acusações feitas por Maria de Lurdes Pintasilgo, no colóquio de Matosinhos? Por que é que não foi noticiada a hipótese de greve na classe jornalística durante a campanha? Por que é que não foi noticiada a hipótese de greve na classe jornalística durante a campanha? Por que é que não foram alinhadas as graves advertências à RTP, feitas pela C.N.E.? Por que é que não se tem falado no que se passa nas redacções da Informação? Por que é que não se fez qualquer referência às várias tomadas de posição dos dois grandes blocos da Oposição (FRS e APU)? Por que é que se esconderam as críticas dos sindicatos do sector das pescas em relação aos últimos acordos e também em relação à «questão do marisco»? Bom, isto em relação aos factos escondidos aos telespectadores do Telejornal de sábado. Do que



16/9/80 Rui Cádima

Aí está a campanha

Começou a campanha eleitoral na RTP. Agora, antes da telenovela, um programa raro que, salvo as alterações previstas, se repete de quatro em quatro anos.

Pequenos e grandes partidos, ou seja, partidos que podem pagar a agências de publicidade e a todo um *staff* do marketing político, e partidos que o não podem fazer, dirigem-se durante tempo regulamentado por Lei à maioria dos portugueses, tentando captar os indecisos, os votos flutuantes, os quais, segundo se diz por aí, irão decidir quem será maioria, quem será Governo.

O primeiro partido, coligação neste caso, a surgir nos ecrãs foi o POUS/PST, representado por Aires Rodrigues, candidato também à Presidência da República — a «única candidatura civil, operária e socialista», bonito chavão, rebuscado pelos próprios.

Completamente diferente foi o tempo seguinte, preenchido pela «AD». Como tiveram oportunidade de ver o pequeno filme iniciou-se com trucagens, filmes de arquivo, canções partidárias, etc., etc., num processo extremamente sofisticado, radicalmente diferente do filme da pequena coligação trotsquista, completamente produzida e realizada em estúdio.

Apesar de tudo a forma como o tempo da «AD» foi utilizado não chegou de facto a ser levado às últimas consequências; por assim dizer, *nesta matéria de propaganda política através da Televisão*.

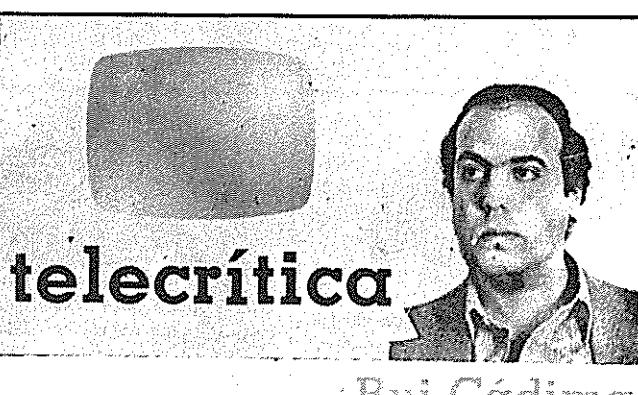
O terceiro tempo foi também atribuído a um pequeno partido trotsquista, o PSR. Também aqui se verificou a falta de recursos de uma organização, que tem de se submeter exclusivamente às filmagens de estúdio... Ou não terá? Essa agora é boal! E, já agora, sempre é verdade que todos os partidos têm uma verba própria, concedida pela RTP para a produção dos seus programas? Ou a coisa não passa do boato referido pelo Sr. Monteiro em crónica recente?...

Bom, essa é de facto a diferença fundamental que convém ter sempre presente e que conviria suprimir em qualquer acto semelhante, em que têm de ser dadas oportunidades idênticas a cada candidatura. Quer dizer, as possibilidades e as disponibilidades financeiras dos vários partidos na utilização do tempo de antena na Televisão deveriam ser equivalentes. Não deveria ser permitido aos grandes partidos dispor de verbas elevadíssimas para pagarem a agências de publicidade e às equipas de cinema e televisão, enquanto os pequenos partidos estão eternamente submetidos à leitura de um texto perante as câmaras, e pouco mais.

Magazine 7

Um quase-oásis na programação de domingo à tarde. Na sua última edição um aspecto a lamentar. Refiro-me à rubrica «Pontos nos i» que teve a participação de António Macedo — o cineasta. Não condenamos o convite, nem o convidado, obviamente, mas sim a cultura em que o programa foi feito. Luís Pereira de Sousa pretendeu estar em cima da estreia do filme «O Príncipe Com Orelhas de Burro». Tinha-lo conseguido duas semanas antes. Há que ter mais

17/9/80



Rui Cádima

Mais sinais de cancro...

* Para quem não acreditar é servido como anedota: a cena passa-se nos «novos» corredores da Informação/2. Alguém deixa cair esta: «Se vivessemos em democracia estável, obviamente não havia eleições...» Teria sido de *motu proprio* ou estavam a citar alguém?

* Como têm certamente reparado a programação televisiva tem vindo a sofrer dia após dia grandes alterações. Temos que estar preparados para tudo. E nem vale a pena ter lá em casa os jornais, os roteiros e os guias. Anotem: o Telejornal e a telenovela vão-se mantendo dentro dos horários previstos...

* Costuma dizer-se que a Televisão é um espelho do que vai pelo País. Mas será que o País vai assim tão mal? «Que está a saque» — já alguém o disse. Agora que anda a bater com a cabeça pelas paredes, louco e sem vergonha...

* É verdade!, lembram-se de aqui há algum tempo ter sido criada pelo Conselho de Informação uma Comissão de Inquérito às actividades censórias e à manipulação na Informação na RTP? Lembram-se de que a Comissão nasceu «coxinha»; coitada, com a recusa do PSD participar nela? Encontraram-na por aí?

* E a propósito de coisas perdidas: Lembram-se também de haver aqui há uns tempos atrás um órgão consultivo que dava pelo nome de Conselho de Programas? Têm ouvido falar nele? Será que a progressiva degeneres-

cência da programação televisiva tem só a ver com o desaparecimento do Conselho de Programas?

* E já que estamos com estes esparsos, sabiam que nos últimos tempos passaram pela direcção do Telejornal profissionais da Informação que desconheciam a existência de uma nota interna que proíbe a Informação televisiva de falar no que se passa «in», do que se passa nas suas redacções? E que apesar disso nós nunca éramos informados (nem somos agora) do que lá se passava? E que, em consequência disso, o telespectador está impedido sem qualquer espécie de razão, ou legitimidade, de saber o que os profissionais da RTP, os profissionais da Informação, de um modo geral, e a Oposição, têm a dizer sobre os atropelos, as violações e os actos de censura praticados na RTP?

* Teria sido por causa disso (se é que, evidentemente, Duarte Pacheco conhece essa nota...) que no recente Painel sobre a RTP, organizado pelo Sindicato dos Jornalistas, no qual se fez um balanço importantíssimo do que se tem passado de mais grave na RTP, não esteve presente nem uma só câmara da RTP? Teria sido por isso que não se fez sequer um breve apontamento no Telejornal do que lá se passou? O que parece é que não foi mesmo por causa disso...

* Proponho publicamente a Beja Santos que comece a pensar em defender também o consumidor desta TV maligna.

Telecrítica

Rui Cádima

Pandora e a caixa de surpresas...

Considerado já por diversas vezes como o filme em que Ava Gardner consegue o seu melhor trabalho, «Pandora and the Flying Dutchman», realizado por Albert Lewin em 1951, passou agora no «Cineclube» das terças-feiras. Lewin é quase um cineasta de circunstância. Ele começou por ser produtor executivo da MGM e depois da Paramount (*China Seas*, de Tay Garnett; *Mutiny on the Bounty*, de Frank Lloyd). Ainda na primeira companhia foi durante bastante tempo «supervisor artístico».

É porém na United Artists que Lewin vem a realizar o seu primeiro filme em 1952 — *The Moon and Sixpence* — biografia de Gauguin romanceada por Somerset Maugham. Homem de cinema por excelência, sempre desmultiplicado nas mais variadas funções dentro do estúdio, Lewin viria a ser homenageado anos depois da sua morte (em 68) por Jean Renoir, nas suas memórias.

Renoir dedica-lhe todo um capítulo, intitulado «A Vida e a Morte», no qual o considera «o homem mais anticonformista de Hollywood»... Vida e morte, de facto, tal como Lewin via de forma confusa e obsessivamente a interferência das mitologias, das lendas e da ficção no próprio real; no fundo tratava-se de um preconceito cultural que o confundia completamente. Daí *Pandora e Dorian Gray* — não se sabendo onde e quando «entra» e «sai» o próprio Lewin, quando e onde se fala de amor e de morte.

É ainda Renoir que adianta ter sido ele, paradoxalmente, grande amigo dos surrealistas, e que o facto de ser adverso à burocracia tentacular das *majors*, o levava por vezes a desligar o seu aparelho de surdez nas reuniões do Conselho de Administração da MGM, «refugiando-se por trás de um sorriso aprovador que os colegas tomavam como adesão total ao ponto de vista que exprimiam»...

Para além de *Pandora*, Lewin é também o autor de «O Retrato de Dorian Gray» com Hurd Hatfield e George Sanders. Considerado por todos os que com ele trabalharam como um homem profundamente culto e conhecedor do seu *métier*, Lewin acabou por realizar só meia dúzia de filmes, entre 1942 e 57, dos quais os maiores significativos são aqueles a que nos acabamos de referir.

Pandora retoma o velho mito da primeira mulher aperfeiçoada pelos deuses, curiosa inveterada, também ela, tal como Lewin, à procura do seu deus, da fatalidade. O holandês errante é aqui essa imagem confessional, lenda histórica que a bailarina de cabaré agarra possessivamente, tentando ser também parte dela, penetrá-la, confundi-la entre o amor e a morte, torná-la intemporal.

E para o exprimir Lewin recorre aos artifícios próprios do amante espanhol de *Pandora*, o matador Montalvo: deixa-se guiar ora pela ingenuidade, ora pela brutalidade. Daí a intenção não ter ficado claramente expressa.

As loucuras na Informação

Na madrugada de terça-feira a Rádio noticiava que as administrações da RTP e da RDP haviam chegado a acordo depois de receberem uma nota da Comissão Nacional de Eleições na qual era sugerido às CA's que suspendessem durante a campanha eleitoral as referências à propaganda partidária, para que assim não se favorecesse este ou aquele. Isenção total, pelos vistos...

Género: «Corta-se o mal pela raiz»...

Estranha medida, de facto.

Infeliz sugestão da CNE

O que é espantoso é que quando a CNE se refere à manipulação que se verifica diariamente na Informação televisiva (e a muitas outras coisas), o Telejornal faz ouvidos de mercador. Quando a CNE tem um deslize, a Direcção de Informação segue o concelho. Ando tudo doido, como dizia o outro.

22 Agenda

Telecrítica

19/9/80

Rui Cádima

«Telejornal» ou «emissão pirata»?

Imagine que o jornal diário da sua preferência, de um momento para o outro, sem lhe pedir qualquer satisfação, como aliás é seu dever (...), passa a encher a primeira página e as que imediatamente se lhe seguem com notícias fresquinhas vindas da estrangeira, como se sufocássemos pelo desejo ardente de internacionalização:

Que o Somoza tinha sido assassinado, que o comandante da polícia de Istambul também, que na Grécia se verificaram manifestações, que Kim Dae Jung fora condenado à morte na Coréia do Sul, que no Irão os reféns continuam reféns, que na Espanha Adolfo Suarez apresentou o novo programa de Governo, que no Afeganistão as tropas soviéticas continuam bem graças a Deus, que a CEE debate a questão das pescas.

Assim. Imagine o que faria. Com certeza, das duas uma: ou deixava o jornal na banca, a queimar ao sol, ou se só visse a burla depois do dinheiro gasto, deitava-o fora, seguramente, e no dia seguinte compraria outro título.

Imagine agora que isso em vez de acontecer com o seu jornal diário acontecia por exemplo com o Telejornal da nossa cada vez mais querida RTP...

Grave problema surgiria então: os tempos que correm não estão para deitar fora algumas notas de mil. Você teria que se acalmar, fazer contas à vida e não pensar mais sequer em partir o televisor. Repare: internacional por internacional você sempre tem possibilidades de, gastando um pouco mais, conseguir uma antena que apanhe Espanha, Marrocos e então já o problema se apresentaria de outra maneira. De contrário você tem que protestar. Você deve protestar. Lamentavelmente, é claro, terá que suportar todos os ás à mesma hora esse título que você detesta, o Telejornal. Até que todas as vozes se façam ouvir.

Mas se você, caro leitor, é um apaixonado por temas internacionais, se assina inclusive, uma revista especializada, está cheio de sorte. Agora já pode prescindir da sua revistinha e passar a dar atenção a esse circunspecto embrião (se bem que amador) de informação «Internacional».

Mas... (há sempre um mas), atenção caro leitor: o Telejornal não trata só de informação internacional! Por lá passam algumas notíciaszinhas do que se passa neste País desfigurado, nesta república fantasma... Bom, em tempo de eleições, já sabemos que... nada. Nesta república «não há» eleições. Mas há Governo. E... por este andar, o telespectador mais distraído, acabará por não ter dificuldade nenhuma em confundir este bloco informativo da RTP com uma qualquer emissão pirata, lançada de uma redacção sem telexes nem telefones, algures ali para os lados da Cova do Vapor. Para círculo, isso também acontece com o menos distraído. É um dado.

É este o Telejornal que temos. Que concluir agora da vergonhosa decisão que impede a Informação de acompanhar a campanha eleitoral? O pior. Só se pode concluir o pior. Por um lado, que os responsáveis pela decisão têm medo, não se devem sentir profissionais competentes e, menos ainda, imparciais. De facto não o são, são «comissários»... Por outro lado, conclui-se que são moralmente pouco dignos perante os portugueses. Profissional de Informação que não queira assumir responsabilidades nacionais por se sentir feudado a um partido ou por outra razão qualquer, deve imediatamente pedir a demissão. Não deve é estar a impedir o povo português de seguir a campanha eleitoral através da RTP. Essa é a vergonha das vergonhas.

Telecrítica

Rui Cádima

Continua a pouca vergonha

O Telejornal continua a atentar contra a inteligência das pessoas, continua a pautar, para além de tudo o mais, pela não apresentação de qualquer tipo de notícias referentes à campanha eleitoral. Miguel Reis dizia anteontem neste jornal que se trata, em última instância, de *apagar a História*. Muito bem visto. Que dirão os portugueses, enfim, os profissionais de Informação, que dentro de algum tempo queiram consultar os arquivos da RTP sobre a campanha eleitoral para as legislativas? Será que em vez de lá estarem os filmes, estarão fotocópias da «nota oficiosa» de Duarte Figueiredo?

Quanto à Informação/2, e dado que ainda não foram adoptadas as medidas defendidas pela Redacção (às quais se opõe, como já é do domínio público, Duarte Figueiredo), o panorama geral não é em nada diferente do do primeiro canal.

Quanto ao resto...

A restante programação de quinta-feira passada, depois das 19.30 h., foi substancialmente melhor, sem dúvida, que o normal. Dois programas musicais de grande qualidade, um em cada canal: Dave Brubeck no 2, com Paul Desmond, Joe Morello e Gene Wright; e no primeiro canal um «mano-a-mano» entre Jorge Ben e Caetano Veloso.

De referir ainda o «A Ler Vamos» que nesta última emissão fez uma breve abordagem, um pouco tardia, da personalidade desse português, escritor, que nos deixou aos 56 anos de idade: Bernardo Santaren. Também a presença de Maria Isabel Barreno foi interessante, pelo menos cumpriu esse contrato que deveria ser normal: a conversa em aberto.

Pelo segundo canal passavam ainda as «Tendências» dedicadas desta vez ao Cubismo e, entretanto, no 1 iniciava-se um «debate» madrugador com a «AD» representada a dois terços..., subordinado à questão principal de se saber se há ou não há liberdade de Informação em Portugal. O que é que acha o leitor?

Piaget

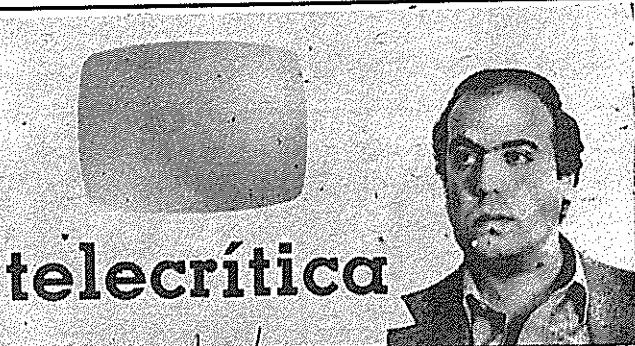
O Telejornal noticiou:

«O professor Jean Piaget, considerado o pai da psicologia infantil, faleceu em Genebra, com 84 anos de idade. Sustentava na sua obra que «a percepção é alimentada com a ilusão e a distorção, elementos que a criança em desenvolvimento vai moderando sistematicamente, adicionando novos dados obtidos de diferentes pontos de vista». Entre os seus estudos mais famosos figuram: «Capacidade de Julgamento e Avaliação da Criança», «O Julgamento Moral da Criança», «Linguagem e Pensamento da Criança» e «As Origens da Inocência da Criança». Eram uma família de pintores, o pai, Pedro, nascido em 1525 era adorador de Bosch» (Não..., não se trata da continuação da notícia da morte de Piaget; estamos já, um tanto inusitadamente, com a exposição de Brueghel em Bruxelas). E ficamos por aqui...

Vem isto a propósito do tratamento dado no Telejornal à morte de Piaget — um dos maiores cientistas deste século XX no campo das ciências humanas.

O Telejornal, essa folha vergonhosa que está a dar uma imagem ridícula deste País, concede uma «local» a Piaget, já para o fim do noticiário, antes ainda de uma referência à exposição de Brueghel, e depois de frisar em grande relevo, com comentário «directo» do especialista Cerqueira, que Jean-Pierre Jabouille tinha «um tanto inesperadamente» assinado contrato com a Ligier, depois de ter sido dado como certo numa outra marca, a Renault.

Não há nome que se possa dar a este tipo de Informação. Chamem-lhe o que quiserem...



22/9/80 Rui Cádima

«Dona Xepa» valeu a pena?

Quando há uns meses atrás Carlos Cruz entabulou negociações com a Globo para a compra da telenovela sucessora do «Dançin'Days», com certeza que o seu objectivo era fundamentalmente trazer para Portugal «O Bem Amado», de 73, considerada como «a mais internacional das novelas da Globo», exibida já em diversas cadeias de televisão estrangeiras, caso de Angola, Estados Unidos, Itália.

«O Bem Amado» não deixou de vir. Mas com ele, e com prioridade na programação, veio «Dona Xepa», novela adaptada à TV por Gilberto Braga a partir da peça homónima de Pedro Bloch.

Nesta altura, decorridas quase duas dezenas de episódios, acho que a escolha não foi de facto muito feliz. Perdoem-me os aficionados mas eu estaria quase em dizer que não valeu a pena a compra. E isso por diversas razões que avançarei neste e noutras textos futuros.

À partida há que ver o seguinte: «Dona Xepa» traz a chancela de «novela das 18 horas» o que significa que é exibida antes das donas-de-casa começarem a preparar o jantar; fora, portanto, do horário nobre, que é equivalente, aqui em Portugal, ao período em que a novela está agora a passar.

Esse horário, o das «18», no Brasil, é sempre preenchido por uma programação de qualidade inferior, que se pretende que agrade simultaneamente a diversas camadas sociais e fundamentalmente dedicada às pessoas que desenvolvem um trabalho doméstico.

Por ai se podia ter visto de imediato que «Dona Xepa» não seria novela para o nosso horário nobre. Parece contudo que o facto da telenovela estar a passar pela segunda vez na TV-Globo aquando da visita dos responsáveis da RTP foi decisivo para a sua compra. «Dona Xepa» passou pela primeira vez em 1977 e recentemente estava a passar à hora de almoço.

Por outro lado há que ter em conta que uma telenovela não é propriamente uma lembrança que se traz do Brasil... Comprar uma telenovela para estar ao longo de meses em programação diária, requer, no mínimo, um conhecimento razoável, ou uma informação de fonte segura, do seu nível técnico e artístico, do nível do argumento, da interpretação e da realização. De igual modo importante é o conhecimento das críticas feitas à novela, quer pelos especialistas, quer mesmo pelo comum dos espectadores.

Por agora vamos só aqui deixar um extracto de uma crítica saída a 22 de Junho de 1977 na revista brasileira «Veja», assinada por Maria Rita Kehl e intitulada significativamente «Para Trás». (Quanto ao resto, em breve voltaremos ao assunto.) Reza assim: «Dona Xepa» encarna o que se poderia definir como o «folklore da pobreza». Sua simplicidade, ignorância e grossura de linguagem, atitudes e ideias — justamente as características que Yara Cortes sabe exagerar com perfeição — endossam um tipo de preconceito que a televisão deveria ajudar a superar: o de que «essas pessoas dos subúrbios» são inofensivas como crianças, inocentes e felizes em sua pobreza material em função de uma extrema pobreza mental...».



telecrítica

23/9

Rui Cádima

A pouca vergonha continua

A confusão generaliza-se. Já não se sabe quem é director de Informação da RTP, se Proença de Carvalho, se Duarte de Figueiredo. Em declarações recentes à Imprensa, o presidente da CA da RTP dizia que a decisão de proibir qualquer referência à campanha eleitoral, fora dos tempos de antena atribuídos por Lei, tinha sido «profundamente meditada» e que, nessa medida, não haveria ninguém que fizesse desviar a RTP um milímetro que fosse da decisão tomada...

Meditação profunda, de facto, e sobretudo original. Tão original que ficará, por certo, na história da Informação em Portugal, como uma das páginas mais negras do pós-25 de Abril.

Mas não é só o facto do «Telejornal» e toda a Informação televisiva, de um modo geral, não noticiarem absolutamente nada da actividade partidária durante a campanha, desde a «agenda política» às reportagens de comícios e manifestações. Noutros planos da Informação também se verificam anormalidades flagrantes. É o caso por exemplo da forma como o «Telejornal» tem sido apresentado e, nomeadamente, dos convidados que nele têm participado.

Há uns tempos atrás era com alguma frequência que viamos aparecer no pequeno ecrã diversas personalidades, diversos expert, que a pretexto deste ou daquele tema candente, deste ou daquele facto, se apresentavam perante as câmaras como convidados da redacção para elucidarem com maior rigor o grande público em torno do que era notícia, do que era polémico. Hoje o que é que vemos? Por exemplo, que o «Telejornal» tem um convidado «privado» e «único», por assim dizer. É ele António Alçada Baptista — todos os domingos o temos pela frente no pequeno ecrã a dizer de sua justiça.

Ultimamente, contudo, o «Telejornal» deu um arzinho da sua graça e resolveu fazer convites, trazer entrevistados ao estúdio, em «directo» e tudo. E de quem é que se teriam lembrado? Obviamente, como devem estar recordados, do capitão da equipa de Vilamoura (quando da vitória de Portugal nos «Jogos Sem Fronteiras» realizados em Namur, na Bélgica) e, mais recentemente, o outro convidado seria Humberto Coelho, capitão da equipa de futebol do Benfica, que veio falar sobre a eliminatória da Taça dos Vencedores das Taças realizada há dias. Qual será o próximo convidado que teremos no estúdio em directo? Será o capitão do Boavista ou António Alçada Baptista?

Domingo, às 20.30 h., para não fugir à regra, cerca de 15 minutos de noticiário internacional. Falou-se da Igreja na Polónia e da Igreja Ortodoxa em Portugal. Mas não se falou no Encontro Nacional de Cristãos no Liceu Camões, um dos acontecimentos mais importantes que se realizaram em Portugal no campo dos debates no interior da Igreja, no pós-25 de Abril.

Se não fosse o Rui Veloso no domingo como é que seria? Obrigado, «Ao Vivo»!

26/9

Televisão/Espectáculos / 21



telecrítica

Rui Cádima

Balanço pesado

Entretanto passaram-se as coisas. A greve, por si, era já sintoma de que nem tudo estava bem. Três dias depois o quadro geral é, obviamente, mais negro.

Vejamos então, como que fazendo o ponto das situações surgidas: Ainda na segunda-feira o «Come e Cala» (que conforme estava anunciado abordava a problemática da publicação e distribuição dos livros escolares) foi repentinamente suspenso, de tal modo que Beja Santos, o responsável pelo programa, nem sequer foi avisado previamente do que iria suceder...

Especulou-se depois em torno do assunto. Disse-se inclusive que a suspensão do programa tinha a ver com a participação recente do seu responsável num dos filmes da FRS na Televisão (no período reservado à campanha eleitoral). Tudo é possível... É perfeitamente natural que na RTP se pense dessa maneira. Depois do que temos visto nos últimos meses, tudo é possível, de facto... De qualquer modo, se fosse essa a razão, muitos outros filmes seriam suspensos nesta altura na Televisão. Estaria mesmo em dizer que a própria Televisão seria suspensa..., o Nicolau Breyner também não veria passar o seu anúncio encomendado pelo Ministério do Comércio e Turismo, a Informação também teria que ir para férias (atenda-se ao facto, conhecido, aliás, de Duarte Figueiredo ter sido assessor de Sá Carneiro), enfim, muitas outras coisas extraordinariamente bizarras aconteceriam com toda a certeza. Ficaríamos assim sem Televisão durante a campanha eleitoral.

A programação parece-nos estar agora a subir um pouco mais de nível, embora isso se verifique, fundamentalmente, com a produção «enlatada», fazendo-se assim sentir, cada vez mais, a falta de programas feitos em Portugal.

Passou entretanto, sobre Gauguin, um filme de interesse reduzido, realizado por Fielder Cook, intitulado «Gauguin the Savage» (a propósito: será possível conseguir o primeiro filme de Albert Lewin «The Moon and Sixpence», também dedicado a Gauguin?); Alcione faria o contraponto à «Xepa», na 2, e na terça-feira mais duas séries inglesas no primeiro canal, e, no segundo, o excelente «His Girl Friday», no «Cineclube», que mantém o mesmo rigor de programação aqui já apontado há algumas semanas.

Quarta-feira seria dia para futebol. Um «amigável» entre Portugal e Itália foi rapidamente repescado para a programação, espécie de brinde ao eleitorado adepto do «desporto-rei». Na 2 anunciam-se mais uma série estrangeira. Para quinta-feira o panorama anuncia-se idêntico, se exceptuarmos «Música 80», «um bom aperitivo para o jantar» vindo dos estúdios do Porto.

No que diz respeito à Informação o panorama continua a ser sombrio, tudo aquilo continua a cheirar a emissão pirata. Essa brilhante «chefia» de cabeças chochas anunciou, como é do conhecimento público, que não se solidarizava com a greve decretada no sector, por não achar que estivessem esgotadas as possibilidades de negociação com o director-coordenador.

Entretanto, chegaram todos a acordo. Vamos ver o que se segue, porque aquilo que já se passou a História relatará.

telecrítica

24/5

Rui Cádima

Zero a zero...

«Música 80», programa recentemente surgido, produzido e realizado nos estúdios do Porto, parece-nos ser em última instância uma excelente forma de pôr em evidência a grande necessidade que o público sente em ter programas musicais de qualidade na RTP. Por outro lado, como é óbvio, o programa escamoteia essa mesma realidade.

Ao fim de muitos meses de reclamações contínuas, vindas fundamentalmente do espectador comum, do contribuinte, a RTP chegou a acordar de facto com a produção externa de um ou dois programas de «grande produção» de variedades. Ligados a esses projectos estariam Nicolau Breyner e Henrique Mendes.

Não quero dizer que qualquer destes programas possa vir a ser considerado «de qualidade». Poderão ser (um deles pelo menos) programas de características populares, poderão atingir, inclusive, um vasto auditório. Mas quanto à sua intenção cultural e recreativa já poderão surgir opiniões divergentes. Cá estamos para ver. Qualquer destes programas não será portanto esse programa ideal que consegue conciliar o espectáculo com o sentido positivo do saber. Bom, poderemos estar enganados... Certo, certo é «Música 80» não ser um programa de grande qualidade musical. É, infelizmente, um programa mediocre, onde participam cançoneiros que muito devem ao nacional-cançonetismo... Enfim, «Música 80» é sem dúvida um programa de variedades de terceira. Esperemos que melhore rapidamente. Pelo menos para segunda.

Todos os dias às 20 horas passa na programação televisiva, como é do conhecimento público, um bloco de textos lidos por uns senhores locutores de colarinhos amarrados e fatos *old fashioned* (quando é que vem esse subsídio para o «trapinho»?) que dá pelo nome de «Telejornal». Todos já repararam nisso com certeza.

Acontece que ultimamente graves problemas têm surgido nesse bloco, tal qual aqui temos feito referência. Como dissemos em crónica publicada recentemente, existe uma nota interna nos serviços de Informação da RTP que prospe qualquer tratamento noticioso de factos que se passem no interior das próprias redacções. Como se tem verificado, essa nota tem sido seguida à risca... Não foi sem espanto, portanto, que vimos na quinta-feira passada, no bloco das 20h., ser noticiada a greve dos jornalistas da RTP, à qual aderiram cerca de 80 por cento dos jornalistas da RTP. Dizia Hélder de Sousa (um dos poucos jornalistas que furaram a greve, a par de Balsinha, Botelho Moniz e Cerqueira) que os jornalistas ainda não tinham voltado ao trabalho após ter sido retirada a censura à campanha propagandística de partidos e coligações, devido ao facto de não terem sido dadas garantias aos jornalistas — que garantias eram essas foi o que não ficou expresso. Dizer também que foi reconsiderada a posição do «Conselho de Gestão» sobre a suspensão da campanha no «Telejornal» é algo ainda que deve ser clarificado. A referência feita à actividade partidária do «Telejornal» de quinta-feira não foi mais que um «davar as mãos» em água suja. De qualquer modo há que sublinhar essa pequena grande vitória conquistada pelos jornalistas. Mas atenção: a pouca vergonha ainda por lá paira.

21/5

bem não es-
pode muito

23/9

que grão a
papo? Ei-
não queria

20/1

problema
falar
acerca de
obter re-

1 2

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
0	

Foto: Ad. 14

telecrítica

29/5

Rui Cádima

Ainda com a informação

Tanto a Rádio como a Televisão tinham recusado ao princípio fazer a cobertura da campanha eleitoral a pretexto de que a Comissão Nacional de Eleições a isso tinha aconselhado. Verificada a falsidade desse julgamento, ouvidas as reclamações da Oposição, dos jornalistas e de outros sectores, essa ridícula decisão foi a pouco e pouco abandonada. Primeiro na Rádio, agora na Televisão. Contudo — e no que se refere, obviamente, à RTP — a forma como tem sido feita no Telejornal a cobertura da actividade partidária merece-nos alguns reparos. Em primeiro lugar é estranho que um órgão de comunicação audio-visual faça a cobertura da campanha eleitoral exclusivamente através de textos lidos sobre o *slide* «Eleições». É grave que a Televisão não queira dar ao espectador as *imagens* da campanha. Ao fazê-lo está a recusar a sua principal função e, por conseguinte, a afirmar a incompetência dos responsáveis que coordenam a sua Informação.

Por outro lado não estamos em tempo de computadorizar os minutos e os segundos atribuíveis a esta ou aquela candidatura. Esse amadorismo saloio comprehende-se em situações de «abertura» política quando os governantes pretendem a mudança da ditadura para a democracia. Ali comprehende-se que o profissionalismo e a Informação sejam controlados por máquinas de calcular (como única forma de defender a «democraticidade» de um projecto — já que outra prova não haverá). Compreendia-se que Marcelo Caetano o fizesse na sua «primavera negra»... Mas, meus senhores, esse tempo já lá vai...

A nossa Informação, entretanto, atingiu a idade adulta. Provam-no os inúmeros profissionais de elevado nível que temos, todos eles, infelizmente, afastados do pequeno ecrã. Prova-o a Informação/2 criada por Fernando Lopes e mais tarde completamente destruída. Esses inconfessáveis processos de saneamento da qualidade, da imparcialidade e do profissionalismo, são agora prova evidente de que a nossa Informação televisiva voltou à «idade da pedra», está transformada de facto numa espécie de *bunker* paleolítico — isto para darmos uma imagem surrealista desse trabalho obscuro, cavernoso.

Para fora nada transpira, para dentro tudo é filtrado. E a nós todos, condenados à contra-informação, resta-nos desejar a este outono negro informativo uma primavera radiante. Esperemos que em breve os profissionais competentes do jornalismo televisivo voltem a estar em contacto connosco.

É que na última instância há que ter bem em conta que se «os homens da Informação são hoje a guarda avançada na defesa da democracia», como afirmou Maria de Lurdes Pintasilgo recentemente, eles também podem ser, através dos seus representantes mais ignorantes, a guarda avançada na luta contra a democracia, — consciente ou inconsciente, para o caso tanto faz. Não nos podemos esquecer disso nesta fase crítica que atravessa a Informação televisiva em Portugal, nas vésperas das eleições legislativas.



telecrítica

30/3/80

Rui Cádima

O Nico é um «show»

Nico, *one man show*.

Nico, um homem com «tempo de antena».

Nico, que vingou na vida.

Nico político, Nico merceiro.

Nico, pluriempregado dos sete ofícios.

Nico, «instituição» televisiva respeitável...

Ele é «Nico», mas diz «Eu Show Nico» e aí está aos sábados à noite, para agradar (ou não) ao maior auditório da RTP, desmultiplicado em gestos internacionalizados, detentor do *know-how* standartizado do espectáculo lusitano. Ele, Nico, sabe da poda, sem dúvida. Tanto ele, como, aliás, Thilo Krassman, na produção, e César de Oliveira nos textos. Uma equipa de respeito.

Nicolau Breyner neste primeiro programa «revisteiro» (o que ele diz que a crítica diz deste tipo de programas) vem, à partida, preencher um infundável vazio em que anteriores mapas-tipo marginaram, vazio provocado por «políticas» de anteriores direcções e que desde os «Sheiks com Cobertura» não viamos preenchido. Nem ameaças disso viamos. E aí Nico comece logo por ganhar... O público está sedento de programas deste género, a RTP, pelo seu lado — tem-se visto — raramente lhes dá prioridade sobre os outros programas e, assim, quando aparece o primeiro, após um longo interregno, a aderência do público é imediata.

Neste «Eu Show Nico», a essa aderência primária alia-se a força do programa: uma concepção inteligente, popular e ligeira. Sem ambições, pautando-se um pouco pelo *déjà vu*, mas atendendo religiosamente a que a irreverência e o humor, quando utilizados sem preconceitos caducos, são uma óptima forma de fazer Televisão — e dai se tiram, obviamente, excelentes resultados.

Nicolau Breyner faz recuar sobre si, neste momento, as atenções do *showbiz* da política e do espectáculo. Ele é o merceiro desleixado e o merceiro asseado no anúncio do Ministério do Comércio e Turismo, é o Nicolau Breyner *himself* no tempo de antena da AD a aconselhar ao voto, é também o Nicolau no «Eu Show Nico», programa de humor e variedades que pretende «divertir», «dar a música a ouvir», etc., etc., etc.

O programa possui todas as características para se tornar numa emissão verdadeiramente popular, num dos programas mais seguidos pelos telespectadores.

Os *sketches* «à italiana» foram bons, aquele «acidente urbano» fez-nos lembrar qualquer coisa saída de «Os Novos Monstros», enquanto o acidente na estrada nos remeteu para os «cartoon» de Mordillo, para a ironia extremamente mordaz. A presença de Rui de Carvalho foi excelente, assim como, aliás, a de Simone de Oliveira. Um verdadeiro achado é também a telenovela «Moita Carrasco». Só o grupo «Cocktail», com uma «coreografia» tipo passagem-de-modelos-classe-iniciados, degenerou efectivamente. A «sombra» de Nicolau também não era precisa para nada. E essa do pianista russo — foi dedicada à AD? Irá ser descontada no tempo de antena da AD? Que não faz parte da campanha — isso já sabíamos. Mas essa de facto não parece ser a opinião dos responsáveis — que até têm suspendido por aí alguns programas... Parece ser tudo, ao fim e ao cabo, uma questão de siglas...



1/4/80 Rui Cádima

Por artes e manhas

A série infantil «Mathis», que fez parte da programação das segundas-feiras, nas últimas semanas, foi substituída pelo programa de Júlio Isidro «Arte e Manhas», que regressa agora ao pequeno «écran». Não sabemos se a série «Mathis» (dela e da sua qualidade aqui falámos por diversas vezes) acaou definitivamente ou se vai ainda continuar para a semana. A RTP pouco informa sobre a programação infantil — e é pena que isso aconteça, pois ela é de facto pedra de base em qualquer mapa-tipo. Aos programas infantis deve ser dada a maior atenção, quer sob o ponto de vista didáctico, na produção, quer mesmo na sua promoção, através dos filmes-anúncio que, aliás, nunca vimos. Será isso prova irrefutável de que a programação infantil da RTP deixa muito a desejar?

O reaparecimento do programa de Júlio Isidro deve ser saudado. Trata-se de um dos raros programas infantis produzidos pela RTP que tem de facto algum interesse, embora, por vezes, talvez por «artes e manhas», o texto não seja tão bom como seria desejável. Foi esse o caso de «Quem faz um berço faz um cento», com uma bela canção de um «sheik», mas com um texto algo confuso e, nessa medida, pouco didáctico.

Cabe agora aqui uma ressalva ao que dissemos dias atrás em relação à forma como o Telejornal passou a tratar a campanha eleitoral. De facto, logo no domingo o bloco das 20 horas deu imagens da campanha, contra aquilo que vinha a verificar-se até então. Sem dúvida que nesse aspecto houve mudança para melhor. De qualquer modo esse tempo «concedido» às referências a propaganda partidária é muito reduzido, chegando mesmo a dar a ideia de tratar-se de *spots* publicitários forçados... Conviria que essa abordagem fosse mais completa, quer a nível das imagens quer a nível do próprio texto. A informação televisiva ainda está a tempo de dar mostras de se querer redimir do péssimo serviço que prestou às eleições legislativas de 1980.

O Telejornal de segunda-feira, como é hábito nos outros dias, começou pelo «Internacional». Aquilo que nos vespertino era «manchete» ou «primeira página» foi relegado no Telejornal para o final do primeiro bloco «nacional». Refiro-me, concretamente, ao tratamento dado à abertura do Congresso sobre aprendizagem e desenvolvimento, aos problemas surgidos com o Presidente da República em Viseu e ainda ao caso dos agentes traficantes de heroína.

Entretanto, o período reservado à Campanha Eleitoral, na segunda-feira, foi preenchido pelas três grandes coligações que vieram assim, mais uma vez, dar provas de que têm por detrás de si equipas de respeito na planificação dos pequenos filmes. As pequenas intervenções de personalidades independentes e do espectáculo e ainda a coincidência temática nos filmes da Oposição (tratou-se da «Saúde») foram aspectos de relevo nesta emissão.

Depois de Xepa, viria a homenagem a James Dean, num filme realizado por um tal Robert Butler, em 1976. Que pena essa homenagem não vir em forma de «East of Eden» ou «Rebel Without a Cause». É que a esta biografia faltou-lhes desde logo «o actor» e também a rebeldia do personagem. Resultado: o mito quase que era destruído...



telecrítica

2/10/80 Rui Cádima

Apoio à cinematografia nacional

A defesa do filme português na RTP, feita através de pequenos «spots» ou «slides», iniciou-se recentemente ao abrigo de um acordo celebrado entre a administração da Televisão e a SEC/IPC. O primeiro filme português beneficiar com o acordo foi «O Príncipe com Orelhas de Burro» de António de Macedo, que estreou há pouco tempo embora só tenha estado duas semanas em exibição. O mesmo cinema a estrear «O Príncipe» nos finais de Agosto programou um outro filme português, também já estreado. Trata-se como o leitor sabe de «Barbara», realizado por Alfredo Tropa e produzido — facto inédito —, integralmente, pela RTP. Tanto quanto julgamos saber só os actores não fazem parte da «prata da casa» que «fabricou» o filme.

Portanto, a par da publicidade paga, surgem agora os filmes-anúncio às estreias dos novos filmes portugueses. Facto assinalável que merece de facto o nosso aplauso. À Televisão, como meio de comunicação permanentemente acusado de desviar o público das salas de cinema (e assim contribuir em alto grau para a crise da indústria cinematográfica), só lhe fica bem esta atitude incentivadora, por forma a ajudar de facto a promoção do cinema português, que tão necessitado tem andado disso.

Esta é, aliás, uma atitude que não é possível de levar à prática em muitos outros países (onde a produção dos filmes é em grande parte privada). Daí também as honras para a RTP que soube cumprir com o seu dever. Parabéns, pois, pelos filmes-anúncio, pelo «slide» «veja cinema português» (que poderia ainda assim ser bem mais sugestivo) e pelas referências que aqui e ali vão surgindo a esta nova vaga de filmes portugueses — «vaga» que não tem nada a ver com nenhum movimento ou escola, mas que é tão só o produto de um esforço enorme por parte de profissionais de cinema que desejam manter viva — e cada vez mais viva e desejada — a cinematografia nacional. Pena é que a qualidade destes novos filmes não esteja ao nível dos premiados ultimamente.

A «Xepa» e o resto

A programação de terça-feira tem sido — até ver —, muito provavelmente, a melhor da semana. Não esqueçamos que no primeiro canal passa o excelente programa de Margot Fonteyn «A Magia da Dança», e no 2 o «Cineclube», da responsabilidade de António Pedro de Vasconcelos. Estes dois programas estão neste momento, quanto a nós, a bater todos os outros — isto se nos regermos por uma bitola de qualidade.

Outras rubricas há de interesse e também há, evidentemente, lugar para programas aborrecidos com baixo índice de audição. É o caso, por exemplo, de «Rés Pública». Às 21, mais coisa menos coisa, a «Xepa» entra-nos pela casa dentro, agora sem o fantasmático «Crédito PAR» de pernico. As atenções estão agora voltadas para a festa dos Becker — os tais que precisam de uma reciclagem num grupo amador de desinibição corporal. A lágrima e o ciúme aparecem-nos em situação perfeitamente inflacionária. Cada vez a «Xepa» nos interessa menos. E não só a nós. Já há muitas desistências. Parece-nos inclusive que a telenovela está agora a assumir o seu verdadeiro perfil «Capricho» e/ou «Ilusão» e Cia.



telecrítica

3/10

Rui Cádima

Ligou antes do Telejornal?

Hoje começamos pelo princípio... Depois da «abertura» tradicional às 18.30, Fátima Medina surge engalanada por entre sofá e flores, de perna cruzada, corpo inteiro, a anunciar a programação do dia. Novo processo este que não nos parece dar bom resultado em termos de eficácia comunicativa para com o telespectador.

É sabido que o grande plano é, por excelência, aquele que deve ser utilizado na locução perante as câmaras. Na «abertura» o plano de conjunto só poderá querer dizer que «entre nós» (RTP) e V. (telespectador) há um fosso, toda uma distância indefinida pela inadequada utilização de um «geral» confuso em vez de um grande plano. Pode parecer «metafísica» semiótica mas não é. Vamos lá a enquadrar bem esses rostos no ecrã... No fundo, se o problema são as flores, elas podem aparecer na mesma...

O «Sumário» veio logo de seguida. Meia dúzia de notícias sintetizadas, mais estudadas e comprimidas do que se fossem para uma «folha oficiosa» que se assumisse sem rodeios, ou mesmo para um «jornal de actualidades». O «Sumário» sumaria e mais nada. Sumaria, mas mal. O «Sumário» não informa, não entra na polémica, não utiliza os «préstimos» audiovisuais da RTP. Limita-se a colocar a câmara em frente do locutor que lê os «comprimidos» deslavados. E pronto, o telespectador já não pode dizer que não foi informado nesse dia... As coisas resolvem-se assim, muito facilmente, com processos técnicos que pouco diferem dos dos programas de Rádio (a câmara é que está a mais — essa a única diferença).

Entretanto apareceu uma rubrica que dá pelo nome de «Vem ver como se faz» e que segundo informava o «Sete» já vinha a ser anunciada para alguns dias atrás. Pensámos muito sinceramente que o programa coordenado por Maria de Lourdes Carvalho, anunciado como «infantil», fosse de características essencialmente didácticas, aliás como o é, mas que tentasse criar nas crianças e nos jovens o gosto pela pequena «bricolage», pelo «hobby» desenvolvido em casa, como actividade lúdica paralela aos próprios trabalhos para a escola.

Contudo, «Vamos ver como se faz» afirmou-se como um autêntico programa para todas as idades (...), com os seus aspectos positivos e negativos. Ou seja: em vez do pequeno telespectador perceber como poderia encadernar os livros em casa, ou inclusive fazer os seus próprios pincéis com os quais depois pintaria, o programa mostrou-nos as tipografias onde se fazem as encadernações e também as fábricas de pincéis. Alguns planos, «música de fundo» e um pequeno texto foram depois os elementos-base para finalizar a produção do programa.

«Autores Portugueses» esteve para entrar às 19.30 mas não o chegou a fazer. Nem se soube sequer de que é que constaria. Em sua substituição, de «última hora», veio «Teatro Amador», inclasificável, com um plano de cerca de três minutos sobre as margens de um rio e uma canção de Billie Holiday em fundo... E o Dia Mundial da Música passou-se um pouco a correr, como tiveram oportunidade de (quase) ver.



telecrítica

Rui Cádima

Borges, Hare, Strindberg (e os outros)

O Telejornal entrevistou Jorge Luís Borges. A técnica é sempre a mesma: a personalidade chega, é encostada à parede, câmara pela frente, o repórter lança duas ou três questões menos acertadas, o entrevistado esboça um primeiro sorriso, alinhava uma ideia incompleta, alguém pensa «corta» e a realização apronta-se para voltar ao estúdio. O locutor de serviço passa então à notícia seguinte. Pergunto-me: se em vez de Jorge Luís Borges tivesse chegado ao Aeroporto da Portela o Maradona ou (lagarto, lagarto!), o Videla, acham que a reportagem seria idêntica?

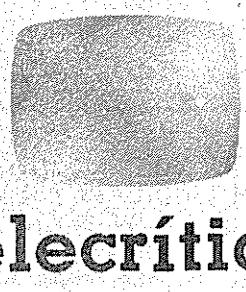
«Slag» de David Hare, a polémica peça que entretanto foi estreada no Teatro da Graça também teve direito a um pequeno apontamento no Telejornal. Aqui as deficiências foram mais de carácter técnico, com uma péssima imagem derivada de uma má iluminação. Mas enfim..., o que seria gravemente preocupante era o Telejornal ter esquecido pura e simplesmente a chegada de Borges e a estreia de «Slag» (embora este acontecimento não tenha de facto a importância do primeiro). Bom, do mal o menos...

Strindberg e a «Menina Júlia»

Strindberg é um dos nomes mais importantes do Teatro contemporâneo. Exerceu enorme influência, por exemplo, em dramaturgos como Eugene O'Neill, Luigi Pirandello e Sean O'Casey.

Strindberg (1849-1912) nasceu e morreu em Estocolmo. Era filho de um aristocrata falido e teve uma infância extremamente pobre e infeliz. Depois de deixar a Universidade de Uppsala, sem ter tirado qualquer curso, foi jornalista, pintor, livreiro e só depois começa a escrever. Aos 23 anos publica *Master Olaf*, peça sob a influência de Shakespeare e Ibsen. Em *The Red Room* (1879) satiriza a burguesia sueca. Mais tarde vira-se inclusive para a actividade política no seio de movimentos de orientação socialista. É conhecida também a sua misogenia, sugerida à partida nas pequenas histórias de *Married* (1884) que influenciaram algumas das suas obras seguintes, entre as quais está *Miss Julie* (1888), e que muito possivelmente, teria mesmo conduzido o próprio autor ao divórcio (uma constante nele). Strindberg abandonará depois as doutrinas socialistas e refugiar-se-á naquilo que poderemos considerar um individualismo nietzscheano e anárquico, para acabar místico.

Como já alguém notou é pena que a RTP não tenha produzido, tanto quanto sabemos, a gravação de qualquer uma das representações da «Menina Júlia» que ainda há bem pouco tempo estiveram em palcos portugueses. É claro que, ainda será melhor? — comprar por baixo preço um programa estrangeiro, de reconhecida qualidade, ou produzir a realização de uma peça já estreada em palcos portugueses, com actores portugueses? A opção a seguir é nítida. Simplesmente, a RTP não tem apostado, por razões algo incompreensíveis, na produção nacional. É tempo de se apostar nela, decididamente. Da «Menina Júlia» foi transmitida só a primeira parte. Anuncia-se para a próxima quinta-feira a segunda parte, às 22 h. Para a semana faremos uma referência ao conjunto das duas partes.



telecrítica

6/10

Rui Cádima

Um belo policial e uma surpresa chamada Eunice

Finais dos anos 20. A grave crise económica que irá abalar o mundo já se pressentia. É nessa altura que Dashiell Hammett, porventura o mais extraordinário de todos os narradores do policial, situa a acção da sua obra «A Maldição de Dain», adaptada há dois anos para a Televisão e com realização de E.W. Swackhamer.

Trata-se de uma série de excelente qualidade, da qual ressalta desde logo o rigor de um trabalho que é simultaneamente televisivo e cinematográfico. E para isso não só contribui a realização conseguida de Swackhamer como também a presença de actores que muito raramente participam em trabalhos para Televisão, actores que são de facto «rostos» de cinema: James Coburn (no papel de Hamilton Nash — o detective privado que investiga o caso do roubo de diamantes com assassinato de perigo) e Jean Simmons (quem não se lembra de uma das suas maiores interpretações em «The Happy Ending», realizado por Richard Brooks, em 1969, salvo erro «Amar Sem Amor» em português?).

Outro aspecto extremamente importante a referir nesta série de seis episódios que começou já a ir para o ar aos sábados, às 20.30, é o nível conseguido na reconstituição de uma época, quer nos ambientes de interiores quer ainda — e de forma espantosa — nos exteriores rodados em grande parte na 5.ª Avenida da Nova Iorque.

«A Maldição de Dain» é considerado de facto como uma das mais estranhas histórias de Hammett. Disso já com certeza o telespectador se apercebeu neste primeiro episódio, principalmente através dos mistérios de Gabrielle, personagem «terrível», de reacções imprevisíveis, em torno da qual o detective terá que girar.

Para adensar a narrativa e todo o seu enredo contribuem ainda outros personagens neste episódio. É o caso do namorado de Gabrielle, funcionário bancário, que começa por ser um primeiro suspeito, e também Owem Fitzstephen que representa o papel de um escritor algo visionário, excêntrico, que inclusive previu na sua obra a própria crise económica. «A Maldição de Dain» é assim um excelente programa para a noite de sábado, com duas vantagens práticas: é que se o telespectador quiser ir ao cinema, por exemplo, ainda o poderá fazer uma vez que a série termina às 21h, na RTP/2, e, mesmo que não saia, terá esta óptima alternativa à «Xepa», que entretanto começou no primeiro canal.

«Eu Show Nico»

De volta o programa de Nicolau Breyner, desta vez com uns «gags» menos bem humorados. Salvou-se a charge sobre «fazer cinema em Portugal»... O Nico polícia e o Nico ladrão não tiveram mesmo gracinha nenhuma.

Uma grande presença foi a de Eunice Muñoz. Um primeiro texto menos bom, para uma recepcionista de telegramas telefonados, com as inevitáveis consequências na representação, mas um segundo texto fabuloso, irónico e absurdo, que Eunice dramatizou de forma extraordinária, ao nível do que é possível fazer de melhor em qualquer parte do mundo.



Rui Cádima

telecrítica

«Decisão 80»

Por entre estatísticas e números, mapas e quadros, buzinas de automóvel e foguetes, decepções de uns e alegrias de outros, ao cronista restava-lhe o termo de café e a paciência do mais humano dos telespectadores para assistir à «ponta final» dessa maratona televisiva que deu pelo nome de «Decisão 80». Era então hora de balanço. Balanço de uma programação especial. Balanço de uma informação. Balanço político, enfim.

É sabido que este género de transmissões em directo, mal preparadas, na maior parte das vezes, se afirma fundamentalmente pela capacidade de improviso do seu «pivot» — se é que ele existe (e já existiu em eleições anteriores, com Carlos Cruz e Joaquim Letria), e ainda pelo tipo de programas escolhidos para intercalar ao longo de toda a emissão.

No caso presente — e com muita pena dos contribuintes em geral (estamos certos de dar aqui a palavra à grande maioria dos telespectadores) não tivemos a coordenar esta emissão nenhum dos grandes jornalistas da RTP que já dirigiram emissões anteriores. Nem Letria nem Mega Ferreira. Em lugar deles tivemos um friso menor, direcção «marginal» e minoritária no seio da centena de jornalistas da RTP.

Aspectos mais ou menos insólitos, deambulações na corda bamba, avarias, nervosismo, enganos, portinholas que se abrem e fecham, tipo portas de «saloon», por detrás dos «pivots» Cerqueira, Moniz e Balsinha, câmaras que entram em campo, microfones mal dirigidos na *régie*, foram, inevitavelmente, constantes na emissão que se prolongou até às 4 e 20 h. da madrugada de segunda-feira, após inicio às 19 h.

Esta foi, talvez, a emissão mais monótona de quantas já assistimos desde o 25 de Abril. O facto de se escalonar meia dúzia de cançonetistas escolhidos nas várias «sensibilidades» políticas como forma de entreter e divertir o telespectador, no intervalo da informação numérica e das entrevistas políticas, é, por si só, pela sua exclusividade, sintoma de que a imaginação poucas coisas tem resolvido ali para as bandas do Lumiar. Canções e eleições não bastam. Muita coisa se poderia ter introduzido na emissão, sem prejuízo da sua parca fluência...

Por exemplo: José Cid em vez de cantar três canções seguidas (depois ainda cantaria mais) poderia ter cantado só duas canções, salteadas na emissão, e assim o outro tempo já poderia ser ocupado por um desenho animado, por um sketch humorístico, por uma reportagem em directo, por um pequeno filme documentário (que não aquele exibido sobre o Piódão), enfim, por variadíssimas coisas que deveriam estar sempre disponíveis para entrar quando menos se esperaria.

Tal facto não veio a acontecer e, por isso, afirmarmos ter havido uma certa monotonia na emissão — que só se pode compreender por falta absoluta de imaginação. Curiosamente, essa monotonia só foi abalada pelas hesitações e pelos precalços com que alguns dos profissionais que estiveram permanentemente perante as câmaras se depararam. Ali pudemos rir, de facto. Mas só af...

Telecrítica

8/16

Rui Cádima

S.O.S. ao Brasil?

«Roberto Carlos Especial» foi «o programa» de segunda-feira à noite. Ele surgiu, objecto idolatrado, com essa música estranha que paira no ar, sobre o Rio, alto do morro, essa voz tamanha, menino-peso-de-ouro.

Assim apareceu o «circo electrónico» a seguir à «Xepa». O Brasil está aí de novo — Roberto perguntava no final, naquela catedral moderna: «Um caminho a seguir?» Claro que não. Nem brincar com isso. Mas o Brasil está aí de novo: é, assim em *flashes*, o Cuoco, o Anísio, a Dina Sfat, o Agildo, a chancela «Globo» — o trabalho de grande qualidade. E se o leitor quiser «outro» Brasil, ou outra MPB, muda de canal e poderá (poderia) ver o seguinte: ao grande plano de Roberto Carlos sobrepuja-se um outro grande plano — o da «marron» — a Alcione, na 2.

Bethânia também por lá passaria com o fel e o mel do seu último LP. E uma surpresa: um pouco das cartas de amor do nosso «bebé» Fernando Pessoa, bem dito pelo próprio Roberto Carlos...

A peça «Xarope de Orgiata» — um original de Agustina Bessa Luis era entretanto adiada para dia a anunciar. A causa: o Telejornal anunciado como «mais longo» do que o normal, seria depois previsto para cerca de hora e meia, e terminaria um pouco longe da previsão — acabou por ter cerca de duas horas de duração. Parece que a Direcção de Informação chegou entretanto à conclusão de que havia mais uma grande força política na cena portuguesa (estão lembrados que no «Face a Face» a Oposição era só uma?). Isso parece ser obra da «Decisão 80». Até parece que o que era importante era ser aquela a decisão... Pena que o facto só tenha sido reconhecido depois do 5 de Outubro. É que esse erro, essa manipulação, só veio desprestigar o acto eleitoral.

Programa suspenso

Beja Santos voltou. Ida a campanha eleitoral, o programa «Come e Cala» suspenso nessa altura por o seu coordenador ter apoiado publicamente a coligação socialista democrática, voltou ao pequeno ecrã para abordar a problemática relacionada com a publicação do livro escolar. Já se disse tudo sobre a suspensão do programa: a RTP defendeu que Beja Santos iria apoiar implicitamente com o seu programa a candidatura da Frente, a Oposição insurgiu-se referindo os casos de Sousa Veloso e Nicolau Breyner. Resposta não houve. Beja Santos foi aívo de facto de uma atitude discriminatória.

Do programa ressaltaram mais uma vez as necessárias advertências didácticas em defesa do consumidor, nomeadamente, neste caso, aquelas que faziam notar a urgência de legislar o prazo de validade dos programas escolares para um período não inferior a três anos, por forma a aumentar a tiragem do livro escolar, anular completamente a grande confusão que existe em torno da escolha do manual ideal e reduzir o preço do custo.

Se este programa de características essencialmente didácticas poderia de algum modo afectar a pretensa imparcialidade da RTP perante o acto eleitoral (veja-se o sectarismo da Informação), não percebemos por que é que os outros programas não foram também suspensos...

Telecrítica

9/10

Rui Cádima

O eco do poder

Fomos informados na terça-feira através do Telejornal de que se registaram graves incidentes de rua na madrugada e no dia seguinte ao dia das eleições de 5 de Outubro. A informação não se ficou por aí, contudo. O bloco referente a este assunto continuaria com uma intervenção do senhor ministro da Administração Interna e uma outra pelo comandante da PSP do Porto, em jeito de conferência de Imprensa propositada.

O desejo (que se viu profundo) dos homens da Informação da RTP em noticiar o caso parece não ter sido completamente atingido. É que um dos aspectos principais a referir na notícia em causa foi pura e simplesmente ocultado. Trata-se, obviamente, da velha questão de saber quem teve culpas no cartório ou, mais concretamente, quem provocou a alteração da ordem pública... Este o aspecto de que se alhearam a ética e a deontologia profissionais, o rigor pela informação e o respeito pela verdade.

Que é um acto condenado por todos os democratas já o sabemos. Gostaríamos era de ter visto e ouvido na televisão a «AD» a tomar posição pública e inequivocada sobre as violentas agressões a que alguns dos seus apaniguados se entregaram logo após se começar a vislumbrar o resultado eleitoral.

Entretanto, depois de Eduardo Moniz ter sido no dia anterior um perfeito homem do «desejado» presidente na mesa-redonda com Amaro da Costa, Salgado Zenha e Carlos Brito, («desejado» nas hostes da «AD», entenda-se), o Telejornal de terça-feira anunciava já para o final que Soares Carneiro tinha dado uma conferência de Imprensa, na qual atacava violentamente o actual Presidente da República, Ramalho Eanes. Mais informava ainda o mesmo Eduardo Moniz: no «suplemento», haveria uma reportagem desenvolvida sobre a conferência. E vimo-la: Soares Carneiro, um nome com pouca história no novo regime democrático português do pós-25 de Abril, tenta agora desesperadamente falar aos portugueses, dando de si a imagem instável do «implorador» de votos. É nítido que a «AD» terá de fazer um esforço enorme para, num impossível golpe de ríns, fazer crer a uma boa parte do seu eleitorado que Soares Carneiro é o candidato «certo», é uma escolha digna (embora desconhecida) do eleitorado «AD». Daí, muito claramente, este «bis» na RTP a anunciar sem perca de tempo um «até breve», ou seja, uma outra conferência de Imprensa — próxima, ao que julgamos. Soares Carneiro voltará ao ataque! O Telejornal já está preparado...

É nosso sincero desejo que o Telejornal não se torne, mais do que o que já é, em jornal oficial do Poder. Se continuar nesse rumo dentro em breve (?) não é possível dizer que em Portugal existe uma Informação televisiva livre, independente e adulta. Voltaremos então umas décadas atrás. Voltaremos à «galáxia Gutenberg». Será determinada Imprensa da Oposição a informar-nos. Desculpem: já é!...

Enfim, é penoso dizê-lo (e reconhecê-lo) mas esta é a «programação» nacional... Deixamos o Telejornal e o que vemos? A «Xepa», depois Margot Fonteyn viria com a sua brilhante história da dança. Chabrol estava representado no «Cineclube» com um dos seus filmes mais honestos, o primeiro: «Le Beau Serge». Bill Evans, recentemente falecido, estaria também na RTP/2, com o concerto que deu há alguns anos no S. Carlos, acompanhado do contrabaixista Eddie Gomez. Um excelente concerto, neste desconcerto.



Rui Cádima Scorsese e o grande espectáculo

«New York, New York» foi a grande novidade da noite de quarta-feira. Realizado em 1977 por Martin Scorsese, este brilhante musical veio preencher inesperadamente o serão televisivo de anteontem, espaço da programação da RTP habitualmente concedido aos clássicos do cinema (raros, aliás) e também a filmes de interesse reduzido (o que acontece infelizmente na maior parte das vezes).

«New York, New York» foi de facto uma excelente escolha. Liza Minnelli (Francine Evans) e Robert De Niro (Jimmy Doyle) foram os dois grandes intérpretes desta «first waltz» de Scorsese, qualquer deles a desempenhar papéis de membros do Exército norte-americano (que acabava de derrotar o Japão em 1945), ela cancionista e ele saxofonista de orquestra de Jazz. Conhecem-se, claro, nesses primeiros dias de alegria e grandes festas populares a comemorar a vitória dos Aliados.

É pois com a derrota do Japão que o filme começa. A bandeira no chão pisada por sapato de dançarino é um dos principais planos de grande significado. Nova Iorque festeja o acontecimento, Times Square é nessa altura o coração de um mundo de paz a dançar ao som das grandes orquestras de Jazz (como, por exemplo, a de Tommy Dorsey, que é inclusive explicitada no filme). Spielberg voluntaria a falar disso dois anos depois, no seu «1941», plagiando o próprio Martin Scorsese, embora recuado quatro anos, para a época dos «alucinados» que viam por todo o lado os ataques dos «Japs» à pobre Califórnia...

Jimmy Doyle e Francine Evans formam depois a sua própria orquestra e é ao som de «The Man I Love» que surgem as primeiras críticas favoráveis. O percurso será depois idêntico a todos os outros: períodos de grande sucesso alternar-se-ão com épocas de «desfeso».

De Niro prossegue entretanto aqui um tratamento da sua personagem semelhante a outras figurações que desempenhou inclusive em filmes do mesmo Scorsese. Lembramo-nos de *Mean Streets* (onde De Niro era um «caso» na comunidade italiana dos *states*) e de *Taxi Driver* (aqui compõe e desenvolve as reacções típicas do militar traumatizado pela guerra — traços que aliás terá que manter forçosamente neste *New York New York*).

Evidentemente que para o sucesso deste filme muito contribuíram Liza e De Niro, a utilização de toda uma tradição do musical norte-americano, mas, sobretudo, os temas escolhidos e a supervisão musical desse grande conhecedor destas questões que dá pelo nome de Ralph Burns (é ele também o responsável pelos temas de «All That Jazz», de Bob Fosse, em exibição neste momento). De referir ainda o excelente trabalho coreográfico de Ron Field no tema «Happy Ending», que não ficou a dever nada aos tradicionais bons trabalhos de Busby Berkeley. «New York New York» foi assim um excelente serão televisivo e nem as suas 2h 30m impediram o telespectador de seguir atentamente este grande espectáculo.

Resta-nos agora felicitar a escolha recentemente feita na RTP de 63 longas-metragens para a programação dos dois canais nos próximos meses.

Sábado, 11 de Outubro de 1980 / Portugal HOJE

Telecrítica

Rui Cádima

Histórias que nos contam

Escrevemos estas linhas ainda sem saber ao certo o que se passou durante o dia (quinta-feira) na RTP, no que se refere à anunciada greve para dia 10. Carlos Noivo informava nas «24 Horas» que a greve já tinha sido desconvocada, sem adiantar muito mais sobre o assunto. Na RDP, noticiário da 1 hora, Cesário Borga lia parte do comunicado final, onde se falava de pressões e ameaças exercidas sobre os trabalhadores, por parte da Administração. Veremos nestes dias o que se está de facto a passar. Algo de bom não é com certeza.

Vimos as «Histórias Contadas», programa que vai para o ar ao fim da tarde de quinta-feira e que é uma das poucas emissões para miúdos do presente mapa-tipo. É importante quanto a nós bater de vez em quando neste tecla. De outro modo será mais fácil ao telespectador e também aos responsáveis pela programação passarem «por cima» desta questão que consideramos fundamental — daí a necessidade do alerta constante. Mas entretanto o que é um facto é que os meses vão passando, as estratégias desfazem-se pura e simplesmente, os miúdos aborrecem-se com o que lhes está a ser dado, os pais esgotam as histórias para lhes contar...

O problema reside no seguinte: quando é que a RTP garante aos telespectadores que resolve de uma vez por todas a questão da programação infantil? Quando é que a RTP toma consciência de que as suas responsabilidades na formação infantil e juvenil são paralelas às próprias responsabilidades dos educadores? Quando é que se dá prioridade, no Luminar, definitivamente, à programação infantil?

O que vamos tendo por enquanto não é carne nem peixe. Preenche só, burocrática e formalmente, o espaço a que se pode chamar «programação infantil». É um quase «lavar daí as suas mãos». Acreditamos, contudo, que os inevitáveis compromissos venham a ser assumidos. Não foi a própria Maria Elisa a principal responsável por aquela série em que os adultos dialogavam com as crianças num frente-a-frente por vezes desconcertante e quase sempre adulto? Esta «História Contada» teve a sua graça, principalmente na fase final com aquele clima de «festinhos» criado a partir do tradicional açoreano «Ponha aqui o seu pezinho»... De resto a história foi um pouco confusa, com pretensões críticas à questão da colocação dos professores (que poderia ter até resultado em termos de informação a um público mais pequeno — e isso seria válido) mas que acabaram por se baralhar num trabalho que não nos parece ter sido desenvolvido da melhor maneira (e dizêmo-lo, conscientes de que até os próprios miúdos presentes no estúdio nos surgiu algo bocejantes e inquietos, não percebendo nada aquela história do «eu sapatos» e do Chico Maravilhas).

Maria de Lurdes Pintasilgo falaria mais tarde no Telejornal, integrada num pequeno espaço concedido a personalidades da nossa vida política que apresentam as suas opiniões sobre as eleições do passado dia 5 e também sobre o actual momento político e as próximas eleições presidenciais. A partir daí Eduardo Moniz ficou tão-sudo que eu não tive mais vontade de continuar a ver o Telejornal...

O Sargento Cribb teve desta vez um caso em boa atmosfera mas demasiado fútil para um profissional com os seus pergaminhos... Valeu aquele ambiente pesado do século passado, na disputa do título mundial da corrida pedestre.

Tivemos ainda alguns «brancos» na programação não previstos — espécie de interlúdio musical — e a terminar um «Face-a-Face» com Raul Durão atravessado no campo/contracampo. E de tal modo nos entretemos que até nos passou despercebida a «Miss Julie» que prometemos ver na semana passada...

R
1 9 21
os te
sair d
siadar
rem f

3 2 2
rome
lo h
esmo
rrer i

2 1 12
iterf
stro
iha

1 1 1



Rui Cádima

Sintomas de pluripolarização (e não)

Não é pelo simples facto de a greve marcada para dia 10 na RTP ter sido desconvocada, numa provável atitude de recuo (um passo atrás para dar de seguida dois em frente?), que a situação geral na Televisão é agora mais estável. Creer nisso seria um tremendo engano. Há actualmente graves problemas a resolver na RTP.

Os meios de informação têm dado, ao que nos parece, uma pálida ideia do que se passa, a nível interno, na empresa. De imediato, os sectores da programação e da informação são os mais atingidos. É através do produto final por eles «fabricado» que podemos ver realmente (ainda que só tenhamos uma ténue imagem disso mesmo) o desequilíbrio perfeito que reina na RTP.

Ora uma empresa pública com as características únicas que tem qualquer cadeia de Televisão de âmbito nacional não pode, a pretexto de coisa alguma, viver em contínuos conflitos internos. Quer isto dizer que é na Televisão que devemos assistir em primeiro lugar à moderação e à prática do respeito pelo diferente. É também na afirmação dessas atitudes puramente democráticas que se descobrirão as vantagens resultantes da aceitação do discurso das várias vontades nacionais. Só isso (também isso) tornará possível construir neste país um quotidiano não pluripolarizado.

À Televisão, portanto, a palavra, o gesto, a respeitável ubiquidade, enfim, a construção da «aldeia» onde sejam cada vez menores as querelas entre famílias, com mercenários de perneio (como se estivéssemos a habitar as redondezas do castelo feudal).

Património, património

Recuando ainda mais na História: para vos começar por falar do Museu de Etnologia (não é o mesmo onde estão agora duas excelentes exposições, uma sobre a Idade do Ferro em Portugal e outra sobre escultura romana encontrada em território português — esse é o Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia). «Património, o que é?», no programa de sábado, chamava a atenção para o primeiro, no Restelo, encerrado desde há muito, e através dele, os seus apresentadores Rui Rasquinho e Pedro Canavarro introduziram-nos o tema «Museologia» — mais para além, portanto, da função meramente expositiva que por vezes se pensa ser a única atribuição dos museus. Não — os museus, conforme foi explicitado, devem estar dotados de meios técnicos e humanos que permitam a realização de todo um trabalho indispensável e inadiável, desde a exposição e a conservação à investigação e à ampla divulgação. Só assim, de facto, se poderá dizer que um museu está «vivo». O que parece não ser o caso do Museu de Etnologia. Quando é que poderemos ver essas colecções asiáticas, americanas, africanas e portuguesas devidamente estudadas e catalogadas?

«Património, o que é?» tem sido sem dúvida alguma um dos mais importantes programas culturais dos últimos mapas-tipo da RTP. A problemática levantada tem sido (a par de outras manifestações em defesa do Património Nacional) claramente benéfica para a consciencialização dos portugueses em geral e do Estado em particular para necessidades imperiosas: também aqui temos que nos respeitar a nós próprios e àquilo que é nosso. E do «Eu Show Níco», nada bipolarizado, antes popularizado, falaremos na «Telecrítica» de amanhã.

telecrítica



14/10

Rui Cádima

É caso para dizer: «Oh boy!»

A *ATV Network* produziu no ano passado uma pequena série televisiva de seis episódios que pretende fazer um rápido repositório da corrente musical que acabou por constituir uma autêntica ruptura no panorama da música popular na década de 50. Tratava-se, evidentemente, do *rock'n roll*. O programa está a passar agora na RTP/1 aos domingos, antes do *Telejornal*.

Há, evidentemente, maneiras e maneiras de abordar, no presente, representando, um género musical extraordinariamente específico e impregnado numa atmosfera não só característica pela cor e pelo gesto como também pela filosofia da vida e, imagine-se (!), pelo odor... Isso mesmo — um odor que pode ir da brilhantina ao mais noturno dos suores. É difícil fazer esse *flash-back*, de facto.

Mais difícil ainda é fazê-lo utilizando umas caras novas, sem ruas ainda, ou então utilizando parte da geração dos «40» que não chegou a esfoliar os joelhos a dançar o *rock'n roll* bem ao vivo, ao som dos «mestres». E parece ser esse o caso, infelizmente.

Assim, este programa denominado genericamente «Oh Boy!», e apresentado por um tal Jack Good (espécie de imberbe do *rock*, amador sem lugar por exemplo, no Vítor Gomes e os Gatos Pretos) refugiou-se numa espécie de revivalismo *kitsch* do *rock'n roll*, tratando para uma série uma dúzia de intérpretes de categoria secundária que vão ilustrando tão bem quanto lhes é permitido, sempre para pior, os temas alucinantes dos «fifties».

Neste primeiro episódio «Oh Boy!» não se esqueceu um dos temas mais famosos dos anos 50, da autoria de Bill Haley, interpretado de início por si e pelos velhos *Comets* — todos o conhecem: «Rock around the clock». Aqui foram Les Gray e os Fumble a interpretá-lo. Outros temas conhecidos foram surgindo. Por exemplo, «Be bop a lula» e «We are gonna dance in the street tonight», ambos interpretados por Alvin Stardust. Outros «ejitosos» menos conhecidos fizeram também a sua aparição, a sua «perninha», des de os Rockin Shads e os Dixieland Rocker's ao Freddie Fingers Lee e ao Shakin' Stevens.

Com eles chegámos ao tradicional «Taht's all folks»... Para trás, contudo, ficava aquela assistência de estúdio, figurantes a contragosto, embrulhados à pressa num guarda-roupa pessimamente apetrechado, uma galeria de *rockers* paga para bater palmas quando menos era preciso e dançar uma espécie de ginástica ritmica do século passado até o *rock* gritar moribundo pelos verdadeiros bailarinos (que surgiram).

Não faltaram também os metais «dançantes», os contrabaixos de plástico, as poupas bem seguras pela laca, as franjas oleosas, as meninas do coro com trancinhas postiças, a velha e eterna brilhantina, enfim, digamos que todos os meninos e meninas se apresentaram a preceito e que a «bailação» foi bem abrillantada. Pode mesmo dizer-se que os filhos já tocam com os pais, só lhes falta agora aprender tudo o resto. Mais: o cabedal dos *runaway* é agora napa ordinária e nem sequer está esfolada pelas cambalhotas no alcatrão. Uma tristeza! *That's not rock'n roll!*

Peço desculpa pelo adjamento mas o «Eu Show Nico» terá que ficar para amanhã.

telecrítica



Rui Cádima

Um à esquerda outro à direita?

Com um pequeno atraso vamos hoje fazer uma breve referência a dois programas portugueses produzidos, qualquer deles, na sua quase totalidade em estúdio, programas de áreas diferentes, mas que são, quer no plano dos programas recreativos e musicais, quer no plano dos culturais, os dois melhores programas que a RTP actualmente produz em co-produção.

Trata-se, como já devem ter reparado, do recreativo «Eu Show Nico» e do cultural «Ao Vivo». Um no primeiro canal, o outro no segundo, Um com propósitos claramente populares, dirigido ao grande auditório de sábado à noite, o outro mais sério, calculista, dirigido a um auditório de nível cultural mais elevado, geralmente localizado, na sua grande maioria nas zonas urbanas. Um apresentado por Nicolau Breyner, actor político e publicamente comprometido com a AD, o outro coordenado por Eduardo Prado Coelho, político e publicamente comprometido com o socialismo democrático, se assim se pode dizer. Dois homens de Televisão — um à direita, o outro à esquerda.

Contudo, o facto de se situarem em pólos antagónicos e opostos, não quer dizer que produzam obrigatoriamente discursos inacessíveis ou recusáveis pelo auditório do outro. Os dois últimos programas que passaram foram prova evidente disso. A distinção, a recusa, poderá acontecer se de facto pensarmos numa determinada forma de «dissecar» específica do discurso do programa «Ao Vivo», mas não acontece seguramente por motivos que sejam estritamente políticos.

É claro que a nível do *político* poder-se-á dizer que são programas feitos com cuidado e, mais uma vez, com respeito pelo diferente, pelas várias «sensibilidades» repartidas pelo vasto auditório — tanto de sábado como de domingo à noite.

Onde é deixada a margem referente a esse respeito e se passa para a outra, para a da autocensura, é o que importará esclarecer neste labirinto. Essa exactamente uma das coisas difíceis de fazer. Trata-se de facto de uma análise necessária que terá que se desenvolver a vários níveis e ficar, obviamente, para mais tarde.

Qualquer dos dois programas constitui sem sombra para dúvidas um razoável exemplo para reflexão em torno de programas-tipo nas respectivas áreas. De um modo geral podemos dizer que tanto «Eu Show Nico» como o «Ao Vivo» se bem que a níveis diferentes, são programas conseguidos. Nicolau Breyner conseguiu planificar juntamente com a sua equipa um programa que nas suas variadas sequências, bem alternadas mas mal montadas, acaba por agradar ao telespectador em geral. E se por vezes há um *sketch* menos feliz, um «gag» com pouca piada ou um concurso um pouco monótono ou mesmo estúpido, na maior parte do programa isso não acontece. Por exemplo, neste último programa, a par de um sadismo pouco «ortodoxo» na história que abre o programa — a «má notícia» —, veio um *sketch* bem humorado ainda que um pouco batido, no qual Nicolau Breyner contracena com Armando Cortês no «Isto é um assalto!». Uma bela *charge* foi também a entrevista sobre a «arte etrusca em Portugal», na qual era satirizado um certo desleixo técnico que por vezes se verifica nalgumas transmissões. A nível de canções, a prova do que dissemos atrás: Alexandra e Paulo de Carvalho (sem legendas). O «Ao Vivo» correspondeu neste aspecto com a mesa-redonda publicitária em torno do cartaz eleitoral. Uma brilhante ideia a que não nos pareceu corresponder o que foi dito pelos vários participantes. Para além disso veio *La Luna*, dois pequenos blocos em torno do trabalho de Bertolucci, e a noção deixada pelo autor de que o cinema também tem os seus *Lyssenko*s — aqueles que querem fazer obras-primas à base do enxerto, do inconcebível e do sonho inexplicável.



telecrítica

Rui Cádima

Faltam programas portugueses

«Os Jogos e o Homem» («Desporto Regional»?), é um programa da RTP (salvo erro esta foi a sua segunda emissão) dedicado aos jogos tradicionais regionais e à actividade lúdica do homem da província.

Na verdade, nem só de «jogo» vive o programa, como tem sido erradamente anunculado. Também o folclore, a música coral, o próprio teatro cantado, a poesia e os tradicionais nele intervêm. Trata-se de uma série da responsabilidade do professor Noronha Feye — um nome sobejamente conhecido do telespectador. Este último programa abordava de forma interessante os «jogos» nas terras frias da Beira, na região da Guarda e de Almeida, a sua música popular, os seus poetas, os seus coros.

É pena que neste momento a direcção de programas ainda não tenha à sua disposição um número razoável de programas nacionais para preencher de forma satisfatória o seu «mapa» semanal. Importava ver a este nível sobre quem recaem as culpas, se a quebra que se verificou nos últimos meses em termos de produção interna e externa contribuiu decisivamente para esta falta que agora se faz sentir.

É urgente de facto que se verifique na prática a definitiva imposição da produção nacional aos enlatados. Terça-feira, por exemplo, só as simples «Histórias Contadas» e o programa de Noronha Feye, qualquer deles programados para antes do Telejornal, eram programas portugueses. Para além deles e da Informação, estavam previstos, na RTP/1, duas séries inglesas — o último episódio de «A Magia da Dança» apresentado por Margot Fonteyn, e uma nova série filmada sobre a vida do famoso biólogo inglês do século passado — Charles Darwin.

Aconteceu entretanto que após a conferência de Imprensa de Ramalho Eanes, dada durante a tarde, e a pedido da própria Presidência da República, a respectiva reportagem iria para o ar na íntegra e em consequência disso foi decidido na RTP adiar a emissão da série Darwin para a semana seguinte. Interessante foi a deférence com que a Direcção de Informação tratou a transmissão deferida da conferência de Imprensa, fazendo passar-lhe à frente, inclusive, a telenovela. Sintomático...

Na 1 passava entretanto a «Xepa» — cada vez menos interessante — e na 2 estava programada um «Espaço Jazz» e também o «Cineclube» com «Adeus Philipine», realizado em 62 por Jacques Rozier — um filme algo esquecido mas que teve de facto uma grande importância para a «nouvelle vague» francesa.

O trágico é que grande parte dos dias da semana têm de uma forma geral este baixo índice de programação nacional perante a qual se «avalanche» de enlatados. Importa portanto remediar urgentemente esta carência grave de produções nacionais. Acreditamos que a direcção de programas está consciente disso e que trabalhará nesse sentido.

Margot Fonteyn despedia-se entretanto com o último episódio da excelente série «A Magia da Dança» intitulado «Luz é também Magia», uma homenagem aos trabalhos em que a própria Margot participou.

A emissão encerraria com um filme-anúncio à longa-metragem de Ricardo Costa «Verde por fora vermelho por dentro», que vai agora estrear. Independentemente da qualidade do filme é estranho que a passagem do «trailer» tenha sido guardada para o fim... Ou será que os critérios diferem de filme para filme?

Telecrítica

Rui Cádima

17/10/80

Fome e pratos fortes

Quarta-feira foi dia de futebol. A programação teve no Escócia-Portugal o «prato forte» da noite (isto para os desportistas, porque para os cinéfilos «Duelo no Missouri» constituiu com certeza um excelente programa). E de tal modo o foi, para grande parte dos telespectadores, que outros *media* houve a noticiarem o evento como a «notícia do dia». Refiro-me concretamente à RDP, que no noticiário das 18, em FM, avançava nesses termos o jogo de Glasgow para depois referir a retrospectiva Griffith, a chegada da Companhia de Peter Brook e, só depois, algumas reacções à conferência de Imprensa dada por Ramalho Eanes na véspera.

Enfim, critérios ininteligíveis, disparatados, mas de facto critérios que nos são dirigidos dia-a-dia, implacavelmente, através dos meios de comunicação de maior impacto nacional. Na RTP as coisas não parecem ser mais brilhantes. Os soturnos «Sumários» lá vão dispendendo os habituais *telexes*, redondamente secos, a preparar, como se de um aperitivo se tratasse, o bloco anti-informativo (por vezes não é exagero dizer-lhe) das 20 horas. É um facto que o telespectador se «habitua» a esse género de informação tendenciosa, incaracterística e mediocre... mas é também verdade que é contra os maus hábitos e a falta de profissionalismo, que por todo o lado se vão levantando, vigorosamente, ondas de protesto — por vezes, inclusive, da parte daqueles que durante algum tempo se deixaram envolver nessa espécie de «jogo sujo».

Podemos acreditar nisto: a falta de dignidade, a pouca vergonha e o amadorismo têm os dias contados, acabarão por baquear.

Mas voltemos à programação. Ainda antes do futebol passou aquela pequena rubrica intitulada «Vem ver como se faz», da responsabilidade de Maria de Lurdes Carvalho, dedicada desta vez à feitura do livro infantil.

«Alguém escreve a história» — dizia-se no texto. «Alguém... Quem é esse alguém, o que faz, como faz, foi o que não chegou a ser explicado. Falar do «fazer» do livro e não pensar na actividade do escritor de livros para crianças, ou no próprio artista que depois esboça as gravuras e as ilustrações, é estar a esquecer a mais fascinante fase do seu «fabrico». Ficaram então aquelas imagens vulgares sobre a impressão computadorizada do livro através das fitas perfuradas, as películas, as distribuidoras de papel, as impressoras, etc. Uma reportagem que cumpriu minimamente o que lhe era exigido. Mas ficou-se por aí.

Seguiu-se-lhe um pequeno conto infantil. «As duas bonecas», com uma banda sonora natalícia em cima do genérico e música indiana ao longo da história, pouco imaginativa, aliás. Um tratamento pouco correcto aquele que tem sido dado à programação infantil.

E antes do Telejornal, que apareceria por volta das 21 horas, o Escócia-Portugal com o selo de «urgência», primeiro jogo da fase preliminar do Campeonato do Mundo, transmitido em directo com uma realização rigorosa, ao nível de outras a que já estamos habituados pela BBC. Bento foi de facto o «salvador» em cima da linha, o acrobata-mor. Com ele todos estivemos ao longo dos 90 minutos, conscientes, no entanto, de que esta eliminatória constituiu não o acontecimento do dia, mas, talvez, o acontecimento desportivo nacional do dia. Devem ter reparado que o próprio Telejornal não seguiu desta vez a filosofia «RDPiana»...

Sábado, 18 de Outubro de 1980 / XIII

Telecrítica

Rui Cádima

Tem tudo que se lhe diga...

Depois das «Histórias Contadas» (que não vimos, mas que presumimos ter sido de facto emitido), e logo a seguir ao «País, País» o telespectador viu, como nós, aquela série portuguesa produzida no centro de produção do Porto, «O Povo e a Música», realizada por António Faria (será o mesmo de «Índia»?)... Francamente..., preferímos aquela outra série «folclórica» que passava há alguns anos na RTP, apresentada por Pedro Homem de Melo. Ele era monocórdico, mas aquele seu «charme» (deslocado) só o favorecia naquelas introduções desenxabidas sobre os ranchos folclóricos que participavam no seu programa. Ficávamos a saber então um poucoxinho da história de cada rancho, da região de onde provinha, das características da sua forma de dançar, etc. Este «Povo e a Música» não nos diz nada. No genérico, letras sobre imagens, o título do programa e o nome do rancho: tratava-se neste caso do «Grupo Folclórico da Corredoura». Como não sou *expert* nestas coisas de ranchos folclóricos fiquei exactamente na mesma com a informação. Nada foi dito sobre o grupo, muito menos sobre a sua forma de dançar, por que é que bailava assim e não assado; enfim, limitei-me a observar o que as imagens iam conseguindo «despejar» e a ouvir o que a *narra* ia conseguindo captar. Chama-se aquilo «O Povo e a Música». Título bonito para coisa tão inglória.

A Margarida Andrade apareceu, entretanto, a anunciar a restante programação da noite. Mais uma alteração na programação se iria verificar: o debate previsto para depois de «O Conde de Monte Cristo», salvo erro integrado no programa «Face a Face» não se realizaria. Não chegámos a perceber porquê...

Outra alteração era anunciada através de um pequeno filme-anúncio: «Cribb» — a série policial que vinha a passar à quinta-feira, passou agora — tudo leva a crer — para as sextas. Tudo o leva a crer, também: as coisas não hão-de ficar por aqui...

O Telejornal de anteontem começou bem (com a notícia exacta), mas de forma pouco satisfatória, se atendermos à maneira como as questões foram apresentadas tecnicamente. Foi referido por Fernando Balsinha o almoço que tinha reunido Ramalho Eanes e Mário Soares. Por trás do locutor um «slide» do Presidente da República. O texto prosseguia, entretanto, com mais referências à actividade do Presidente da República, contactos com partidos, posições assumidas, discussão da data das eleições.

Para tudo isto serviu sempre o mesmo «slide»... Já é altura de o Telejornal ser menos preguiçoso e fazer uma utilização mais correcta dos meios audio-visuais que tem à sua disposição.

Outra coisa: quando é que o Telejornal deixa de «cortar» descardadamente os seus entrevistados e, por vezes, como aconteceu na própria quinta-feira, os seus próprios jornalistas? (Helder Costa ou o «Internacional» quando foi descardadamente interrompido).

Mais tarde estaríamos com «O Conde de Monte Cristo», a tal co-produção em que a RTP participou, realizada por um nome de segundo plano — o francês Denis de la Patellière. Muita coisa se tem dito da participação portuguesa nesta série. No primeiro episódio, porém, pouco vimos. É certo que na Produção não faltou trabalho. Mas também repararam, com certeza, que alguns dos actores portugueses, referenciados com «papéis de destaque», nem sequer tiveram direito a umas letrelinhas minúsculas no genérico. Paulo Renato, Sínde Filipe e Vicente Galfo — as participações mais salientes neste primeiro episódio, estão nesse caso. Esperemos que a continuação da série nos faça ver claramente os benefícios resultantes da participação da RTP.

Telecrítica Rui Cádima

Coincidências e assimetrias

Bom, o «D. João VI» lá foi transmitido, na passada quinta-feira. Depois do alerta da «Barraca» para o facto de a peça ter obrigatoriamente de passar, por contrato, no primeiro canal; depois de a RTP não ter emitido «D. João VI» no dia anunciado (isto há algumas semanas atrás) no segundo canal; e depois de algumas congeaminações públicas subsequentes a esses factos, o público mais interessado na passagem da peça começou a recuar o pior...

Nada de mais grave veio a passar-se: a peça acabou por ser emitida no segundo canal — prova evidente de que os responsáveis acharam que «D. João VI» era demasiado polémica para ser programada para o primeiro canal, frente ao vasto auditório, extremamente heterogéneo. Esta seria, contudo, uma outra questão.

Ainda em relação à passagem da peça há algo que queríamos dizer (não o dissemos sábado passado por absoluta falta de espaço): A peça foi programada para um horário quase simultâneo com o de «O Conde de Monte Cristo». É certo que quando terminou o primeiro episódio da série francesa produzida em Portugal, quem mudasse de canal ainda poderia acompanhar grande parte do «D. João VI» — pelo menos durante quase hora e meia. O que está em causa, porém, é ter havido uma quase coincidência de emissão entre dois programas que à partida reuniam uma série de condições para serem vistos com um interesse especial pelo telespectador. Esse interesse especial raramente se verifica, de facto. Foi pena que a RTP não o soubesse aproveitar, repartindo-o por dias diferentes. Por exemplo, a série «Cribb», anunciada desta vez para sexta-feira poderia ter passado à mesma na quinta e «O Conde de Monte Cristo» ou ficaria para mais tarde ou passaria na sexta-feira. (No que se refere a coincidências na programação haveria ainda a referir vários outros casos). Um mais grave por se tratar de duas estreias, sucede agora aos domingos às 20 horas, com duas séries norte-americanas: o «Oh, Boy!» — um programa sobre a história do *rock'n'roll*, no primeiro canal, e o «Projecto Ovni», no segundo canal (ainda que este programa já tenha passado na RTP com uma primeira série de episódios, esta segunda série é, de facto, uma estreia, com a agravante de a série já ser conhecida pela sua grande qualidade).

Voltando a «D. João VI». O debate em torno da peça pareceu-nos ser da máxima importância, sob todos os pontos de vista. Parece-nos, inclusive, que é através de iniciativas deste género — que não ficam a dever nada à mais exigente das programações — que os «mapas-tipo» se valorizam, valorizando o próprio telespectador. Ele está aberto a estes programas. É preciso é que a discussão entre os convidados para as «mesas-redondas» se não «feche» de si. No caso de «D. João VI» acho que há a reter as críticas dirigidas ao lado demasiado caricatural e populista do texto. Parece-nos que uma certa complacência com aquilo a que se poderá chamar o «marxismo de bolso» se abateu implacavelmente sobre o texto da peça (vastas áreas da cultura portuguesa o reflectem neste século XX)... A «Barraca» pensa que não; o Helder Costa também. Pelo nosso lado vamos continuar a bater nesta tecla.

Evidentemente que com isto não queremos defender um outro tipo de programas, de índole não «populista», mas «popularucho», se quiserem. Poder-nos-iam dizer que ao defendermos aqui determinados aspectos do «Eu Show Nico» estávamos a fazer a apologia de um determinado produto contra outro. Nada mais falso. Há que pesar os dados. Estas coisas não se misturam tão facilmente: há que considerar o tipo de espectáculo, os horários, o canal de transmissão, o dia da semana, etc.

Em relação ao «D. João VI» temos só esse aspecto do texto a criticar. Tudo o resto é bom. Inclusive a realização de Oliveira Costa. O quarto show do Nicolau veio re-sabotar o que aqui já dissemos em textos anteriores. Não há dúvida nenhuma de que o programa está a agradar a grande parte dos telespectadores. «D. João VI» também o conseguiu. Sinal de que estamos a atrasar tragicamente, cada vez mais, a aposta na produção nacional.

Telecrítica

21/10/80

Rui Cádima

Aos domingos é assim

A programação de domingo à tarde é das mais específicas da semana (ou, pelo menos, deveria ser entendida como tal). É, por outro lado, um período de emissão extremamente difícil de preencher por forma a agradar ao avô e ao neto, ao apreciador da longametragem da tarde ou ao fiel telespectador da «TV Rural» de Sousa Veloso. Parece que só tem sido possível agradar um pouco a cada um...

É assim que a programação de domingo à tarde nos surge quase sempre como uma espécie de grande miscelânea, desde a abertura (agora às 11 da manhã) até aos últimos programas da tarde, antes do Telejornal ir para o ar. À criança é dado esse espaço matinal «infantil» de desenhos animados e às 18.30 vêm (viriam — neste domingo só passou um desenho já quase em cima das 18.30) as loucuras da Pantera Cor-de-Rosa. Não se pode dizer de facto que os telespectadores mais pequenos sejam particularmente favorecidos na programação de domingo.

Este último teve um «extra» de grande qualidade. Refiro-me ao excelente concerto «Schools Prom» produzido pela BBC em 1977 a partir do espetáculo realizado no Royal Albert Hall. Não compreendemos porque é que só agora, três anos depois, é transmitido este concerto, sabendo-se que há concertos mais recentes que ainda estão por transmitir.

Por este «Schools Prom» passaram cerca de 700 jovens músicos ingleses e ainda, pela primeira vez, 53 instrumentistas e bailarinos da União Soviética. O espetáculo iniciou-se com a «Abertura Festiva» de Chostakovitch, prosseguiu com Vivaldi, depois música popular soviética, o já conhecido «Cuts Music Centre Percussion Ensemble», etc. Por lá passaram ainda uma excelente orquestra de «jazz» de vinte componentes e ainda a grande orquestra do concerto, a encerrá-lo com *Rhapsody in Blue*, de Gershwin (com uma execução magistral do jovem pianista Philip Thomas) e também com a «Marcha de pompa e circunstâncias», de Elgar, grande compositor inglês do século passado. Uma bela lição a destes jovens músicos a muitos profissionais enferrujados, necessitados de reciclagens.

A tarde de cinema acaba muitas vezes por constituir um «corte» na programação, dada a sua extensão e, por vezes, a sua frágil qualidade. Outras vezes é um autêntico convite à sesta no sofá, como foi agora o caso com este «Avançar para a Retaguarda», de George Marshall — uma sátira descabelada à Guerra da Secesão nos Estados Unidos, no século passado.

A variedade da programação leva-nos ainda ao «Magazine 7», da responsabilidade de Luís Pereira de Sousa — que fez desta vez uma abordagem prolongada à «moda feminina» em Portugal. Convidadas para o estúdio duas profissionais portuguesas de alta costura — Ana Salazar e Helena Chadall. Foi ouvido o público em entrevistas de rua, foram-nos mostradas passagens de modelos patrocinadas pelas duas criadoras, ouvimos Maria João Aguiar dizer algumas banalidades, enfim, muita gente foi ouvida para se ter dito muito pouco. Teria sido interessante uma abordagem mais profunda do tema, inclusive com sociólogos, artistas plásticos, economistas, etc. Um simples depoimento, pequeno mas elucidativo, teria sido o suficiente para a reportagem adquirir um outro valor. O que ficou só nos deu o lado mais fútil dessa indústria terrível que envelhece tristemente.

«Património, o que é?» surgiu-nos agora ao domingo (...) como o tema «Património e Igreja», analisando todo um largo repositório que as igrejas contêm; e entretanto a tarde caminhava para o fim, como o «Grande Encontro» e o «Oh Boy!» (este sem os reis, mas com algum roque)... Sinal de que houve de facto de tudo para todos os gostos, embora quase nada satisfizesse integralmente. É assim aos domingos...

22/10/80

Telecrítica

Rui Cádima

«Informação/2: Fechado para obras

Ao fim da tarde de segunda-feira a RDP noticiava que o presidente do Conselho de Gerência da RTP, Proença de Carvalho, faria uma intervenção televisiva, logo após o Telejornal, para anunciar o «fecho» da Informação/2 pelo prazo de um mês, ou seja, até dia 20 de Novembro. Nesse mesmo dia já não veríamos o bloco informativo do segundo canal. Cerqueira repetiria a presença — um «bis» imerecido e não desejado, em qualquer circunstância.

Esperámos depois pelo Telejornal, julgando que a todo o momento seríamos informados acerca das recentes medidas, radicalmente assumidas (em falso, tudo o leva a crer), e de um momento para o outro, pela C.A. da RTP. O Telejornal, contudo, e ao contrário da RDP, não aflorou sequer a questão. Fez de conta que não sabia de nada. Nós já estámos habituados a isso. Daí não o aceitarmos como um autêntico bloco de informação televisiva. A mudança terá que ser grande (também na Informação/1) para voltar a ter crédito do telespectador... A Margarida Andrade tinha já anunciado a comunicação de Proença de Carvalho para cerca das 20.30 — foi quanto bastou para que a nossa curiosidade ficasse suspensa. De imediato Proença de Carvalho abordou as críticas que têm sido feitas à RTP, nomeadamente as críticas vindas da Oposição (apesar de não ter sido só a Oposição a referir a incompetência e a falta de profissionalismo na Informação...). Que a RTP não tinha tido culpas no infélio eleitoral da Oposição — foi afirmado. Por muito que custe a ver ao Dr. Proença de Carvalho e ao seu director de Informação é absolutamente claro que a política seguida na produção dos «Face a Face» só veio demonstrar o contrário. Sectarismo, manipulação e forte tendência para ocultar notícias foram (e são) aspectos que temos referido aqui e que não mereceram sequer o mais pequeno rebate por parte dos «atingidos». Se é verdade que a Televisão é um órgão de comunicação de grande impacto na vida de qualquer nação, é também verdade que a partir das suas atitudes menos plurais se pode dizer que lhe cabem culpas óbvias — não na derrota da Oposição, mas na forma infeliz (diria censória) como foram tratados, sob o ponto de vista informativo, as acções e as propostas da Oposição na pré-campanha das legislativas e, depois, durante a campanha, com aquela decisão inicial de suspender toda e qualquer notícia sobre declarações, comícios, comunicados, etc. Todos nós sabemos que a partir daí, a partir desse conjunto de aspectos, se influi declarada e maliciosamente no julgamento de eleitorado. (E quando o órgão de comunicação se chama RTP que dizer mais?). É óbvio também que a partir do quadro mostrado por Proença de Carvalho, em comparação com igual período do Governo Pintasilgo, nada se prova em contrário àquilo que dissemos atrás (é também público que perante *outros quadros* elaborados por diversas formações políticas, com resultados radicalmente diferentes daqueles que agora nos foram mostrados, a RTP nada contrapôs, com provas evidentes, ao que então era defendido). As dúvidas permanecem, portanto.

Foi agora a altura de vermos suspensa pelo prazo de um mês a Informação/2. Julgo que as lamentações — a terem que existir — já se perderam no tempo: que é feito da Informação/2 criada pela equipa reunida em torno do projecto de Fernando Lopes? Que é feito dessa excelente Informação (excelente em qualquer parte do Mundo) e dos seus profissionais?

Será que a partir de 20 de Novembro vamos voltar a ter essa Informação? Quem acredita em milagres?...

Telecrítica

23/10/80 Rui Cádima

Duas boas novidades

O jazz «fabricado em Portugal» voltou à RTP. Na terça-feira vemos um «Espaço Jazz» com a participação do grupo português «Fenix», considerado habitualmente como um grupo do saxofonista Rui Cardoso. Emílio Robalo, nas teclas, Tomás Pimentel no trompete, Luís Duarte no «baixo» e João Heitor na bateria eram os restantes membros desta formação. Todos eles músicos já muito habituados a estas andanças, antigos componentes de outras formações, inclusive o Tomás Pimentel, o mais jovem do grupo, mas, também ele, ex-membro de um quinteto que chegou a estar presente em Cascais, no ano passado.

Desenvolvendo um jazz de linhas melódicas equilibradas, deambulando depois para a improvisação sobre alguns dos temas — da autoria de Rui Cardoso e Emílio Robalo — o «Fenix» veio afirmar-se como mais um importante grupo de jazz do nosso pequeno mundo. A par de outros grupos já consagrados, apesar da juventude dos seus membros, como é o caso do «Quinto Crescente» (grupo que entretanto não sabemos se desapareceu ou não da cena jazzística) e do Quarteto de Rão Kyao, por exemplo, o «Fenix» demonstrou de facto estar nesse grupo dos que melhor jazz produzem por cá. Daí terem merecido inteiramente este espaço na abertura da RTP/2.

Resta-nos agora desejar que este «Espaço Jazz» comece a ter uma periodicidade regular, quinzenal, se possível, e que nele venham a participar todos os grupos portugueses — quer aqueles que já têm uma imagem de marca imperturbável (que são raros), quer os de formação mais recente, ainda com poucos concertos dados em público. De qualquer modo é necessário referir que o nível geral dos grupos de jazz que vão actuando no Hot Club de Portugal e no Louisiana de Cascais é bastante bom e, portanto, não nos parece que uma série de programas dedicados a todos esses grupos venha a ter opositores. Venham eles! No primeiro canal, a seguir à telenovela, passava um outro «musical», mas agora incidindo sobre um outro género, a *soul music*, com as mesmas raízes, afinal, do jazz. Marvin Gaye foi o seu intérprete, num show ao vivo de elevado nível técnico e artístico.

Aguardávamos entretanto a estreia da biografia de Charles Darwin. Com muita pena nossa deixámos o «Cine-clube» da 2, onde passava um dos melhores filmes de Jean Rouch, o «Petit à Petit», para vermos o primeiro episódio dessa nova série dedicada ao autor da «Origem das Espécies». Quando se trata de estreias há que estar atento, mesmo quando temos que prescindir das preferências...

Freud referia-se a Darwin como sendo ele o cientista que tinha dado um definitivo «golpe biológico» no sentimento narcísico do homem... Ao pôr a esécie humana ao nível da espécie animal, como nunca tinha sido feito desde a Antiguidade, Darwin contribuiu para um outro entendimento, radicalmente diferente, da origem e evolução do homem. A sua teoria evolucionista ou transformista foi vista pelo russo Oparine como um «golpe demolidor assestado nas ideias religiosas relativas à origem da vida». A sua importância, a novidade que os seus estudos constituíram de facto no século passado, têm agora nesta série como que o prolongamento necessário ao seu autor e aos seus pressupostos. Trata-se de uma série de grande qualidade que mereceu, inclusive, da crítica inglesa, grandes elogios. A não perder, portanto, esta série de sete episódios que agora começou.

(inv.); fugi; partir; 8 — Composição poética para ser cantada (plur.); nome de país (inv.); 9 — Água (inf.); filtra; imensidão (fig.); 10 — Bagaço que se faz da árvore (plur.); cura; 11 — Religião dos ma-

Portugal HOJE Sexta-feira, 24 de Outubro de 1980

Telecrítica

Rui Cádima

Onde se fala
do «corta e cola»

A decisão da C. A. da RTP de suspender pelo período de um mês a «Informação/2» levou já os jornalistas directamente implicados nesta questão a assumirem uma posição colectiva. No documento tornado público falava-se inclusive de um recrudescimento de atitudes persecutorias, de «caça às bruxas»... Há relativamente pouco tempo alguém falava nesse estranho fenômeno que se desenvolvia alguns meios de comunicação social e ao qual foi atribuído o epíteto de «macarthismo saloio»... Sinais evidentes de que o *puzzle* se começa a compor?...

Voltando um pouco atrás, às várias tomadas de posição surgidas perante a decisão da dupla Proença de Carvalho/Duarte de Figueiredo, nada foi melhor notado do que a afirmação de Miguel Sousa Tavares que, se não estou em erro, sublinhou ser aquela decisão profundamente injusta; para ele, assim como para muitos observadores, o correcto seria encerrar, em vez da «Informação/2», o «Telejornal», que tem dado de facto sobejas provas de absoluta decadência deontológica nos seus serviços. Nada mais bem visto.

Trocadas as voltas, com a suspensão da «Informação/2» a Administração da RTP só veio demonstrar à transparência a sua grande falta de vontade em optar pela informação séria, responsável e imparcial. Se o quisesse fazer tinha agido ao contrário. A não ser que Proença de Carvalho esteja certo e seguro que o «Telejornal» possui esses atributos...

À medida que nos aproximamos de 7 de Dezembro os «Suplementos» ao Telejornal relativos às campanhas para as presidenciais sucedem-se agora com maior frequência. Ora temos pela frente Galvão de Melo, ora Pires Veloso, ora um militar ora outro, depois Soares Carneiro no tempo de antena do PSD, ao princípio Ramalho Eanes, enfim, todos vão aparecendo, embora o tratamento técnico e jornalístico dado às suas intervenções seja do género do «corta e cola», com algumas perguntinhas de perrengue para confundir mais ainda a pequena guerrilha entre candidaturas. Vislumbra-se agora a possibilidade de surgir uma candidatura civil. A ver vamos. O regime democrático está a precisar dela. Sairia «refrescado», mas acima de tudo prestigiado. Quanto ao tratamento dado às diversas candidaturas, o telespectador com certeza já se habituou à monotonia e à pasmaceira que ressaltam desses serviços. (Maus hábitos...) De facto parece só haver uma solução: para quando o encerramento do «Telejornal»? (Terá que ser inevitavelmente por um período de largos meses, disso não pode haver qualquer dúvida.)

E chegou o programa da noite com um dos mais recentes filmes de Norman Jewison — «F.I.S.T.», uma produção de 1978, com Sylvester Stallone no protagonista. «F.I.S.T.» faz já parte do novo conjunto de filmes programados para a RTP nos próximos meses (essa política da escolha analisá-la-emos numa das próximas «Telecríticas»). Esta escolha do filme de Jewison parece-nos à partida ter um contra: trata-se de um filme com mais de duas horas de projeção, o que em termos televisivos torna a obra difícil de seguir até final.

«F.I.S.T.» acabaria perto das 00.30 h quando ainda estava anunciado o recital de Sequeira Costa, com cerca de meia-hora, a anteceder o habitual bloco informativo «24 horas». Sequeira Costa acabaria por não aparecer. A emissão encerrava já a caminho de uma da manhã, quando inicialmente estava previsto para cerca da meia-noite (recital incluído)...

Sábado, 25 de Outubro de 1980 / XIII

Telecrítica

Rui Cádima

Do pub-rock para as presidenciais

Mais uma vez se verificou o prolongamento da emissão madrugar da dentro. Referimo-nos à emissão de quinta-feira, na qual «O Conde de Monte Cristo» e o «Debate» animavam a noite da «1», enquanto na RTP/2 o «Espaço Rock» era preenchido com Graham Parker e os Rumour, sendo o programa principal a estreia de uma das «viagens» de André Malraux, «peregrinação» a Florença aguardada com enorme interesse, mas que nós acabámos por não ver, prometendo desde já fazer-lhe uma referência no próximo episódio.

Como referimos de inicio, de facto mais uma vez a emissão foi parar quase à uma da manhã, estando à partida o seu «fecho» previsto para as 23.20, com as «24 Horas»...

Na «2» começáramos por ver, enquanto passava a «Xepa», o já referido «Espaço Rock» dedicado desta vez à transmissão de um concerto dado por Graham Parker, um intérprete habitualmente considerado na zona do *pub-rock* londrino. O programa teria uma breve introdução muito animada, onde Jorge Costa Pinto — responsável da RTP na programação musical, e António Sérgio — conhecido homem da Rádio e fervoroso adepto das novas «ondas» musicais, argumentaram e forneceram informações extremamente úteis aos telespectadores menos atentos a estas heterodoxas correntes do *rock* nas suas múltiplas variedades.

«Espaço Rock» — um programa para os jovens, fundamentalmente, um espaço que desejamos ver mais frequente e, tanto quanto possível, companheiro de viagem de todas as «new waves» imponentes e inimagináveis.

Na RTP/1, entretanto, começava um «Debate» apresentado e moderado por Amaral Pais e a incidir sobre as recentes divergências entre Mário Soares e Ramalho Eanes (e também sobre as repercussões do facto no próprio Partido Socialista).

Convidados, três directores de jornais: João Gomes, pelo «Portugal Hoje», José Carlos de Vasconcelos pelo semanário «O Jornal» e Francisco Sousa Tavares de «A Capital». Independentemente daquilo que foi dito pelos vários convidados nas suas várias intervenções, alheando-me também da minha posição pessoal perante o tema em discussão, penso que é importante referir o aspecto positivo que de imediato ressalta deste «Debate».

Raramente a RTP nos tem surgido assim tão interessada em analisar com alguma profundidade um tema «quente» repentinamente surgido na nossa vida política. Fê-lo agora, tanto quanto nos pareceu. O nível político, moral e profissional dos entrevistados fala por si... O que ficou dito foi de igual modo importante — aliás, o debate decorreu de forma extremamente diplomática e «civilizada», como não tem sido habitual ver-se na RTP. Há ainda que sublinhar o interessante trabalho realizado a partir do material de arquivo, para ilustrar as anteriores divergências entre Mário Soares e Ramalho Eanes (foi aliás por aí que o programa começou).

É a este género de debates, produzidos com a necessária e suficiente seriedade que a RTP tem de se abrir (não vamos voltar a falar dos «Face a Face» — esperemos que o erro não volte a ser repetido). Para a discussão em causa neste último debate poder-se-ia dizer, de novo, que uma corrente política houve que tinha ficado «de fora»... Pensamos que não: dada a especificidade do tema não foi de todo errado ter convidado duas personalidades da área do PS e uma outra pela parte da «AD». Esperemos entretanto que próximos debates sejam abertos a outras correntes conforme as necessidades o exigirem. Caso contrário ter-se-á mesmo que reconhecer que a «caça às bruxas» começa a alastrar perigosamente.

Televisão/Espectáculos / 21

Telecrítica

Rui Cádima

Futebóis de sábado à noite

Por causa da «D. Xepa» — que não passou no sábado — todos os telespectadores da novela foram defraudados. Não completamente, contudo, uma vez que antes do Telejornal entrar (atrasado, para variar) não faltaram ao «interlúdio» musical canções bem televisivas, bem brasileiras, incluindo peças da «D. Xepa» — trataba-se talvez como que de um «desculpem não ir a telenovela mas pelo menos do Brasil não se esquecerão»... O Brasil está aí, aliás. Isto, falando em termos da «aldeia global» lumiareira, é claro.

Falando menos a sério, mas mais seriamente. Fez sábado passado uma semana que se iniciaram na RTP as transmissões directas dos jogos do campeonato nacional da primeira divisão. Na altura foi transmitido um jogo de reduzido interesse, mas neste último sábado vimos já um dos grandes encontros entre equipas cimeiras do futebol português, nada mais nada menos do que um Porto-Benfica, em directo das Antas.

Todos os telespectadores que se interessam por estas coisas do desporto já devem estar informados de que este é o primeiro ano em que a transmissão de encontros de futebol adquire um nível extremamente aliciante para os adeptos do chamado desporto-rei. Tal facto só vem prestigiar este género de transmissões — vem efectivamente entusiasmar todo esse grande público adepto dos programas desportivos e, mais, ao contrário do que tem sido dito muitas vezes, não vem tirar público dos estádios como à partida se poderia pensar. Uma coisa é a transmissão dos jogos em que participam equipas de segundo plano (e afé é por demais evidente que uma grande percentagem de espectadores fica em casa junto do televisor), outra é na verdade a transmissão dos jogos entre equipas de primeiro plano. Há também uma razoável percentagem de espectadores que não se deslocam ao estádio, mas esse número não se compara em nada com o do primeiro caso. Este Porto-Benfica, como pudemos observar tinha algumas «clareiras» nas bancadas, embora a «moldura» geral não nos parecesse nada decepcionante. Neste género de encontros não se verifica portanto esse grande receio de que a transmissão pela TV venha a tirar muito público aos estádios.

Aqui terá que ficar também o nosso aplauso para os clubes, a Federação de Futebol e a Administração da RTP, que conseguiram todos chegar a acordo para estas transmissões.

Um outro problema. Trata-se de saber se estas transmissões — marcadas, em princípio para as 21 horas de sábado — têm ou não a aderência do grande auditório de sábado à noite. Se pensarmos nessa questão tendo em atenção uma estatística feita há algum tempo em França na qual se concluía que cerca de 60 por cento do público telespectador é adepto potencial dos programas desportivos, teríamos a resposta rápida. Mas as coisas não são assim tão simples. A RTP deveria ter os seus próprios estudos, os seus gabinetes de estudo deste fenômeno com sondagens constantes à opinião pública. Deveria tê-los e deveria também informar acerca do que a levou a optar pelas 21 horas. Temos certas dúvidas sobre se será este o melhor horário. Há de facto uma parte importante do público de sábado à noite que não gostou nada da troca da «Xepa» pelo futebol. De qualquer modo também não se pode dizer que a situação lhe seja completamente desfavorável... «Eu Show Nico» viria «salvar» mal e porcamente bem entendido, a situação. Mas esse é outro futebol.

uma vez escrever mais ou menos natural.



telecrítica

28/10/80

Rui Cádima

A fábrica de pesadelos

Não se poderá dizer deste último domingo o que se dizia do filme: «Domingo, maldito domingo»... Este, passou-se calmamente, com uma programação variadíssima, desde os programas dirigidos a cidadãos bem específicas do telespectador deste dia consagrado pelos cristãos ao descanso e à oração, até aos programas de grande audiência. No primeiro caso estão por exemplo o «TV Rural» de Souza Veloso, o «Setenta Vezes Sete» — um programa de actualidades religiosas —, também o «Grande Encontro» (e poucos mais), e no segundo caso estão declaradamente os programas da noite: passaram neste domingo um programa de variedades com Rafaella Carrá, uma bela produção da RAI com a cançoneira italiana (menos bela), a homenagem a Ingrid Bergman — isto no primeiro canal —, e, na RTP-2, o «Ao Vivo» (que acaba por perder grande parte da sua audiência em confronto com um programa como o da homenagem a Ingrid).

Para além desta programação de mais fácil caracterização há depois ainda um amplo conjunto de programas que pretende «tocar» neste e naquele aspecto, seja o «Magazine» de Luís Pereira de Souza, seja inclusive a longa-metragem da tarde, os «Marretas», etc. Há ainda a programação infantil, logo de inicio — também ela dirigida a um público específico. De tudo isto se depreende que o telespectador que tenha que seguir toda a programação (não pensamos na «crítica»), pensará principalmente nas pessoas de idade e nas crianças que às vezes sem se aperceberem passam grande parte do dia em frente ao televisor) se vê, de imediato, após uma breve reflexão sobre a continuidade dos programas, num difícil imbróglio que é mais ou menos este: como ter paciência para ver de seguida, de um só fôlego, o Flash Gordon, a Missa dominical, as vacas leiteiras, a Pantera Cor-de-Rosa, os golos do futebol e o rock'n'roll, isto sem contar com a devida condimentação, fornecida ali pelos «magos» da Informação, normalmente bem apimentada de asneiras e, sobre tudo, azeite ácido (para que a máquina infernal funcione desenferrujadamente). À noite o Eduardo Prado Coelho falava no «Ao Vivo» da sua quarentena de um mês em frente ao televisor, doente, insurgindo-se contra a possibilidade de enlouquecimento da pessoa (ou pessoas) que caíam nesse grave estado de impossibilidade televisória quotidiana... Se atentarmos neste tipo de programação dominical cedo se concluirá que de facto o caminho é só esse: o caminho para a loucura. A RTP não tem consciência disso... «descartar» programação sobre os incautos e sorridentes telespectadores de domingo, é injetar doze horas (doze!) de uma «promiscua» mistura. Há que tornar essa mistura menos confusa e desordenada. Há que equilibrar a programação — dar-lhe um sentido vertical, não permitir tanto quanto possível que o telespectador do programa da manhã (infantil) tenha que voltar depois às 18 horas para ver a Pantera tendo pelo meio o «School's Prom» que também lhe deverá interessar. Há portanto que definir muito claramente quais são os períodos da programação que poderão interessar mais a este ou aquele telespectador e dar-lhe a continuidade e o escalonamento possíveis (por níveis etários, temáticos e culturais).

Se o cinema é a «fábrica de sonhos», talvez a televisão seja, na maior parte dos casos, a fábrica dos pesadelos (e a nossa televisão não será um exemplo marcante?).



telecrítica

29/10/80

Rui Cádima

A morte de Caetano no Telejornal

(...) «Aos meus queridos amigos Joaquim Moreira da Silva Cunha e César Henrique Moreira Baptista: ao senhor general Alberto de Andrade e Silva — que em 25 de Abril de 1974 tinham a seu cargo, no meu governo, as responsabilidades da defesa do Ultramar, da manutenção da ordem pública e da disciplina das forças armadas e que depois, amnistiados os terroristas, os criminosos comuns e os desertores, ficaram sob prisão por terem servido o seu País». Esta é parte da dedicatória em epígrafe ao «Depoimento» de Marcelo Caetano. Fala por si, obviamente. Assim como são de igual modo claros os vários capítulos da obra, desde as análises de política interna e ultramarina à posição perante a polícia política, a reforma do ensino, etc., etc. Marcelo Caetano não quis enganar ninguém. O seu depoimento no pós-25 de Abril veio desmentir os boatos primaveris, de «abertura», com os quais por várias vezes determinados sectores mais conservadores queriam esconder exactamente aquilo que o próprio Marcelo recusava: que era um homem que nada tinha a ver com as concepções políticas totalitárias e fascistas. Tinha — e muito. O seu «Depoimento» veio reafirmá-lo. O Povo português, na sua grande maioria, já o sabia. Provou-o muito claramente através das grandes manifestações espontâneas geradas logo após a queda do regime salazarista.

Ora, apesar de estarmos conscientes disso, há ainda muito boa gente que parece renitente em enfrentar o «touro» tal como deve ser. O subterfúgio, as referências tangentes, o passar ao lado das questões, foram de facto constantes no trabalho que o Telejornal nos apresentou a propósito do falecimento em terras brasileiras do último primeiro-ministro do Governo fascista português — «Estado Novo» que morreu de velho, feito por fim autêntico tigre de papel.

Foi-nos dito que determinadas personalidades da vida política portuguesa se recusaram a comentar para o Telejornal o que quer que fosse sobre «o acontecimento do dia». Como se não houvessem personalidades a querer fazer declarações sobre a história recente deste País... Foi-nos apresentado depois um trabalho de que faziam parte três curtas entrevistas, uma com Adelino da Palma Carlos, outra com Veiga Simão e a última com Oliveira Marques. Em qualquer dos casos foram exaltadas qualidades do antigo chefe do Governo, sendo dito que do julgamento da sua política se encarregaria a História. (Mas como, se a própria Televisão se não encarregava disso numa altura que o exigia, particularmente, de forma bem clara?). É evidente que a História de nada se encarrega se os próprios portugueses disso se não encarregarem, seja na informação televisiva, seja onde quer que se faça História. As personalidades que tiveram pela frente «descartaram-se» muito diplomaticamente das críticas que todos os democratas ansiavam por ver explicitadas naquele serviço informativo. Mas por aí não iríamos lá... Por outro lado, o «lead» com que se iniciou o Telejornal também escondeu muito bem escondida essa análise desmisticificadora. O tom não foi de exaltação, nem de coisa nenhuma; a sua hibridez só pode ser compreendida como um subtil pactuário. O que já não espanta...

Daquele trabalho ressalta a pergunta: foi para aquilo que se fez o 25 de Abril? Para nos conciliarmos com o nosso passado mais trágico? Quem é que vai permiti-lo?

Telecrítica

Rui Cádima

Filmes do «Cineclube»

A programação do «Cineclube» parece-nos agora virada para alguns cineastas franceses que apesar de serem extremamente interessantes e produzirem um cinema de autor, de estilo pessoal, são na realidade quase uns «ilustres desconhecidos» do grande público. São cineastas malditos, apostados por vezes nas margens, mas, por isso, profundamente importantes.

A solicitar permanentemente a divulgação dos seus trabalhos estão os cinéfilos mais atentos, os cineclubes, as instituições culturais. Não é por acaso que eles são sempre (quase sempre) recusados pelo sistema comercial de distribuição de filmes. É, portanto, também nas manifestações culturais paralelas que os vamos conhecendo.

E de saudar portanto esta vontade tenaz de António Pedro de Vasconcelos nos trazer obras representativas da filmografia desses autores. Estão nesta caso o «Petit à Petit» de Jean Rouch (que passou faz agora oito dias), o «Adieu Philippine» de Jacques Rozier e agora «A Velha Senhora Indigna» de René Allio (este, apesar de tudo, já passou pela exibição comercial em Portugal). Outras obras têm surgido dentro desta linha — mas não nos prolonguemos mais por esse lado...

Falemos de Allio. É um cineasta pouco prolífero. Realizou, salvo erro, sete longas-metragens. «A Velha Senhora Indigna», de 1965, é o seu primeiro trabalho de fundo, seguindo-se-lhe «L'Une et L'Autre» (67), «Pierre et Paul» (68), «Os Camisardos» e «Mariage Chez les Petits Bourgeois» (70), «Rude Journeé pour la Reine» («Um Dia Difícil», em português, de 73) e em 76 «Moi Pierre Rivière, Ayant Egorgé ma Mère, ma Soeur et mon Frère». A propósito deste filme, que já passou numa sessão na Faculdade de Letras de Lisboa, e que ao que supomos não está ainda nas listas das distribuidoras portuguesas para posterior exibição, gostaríamos de deixar aqui a informação de que o filme se encontra à disposição de todos os organismos que desenvolvem trabalho de animação cultural, nos serviços culturais da embaixada francesa em Lisboa. É talvez o seu filme mais conseguido.

No que se refere ao seu inicio no cinema, Allio (nasceu em 1924) começou por ser pintor, sendo mais tarde decorador do «Théâtre de la Cité» de Roger Planchon. Depois foi cenógrafo. Interessou-se bastante por Brecht (encenou «O Círculo de Giz Caucasiano» e inclusivo o filme que agora passou é baseado numa novela do grande dramaturgo alemão). Essas referências estão implícitas ao seu curso filmico. As suas adaptações históricas, as suas monografias do quotidiano pretendem acima de tudo «libertar» o espectador para que assim resulte espontânea uma abordagem própria, distanciada, do relato que lhe é dado.

«La Vieille Femme Indigne» não é ainda assim um filme totalmente descabido na programação do «Cineclube». Ele retoma de novo a simplicidade com que desabrochou a «nouvelle vague», distante de todas as produções pretensiosas, assumindo ainda a nível de argumento e de forma algo inédita a humildade e a dignidade de uma velha senhora por oposição a uma «juventude» cristalizada.

Outro assunto: a morte de José Rodrigues Miguéis. Marcelo Caetano tinha tido na véspera direito a uns desastrosos treze minutos logo a «abrir». Rodrigues Miguéis quase não teve tempo que permitisse ao locutor soletrar o seu nome. O Telejornal continua a ofender gravemente a cultura portuguesa e os seus grandes nomes. Outra coisa não seria de esperar...

Televisão/Espectáculos / 21



O «escândalo» era outro...

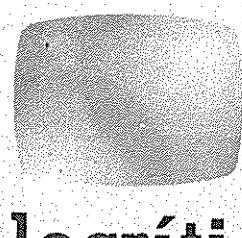
O «escândalo» anunciado por Fátima Medina para a noite de quarta-feira não passava, afinal, do filme relativamente interessante de Sidney Lumet, «Network», intitulado em Portugal de «Escândalo na Televisão». Desta vez, porém, o escândalo foi outro; quero dizer, desta vez não se verificaram anormalidades de monta na programação. Na «informação» apareceu, inclusive, uma reportagem bem feita, embora um pouco à pressa, sobre a eventual greve da panificação para princípios de Novembro; enfim, de facto o «escândalo» foi outro.

Howard Beale, o comentador da «UBS News» que bate todos os recordes de audiência, «místico no limiar da verdade», um «doente» que arrasta o grande público atrás de si é o eixo de uma narrativa denunciadora de abusos e formas de manipulação nos *network* norte-americanos. Uma boa escolha a de quarta-feira.

«Autores Portugueses»

Na última emissão de «Autores Portugueses» tivemos a presença de António José Saraiva — um nome já conhecido com certeza da maioria dos telespectadores, um ensaísta e historiador dos mais respeitados nos meios culturais portugueses.

Não chegámos a ver o princípio do programa. As pequenas alterações de horário fazem com que um programa marcado para as 19.30 comece a ser emitido por volta das 19.26, sem que seja respeitado esse compromisso ético com o telespectador. Tanto bastou, contudo, para que não chegássemos a ver o princípio do programa e portanto ficássemos sem perceber se António José Saraiva tinha ou não acabado de publicar uma nova obra e qual o seu título. Por uma referência de passagem percebemos que se tratava de facto de uma nova publicação (e como o programa só tem assinalado as edições da Imprensa Nacional/Casa da Moeda) depreendemos obviamente ser essa a editora do livro. Isto para chamarmos a atenção de Ivette Centeno para um pormenor que julgo vir favorecer o programa. No final deve ser sempre citado o tradicional «hoje estivemos com fulano e com a obra tal...». Neste último programa ficámos sem saber o título da obra de António José Saraiva. Por isso uns planos do livro, a referência constante à obra, são imprescindíveis. A emissão «a sós» com o autor pareceu-nos ser um pouco monótona. Um tema tão aliciante e interessante para o espectador como é o da Inquisição em Portugal, seus processos e objectivos, acabou por ser um pouco maltratado, quer por António José Saraiva não ter estado à vontade em estúdio, quer ainda porque o ar um pouco professoral e didático que o próprio programa encerra distancia muito provavelmente grande parte do comum dos telespectadores do pequeno *écran*. Na verdade a nós não nos afectou, mas é por demais evidente que este tipo de realização torna-se cada vez mais fastidioso. É necessário que a coordenação do programa estude em paralelo com a produção/realização a melhor forma de prender o público às matérias que em «Autores Portugueses» são sempre afloradas de forma particularmente atenta.



telecrítica

Rui Cádima

Os polícias e o general

Quinta-feira Ramalho Eanes deu posse à Comissão Política da sua recandidatura às presidenciais — assim abriu o Telejornal, já com alguns segundos de atraso.

Pedro de Oliveira lá estava a tentar tirar da boca do mandatário da candidatura — Adelino da Palma Carlos — algo de novo no que se refere, nomeadamente, à estratégia global da candidatura de Ramalho Eanes — tema aliás em análise na primeira reunião da Comissão Política realizada na própria quinta-feira. Ao lado de Adelino da Palma Carlos estava Nobre da Costa. Pedro de Oliveira, incisivo e arguto (como já é seu timbre), fez a Palma Carlos as perguntas necessárias, em seu devido tempo. Resposta (mais ou menos assim): «Esta foi a primeira reunião da Comissão Política, nela foram abordadas algumas questões relacionadas com a estratégia para a campanha eleitoral. E agora já não digo mais nada. Já sabe que eu quando digo que não quero dizer mais nada é porque não digo mesmo... (e sai pela esquerda alta). Sozinho, com o entrevistador, fica Nobre da Costa que vai então remediando o irremediável. A atitude já tinha sido tomada. Perante o auditório do Telejornal o mandatário da candidatura de Eanes tinha-se recusado a dar explicações ao jornalista, não soube aproveitar com diplomacia política o tempo de emissão que ali lhe estava a ser concedido. É sem dúvida nenhuma com estas pequenas atitudes que se caminha para situações que serão mais tarde irrecuperáveis.

Depois de termos visto nesses breves minutos imagens de um prédio em obras (sede da candidatura de Eanes) vimos essas «gafes» de cortesia, se assim lhes quizermos chamar, de Palma Carlos. Em termos de «propaganda» em pré-campanha eleitoral estes poucos minutos com que abriu o Telejornal não foram propriamente tempo útil favorável a Ramalho Eanes. Será assim, com estas «aberturas» do Telejornal que Eanes continuará a ser, após Dezembro, o responsável máximo da Estado português?

Depois do general vieram os *Police*. Um grupo *rock* com influências do Jazz, dos blues, do *rock 'n' roll*, do *reggae* e de outros géneros da música popular. «Espaço Rock» — assim se intitula o programa da RTP/2 que às quintas-feiras assegura aos telespectadores mais jovens uma boa programação musical — trouxe-nos David Ferreira — crítico musical — que trocou algumas impressões com Jorge Costa Pinto a anteceder a entrada dos *Police*. O maestro não nos pareceu intervir nas alturas ideais. O tempo de entrada do entrevistador é substancialmente diferente do da «regência» do discurso musical. Ali tratava-se de deixar David Ferreira responder às perguntas necessárias. Um certo didactismo também não era de todo desinteressante naquele caso. Foi por isso que gostámos de ver as referências a Robert Fripp e ao seu manifesto aquando da saída dos King Crimson. Observámos depois todo um ligeiro e rápido tratamento da conjuntura *rock* desde o início da *rock 'n' roll* ao *punk*, até surgirem depois os *Police* num concerto dado na RFA.

Antes de Mário Soares nos surgir na «1.ª Página» o concerto dos *Police* era cortado a meio de um tema para dar lugar à publicidade. Continua a não haver o menor pejo em fazer este tipo de coisas na RTP. A «1.ª Página» acabou por decorrer normalmente sob o ponto de vista político, e depois viria o «TV Cor» — concurso que quase ninguém percebeu inicialmente — e que desta vez trazia consigo algumas «preciosidades» do nosso panorama musical tais como José Cheta e Natércia Maria... se não fossem os polícias o sarrabulho era maior...

Telecrítica 3/11/80

Rui Cádima

Sábado desportivo

Do conjunto da programação de sábado ressaltaram — para além do «Eu Show Nico» (a baixar ainda mais de qualidade), as transmissões desportivas. Logo após o almoço tivemos em directo de Cardiff o encontro de Râguebi entre o País de Gales e a Nova Zelândia (os já famosos «All Blacks») e ao fim da tarde pelas 19.00H tivemos a transmissão do jogo de futebol entre o Braga e o Marítimo.

Nós que não sabemos ao certo o número exacto de desafios de futebol a transmitir pelo RTP nesta temporada duvidamos que a percentagem de transmissões de jogos importantes seja assim tão elevada como a partida se fez crer. Passados que foram já três encontros, dois deles eram de importância reduzida, realizados entre equipas que não são de modo nenhum equipas do topo da tabela. Os «grandes desafios» anunciados aquando do acordo entre a RTP, os clubes e a Federação de Futebol parece, neste momento, estarem já a escassear... No que se refere ao encontro de sábado entre o Braga e o Marítimo há a sublinhar a deficiente cobertura televisiva do encontro, nomeadamente as desatenções da realização ao trabalho dos *cameramen* (às constantes «saídas» da bola de campo — do enquadramento, entenda-se — inclusivé à não captação de golos, etc.).

Completamente diferente da transmissão de Braga foi obviamente a transmissão directa de Cardiff. Neste aspecto o profissionalismo da BBC não tem nada a ver com o quase amadorismo da RTP. Por outro lado os encontros de Râguebi vêm agora satisfazer um número significativo de espectadores adeptos do desporto que em Portugal têm pelo Râguebi um interesse cada vez maior. Ao jogo entre Gales e os All-Blacks era, para além do mais, atribuída a importância própria de um encontro comemorativo do centenário do «Torneio das Cinco Nações»...

De facto, a espectacular realização da BBC nada teve a ver com a pobre cobertura do Braga-Marítimo. Mas, enfim, valham-nos essas, já que as transmissões dos jogos do campeonato português estão inclusivé a ser postas em causa — a polémica iniciou-se na passada semana e poderá vir a acontecer, segundo o que foi então tornado público, que venham inclusivé a ser suspensas se alguma das partes denunciar o acordo atrasado.

Na verdade não é bem claro o que se está a passar, mas o certo é que têm surgido ultimamente algumas críticas frontais à forma como se processou (e tem desenvolvido...) o acordo entre a RTP e os clubes. É já do conhecimento geral a reunião havida em Coimbra entre alguns clubes da primeira divisão onde a RTP foi acusada de ceder *a posteriori* a alguns clubes, no que diz respeito à subvenção de verbas não previstas inicialmente. A RTP veio já a público desmentir essas acusações mas o que é facto é que a polémica em torno das transmissões dos jogos continua (e não parece ir abrandar nos próximos dias).

Ao contrário do que aqui afirmámos — e por informação que nos chegou posteriormente — a transmissão do Porto-Benfica afastou, de facto, bastante público do estádio. Daí terem surgido, de novo, opiniões divergentes acerca das vantagens e prejuízos destas transmissões, havendo inclusivé quem proponha que os jogos não sejam transmitidos para os distritos mais próximos da zona em que se disputam. É uma posição como tantas outras — todas elas extremamente difíceis de tomar. A polémica irá continuar. Pela nossa parte achamos que o horário de sábado à noite não é de forma nenhuma aconselhável para essas transmissões.

Telecrítica

4/11/80

Rui Cádima

Os shows e os xôs

Aperitivo musical desastrado foi o de sábado à noite com a participação de duas cançonetistas de secundaríssimo plano no panorama da música ligeira feita em Portugal (não esqueçamos que Manuela Bravo pouco ou nada fez com o «Sobe, Sobe, Balão Sobe» e depois disso pouco ou nada continuaria a fazer. Ana — a outra intérprete — era para nós um nome completamente desconhecido — e assim ficou). A produção do «Eu Show Nico» está agora a ter um péssimo gosto na escolha dos convidados. Classificação francamente negativa, portanto, nesta semana, para o show de Nicolau Breyner. Será que a falta dos bons profissionais da música ligeira se faz sentir assim tanto ali para os lados da Edipim?

Isto no sábado. Domingo a música foi outra. E começámos bem, pelo lado eruditó, logo após o almoço, com um concerto gravado pela RAI a 7 de Agosto na Arena de Verona. Tratava-se da «Missa de Requiem» de Verdi, interpretada pelo Coro da Orquestra da Arena de Verona — cenário imponente e majestoso — difícil de ilustrar com palavras. Só visto. Um espectáculo inesquecível, de facto.

Ao fim da tarde de domingo estivemos com o quinto episódio da série da ATV «Oh, Boy!». Já aqui nos referimos detalhadamente a esta série na qual passam em retrospectiva grande parte dos temas do rock'n'roll dos anos 50 e 60. Do que então dissemos pouco temos agora a acrescentar. Os intérpretes convidados para o primeiro episódio continuam pela série inteira (se não gostarmos deles que remédio temos senão aturá-los...). O que é pena. Nós que pensávamos numa série do género de «All You Need Is Love» (já exibida, salvo erro, nos dois canais da RTP) ficámos defraudados quando verificámos que não íamos ver os mestres do rock, os Jerry Lee Lewis, os Elvis Presley, os Little Richard, os Fats Domino, os Chuck Barry, os Bill Haley. Deram-nos os filhos e os enteados — o que nestas coisas do rock'n'roll já não é nada mau. Neste último episódio gostámos sinceramente de ver as interpretações de *Come Softly Darling*, de *I Love You How You Loved Me*, *Great Balls of Fire* e as reaparições de Alvin Stardust, Les Gray, GBH, etc. Vamos acabar por ter saudades desta meia hora aos domingos (já temos).

Ainda com a música: os «Marretas» trouxeram-nos Andy Williams (e a Miss Piggy a pedir o *Love Story* em vez do *Moon River*...).

Praparávamo-nos então para o novo *TV Show*, dito de Henrique Mendes, o tal novo programa com o aviso prévio de que não vem «para resolver os problemas do País»... Esperemos que também não venha para agravá-los...

Com Henrique Mendes (actual director de programas da Rádio Renascença) veio a orquestra de José Calvário. A primeira entrevisita foi Maria Helena Matos que esteve agora melhor do que nos «Pontos nos ii», há uns meses atrás. Com um beijinho saiu e com beijinhos entrou o José Cid — uma música conhecida para uma letra propositada com agradecimentos expressos. Cid igual a Cid, com um bom acompanhamento por detrás, excepto no terceiro tema, mas melhor para o fim. Um rocker de voz bem rouca a imitar velhos nomes da cena rock.

Com agradecimentos expressos também, surgiu depois a segunda parte com uma espécie de Ribeiro de Mello Show, ou «clube do elogio mútuo». E a finalizar o Sacha, vindo directamente da CEE, a preparar-nos o ingresso muito possivelmente. Mais um pequeno esforço e estamos quase lá. Não custa nada. A RTP que o diga.

Telecrítica

Rui Cádima

Não vamos «comer e calar»

Informava a «TV Guia» que o «Come e Cala» da passada segunda-feira era o último programa da série que foi ao longo de largos meses apresentada e coordenada por Beja Santos. Quer isto dizer que daqui para a frente — salvo um eventual e rápido convite subsequente — não teremos mais «Come e Cala». Já ninguém virá em auxílio do desprotegido consumidor. Daqui para a frente a RTP não penetrará mais no «bas-fonds» que transgride, pela calada, sobre os bens de consumo e a sua comercialização. Passará ao largo.

Tratar-se-á de uma questão de dar tréguas aos malfeiteiros? Pensamos que não. Será uma questão de prudência perante as arbitriações menos duvidosas? Duvidamos. O que será então o que leva a RTP a deixar de ter um programa sobre a defesa do consumidor? O que é que será que o programa contém que incomode quem não tem pesos na consciência?

Muita coisa poderá ser... Mas a contrária é mais verdadeira. Pensamos que um programa deste género, quer pela sua necessidade e didactismo, quer pela sua honestidade insuspeitável (no caso em questão), quer pelo seu respeito pelos bens de consumo de irrefutável qualidade, é um programa a manter, ainda que quinzenalmente, em qualquer mapa-tipo. É algo que vem em nossa defesa e que nessa medida deve ser desejado pelo telespectador. E todos sabemos como é importante a denúncia de determinados produtos que existem no mercado — por vezes produtos alimentares! — denúncia essa feita com base em análises laboratoriais... Todos estamos interessados nelas.

Poder-se-á dizer que um programa deste género deve ser produzido em colaboração com a Direção-Geral da Fiscalização Económica, com uma associação de defesa do consumidor, com uma revista, técnicos especializados, etc. Aceitamos. Porém, seja com quem for que uma série do género venha futuramente a ser produzida, o certo é que deve à partida haver garantias de que ali se irá dizer de nossa justiça. Contra a corrupção. Contra o medo. Beja Santos pareceu-nos dar sobejas provas, programa a programa, de que preenchia esses requisitos. O que o futuro trouxer (ou não) cá estamos para ver.

Uma mistela chamada café

O último «Come e Cala» debruçou-se sobre a questão do café — polémica questão — sua história, produção, armazenamento, consumo, etc.

Desde a questão dos sucedâneos do café às empresas fantasma que o comercializam de tudo lá se falou, fazendo-se sublinhar a progressiva degenerescência do produto, as mixórdias à base de chicória, grão-de-bico, aveia, bolota, alfarroba, etc. Fez-se sentir a necessidade de vender o café embalado para evitar situações ainda mais escandalosas, responsabilizando assim produtores e armazénnistas, por forma a que o consumidor seja claramente informado no acto da compra do que está de facto a comprar.

De qualquer modo não é aí que está o escândalo maior neste caso — o da comercialização do café. Tal como afirmou Beja Santos é incrível o que se tem processado em termos de preço da «bica» nos últimos anos. O seu preço é agora de nove escudos, mas o preço do quilograma baixou substancialmente de 78 para cá, quando atingiu o máximo de cerca de quinhentos escudos/kg... Esta, como outras, vamos com certeza deixar de saber. Há que exigir um «Come e Cala» na nossa Televisão.

Telecrítica

Rui Cádima

O novo-velho

Passaram-se entretanto cinco dias sem estarmos em contacto com o telespectador-leitor. Muita coisa haveria a dizer sobre aspectos mais particulares referentes a esta ou aquela emissão. Vamos, contudo, generalizar mais o texto de hoje, tentando fazer uma rápida cobertura crítica da programação ao longo destes dias em que durou a greve dos jornalistas.

Ainda antes de entrarmos exactamente no tema a que nos propomos faríamos um breve desvio para nos referirmos a um texto que entretanto apareceu no único semanário que desrespeitou a decisão do Sindicato dos Jornalistas — foi no «Tempo» de Nuno Rocha.

O artigo intitulava-se «Uma nova TV» e era assinado pelas iniciais N.R. Nesse artigo diziam-se algumas verdades e outras tantas banalidades sobre a situação actual da RTP (aqueles que o grande público habitualmente reconhece). O articulista concluía depois que muito havia sido já feito pela actual administração em pouco espaço de tempo.

Lemos e compreendemos. É natural que num círculo de amigos, num grupo intercomunicador, na mesma esfera política, se venha a terreiro lançar banalidades bem embaladas como se de derradeiras verdades se tratasse. De facto, as banalidades eram verdadeiras, sendo as verdades de igual modo banais. De todo o exposto se viinha a concluir pelo mérito da acção de Proença de Carvalho...

É natural. Compreende-se. Nós, poderíamos inclusive dizer que N.R. parece ver mais longe do que ninguém. De facto coisa que ainda ninguém descobriu — que se saiba — foi uma nova TV. N.R. conseguiu ver já em Proença de Carvalho o que não viu em Soares Louro ou em Cunha Rego. Viu, por exemplo, com o actual gestor da RTP, o «incremento da produção nacional e a abertura na Informação a debates que antes não se realizavam» (!)...

A tais debates atribui um «grande êxito» (de marginalizar o PC com certeza)...

Viu, mais para além, a necessidade de *despoliticizar*... Mas viu também (e aqui faça-se justiça: há sectores da direita portuguesa que já se aperceberam felizmente do tom cinzento que paira na informação televisiva) viu também, dizia, que «os noticiários não têm qualquer interesse», que há locutores «impreparados», com «dicação defeituosa», etc. E pouco mais viu. Daí que o leitor de um tal texto deva concluir que o adjetivo empregue no título não tem nada a ver com as mudanças operadas quer na programação quer na informação. Será eventualmente uma forma irónica de titular... Se não o for (o que é o mais provável) terá com certeza a ver com a *politização* (outra) da RTP, com as *suspensões*, enfim, de um modo geral, com a nova gestão (velha).

E se mais preciso fosse para vir em abono desta ilação, bastaria atentarmos, ainda que rapidamente, na programação destes dias da greve. De terça a sábado, programação da noite, tivemos «enlatados» quase a cem por cento, com exceção (válida) para a «Primeira Página» com Álvaro Cunhal e, vã lá vã lá, para o «Eu Show Nico» (que desta vez não merece um «Xô!»). Evidentemente que os «enlatados» eram na sua maior parte de qualidade. Mas será razão para defender — por aí — uma «nova TV»? Claro que não. Essa é velha e bem velha. Na base do *novo* está de facto o incremento da produção nacional de qualidade. Amanhã começaremos por aqui.

último na tabela classificativa por troca com os agrónomos. O

ideal para poder acompanhar a terceira linha Faustino, de maneira a dar-lhe a sua indicação

Telecrítica

11/11/80

Rui Cádima

Uma «nova TV»?

Diziamos ontem, em referência directa ao artigo «Uma nova TV», publicado na última edição do «Tempo», que na base do *novo* está de facto o incremento da produção nacional de qualidade. Vem isto na sequência de uma breve reflexão sobre a programação televisiva relativa aos vários dias em que durou a greve dos jornalistas, análise que viemos depois a conjugar com o referido artigo.

O texto em questão argumentava de uma forma muito pobre em defesa da «nova TV». Inclusive deixava crer numa possível atitude irónica ao lhe ser atribuído tal título. Nós pensamos — já o temos aqui sublinhado várias vezes — que só se poderá falar em «nova TV» se, fundamentalmente, se produza TV a pensar no País real. E pensar no País real só poderá querer dizer, neste caso, produzir programas portugueses de qualidade. Apesar de muito boa gente estar consciente disso, o que é facto é que ainda neste momento existe um grande fosso entre as preferências da grande maioria dos telespectadores e as propostas que a RTP tem tido para oferecer.

É certo que algumas tentativas têm sido feitas para que os consumidores da «aldeia planetária» não se sintam defraudados nos seus desejos, neste País. Mas só por si, e também pelos seus altos e baixos, nem o «Eu Show Nico» nem o «TV Show» têm satisfeito completamente a grande massa televisionária (isto aos fins-de-semana porque à semana ainda é pior: surgem exclusivamente, aqui e ali, um programa infantil, outro cultural e pouco mais — o resto é «enlatado»)...

Não temos portanto a «nova TV» tão desejada pelos novos profetas. Tivemos, sem dúvida alguma, uma «nova TV» quer no plano da programação, quer ainda no plano da Informação, na RTP/2 aquando da direção de Fernando Lopes. Entretanto com a administração de Cunha Rego e a sua política de austeridade todo o trabalho anteriormente desenvolvido se esvaiu como náuim de pó.

Seria agora a altura de vermos esboçar-se uma outra política se bem que em embrião. Trata-se da aposta nos grandes *shows* que fazem parte da programação de sábado e domingo à noite. Essa outra política, se assentar de facto na base da produção para grandes auditórios, sem demagogias nem favoritismos, poderá ser uma experiência e dar frutos raramente conseguidos — e constituir-se inclusivamente como lição política para anteriores administrações. O que nos parece, de qualquer modo, estar a ser o caso.

Vejamos o caso do «TV Show». Para além da ligeireza com que temas e entrevistados são tratados por Henrique Mendes, para além da contratação de uma orquestra privativa para as várias sessões do *show*, para além de vermos ali convidados de baixo nível profissional e técnico (depois de Rui Guedes todos os meninos do Conservatório poderão reivindicar a presença no programa), para além da duração excessiva do programa para a noite de domingo, para além destes aspectos e de alguns mais, há que ter em conta que presenças como a de Sacha Distel e de Alcione poderão não dar o rendimento ao programa que os *cachets* que cobram deixam desejar. Ainda com a agravante de neste último caso, termos Alcione acompanhada de dez músicos, vinda expressamente para o «TV Show», sabendo-se que no segundo canal passa a «Alerta Geral» todas as segundas-feiras. Se isto não é um tremendo erro administrativo então o que será? Uma «nova TV»?

Telecrítica

12/11/80
Rui Cádima

Teatradas

O «emerec» de Jean Cloutier (ou seja: qualquer emissor-receptor, o *homo communicans*) fecha o seu círculo intercomunicador com a Televisão: «O seu primeiro modo de expressão era audiovisual e a Televisão permite-lhe agora utilizá-lo «em directo» à distância. A Televisão é um *medium* difícil de abranger porque é multiforme. Ela não é principalmente obra de recriação ou de expressão, como o cinema ou o livro; não é essencialmente órgão de informação, como o jornal; é um «continente» como a rádio, servindo para difundir outros media-espectáculos, como, por exemplo, o cinema, o teatro e o desporto. Mas é um *continente activo* que transforma o antigo *medium* que difunde; por exemplo, o filme televisiado com as suas imagens reduzidas e as suas interrupções publicitárias, é diferente do cinema; o teatro televisiado já não é teatro e não é teleteatro» (...).

Serve-nos este parágrafo de «A Era de Emerec» do já referido Jean Cloutier, para ilustrar as dúvidas e as incertezas que surgem quando se fala de teatro na televisão. Que género de espectáculo é esse, que «monstro» híbrido se produz na conjugação de várias linguagens (cinema, teatro, televisão) para o mesmo fim? As respostas não têm sido claras. Cloutier nem sequer aflora esse aspecto já anteriormente analisado por estudiosos como André Brincourt e André Frank.

O teatro filmado começou por ser, no inicio da Televisão, o grande espectáculo por excelência. Ocupava inclusive grande parte das emissões de características dramáticas. Mais tarde vários foram os estudos que surgiram sobre a especificidade desse espectáculo, sem que no entanto se tivesse separado claramente, sob um ponto de vista semiológico, o teatro filmado do cinema e do teatro.

Teatro filmado — é isso que vamos tendo. Esporadicamente, «quando o rei faz anos», lá aparece um original português, espécie de rebuçado para intervalar com o desagrado geral. Mas isso acontece muito raramente. Na maior parte das vezes temos teatro filmado «enlatado», de *import*. Depois de algumas peças de Shakespeare, com produção da BBC, vieram agora algumas peças francesas. É o caso do original que agora passou da autoria de Jacques Deval — «Esta Noite em Samarcanda», realizada tanto quanto nos pareceu, um pouco de afliitos por Pierre Sabbagh para a TFI em 1978. Tratou-se de uma narrativa extremamente intrincada que se passava inclusive pelos ocultismos estéreis de videntes, pelo circo e pelo teatro, pelo amor e pela morte, com prospecções ao futuro através de bola de cristal e tudo...

Nada na peça (ou no «filme», se preferirem) nos veio impressionar por forma a fazer-nos esquecer a nossa própria matéria-prima (de autores a actores). As mais de duas horas durante as quais, pacientemente, esperámos pelo final, vieram-nos mais uma vez alertar para a necessidade de se levar para a RTP, com a maior das urgências, todos os trabalhos de maior importância montados ultimamente por grupos portugueses. Será assim tão difícil consegui-lo?

Entretanto outras teatradas foram surgindo; o Telejornal começou de pernas para o ar, com uma ordem crescente de interesse das notícias (da Polónia para a integração de Portugal na CEE) e na RTP/2 após ter terminado a emissão na 1 a Alcione lá estava a *bisar* perante uma plateia, no minimo, boquiaberta.

Telecrítica

13/11/80

Rui Cádima

Dos blues para o cinema com uma gralha no fim

«Espaço Jazz» veio lançar a confusão. Primeiro foi anunciado na «TV Guia» o Quarteto de José Eduardo, Lemos depois, num matutino que afinal já não seria o grupo do contrabaixista José Eduardo a estar presente mas sim o grupo do saxofonista Rão Kyao. À noite, UHF ligado, apareceu-nos — imaginem — o Muddy Waters. E vimos parte do concerto que ele deu na edição de 1976 do «Cascais-Jazz».

Espectáculo memorável foi aquele. Os *blues* ali «soltos» foram de facto do melhor que se pode hoje ouvir no género. Waters (de seu verdadeiro nome McKinley Morganfield) é um dos mais importantes *bluesmen* da actualidade. Nasceu para os lados do Mississipi, tendo-se radicado nos anos 40 em Chicago, onde começou a gravar à maneira dos negros do Mississipi e dos seus *blues* rurais, da forma mais «low down» que se possa imaginar. Uma das características do guitarrista (à semelhança de quase todos os grandes nomes dos *blues* Waters é também cantor e guitarrista) é ter começado a tocar com um gargalo de garrafa no dedo mindinho da mão esquerda. Mais tarde trocá-lo-ia por um dedal metálico — um quase *bottleneck* — como ficaram conhecidos nos anos 70 depois de alguns guitarristas *rock* os utilizarem também.

À semelhança do «Espaço Rock» era desejável que este «Espaço Jazz» (ou «Tv Jazz», como chegou a aparecer em cartão: «Viram Tv Jazz») também iniciasse a emissão com uma conversa nos estúdios entre dois especialistas (ou um só apresentador) para que de facto se aliasse à didáctica musical e ao espectáculo a informação e o comentário crítico.

Para além deste grande momento musical (para os apreciadores do género, evidentemente) a programação de terça-feira foi, para não fugir à regra, toda ela muito pouco portuguesa. Um programinha antes do Telejornal intitulado «Os Jogos e o Homem» que está já a demonstrar, no mínimo, ser elaborado com uma grande preocupação pelo levantamento filmográfico de várias formas tradicionais e populares de canto, do jogo e da dança; um outro programa antes do regional «País, País» — que parece estar a ser o grande programa semanal para as zonas do interior (para desgraça das desgraças é logo um programa de informação...) que é, dizíamos, o «Histórias Contadas» — o tal que põe a criança a bocejar entre o lanche e o jantar... Dois programinhas portuguesas e... chega.

O resto era «Sammy Davis Jr.» com um *flash-back* memorial aos 50 anos de actividade e as já conhecidas de «grande qualidade» — «viagens» de Charles Darwin. Duas excelentes produções, uma norte-americana outra inglesa, que acabámos por não ver na íntegra porque na RTP/2 passavam «Os Carabineiros», bombistas de ilusões, personagens que vieram aqui utilizar as metáforas mais usadas, tal como o seu «criador» — o Jean-Luc Godard — viu que Borges já o havia feito. Tirando os intervalos estivemos nessa guerra louca, louca. Um belo filme de Godard, para os mais godardianos.

Uma gralha

Na «Telecrítica» de anteontem intitulada *Uma «nova TV»?* dizia eu a certa altura, falando de uma «aposta» de uma outra política na RTP: «Trata-se da aposta nos grandes *shows* que fazem parte da programação de sábado e domingo à noite. Essa outra política, se assentar de facto na produção para grandes auditórios, sem demagogias nem favoritismos, poderá ser uma experiência a dar frutos raramente conseguidos — e constituir-se inclusivamente como lição política para anteriores administrações. O que *não* nos parece estar a ser o caso.»

Como na altura se devem ter apercebido este último *não* não saiu...

Telecrítica

14/11/80
Rui Cádima

O cinema que estamos a ver

Três vezes por semana, na RTP/1, o telespectador tem na programação uma longa-metragem, de género sempre variável e de algum modo adaptado ao facto de os horários variarem também (e com eles o auditório) consoante se trata das quarta-feiras ou dos sábados à noite, ou ainda dos domingos à tarde.

Recentemente todos fomos testemunhas de uma alteração de fundo na política da programação na RTP/1. De súbito, como se de um milagre se tratasse, começámos a ter filmes de produção muito recente nos pequenos ecrans. «New York, New York», de Martin Scorsese foi o ponto de partida. Outros se seguiriam depois: «Duelo no Missouri», de Arthur Penn, «F.I.S.T.», de Jewison e poucos mais. Trata-se aqui de «Sol de pouca dura» como veremos.

Entretanto o semanário «Sete» anunciará no mês passado uma lista de 63 filmes «de qualidade» que a RTP prometia serem os escolhidos para os dois canais até Março de 81 (início do mapa-tipo de Primavera). Não se está a verificar, contudo, que nessa lista estivessem já compreendidos os filmes do «Cine-clube» da RTP/2.

Uma rápida vista de olhos sobre o conjunto dos filmes leva-nos de imediato a felicitar os responsáveis pela escolha, pois se trata, de facto, de um conjunto de títulos e autores dos mais significativos (mais os autores do que os filmes — isto é, estou convencido de que para cada realizador, nalguns casos, era possível escolher produções de melhor qualidade) numa amostragem da produção cinematográfica norte-americana, principalmente.

De facto, numa análise mais atenta verificamos que a quase totalidade dos realizadores escolhidos são de origem norte-americana.

Aqui e ali lá aparecem nomes europeus como Renoir, Visconti, Truffaut, mas francamente mais de noventa por cento dos autores seleccionados são americanos. É uma aposta. Talvez mesmo influenciada pelas recentes retrospectivas do cinema americano dos anos 30 e 40 realizadas em Lisboa, na Gulbenkian. De qualquer modo pensamos que o primeiro canal da RTP deve ter sim uma programação de filmes de qualidade mas o mais variada possível em termos de cinematografias. Neste caso os cineastas europeus estão representados de forma muito minoritária. Cinema português nem vê-lo... Assim como a cinematografia japonesa, por exemplo, ou o cinema dito de «arte e ensaios», o cinema «terceiro-mundista», etc. O primeiro canal não se pode dar ao luxo de, ao longo de seis meses, dar ao seu público quase só produções norte-americanas (os mais cépticos poderão inclusive pensar que existe um acordo secreto com as distribuidoras dos States...).

Feito este reparo à política seguida, convém agora ver até que ponto os filmes escolhidos (e os respectivos autores) estão ou não isentos de outros reparos. Por exemplo, nomes tão diferentes como Aldrich ou Scorsese, Ray ou Mankiewicz, poderiam estar representados de outro modo. Aldrich com filmes mais recentes, os outros com mais produções, como aliás se fez para Renoir e Visconti para Renoir e Visconti — que poderemos considerar os autores com os melhores filmes do «ciclo». Um ou outro nome poderia de facto ter sido omitido, mas, de um modo geral, há que concluir pela positiva. Isto mesmo apesar de as produções mais recentes terem já passado quase todas... Agora vamos voltar para os anos 30, 40, 50 e 60...

Mover-se no ar; rolo de cera com pavio. 11 — Lavar a terra; medir com a rasa.



Rui Cádima

Um é candidato os outros não...

A informação e a reportagem, a entrevista, a propaganda e o tempo de antena relativos às presidenciais na RTP têm já uma história extremamente atribulada, com muito que se lhe diga, se atendermos à circunstância de neste momento ainda nem sequer ter começado a campanha eleitoral.

É já do conhecimento do grande público que toda a polémica se iniciou com a famosa nota interna de Fialho de Oliveira na qual se nivelavam, por ordem de importância dos candidatos (?), as próprias candidaturas à compita. Depois vieram os inevitáveis protestos, a reconsideração, e uma segunda nota interna em que se repunham as coisas em termos de ser atribuída uma maior igualdade às diferentes candidaturas, no tratamento informativo e nos respectivos tempos.

Contudo, nenhum dos candidatos, excepto Soares Carneiro, se deu por satisfeito com as realizações práticas que (não) resultaram dessas atitudes meramente verbais... O dia-a-dia político de cada um dos candidatos, os seus encontros, as suas declarações, só muito raramente foram objecto desse tratamento mais ou menos igualitário.

Voltaram os protestos. Os candidatos insurgiam-se em plena transmissão directa na RTP contra aquilo que consideravam (e voltaram a considerar) ser os «critérios imorais da RTP» (Pires Veloso). Houve inclusive um candidato — Meneses Alves — que entregou na Provedoria da Justiça um protesto contra a RTP por alegados «cortes» na transmissão do seu manifesto eleitoral. Paralelamente, como é sabido, e enquanto decorria a campanha para as legislativas de Eleições advertia publicamente a RDP em relação ao facto de estarem a ser discriminadas correntes de opinião, determinadas forças políticas como, por exemplo, os comunistas. A tudo isso a administração ia respondendo com laconismo: «As acusações têm carácter vago e infundamentado»...

Determinado analista político, acérrimo defensor do polémico «Face a Face» veio a público defender a «iniciativa» (o programa em questão), «esquecendo-se» completamente, coisa que não é muito vulgar em si, da justeza da advertência da CNE. Refiro-me a Marcelo Rebelo de Sousa.

Voltando ainda mais atrás, na altura em que foi reposta a equidade no tratamento das candidaturas, já Soares Carneiro beneficiava — e muito — como é sabido, de tempo extra em relação a todos os outros candidatos. Estavamo então em princípios de Agosto... Não esqueçamos entretanto um outro aspecto significativo nestas graves atribulações entre a RTP e a grande maioria dos candidatos: Em Junho do corrente ano, pouco após o governo «AD» ter sido interpelado na Assembleia da República pelo PS, no que respeitava à política de informação então seguida na SECS, um dos candidatos, Galvão de Melo, escreve a Sá Carneiro e a Cunha Rego (na altura presidente da C.A. da RTP) denunciando a existência de violações jurídicas na «nota interna» de Fialho de Oliveira.

Para além destes aspectos mais salientes há ainda que ter presente que qualquer dos outros candidatos, quer Eanes quer Otelo, quer Aires Rodrigues ou Carlos Brito, quer ainda os membros das respectivas comissões nacionais, têm feito vastas declarações sobre estes aspectos, as quais confluem todas para o mesmo ponto: os «critérios imorais» da RTP.

Daí a saída de Pires Veloso (sob a sombra quase ubíqua de Soares Carneiro)...



telecrítica 13/11/80 Rui Cádima
O Papa na RFA

Com certeza que nem todos os telespectadores se aperceberam de que no passado sábado a emissão começava quase ao raiar da aurora... De uma transmissão extra se tratava — da visita de João Paulo II à República Federal Alemã — facto a que o «PH» dava de véspera o devido destaque titulando: «O Papa no País de Lutero».

De facto, por isso mesmo (mas não só por isso) achámos que devíamos acompanhar a transmissão. Por um lado veríamos como se processaria tecnicamente toda a cobertura desse grande acontecimento, por outro lado estariamos «em cima», nomeadamente, do *texto* a proferir (sabendo à partida que uma grande polémica rodeava a visita). Como é sabido, na R.F.A., cerca de metade da população é protestante. Este facto, só por si, deixava temer que as reacções à visita não fossem as melhores; ainda com a agravante de determinados bispos católicos terem editado um texto extremamente crítico em relação a Lutero... Na verdade vários aspectos vieram a confluir para que a recepção não fosse tão calorosa como o foi noutros países já visitados por João Paulo II, nomeadamente no Brasil. Curiosamente a imprensa foi a primeira a silenciar um pouco o importante evento. As críticas, entretanto, não se fizeram esperar (todas elas, porém, algo inconsistentes).

Evidentemente que estes aspectos eram suficientes para despertar a nossa curiosidade pela transmissão. A servir à cobertura esteve de facto um conjunto de meios operacionais rigorosamente esquematizado entre três grandes potentados, se assim lhes quiserem chamar: A Igreja Católica, a Televisão e os Serviços de Segurança.

As equipas que planificaram todo este trabalho seriam, com toda a certeza, mais que suficientes para realizar e produzir em tempo record meia dúzia de grandes superproduções cinematográficas.

Estou convencido disso. Isto por não ter uma ideia muito concreta do *trabalho* que preside a toda aquela movimentação...

O que nos ressaltou mais da transmissão foi a segurança e a linearidade da sua realização e a enorme distância a que da colocou os pequenos acontecimentos mais apaixonados (como, por exemplo, a tentativa de um ou outro crente, de uma ou outra criança, apertar a mão ao Sumo Pontífice). De facto, de um trabalho um pouco «gelado» se tratou. Aos planos de conjunto da reportagem só foram contrapostos grandes planos quase exclusivos de João Paulo II. Esclarecedor. Por oposição a essa mecânica perfeita lembramo-nos de algumas sequências vindas do Brasil nas quais o calor humano que as massas exultavam era perfeitamente captado pelos *cameramen* e pela realização. Na R.F.A. isso não aconteceu. Por um lado porque é o país de Lutero, por outro, porque a dificuldade de empreendimento obriga a um rigor extremo e, nessa medida, a reportagem alheia-se dos grandes momentos — só conseguidos, na maior parte das vezes, à custa de uma certa espontaneidade. É um pouco esse «gelo» nórdico de ascendência helénica.

Como nota à margem convinha ainda fazer uma referência à forma como os homens dos serviços de segurança escoltaram (a pé) a viatura na qual se fez transportar João Paulo II — um verdadeiro signo dos tempos que correm, uma hora para meditar.

Para meditar também é o verdadeiro significado político da visita. Depois das divergências «turísticas» entre a R.F.A. e a Polónia, nada mais conveniente do que «pressionar» por ali (Polónia) a grande «cruzada» de finais de século: a democratização do Leste.

Telecrítica 18/11/80

Rui Cádima

Saídas e entradas por entre «rock» e «disco»

Durante o fim-de-semana — e após termos aqui feito uma referência extra à transmissão da visita do Papa João Paulo II à Alemanha Ocidental — uma nova série filmada surgiu no horário anteriormente ocupado por «A Maldição de Dain» (série esta baseada no texto homónimo de Dashiell Hammett e que gostaríamos de ver retransmitida no primeiro canal pela sua grande qualidade). A nova série é de ficção científica e é sem dúvida mais uma excelente produção da BBC — o seu título: «Blake's Seven».

Entretanto uma outra série (esta norte-americana) deixou de nos acompanhar na programação da RTP/2 aos domingos. Trata-se também de um trabalho de grande qualidade dedicado a toda essa intrincada problemática que dá pelo nome de «Ovnilogia». Uma série que se aproveitou de alguns «casos» de contactos imediatos de diferente grau para depois os passar a filme com o rigor possível, servindo-se para isso da utilização de trucagens e de efeitos especiais raramente vistos em Televisão. Trata-se ainda aqui de uma produção de inegável interesse (espectacular) e que por isso mesmo também poderia passar dentro de algum tempo na RTP/1.

A aproximar-se do fim está uma série de terceira categoria — o «Oh, Boy!». Já aqui nos referimos por duas ou três vezes ao facto de se tratar de um programa «pastiche», de um péssimo revivalismo do *rock*, de uma profunda *caracterização do rock'n roll*. É de facto lamentável que esta série tenha um horário tão «nobre» como o das 20 h. de domingo. O *rock'n roll* sai verdadeiramente de rastos de tão maltratado que é. O que é imperdoável. Comprada a série, visto o logro, o que havia a fazer, penso eu, era programá-la para um horário mais «infantil» e apresentá-la talvez como um programa de curiosidades raras, que para todos os efeitos não funcionava com a necessária autenticidade. Perde o *rock*, perde o País, perdemos nós e os *teen-agers* pouco habituados aos temas de Presley e de Bill Haley e que neste momento são fervorosos adeptos da *new wave* e do *ska*, por exemplo. Há que lhes dar a conhecer os autênticos «paizinhos» do *rock* e não uma plástica reles de músicas e autores. Escusado será dizer que nem «Blue Suede Shoes» nem «Buzz, Buzz» e muito menos os seus intérpretes (os já habituais Alvin Stardust, Johnny Storm, Les Gray ou os Rockin' Shades e os outros) poderiam (ou poderão) salvar a série... É um caso perdido.

O Telejornal pareceu-nos fazer o menos possível por nos informar audiovisualmente sobre o recente golpe de Estado na Guiné-Bissau. Deram-se ao desplante de intercalarem com um texto gagamente lido por Fernando Balsinha material de arquivo que nos pareceu quase tirado à sorte da filmoteca. Até imagens da educação na Guiné-Bissau (ou em Cabo Verde?) tivemos no início do bloco das 20 h. Não percebemos ainda se o efeito desejado neste caso era permitir ao telespectador *entender* só a montagem de imagens ou, ao contrário, ligar às «gaffes» do locutor. Os dois ao mesmo tempo convenhamos que era difícil...

Uma pergunta: a RTP tentou enviar alguém para Bissau (ou os enviados só existem para a «Fórmula 1»)?

Com os «Marretas» veio Diana Ross. Por entre monstros incríveis que calam do céu já a dançar, Diana lá esteve com a sua voz bem timbrada no último som «disco» de gosto tão desenxabido e alienado, pelo qual é aliás uma das grandes responsáveis... Até os «velhos» marretas foram obrigados a reconhecer o mesmo que o crítico inglês: «Ross tem uma grande elegância de movimentos»... O resto é também para inglês ver... (Dos «Xôs» diremos qualquer coisa amanhã).

Telecrítica

15/11/80

Rui Cádima

O alerta aqui fica

Alcione — a «marron» solista do piston —, filha de músico de banda, enérgica «pivot» dessa roda-viva da Música Popular Brasileira que foi o «Alerta Geral», deixou-nos anteontem o seu último solo da série. Despediu-se. Deixou-nos saudades.

Toda aquele boa gente da «pesada», todo esse quase infindável rol de nomes que pelo «Alerta» desfilaram (de MPB e humor bem de braço dado) não vai voltar tão depressa (ou por outra: voltou mais depressa do que se poderia imaginar com o programa de homenagem a Luís Gonzaga/Ary Barroso, também da «Globo» e que estava anunciado para a noite de ontem). Um breve adeus, porém, se pensarmos que o Brasil da «Globo» já ninguém o segura no Luimiar.

Ele está ai, com delegado e tudo. E nós vamos acreditar: a MPB (e a outra) estarão por ai com uma assiduidade que será muitas vezes superior à da MPP (a música popular portuguesa — sem depreciar — porque também temos cá disso)...

A «marron», contudo, levou o seu «Alerta» a muito poucos. Gostaríamos de saber inclusive se ela teve ou não no «TV Show» uma audiência tão elevada como aquela que somou ao longo de toda a série na RTP/2.

Isto também para dizer que, apesar de tudo, mais valia um «Alerta» de Alcione que muitos dos «Xôs» made in Luminar (e dos episódios noveleiros) que temos tido. Para muitos, quem teve a culpa de mandarem a menina do piston para a «2» foi a D. Xepa (asseguravos que não é boato do «Moita Carrasco»). Na verdade, colocar a Alcione a seguir à Xepa seria sobrecarregar as segundas-feiras de «pôxas».

Nós pensamos que a RTP/1 estava mais necessitada de meia dúzia de «Alertas» do que de oitenta e tal episódios da Xepa. Porém, o destino assim o quis... É caso para perguntar: «Que mais nos irá acontecer?»

Os «Xôs» aí vão

(Ai vão, com algum atraso...) tal como nós (perguntando o que é que irá acontecer mais) está o coronel Januário, às voltas com os petróloares do Montijo e os brasileirismos que os «Astros» as «Xepas» e Cia têm divulgado. O emir está agora a braços com a paternidade do Conde de Monte Cristo. Esperemos entretanto que o coronel não venha a ser acusado de todas as maldições que têm ocupado um tanto ou quanto «selvaticamente» o nosso «quadrinho», dia-a-dia. Aguardamos que tudo se esclareça rapidamente (nem que para isso tenham que ir a casa do coronel o Nicolau Breyner, o Henrique Mendes, o menino Jack Good do «Oh, Boy!» e todos os outros meninos *showmen* desta pobre TV, com a mania dos novo-riquismos. (Nós depomos em favor do coronel, se for caso disso).

O «Eu Show Nico» subiu entretanto uns pontos com as rábulas do Raul Solnado e do Nicolau Breyner, com as canções da Dina e também, principalmente, com essa última «bomba» do rock lusitano que dá pelo nome de «Salada de Fruta» e que tem como vocalista a Lena d'Água. Bom, desta vez já não tivemos os calvários dos anos 80, os clementes, nem o caduco e podre nacional-canconetismo. Desta vez a produção optou claramente por uma maior qualidade musical. O «Show» tem agora que alinhar em definitivo por uma coerência nítida em relação aos convidados sob pena de acabar como um incaracterístico programa de altos e baixos.

Ao contrário dele, o «TV Show» está a tornar-se em definitivo num programa de «baixos». Um desastre já avaliado em milhares de contos.

Telecrítica

26/11/80

Rui Cádima

Um outro «show»

O «lançamento» de Soares Carneiro através do «Telejornal» continua a dominar a política informativa na RTP. A propósito disto ou daquilo, desta visita ou daquele episódio, «o candidato apoiado pela 'Aliança Democrática'» (elucidativa esta referência permanente) lá está para comentar ou para ser detalhadamente comentado. Quando não é Soares Carneiro a «vender» a sua imagem de marca, alguém por ele o faz. Os seus múltiplos «porta-vozes» desdobram-se agora em presenças televisivas, quer durante os blocos informativos, através de meras entrevistas ou de simples referências, quer nos suplementos ao «Telejornal». De uma avalanche se trata. «Agora ou nunca» será o lema desta massificação do discurso «AD» impingido tanto aos incautos como aos mais prevenidos — mas sobretudo aos primeiros.

Disso mesmo já se fizeram eco todos os outros sectores da vida política nacional — desde os partidos da oposição às diversas comissões nacionais das diversas candidaturas à Presidência da República. Nos últimos dias, Pires Veloso renovou as críticas à administração da RTP (isto após a resposta pouco feliz de Proença de Carvalho onde se dizia haver semelhanças superestruturais entre a nossa pobre RTP e as grandes cadeias de televisão norte-americanas) e a Comissão Nacional de Eleições, segundo noticiou alguma Imprensa, dirigia mais uma recomendação à RTP no sentido de ser dado um tratamento equilibrado às diferentes candidaturas, não privilegiando algumas em desfavor de outras.

De qualquer modo, a verdade é que de nada têm servido as críticas dirigidas à administração de Proença de Carvalho. A política que tem orientado a Informação vai prosseguir — nada nos diz o contrário. Uma curiosidade nos assalta entretanto: como reagirá a «Informação/2» a esta espécie de «Soares Carneiro Show» a que assistimos dia-a-dia no «Telejornal»? Será que as directivas não estarão já rigorosamente delineadas? Esperemos que a «Informação/2» se aproxime da clara alternativa que já foi à pseudo-informação do primeiro canal.

Uma noite na «2»

As terças-feiras do segundo canal continuam com o «Cineclube» de António-Pedro de Vasconcelos, agora voltado para os autores franceses e de há duas semanas para cá consagrado ao «enfant-terrible» do cinema francês — Jean-Luc Godard. Primeiro tivemos «Os Carabineiros» e agora passou esse filme maldito que é o «Week-end», realizado em 1967, autêntica premonição avassaladora da instabilidade social que originaria Maio de 68, barômetro de angústias e medos de uma burguesia que Godard sempre «massacrava» nos seus filmes. Mais uma excelente escolha, portanto, a pontuar na qualidade deste tempo de cinema dedicado aos mais rigorosos cinéfilos.

Antes do «Cineclube» estivemos com o Jazz num programa que nos surge agora semanalmente, embora nem sempre — como seria desejável — com uma programação dedicada aos grupos portugueses. Desta vez tivemos Odetta — cantora negra norte-americana que interpreta alguns temas clássicos como por exemplo «The House of the Rising Sun» sob a influência dos espirituais e dos blues.

9
10
11

Joa de pedra preciosa. 5 — Natural de Roma; bátráquio (pl.). 6 — Atmosfera; nome de mulher. 7 — Ter pena; simb. químico de Telúrio (inv.). 8 — Via pública urbana; porta-voz. 9 — Louco. 10 — Carta de jogar; época; conjunto de 2 objectos (inv.). 11 — Substância usada para selar as cartas; sobrenome de um romano muito afamado.

Telecrítica 21/11/80

Rui Cádima

Novo programa sobre a mulher

Voltámos a ter um programa sobre a Mulher. Há poucos meses atrás essa problemática era abordada num programa quinzenal da responsabilidade da Comissão da Condição Feminina que tinha o título genérico de «Condição Mulher». Nele esteve sempre presente, sem dúvida, a força do chamado sexo fraco. A todas as suas emissões presidia de facto uma intenção que já é costume chamar de «feminista» (apesar de alguns grupos mais radicais de feministas não reconhecerem ao programa essa «isenção»).

Depois de um incompreensível interregno surgiu agora novo programa intitulado «Mulher a Mulher» — co-produção da Arcá-Filmes com a RTP, realizada por Linda Bringel e com texto de Maria Isabel Barreiro. Este primeiro programa pareceu-nos trazer já algo de novo em relação ao anterior (produzido por uma equipa diferente), quer sob o ponto de vista do texto, quer ainda da imagem. Na verdade esta primeira emissão trouxe-nos já a boa qualidade das produções daquela cooperativa; nela se tratou dos problemas da mulher e da terceira idade, numa montagem perfeitamente funcional, de discurso televisivo bem claro.

A moção de confiança apresentada na Assembleia da República veio abrir o Telejornal de anteontem; mas à frente, numa rápida tangente à situação política na Guiné-Bissau, Corsino Fortes daria uma entrevista de algum modo ilucidativa sobre muitas das manobras que continuam a fazer da actual administração uma peça de um *puzzle* extremamente complicado.

Vários dos dados expostos ajudaram um pouco mais para uma maior definição do problema. Contudo, como o telespectador já percebeu isso só nasc chega. Continuamos, por outro lado, a pensar que a RTP tem coberto muito mal os factos recém-acontecidos na Guiné-Bissau. Parece inclusive que os serviços de Informação não se preocuparam muito em enviar uma equipa de reportagem à Guiné-Bissau — disso não temos conhecimento. Outro facto escandaloso no Telejornal foi a referência ao encontro entre Ramalho Eanes e cerca de quatrocentos professores universitários apoiantes da sua candidatura. Não se comprehende que a Soares Carneiro seja dada uma cobertura constante através de entrevistas e reportagens (a propósito de tudo e de nada), da mais complicada visita ao mais simples aperto de mão. De facto, com Ramalho Eanes o procedimento já não nos parece equitativo. Repare-se que, nessa reportagem, ao texto lido por Hélder de Sousa — um texto de segundos — sucederam-se dois «slides» de Ramalho Eanes a comprovarem aquilo que a CNARPE e outras comissões têm vindo a assinalar em determinadas ocasiões — que a RTP está muito mal orientada em termos de política de informação.

Luís de Pina surgiu após a telenovela e o «Vamos jogar no Tobolola» (este com uma excelente reportagem sobre os bombeiros), para apresentar o filme da noite assinado por um tal Victor Hanbury — nome de um verdadeiro cineasta mas utilizado a título de «emprestimo» por Joseph Losey na altura das perseguições do macarthismo.

A terminar a emissão na RTP/1 ainda antes das «24 Horas» esteve Alberto Ponce — um dos mais importantes guitarristas ibéricos que esteve no passado Verão em Portugal para uma curta série de concertos. Foram alguns dos seus temas de De Falla ou de Ohana que salvaram a noite, no primeiro canal.

roso no fundo das águas; cidade de caldeira (inv.) 8
— Reza; adiconio; atmosfera. 9 — Ferramenta de
aco; nau para incar bilhar. 10 — Sencator; mistura

10

Telecrítica

Rui Cádima

Todos os cuidados são poucos

Quinta-feira a emissão abriu com um «Sumário» envolvido numa outra «permanente», espécie de embalagem agora mais sofisticada, mantendo-se o interior o mesmo. Os «flashes» continuam insípidos como sempre, pouco diferindo este género de informação do realizado na rádio. A novidade são agora os «slides» por detrás da locução. Mas enfim, do mal o menos. De qualquer modo voltamos aqui a fazer uma referência ao mau aproveitamento das possibilidades técnicas de que o Departamento de Informação dispõe para fazer de facto um trabalho autenticamente *audio e visual*, não os utilizando sequer para a pequena reportagem ou para a pequena entrevista. O «Sumário» não deve ser um relatório fastidioso, deve ser sim informação viva e completa, o mais sintetizada possível, no mais curto espaço de tempo.

Com as crianças já sentadas em frente do tevisor, desligadas obviamente do «Sumário», eis que mais umas «Histórias Contadas» nos surgem, desta vez completamente em *off* com uma história de coelhinhos de várias cores e um concurso de cogumelos de perneio. Enquanto o coelhinho preto e os outros andavam aos cogumelos outra bicharada ia aparecendo — eram as borboletas, os passarinhos. Por fim o lobo mau — desejoso de comer coelho à caçadora com cogumelos (era a vingança do destino)... Mas coitado do lobo assim que ouviu os outros coelhinhos virem em socorro do preto (que não lhes havia dado cogumelos — o malandro), fugiu a quatro patas... A Televisão portuguesa tem destas coisas: nela até os lobos maus fogem dos coelhinhos... Isto, é claro, na programação infantil, porque na outra, quando os assuntos são «a sério» os lobos maus comem mesmo os coelhinhos e não deixam sequer um ossinho. Estas «Histórias Contadas» tiveram a virtude de optar por uma forma narrativa mais sugestiva para as crianças. Não é que o simples contar com a narradora «in» não seja aliciante, o problema é que qualquer das narradoras que têm feito as «Histórias Contadas» não nos parecem ter sido capazes de prenderem nitidamente a atenção dos miúdos e, mais, não nos parece que tivessem utilizado até aqui algumas (só algumas) das múltiplas possibilidades técnicas de que podem desfrutar cem o material video para contarem as suas histórias. Esta história do cogumelo fugiu um pouco à regra — de uma forma que consideramos positiva. Há que prosseguir por aí e por outras vias a descobrir. Ainda para as «Histórias Contadas» vai a nossa simpatia — não por qualquer razão em especial, mas simplesmente por que é o único programa feito por cá que, de segunda a sexta, se dirige aos mais novos. O resto é *nada* e o que existe é de facto de uma pobreza franciscana. Lamentável.

Entretanto foi-se o «Conde de Monte Cristo» de Dennis de la Patellière e veio o de Claude Autant-Lara (este para o cinema — estreou ontem, salvo erro). *A priori*, entre os dois, optamos pelo segundo. La Patellière é de facto dos piores, Autant-Lara nem por isso...

Vingado o conde, falta agora aguardar pela vingança da RTP. As verbas investidas pela nossa televisão na série, segundo um acordo de produção entre as várias cadeias de televisão interessadas, não tiveram correspondência de modo nenhum nem na qualidade da série, nem na aprendizagem dos técnicos portugueses aquando da sua produção em Portugal, nem sequer na dignidade com que se fez um simples genérico. Muito cuidadinho, pois, com os próximos acordos.

— Ter pena; serra de Portugal (inv.). 9 — Ferro que atrai; lavrar. 10 — Discurso breve; cruel. 11 — Ex-

11



Rui Cádima

Programação cultural

A 1 de Outubro passado um grupo de trabalhadores da RTP, encarregue de redigir um «caderno de agravos», publica o documento «A Situação na Empresa», no qual expõe um conjunto de aspectos que, quanto a si, eram os mais polémicos e criticáveis no momento.

Um dos temas focados nesse documento teria que ser inevitavelmente o da programação. Evidentemente que passados quase dois meses sobre esse breve estudo as questões então levantadas e as que agora se apresentam não são exactamente as mesmas, como é lógico (apesar da distância a que estão uma e outra não ser tão significativa como seria de desejar). De qualquer modo haviam nele críticas pertinentes que me parece que se mantêm ainda.

Falava-se então num certo «mal-estar» na Direcção de Programas e fazia-se esta referência (que passo a citar) do mapa-tipo que ia entrar — o de Inverno: «As alterações a nível do mapa-tipo são flagrantes na área cultural onde na RTP/1 se passou de 390 minutos — distribuídos semanalmente pela apresentação de programas estrangeiros (60m), programas do Centro de Produção do Porto (30m) e emissões produzidas a partir de Lisboa, quer interna quer externamente (300m) — para cerca de 100 minutos por semana.

«Estas alterações súbitas, expressas através de uma quebra (como nos programas culturais) ou de uma extensão inopinada (como se pretendeu para as emissões infantis) de certas áreas, inviabilizam qualquer possibilidade de planejar a prazo, provocam e encorajam o recurso a programas estrangeiros, isto é, *desnacionalizam* a televisão. Este é o caso relativamente aos programas infantis onde os projectos de produção nacional continuam a ser preteridos, forçando a compra de emissões «enlatadas» (...).»

Outros aspectos sublinhados eram as alterações diárias (à última hora) na programação, a «redução drástica da programação cultural no seu conjunto», o «silenciamento definitivo do Conselho de Programas», a inexistência de produção de peças de teatro portuguesas para televisão, etc. (este aspecto parece estar agora em vias de caminhar para uma saída, se bem que estreita)...

Faziam-se também referências às atribuições em torno da peça «D. João VI», do programa «Come e Cala» (suspenso como é do domínio público aquando da campanha eleitoral para as legislativas) e também ao (não) sucedido aos vários trabalhos previstos para as comemorações do 4.º Centenário da morte de Camões, do concurso «Vide os Ditos» e outros programas.

Porquê então este «tirar do pó» (pouco pó) o documento elaborado há dois meses? Fundamentalmente porque queremos retomar agora uma abordagem mais pormenorizada da problemática que envolve a programação cultural na RTP/1. Dado que as semelhanças entre meses são muitas, optámos por fazer-lhe em primeiro lugar estas citações. O objectivo é ver quanto devagar se arrastam aquelas estruturas... Depois teremos que entrar (e já não o vamos fazer neste texto, terá que ficar para amanhã ou depois) no panorama actual da programação cultural da RTP/1 (a RTP/2 merecer-nosá uma atenção posterior), panorama que é a todos os títulos profundamente sombrio.

Telecrítica 25/11/80

Rui Cádima

«Cultura» só se for de batatas

Continuamos hoje com algumas questões relacionadas com a programação cultural na RTP/1. Ontem, demos aqui alguns dados referidos há cerca de dois meses por trabalhadores da RTP, hoje vamos entrar noutros aspectos da política actualmente seguida pela Direcção de Programas no que diz respeito à programação cultural da RTP/1.

Um dado de partida: a redução drástica de programas culturais nos últimos meses (nem vale a pena ver em que percentagem já que temos quase o máximo índice redutor). Um outro dado: pretende-se fazer crer que o canal «cultural» por excelência é a RTP/2, mas o que é facto é que o «Ao Vivo» não chega para as encomendas (isto aceitando esse pressuposto errado, não falando no evidente «esvaziamento» a que foi submetida a «2», e não pensando sequer nas implicações de o «Ao Vivo» ter como «opositor» o bafionto «TV Show»).

Fiquemo-nos então pelo primeiro canal. À medida que as semanas iam passando — e após Maria Elisa ter assumido o cargo de Directora de Programas — os poucos programas de carácter cultural que existiam no primeiro canal foram sucessivamente desaparecendo sem que para eles fossem criadas alternativas, sem que para isso se esboçasse sequer um gesto, sem que se desse uma satisfação ao contribuinte. O telespectador não quer só — estamos certos disso — séries estrangeiras, variedades e futebol. O público em geral também atribui uma grande importância aos magazins do espectáculo e aos culturais (necessários para todos os níveis culturais, desde a música ligeira e a revista à música erudita, aos criadores de vanguarda, etc. Tem que haver uma televisão para todos e não só para um público de determinado nível cultural).

Programas como «A Ler Vamos», «Manta de Retalhos», «Espectáculo-Teatro» e agora o «Come e Cala» se bem que de diferentes níveis de qualidade, embara podendo ser todos considerados na área «cultural», inclusive a defesa do consumidor (porque não?), foram de facto desaparecendo do mapa-tipo. Para além disso, programas que entretanto já haviam desaparecido — como por exemplo os magazins de cinema e de artes plásticas — não voltaram sequer à companhia dos telespectadores. A produção nacional perdeu também por aqui, sem nenhuma razão para isso.

Grande espectáculo é necessário sim senhor. Futebol tem que haver. Tempo de antena, pelos vistos também. Fado — idem, idem, aspas, aspas. Programas culturais é que parece não serem precisos.

Neste momento o telespectador da «1» pouco ou nada tem sabido do cinema que se vê e faz por aí (as curtas referências de Luís de Pina às quartas-feiras e o cartão «veja cinema português» são o digníssimo exemplo da atenção que o cinema tem merecido aos responsáveis). Griffith e Duras estiveram por aí, agora é a vez de Wiseman, depois de Nick Ray, as produções portuguesas continuam apesar de tudo — algumas — em andamento, foi o Festival de Santarém, o Cinanima de Espinho, são as estreias em Lisboa e Porto. De tudo isto nada se sabe. No teatro muita coisa poderá acontecer que o telespectador nada saberá. Com alguma sorte poderá ver uma breve reportagem no Telejornal... «Artes Plásticas» não existem. Bailado também não. Livros? — idem. Temáticas «alternativas»? — nem pensar nisso...

«Tv Show?»

Promovido a tempo de antena de Vera Lagoa — ou o «spectáculo» a viabilizar o *revanchismo* político. Não há palavras para tamanha vergonha.

Telecrítica

26/11/80

Rui Cádim

O regresso da «Informação/2»

Segunda-feira, 24 de Novembro: volta o bloco informativo, autónomo, à RTP/2. Durante cinco semanas o Telejornal substituiu a Informação/2 que tinha sido entretanto «fechada para obras». Sucedeu isto precisamente a 20 de Outubro, tendo o presidente da C.A. da RTP feito no mesmo dia uma comunicação sobre o facto, na qual anunciou para 20 de Novembro o reatar desse serviço informativo.

Bom, digamos que a data prevista foi cumprida. Anteontem, dia previsto para o recomeço, Proença de Carvalho voltava ao pequeno ecrã para anunciar a «nova» Informação/2. Fê-lo antes do Telejornal, na «1», através de uma gravação que voltou a ir para o ar na «2» antes de se iniciarem as notícias.

Proença de Carvalho veio anunciar o tão aguardado regresso sublinhando desde logo que falsos profetas houve a imputarem maquiavélicas intenções à administração da RTP, pela sua decisão de suspender o bloco informativo do segundo canal. Nada mais falso porém: para Proença de Carvalho era bem claro desde inicio — como afirmou — que não se trataria de marginalizar ninguém, muito menos de suspender jornalistas. Haveria pura e simplesmente uma remodelação e um reforço nos meios operacionais e humanos desse serviço noticioso.

À partida, por assim dizer, tudo me parece conforme. Por outro lado é ainda cedo para ver se de facto a Informação/2 melhorou em relação a esta última fase (já que pelo nosso lado não temos dívidas de que nunca se aproximarão ao nível atingido quando Hernâni Santos era Subdirector de Informação). Quanto ao «saldo» de tempos de emissão nos últimos tempos, francamente positivo em relação aos governos da altura e também ao Partido Socialista, julgamos (caso se confirmem tal e qual esses dados) que se trata na verdade de um favorecimento noticioso de uma zona política em desfavor de outras. Contudo, isso mesmo não quer dizer que a Informação/2, não tenha primado pela isenção e pelo pluralismo democrático. É que os números só por si podem falsear as leituras no aspecto em que parecem apresentar uma verdade quase definitiva. Essas percentagens de 21,8 e 23,6 atribuídas respectivamente aos governos e ao Partido Socialista (enquanto ao PSD e ao CDS eram atribuídas respectivamente 7,5 e 7,7 por cento) poderão também querer significar que mais nessas zonas do que nas outras se verificaram acontecimentos dignos de notícia. Parte do excesso pode ser explicado também por isso. Isto, evidentemente, é válido para quaisquer forças políticas que sobressaiam em actos e realizações às suas correntes. Por outro lado, também, não nos parece (como Proença de Carvalho quis fazer crer) que a Informação/2 tivesse sido um bloco informativo em que predominaram processos de trabalho não legitimados democraticamente pelo acto eleitoral. Muito menos nos parece que tivesse sido uma Informação «partidária» ou claramente «de esquerda». Os populismos e a informação demagógica, «revolucionária», se quiserem, nunca foram apanágio de homens como Letria, Mega Ferreira, Hernâni Santos. São os próprios analistas políticos da Aliança Democrática os primeiros a reconhecê-lo: a Informação/2 era para alguns deles *a sua informação*. Daí acharmos ter sido demasiado numérica (e nessa medida pouco isenta também) e pouco tolerante, a abordagem que Proença de Carvalho fez desse importante trabalho produzido ao longo de muitos meses pela Informação/2 de Fernando Lopes.

lei do rigor, da eficácia, do ser-

Telecrítica

Rui Cádim

Ainda a Informação/2 (e o bom teatro)

Ainda uma abordagem da programação de segunda-feira. Ontem, não foi propriamente o regresso «em si» da Informação/2 que nos ocupou. Mais do que o novo conteúdo, e a sua apresentação formal, interessou-nos fazer alguns comentários à intervenção de Proença de Carvalho.

Isso mesmo impossibilitou-nos de fazer referências quer à Informação/2 propriamente dita quer à autêntica *noite* de teatro programada para a RTP/1. Como sabem as noites de segunda-feira são habitualmente consagradas nos mapas-tipo ao teatro. Na passada segunda-feira tivemos então o programa realizado por Ferrão Katzenstein sobre a vinda a Portugal de Peter Brook e do seu grupo de teatro, e, de seguida, a peça «O Auto dos Enfatriões», de Camões, encenada e realizada por Herlander Peyroteo. Foi com agrado que verificámos tratar-se de um trabalho conseguido, tanto mais que se trata de uma produção interna (e todos nós sabemos como é difícil ver bons trabalhos teatrais feitos por profissionais da casa). A adaptação, inspirada em Plauto, soube aliar o teatro popular à comédia e conseguir de facto uma boa encenação, boas interpretações, e que apesar de assente num texto confuso, prendeu, quanto a nós, o espectador. Um único contra: a morosa e despropositada, apesar de tudo, introdução do realizador.

Um belo momento de televisão foi também o documentário «Peter Brook em Lisboa», realizado muito recentemente, quando de correu, nos claustros do antigo Convento do Beato, a apresentação das duas peças de Brook — «O Osso» e «A Conferência dos Pássaros». Ultimamente tem acontecido que grandes figuras da cultura europeia nos têm visitado sem que, na maior parte dos casos, a RTP (nomeadamente o primeiro canal) se tenha preocupado em realizar programas documentais em torno dessas mesmas personalidades. Temíamos que isso acontecesse em relação a Peter Brook. Estávamos enganados. Felizmente... «A Televisão esteve lá» — como raramente acontece, aliás. Uma segunda-feira «em cheio» de facto, sob o ponto de vista teatral. Passando agora à Informação/2, para dizer que esta estreia — após a «quarentena» — nos desiludiu um pouco. Esperávamos melhor. Vejamos: tal como o Telejornal o bloco noticioso da RTP/2 alinhou à partida material sobre o sismo em Itália. Diferença no texto praticamente não havia, nas imagens também não, muito menos em relação ao entrevistado. Se o convidado de José Eduardo Moniz foi o sismólogo Eng. Duarte Fonseca, o convidado de Amaral Marques o mesmo foi. Uma questão de mudança de assento para dar uma ideia de competitividade e autonomia... Assim, não. Não também para a reportagem sobre a Guiné-Bissau (que nos pareceu pouco «em cima» do acontecimento) uma vez que não nos deu a informação possível. A questão do transporte do material por via aérea nem sempre pode justificar deficiências nos trabalhos jornalísticos. E quando assim acontece não há nada melhor que reduzir ao mínimo o tempo de reportagem (que, neste caso, foi obviamente demasiado longo). Um bom trabalho, apesar de muito longo, também, foi-nos dado por Helena Pinto, sobre os percalços gravíssimos que têm sucedido com o início das aulas e com a colocação dos professores (a propósito: não temos visto o Telejornal interessar-se — tal como é sua obrigação — por estes problemas. Em conclusão: três blocos de notícias açambarcaram quase todo o tempo da Informação/2. O que está mal.

Telecrítica 28/11/80

Rui Cádima

Raridades e «antiguidades»

Poesia, pintura, literatura, são já quase três «monstrosinhos» que nos surgem nos ecrãs (quando surgem) como raras espécies culturais em vias de extinção (televisiva). Isto é o que se supõe ser a realidade. Ela própria não andará de momento, e apesar de tudo, muito longe da previsão. Os próximos tempos e, nomeadamente, o mapa-tipo que entra a partir de Janeiro esclarecer-nos-á em relação a este aspecto.

Poesia, pintura e literatura portuguesas estiveram presentes, vivas, no programa de Ivette Centeno — «Autores Portugueses» — que passou na quarta-feira antes do Telejornal. Escusado será dizer que este espaço tem sido dos raros a permitir acompanhar a publicação de edições portuguesas — infelizmente dedicado em exclusivo às obras da Imprensa Nacional/Casa da Moeda — editora estatal co-produtora da série de programas.

É evidente que de um quase absurdo se trata: a RTP em vez de ter um programa semanal ou quinzenal de divulgação, com carácter informativo, sobre a produção nacional, dá-se ao luxo de prescindir desse programa de âmbito mais lato, para ser veículo transmissor (e publicitário também) de uma editora estatal. (A segunda era aceitável se a primeira fosse uma realidade). De contrário, quem venha de fora dirá que isso é o que se passa nas repúblicas de bananas... Evidentemente que a intenção do programa de Ivette Centeno é sem qualquer sombra de dúvida extremamente meritória e honesta — isto apesar da forma por vezes deficiente do seu discurso televisivo, não utilizando com a irreverência desejada as potencialidades da montagem, por exemplo; os programas tornam-se monótonos também por isso — por serem programas de estúdio, de texto, que ainda por cima abordam temáticas difíceis para o nível cultural médio do telespectador português. De qualquer modo a última edição do programa foi francamente mais aliciante. Bastou para isso que a câmara saísse do estúdio à procura de autores e obras.

Neste último programa entrámos em contacto com a obra «Imagens para Luiz de Camões», considerada no próprio programa como uma das publicações mais importantes editadas a propósito do IV Centenário da morte do poeta. Vasco Graça Moura foi o seu grande impulsionador e nela participam alguns dos mais importantes poetas e pintores contemporâneos portugueses, com criações originais.

No programa, alguns desses pintores falarão sobre a sua participação nesta obra colectiva. Fernando de Azevedo, Noronha da Costa e Mário Botas foram os pintores convidados para esta emissão, sendo a próxima (a ir para o ar de quarta-feira passada a quinze dias) um prolongamento desta, com outros depoimentos. «Autores Portugueses»: um quase oásis neste deserto cultural nacional-televisivo.

Novos dados surgem entretanto no que diz respeito à «nova» Informação/2. Refiro-me aos comunicados do Partido Socialista e do Sindicato dos Trabalhadores de Telecomunicações, à tomada de posição dos jornalistas da RTP/2 — insurgindo-se todos eles contra as declarações de Proença de Carvalho — e ainda as declarações de Mega Ferreira. Tudo isto é já público (não o foi, contudo, através dos blocos informativos da RTP). Todas essas reacções (e as que ainda hão-de vir) remetem para a «actualidade» da «Informação/2». Tanto mais que os trabalhos agora alinhados mais se parecem com desenvolvimentos para suplementos especiais — veja-se o caso de quarta-feira com o material dedicado ao julgamento do Bando dos Quatro (primeira notícia), à oposição conservadora/trabalhista em Inglaterra e a Michael Foot (segunda notícia) e ao comício de Otelo no Porto (terceira notícia). Restou-nos «The Criminal» de Losey. Foi bom, sem dúvida. Foi quase uma exceção à regra...

Telecrítica 29/11/80

Rui Cádima

Bibam os «trabalhadores» (para o pessoal do rock)

Quem se sentasse, na quinta-feira, em frente ao televisor para ver um óptimo espetáculo rock no seu espaço «privativo» da RTP/2 não sairia defraudado com os dois miniconcertos a que pôde assistir. O primeiro grupo a aparecer — os Kraftwerk — deram-nos um *eco-rock* lubrificado, também conhecido por *rock alemão* (designação que tem servido a propósito e a despropósito para classificar todo o som metálico e computadorizado que nos vem da RFA). Interpretaram de uma forma muito *sui generis* — auxiliados por uma espécie de dramaturgia robotizada — canções que titulavam, por exemplo, de «Eu Sou um Robot», movimentando-se em palco como se de isso mesmo se tratasse, através dumá mímica gestual extremamente bem elaborada e integrada nas imagens deixadas pelo texto. A base deste grupo é Dusseldorf — cidade localizada numa das zonas mais industrializadas da Alemanha Federal, sendo a sua música uma autêntica reprodução sonora do ramerrão a que as populações dessas zonas fabris estão diariamente sujeitas.

Ainda em «Espaço Rock», antes da «Informação/2» (para quando de facto, o aparecimento de uma «Informação/2» na tradição daquele bloco informativo que prestigiou interna e internacionalmente o segundo canal da administração de Soares Louro?) — é que as referências críticas que fizemos aqui nos últimos dias parecem manter-se nos trabalhos mais recentes a que assistimos), mas, como dizíamos, vieram depois os «Moon Martin» — nome do *leader* do grupo. Tratou-se da apresentação de uma formação que, apesar de recente, é já conhecida de grande parte do público jovem, com algumas canções que estiveram bem colocadas nos *tops* da especialidade, temas aliás interpretados neste concerto pelo grupo. Moon Martin surgiu há cerca de três anos com o seu primeiro LP intitulado «Shots From a Cold Nightmare», no qual interpretava temas *sad*, de histórias frustradas.

Sem dúvida que um dos seus temas mais conhecidos, inclusive na rádio portuguesa, é o já famoso «Bad Case of Loving You» — tema também interpretado no programa pelos seus criadores.

A surpresa da noite (e que surprest!) foi contudo para (imaginem!) o *rock* nacional! Vocês nem queriam acreditar, jurem! Foi tanto mais surpresa quanto nos surgiu «embrulhada» no programa «TV Cor» — esse mesmo — o do concurso de que muito pouca gente quis saber, tal era a sua concepção (a sua popularidade). Mas vamos lá à surpresa: foram os «Trabalhadores do Comércio» quem esteve presente. Para o grande público este nome pouco quererá dizer, mas para esse público mais jovem, para o pessoal do *rock*, os «Trabalhadores do Comércio» são um grupo do Porto que já esteve — salvo erro — no *top* do programa de rádio *Rock em Stock*. Não é um grupo qualquer, de facto. Vocês todos viram: o vocalista «cabia» perfeitamente no palco, apesar de toda a grandiosidade do *show*, da sua loucura e dos seus oito anos de idade, ao que parece. Ele é muito possivelmente o último dos vocalistas *rock* (por ser o mais novo) e isso já merecia levar os «trabalhadores» ao Livro dos Recordes. Mas não só por isso. O seu som também é digno de realce. Eles são os primeiros a interpretar em «dialecto» portuense, espécie de *cockney* ribeirinho. Vejam só os títulos das duas canções que interpretaram: «A Cançon qu'iu Abb Minsinou»; «A Chabala do Meu Coraçon»... Eles, os «trabalhadores», os «meus de grabinha e brinco», têm uma filosofia: até às 10 não fazem nada e depois das 10 coisa nenhuma — assim disse o vocalista. Mas vá lá a gente acreditar... Música daquela nem com «mangas de alpaca». Vivam os «trabalhadores»!

Telecrítica 1/12/80

Rui Cádima

As presidenciais

Inicialmente foram as reportagens do Telejornal (e os seus suplementos) em torno das candidaturas e da apresentação dos programas dos vários concorrentes que motivaram bastantes críticas à Direcção de Informação e à Administração da RTP. Como já temos visto aqui não se tratavam de críticas sem fundamento. Posteriormente — e numa rápida abordagem — grande parte das críticas vieram a incidir sobre o próprio tempo de antena (equidade e meios materiais), embora aqui não houvessem já tantas razões para elas, e, também, sobre as formas mais subtils de manipulação que entre tanto vieram a ser exploradas pela Direcção de Informação.

De facto, uma coisa é o tempo de antena concedido por Lei, outra é o tempo de reportagem concedido nos blocos noticiosos aos vários candidatos, sessões de propaganda, viagens, comícios, etc. Quer numa quer na outra se tem verificado inúmeros factos que favorecem mais uns do que outros...

Entretanto outras questões não menos significativas, talvez marginais, mas que querem dizer muito, têm vindo a público, nomeadamente na Imprensa hebdomadária. Veremos exemplos. É do conhecimento geral que o tratamento inicialmente dado às diversas candidaturas foi francamente favorável aos dois candidatos com mais apoios públicos expressos, sendo também evidente que a candidatura de Soares Carneiro desfrutou nessa altura (e tem desfrutado, apesar de se dizer que o tratamento nas reportagens tem sido ou será o mesmo para todos os candidatos) de uma maior deferência, de maiores apoios, quer em tempo de emissão, quer na própria forma de elaboração das notícias (texto publicitário), ajuda de uma militante «PSD» da casa, lustro e «marketing» bem puxados, etc., etc.). Outra certeza é que entre as duas principais candidaturas e as outras se tem verificado um fosso visível — embora alguns aspectos estejam a ser corrigidos, não sem que, por outro lado, haja um declarado aproveitamento favorável a Soares Carneiro na forma e no alinhamento das notícias (candidaturas esquerdistas «em cima» de Ramalho Eanes ou a identificação comunistas/Eanes, por exemplo).

Esta opinião, não somos só nós a tê-la. Têm-na todos os candidatos (à exceção, claro, de Soares Carneiro, o único candidato satisfeito, pelos vistos, com a cobertura televisiva da sua campanha). Têm-na também personalidades de todos os quadrantes políticos e, enfim, o público em geral, e qualquer cidadão que não seja tendencioso. É de referir que inclusive articulistas da direita, — é o caso de Manuel de Portugal — reconheciam também «candidatos de luxo», «candidatos de lixo» e discriminação nos trabalhos da informação na RTP.

O facto da direita não ter consciência limpa no que se refere à manipulação que se tem feito nesse campo na RTP, e também no que se refere à autêntica promoção em termos de «imagem de marca» de Soares Carneiro, leva-a a tentar a todo o custo inventar razões para destruir o trabalho de promoção do principal adversário do seu candidato. É por isso que o «Tempo» noticiava demagogica e estupidamente na sua primeira página (última edição) «Escândalo na campanha de Eanes na TV». Ora já é sabido que o processo que tanta confusão causou na redacção do jornal de Nuno Rocha, era, nem mais nem menos, o «Transflex» — utilizado já na realização de «Conversa Acabada», primeira longa-metragem de um jovem cineasta — João Botelho. Não é por aí portanto que o gato vai às fivelas... (Nem por aí, nem por lado nenhum, certamente)

Telecrítica 2/12/80

Rui Cádima

Futebol, notícias e ficção científica

Ora bem. Vamos por partes: Vocês estão todos lembrados, com certeza, da noite de sábado. Uns, porque são amantes do desporto-rei, outros porque não o são. Uns, porque acompanharam com grande curiosidade o desenrolar do «derby» nacional, directo do Estádio de Alvalade, outros porque, adversos a transmissões desportivas, foram obrigados a mudar de canal, sem que — estamos certos disso — vissem na RTP/2 uma programação verdadeiramente alternativa ao Sporting-Benfica que decorria entre as 21 e as 23 horas de sábado.

Jornais houve a apostar que cerca de três milhões de telespectadores seguiriam avidamente a transmissão do encontro. Isso quereria dizer que a quase totalidade do auditório de sábado à noite estaria perante os *écrans*. Nada mais falso. É sabido — são as estatísticas que no-lo dizem — que só cerca de 50/60 por cento de um auditório, em média, tem nítida propensão para seguir as emissões desportivas. A percentagem restante subdivide-se, como é óbvio, por gostos e interesses variadíssimos.

Nós fariam os contas assim: se cerca de um milhão de telespectadores seguiu o Sporting-Benfica, o outro milhão ou não ligou o televisor ou sintonizou a RTP/2... Bom, vejamos agora o que interessa. No caso do telespectador ter ligado para a dois, qual seria a alternativa que a direcção de programas tinha encontrado para si? A resposta é simples: ficção científica (e, juntamos nós: «Informação»).

De facto a RTP/2 tem agora aos sábados uma programação que mais parece ser exclusivamente dedicada aos amantes da ficção científica. A emissão abre com «Blakes's Seven» (uma produção da BBC que nos leva aos marginais e presidiários do futuro) e «fecha» com o «Admirável Mundo Novo» — adaptação televisiva da «antecipação» homónima do grande escritor norte-americano Aldous Huxley (adaptação que, aliás, não nos parece estar de modo nenhum «à altura» da narrativa literária).

Se verificarmos agora que a RTP/1 antes do Telejornal (e do Futebol) passou a série «A Caminho das Estrelas» (também ela de ficção científica), chegaremos rapidamente à conclusão de que a grande alternativa criada ao telespectador que não simpatiza com o futebol foi, assim, sem se pensar mais nisso: *notícias e ficção científica*. Três séries (três!) de ficção científica estão a passar aos sábados na «1» e na «2» a partir das 19 horas. Nos intervalos o que é que fica? — Evidentemente — publicidade e «Informação»...

Para descargo de consciência, o Telecinema accionaria mais tarde a entrada do Nicolau Breyner e do seu «xô». Ai sim, poder-se-ia dizer que o telespectador «médio» (na concepção da casa) ficaria reconciliado com a bacoca programação depois de o «entalarem» durante quase três horas entre o futebol, noticiários e ficção científica. Há que ter muito cuidado com este tipo de escolhas... É que, em última instância, ela poderá dar origem a uma qualquer síndrome colectiva (perante programação tão «claustrofóbica» nunca se sabe o que poderá acontecer). A repetir-se várias vezes a dose verificare-se-iam, por certo, diversos casos de estranhas ansiedades no auditório... E a direcção de programas sabe (e o leitor também) como é que essas coisas se começam a fazer sentir: são os telefonemas, as acusações anónimas, e outras formas de protesto paranóico que no sábado passado devem ter «chovido em barda», como sói dizer-se.

Telecrítica 3/12/80

Rui Cádima

Um convite para «Malu Mulher»

Em primeiro lugar uma constatação (da qual não vamos tirar, de imediato, nenhum significado): a nova série proveniente da TV Globo, «Malu Mulher», que começou a ir para o ar na passada segunda-feira na RTP/2, não teve o lançamento e a promoção que deveria ter, pelo menos a um nível correspondente ao do seu valor real.

Atentemos no seguinte: A «TV Guia» que, como sabem, é uma espécie de revista oficiosa da casa, publicava neste último número, no seu interior e a preto e branco, alguns dados relativos à nova série, sem, contudo, informar de que é que se tratava efectivamente: se de uma telenovela, se de uma mini-telenovela, se de uma pequena série ou do que quer que seja. Por seu lado, o «Sete», habitualmente bem informado em relação a este tipo de estreias «made in Brasil», dava destaque na sua primeira página à nova telenovela que virá a seguir à «Xepa»: a «Água Viva»...

«Malu Mulher» fica assim a ser, até sermos esclarecidos, uma espécie de incógnita... Glória de Matos, na apresentação que fez, falou em dezenas de episódios já completos. Será que essas dezenas vão passar ao longo de meses e meses na RTP/2 — todas as segundas-feiras? E, se assim for, será essa a melhor forma de programar uma série que à partida nos merece a melhor atenção? — isto tendo em consideração as referências que nos chegam do Brasil, da crítica, principalmente.

Há quem pense que o facto de se tratar de uma série em que os problemas sociais em geral e os problemas da mulher em particular são tratados de forma extremamente aberta, seria razão mais do que suficiente para a afastar do primeiro canal, relegando-a para o final da emissão das segundas-feiras na «2» (não seria então só o facto de «Malu Mulher» sobrecarregar a «1» de produções brasileiras que teria levado a desviá-la para o segundo canal)...

Veremos com o tempo da razoabilidade deste argumento.

O primeiro episódio desta série realizada por Daniel Filho veio confirmar as suspeitas: trata-se, de facto, de uma série de qualidade. Para isso contribuem, entre outras coisas, a excelente Regina Duarte (Malu — uma mulher que ao fim de 13 anos de casada se vê obrigada à separação, tendo que ficar com a filha de doze anos), o argumento e a forma como é tratada toda essa problemática social normalmente arredada das ficções televisivas e da novela, e ainda a realização de Daniel Filho que não se limitou ao habitual jogo da *régie* de que todos nos furtámos em quase todas as telenovelas, uma vez que utiliza diversos planos intercalados, com as câmaras «fora de campo», para assim conseguir uma narrativa televisiva mais fluente e com outro sentido estético, que não aquele que resulta de uma direcção «mecânica» da *régie* com duas ou três câmaras à sua disposição.

Para além destes aspectos, que dão uma grande «força» à série, há um outro que actualmente tem vindo a arrastar multidões em torno de si: é o problema, tema da separação conjugal e da educação do filho do casal. Todos estamos lembrados do recente grande êxito mundial que foi «Kramer versus Kramer» (o filme mais premiado pela Academia em 1979). Foi o tema abordado, mas que Hoffman ou Robert Benton, o que levou ao êxito o projecto. Em «Malu Mulher» por certo que também se irá passar um pouco isso. Para já aqui fica o convite para na próxima segunda-feira todos estarmos em sintonia com a «2» e com esta mulher (e o marido também, representado por Denis de Carvalho), ambos em busca do «Começar de Novo» que Simone tão bem canta sobre o générico final.

Telecrítica 4/12/80

Rui Cádima

Filmar a paz e a peste...

Um pouco sob o signo das «Entrevistas com...» decorreu a emissão da passada terça-feira. Claro que as entrevistas só poderiam ser com alguns dos candidatos às presidenciais. Quatro deles estiveram assim presentes, anteontem, nos dois canais. Já perceberam com certeza que nós não vimos nenhuma delas de princípio ao fim. Muito mais divertido (uma vez que o «fio da meada» pouco interessa a esta coluna) foi trocar as voltas e o botão aos vários discursos que nos estavam a ser propostos. Foi assim que começámos por ver na RTP/1 Pires Veloso ser entrevistado por dois jornalistas nortenhos — o director do «Primeiro de Janeiro» e o subdirector do «Jornal de Notícias» — depois demos um salto à «2» para vermos um bom bocado da conversa com Soares Carneiro (o «Estado-Maior» da Informação/2 presente para o questionário: Pinto Coelho, Amaral Pais e Miguel de Sousa Tavares), voltámos então à «1» — vimos de relance Aires Rodrigues — e para finalizar, de novo com a RTP/2, vimos Otelo ser entrevistado pelos mesmos jornalistas. Se me perguntassem o que é que dessa «dança» me tinha ficado eu diria que uma péssima impressão geral: três militares cheios de ansiedades e frustrações, e um civil cansativo e teimoso, para ali estiveram a mostrar quão pobres ainda estamos em matéria de vivência democrática. Somos muito virgens nesta coisa de propor candidatos a eleições presidenciais... A prova está à vista: meia dúzia de actos e feitos, glórios e inglórios, levam às presidenciais meia dúzia de candidatos, todos eles a reivindicarem a pureza não se sabe bem de quê, todos eles a vestirem uma farda mais democrática, aparentemente, que o outro. O estendal aí está — a História que o julgue.

Entretanto a História julga Hiroshima. Alain Resnais esteve presente, pela mão do «Cineclube» da RTP/2, com o seu maravilhoso «Hiroshima, Meu Amor», baseado num texto de Marguerite Duras. Uma francesa de Nevers guia-nos pelo museu do ferro queimado, das cápsulas de balas, em Hiroshima. Com Emanuelle Riva somos conduzidos à Praça da Paz, onde os turistas choram aquela «temperatura do sol»... «Tu n'a rien vu à Hiroshima», tu és — diz-se nos diálogos — uma mulher de moral duvidosa... duvidas da moral dos outros... Tu não viste nada.

Filmar Hiroshima só poderia querer dizer filmar a Paz. Filmar o amor. Alain Resnais soube fazê-lo de uma forma admirável referida por António Pedro de Vasconcelos como tendo ocasionado essa viragem decisiva nos primórdios da *nouvelle vague*: o cinema a partir dessa altura não era só uma fábrica de sonhos e realidades. Era mais alguma coisa para além disso... Era Hiroshima e tudo o que lhe tinha dado origem e tudo o que originaria.

Quanto ao resto da programação... Digo-vos sinceramente que é penoso falar, depois de estar a rever aquelas imagens, a poesia, a reconstituição das parcelas dilaceradas, a memória... É que o resto é «Informação»... Nós já estamos vacinados contra a peste. Mas quando ela vem não nos deixa de tocar. A nós e aos outros. A todos vocês. Ela paira sobre as nossas cabeças, sai a preto e branco e a cores do pequeno ecrã. Senta-se ao nosso lado. Depois é correr com ela.

Uma palavra para «Espaço Visual»: nota positiva na programação das 18.30. Aconselho-vos a experimentar ligar numa próxima oportunidade (e não só os miúdos — isso, também é para os graúdos).

Telecrítica

6/12/80

Rui Cádima

Na morte
de Francisco Sá Carneiro

Íamos a caminho das dez horas da noite quando Raul Durão deu a terrível notícia. Portugal tinha acabado de perder o seu primeiro-ministro. Nessa altura, era esta a única certeza, o único facto confirmado. Sentimos, como adversários políticos que somos, quanto magoa receber a notícia de tão trágico acidente. Sá Carneiro foi de facto um grande dirigente político deste País, uma personalidade difícil de substituir, quer no posto que ocupava no seu partido, quer também nas hostes da AD. Falar do futuro não vale a pena. Não é essa, aliás, a nossa missão.

Enquanto aguardávamos pela chegada do Presidente da República aos estúdios víamos o concerto escolhido para preencher o vazio criado na programação pelo sucedido: a «Paixão Segundo São Mateus», de Johann Sebastian Bach, com direcção de Karl Richter. O concerto começou a ir para o ar simultaneamente nos dois canais, logo após a intervenção de Raul Durão — que surgiu cerca de uma hora e meia depois de ter ocorrido o acidente.

Que me desculpem de algumas considerações que aqui vou fazer em torno do trabalho apresentado na RTP mas julgo que, também em situações de programação e informação de «última hora» como esta (que poderão ser necessárias por diversos motivos e não só em casos de trágicos acidentes pessoais ou colectivos) há que estar, tal como a nossa função obriga, «em cima» do que se passa nos pequenos receptores. De imediato julgo que a notícia do acidente chegou demasiado tarde junto do público. Isso só se poderá explicar por uma certa morosidade, por determinadas barreiras burocráticas e inclusive falta de meios materiais e profissionais, que não costumam ser alheios aos serviços de Informação instalados no Lumiar. E dizê-mo-lo, fundamentalmente porque o lugar onde se verificou o sinistro era relativamente perto dos estúdios — o que teria com certeza permitido apresentar desde logo uma reportagem em directo, ou mesmo em gravação «vídeo». Tal veio a verificar-se, mas já muito tarde, quando eram cerca de 22.40 h., no primeiro bloco de notícias exclusivamente dedicadas ao falecimento dos ocupantes da pequena avioneta que se despenhou logo à saída do aeroporto de Lisboa. Em termos de reportagem «in» foi já muito tarde.

A emissão prosseguia entretanto — ainda em simultâneo nos dois canais e mais tarde também com os Açores. Outros pequenos blocos de notícias foram para o ar; principalmente, aquilo que nos admirou, foi o facto de não nos termos apercebido de que tivesse havido um esforço extra por parte da Informação televisiva, digamos — não houve um empenhamento profundo em sair com equipas de reportagem dos estúdios, as que fossem possíveis improvisar, e no mais curto espaço de tempo pôr trabalhos em directo «no ar», ou mesmo gravações feitas com material de «video-tape». Estamos absolutamente convencidos de que hipóteses não faltaram — isto é, não foi com certeza por não ter havido material para reportagem que elas não foram logo realizadas. O que sucede é que em qualquer altura há um grave acidente nacional, em Lisboa ou noutro lado qualquer, e primeiro que chegue a equipa de reportagem da RTP ter-se-á tempo de ouvir tudo através da Rádio, os amigos telefonar-nos-ão para uma breve conversa, os jornais terão já as suas «manchetes», os discursos oficiais já estarão feitos, o luto já estará a ser cumprido, e, só depois, tal como o comboio que pára em todas, chegará o estafado repórter com o *cameraman* nervoso para nos dar duas ou três parcas imagens de um acontecimento que está a ser intensamente vivido por três milhões de telespectadores.

Telecrítica

8/12/80

Rui Cádima

Reportagem sob o signo
da emoção e da militância

Só amanhã falaremos da programação especial — por certo enlutada — referente ao decorrer das eleições presidenciais. Momento solene, obviamente, este que agora se faz sentir na programação da RTP. Como é do domínio público, tudo foi adiado e suspenso, inclusive os tempos de antena dos candidatos à Presidência da República, após ter sido noticiado o trágico acidente em que faleceu o primeiro-ministro português.

O grande bloco da programação de sábado — que decorreu durante parte da manhã e toda a tarde — foi dedicado ao cortejo fúnebre que levaria o corpo de Francisco Sá Carneiro à sua última morada, ao cemitério do Alto de São João. Antes, as câmaras já tinham estado nos Jerónimos onde foram prestadas as solenes exéquias ao primeiro-ministro falecido, e também ao ministro da Defesa e sua mulher.

A reportagem da RTP pareceu-nos ter sido minimamente organizada em torno destes funerais. Apesar de terem sido anunciados como «privados» rapidamente adquiriram uma importância e uma participação verdadeiramente nacionais, vendo-se, nas reportagens transmitidas em directo pela RTP, que personalidades dos mais variados sectores da vida política nacional estiveram presentes nos Jerónimos a fim de também eles, os adversários políticos, deixarem bem expressa a sua derradeira homenagem.

A reportagem em si assumiu o aspecto de uma verdadeira reportagem em torno de um funeral nacional. Só assim se poderá compreender todo o conjunto de meios técnicos e humanos postos ao serviço da cobertura de todo o percurso por onde iria passar o cortejo e o prístino.

Nos Jerónimos estiveram presentes várias câmaras, sendo a reportagem assegurada por Raul Durão, depois, no Marquês de Pombal, haviam também várias câmaras (uma numa grua, outra móvel e duas câmaras fixas, se bem nos lembramos) aqui era Pedro Mariano quem assegurava os comentários (os quais não pareceram cultivar demasiado a personalidade dos falecidos — atentemos a que o trabalho dos comentaristas nunca deve deixar a menor imagem de que se trata de uma opinião parcial, isto é, politicamente enfeudada. Inclusive nos momentos mais solenes como este o foi — e é também nesses onde se vêem claramente quem são os bons profissionais — quem está com a responsabilidade de fazer a reportagem comentada às imagens que o telespectador vai vendo deve fazê-lo, claro, em termos elogiosos, mas nunca por nunca ser em termos militantes — que foi o que aconteceu por diversas vezes na tarde de sábado).

Nesse aspecto pareceu-nos que o trabalho mais conseguido foi de facto aquele que nos foi dado por Raul Durão, estando os outros a um nível nitidamente inferior, tendo sido, aliás, notado o pouco à vontade, com que Hélder de Sousa esteve na cobertura da parte final do percurso, no Alto de S. João.

A meio do caminho esteve também Lopes Araújo (exactamente no cruzamento da Av. da República com a Duque d'Ávila (junto ao Saldanha). Ai tivemos uma câmara só (fixa). Foram-nos dadas ainda imagens de helicóptero, imagens gravadas, e que em determinada altura atingiram um nível de tal maneira amador que nos assustou. Parecia que o operador nunca tinha filmado de helicóptero e que, portanto, não sabia que a baixa altura não se deve filmar de cima para baixo. A realização de Luís Andrade teve hiatos que lhe foram fatais (faltou o helicóptero em directo). Para além disso também nos pareceu ter pautado um pouco pela emotividade — o que num profissional como ele é inadmissível.

Telecrítica

10/12/80
Rui Cádima

O elogio do joelho

Terminadas as Presidenciais/80, logo na primeira volta, em favor de Ramalho Eanes, é agora a altura para meditar nas palavras do candidato vencedor quando, por volta das quatro da manhã, em conferência de Imprensa na Gulbenkian, se referiu, a uma pergunta de um jornalista, à descarada manipulação que foi norma de pré-campanha e da própria campanha, nos blocos informativos da RTP (e na Rádio também). Ramalho Eanes afirmava que as suas preocupações no sector da Comunicação Social são muitas, por motivos óbvios, as quais o próprio candidato foi verificando (e não só como candidato — Ramalho Eanes ao longo do seu mandato teve oportunidade de, por diversas vezes, se manifestar contra determinadas práticas pouco democráticas que se vinham a registar nos órgãos de comunicação estatizados) que o próprio candidato foi verificando, dizia, ao longo destes últimos meses, pois ele foi, sem dúvida alguma — aqui fizemos diversas referências a essa mesma discriminação — objecto de gravíssimas irregularidades a nível da ética jornalística, como bem afirmou.

Na RTP/1 a reportagem que nos foi dada ao longo da noite até cerca das quatro e trinta da madrugada evidenciou-se, em relação aos anteriores trabalhos em noite de eleições, pela necessidade de planificar a emissão respeitando o luto nacional que se vive desde sexta-feira — dia do falecimento do primeiro-ministro — isto em primeiro lugar. Na sequência dessa obrigatoriedade moral, uma série de programas já escalonados para as «Presidenciais 80», para o primeiro canal, tiveram pura e simplesmente de ser suspensos. Referimo-nos, logicamente, a programas de variedades e humorísticos, uma vez que quase tudo o resto seriam entrevistas a ser feitas nos diversos locais para onde a Direção de Informação e a equipa responsável pela emissão deslocaram meios técnicos e humanos suficientes (?) para esse mesmo efeito.

Quando já perto do final José Eduardo Moniz dirigia largos elogios à realização de Luís Andrade, não chegámos a perceber se o estava a fazer a sério, se a brincar. Uma coisa é reconhecer a arte do desenrasca da «prata da casa», ou seja, reconhecer que o trabalho de improvisação geral teve aspectos meritórios, sendo tudo o mais francamente surrealista — tal como as imagens e os sons (quando se faziam ver e ouvir) e deixavam entender — outra coisa é lançar para o ar umas larachas amigáveis, espécie de «buchas» a remendar situações desastradamente perdidas. Como não acreditamos que a segunda seja plausível resta-nos a primeira para esmiuçar. O que se passa é o seguinte: raramente os «pivots» e as equipas responsáveis de programações especiais, tal como esta sobre a qual agora escrevemos, assumem claramente o trabalho desenvolvido como uma realização colectiva, uma unidade de esforços, que deve ser tudo menos uma improvisação, ou, se quiserem, tudo menos uma espécie de primeiro ensaio geral. Nesse aspecto asseguro-vos que o balanço final era favorável. Mas como se não tratou de um primeiro ensaio o elogio de Eduardo Moniz só nos poderia ter parecido descabido, perfeitamente brincalhão perante factos constatados pelo comum dos telespectadores, que chegaram inclusive a atingir as raias do ridículo. Só um exemplo: a entrada do grupo de instrumentistas que iniciou a «pausa musical» com temas do século XIV tinha em fundo os zunzuns da redacção, os telefones a tocar distantes, o teclado azert e outros bichanares...

Evidentemente que a desculpa (e a homenagem) à deslocação de meios devida ao funeral de sábado é perfeitamente compreensível. Mas não será já tempo de deixar de planificar em cima do joelho?

Telecrítica

11/12/80

Rui Cádima

Regresso à normalidade?

Passados os cinco dias de luto nacional a programação da RTP voltou à normalidade. Foram cinco dias que não decorreram totalmente de forma isenta, como seria de desejar, perante a solenidade, o recolhimento e o respeito que deveriam ter presidido, obviamente, ao pesar resultante de ocorrência tão trágica. Na realidade, tal como aqui já referimos, foram cinco dias em que a emotividade e a militância se deixaram apanhar pela mais ingénua e pela mais maldosa das intenções.

Voltámos à normalidade — é uma maneira de dizer... De facto, a noite de segunda-feira foi ainda «especial» na RTP/1. Um Telejornal tamanho-gigante foi progredindo ao longo da noite, fazendo um *flash-back* ao dia anterior, levando ao estúdio alguns políticos para comentarem os resultados eleitorais. Mas deixemos a «1» porque pouco lhe ligámos. Estivemos quase sempre com a RTP/2. Seguimos bem de perto o seu bloco informativo e queríamos desde já deixar aqui expressa a impressão com que ficámos: se compararmos o trabalho que nos foi dado na «2», na noite de segunda-feira, com o trabalho que vimos no primeiro canal na noite das eleições (trabalho esse sob o título genérico de «Presidenciais 80» — e não só com esse — também com o que é habitual em cada Telejornal) somos levados a concluir muito rapidamente que na «2» se está já a produzir uma informação de maior qualidade, de tal modo que a distância entre a «Informação/2» e o Telejornal é já absolutamente clara. Não é ainda o bom por oposição ao mau (evidente no Telejornal) mas, julgamo-lo, para lá se pode caminhar.

Terça-feira, entretanto, as coisas iam voltando à normalidade. Digo *iam* porque se verificaram na RTP/1 duas alterações sucessivas na programação da noite. Jornais houve que noticiaram «Rubens» para depois das viagens de Darwin, havendo outros que noticiavam um musical de origem italiana... Acabou por ir para o ar um programa sobre Jacques Brel, programa aliás excelente, mas exibido ainda há muito pouco tempo na RTP. Não querendo ser mal intencionados, julgamos necessário observar aqui que, nos tempos mais recentes, a RTP teve um período de grandes alterações e confusões na programação... Esperámos agora tão só, que os ditos e desditos não voltem a ser norma na casa, com a frequência que já o foram.

Do Telejornal para a Informação/2, anteontem, ainda é mais uma vez a diferença. A diferença, diria mesmo, a «ousadia» de iniciar com um pequeno bloco de imagens sobre John Lennon onde não faltaram, claro, os velhos Beatles, agora definitivamente afastados de uma eventual reunião. No final viriam mais imagens dos quatro de Liverpool e João de Meneses Ferreira, um especialista da *pop music*, estaria no estúdio para falar desse grande autor dos anos 60 que foi John Lennon. Mais uma vez, portanto, a diferença e a preocupação de respeitar o público e o próprio material que é notícia.

Da restante programação há a referir que no bloco antes do jantar, isto é, antes do Telejornal, houve dois programas de qualidade muito igual, de nível superior ao que é habitual nesse período, que foram «Tempo dos mais novos», com o «Espaço Visual» dedicado à pintura de Eduardo Nery e aos seus espaços abstrato-significativos, à interacção e à decomposição das dimensões, e também o programa de Noronha Feio — «Os Jogos e os Homens» — uma série feita por quem sabe que filmar e montar não é propriamente assinar o ponto ou tudo o mais que dai resulta.

Telecrítica

Rui Cádimar

(2/12) 80

Antes do jantar

A programação de antes da hora de jantar está agora a ser reforçada com novos programas, sendo alguns deles de qualidade nitidamente superior à média, como ontem aqui mesmo constatámos.

Entre esses novos programas estão «Mulher a Mulher», com realização de Linda Bringel e texto de Maria Isabel Barreiro, «Espaço Visual», uma co-produção entre a RTP e a Cinequipa — pequena série que tem passado integrada no «Tempo dos Mais Novos» (sem que para isso se vejam fortes razões) e, anunciado recentemente, também neste espaço dedicado aos mais novos, as «Brincadeiras». Esse período entre o «Sumário» e o «Pais, País» é agora diariamente preenchido com uma programação que parece pretender contemplar, embora ainda de forma incipiente, algo pelo qual temos vindo aqui a pugnar por diversíssimas vezes. Trata-se de conceder aos mais novos um conjunto de programas que de alguma maneira se identifiquem com o seu desejo — sempre tão distante dessa triste realidade que tem sido indubitablemente a programação infantil da RTP. A criança tem sido esquecida, não há dúvida nenhuma sobre isso. Se se trata de um problema de custos dispendiosos de produção ou não, isso é um problema que nos parece não se dever pôr, pela simples razão de que se têm gasto verbas extraordinárias com reportagens como os «Jogos sem Fronteiras» e mesmo com o próprio futebol, sem se respeitar em primeiro lugar o público infantil.

Voltando atrás, olhando para os novos programas, somos levados a constatar que eles têm de facto um nível médio que se situa uns pontos acima do nível médio dos programas desse período de emissão.

Será que o facto de serem programas produzidos por cooperativas de cinema e por trabalhadores exteriores à RTP quer dizer alguma coisa? Cremos que sim. A produção nas cooperativas obedece normalmente a planificações prévias mais cuidadas do que aquelas que são feitas, de um modo geral, na produção interna. Isto não quer dizer que os trabalhadores da RTP não possam ou não saibam produzir e realizar de forma tão satisfatória como se costuma fazer cá fora; quer tão só dizer que a estrutura pesada que é a RTP raramente permite às equipas escalonadas para determinado trabalho planificá-lo a tempo e horas, discuti-lo, etc.

É claro que nas produções externas há também um outro tipo de preocupações estéticas, de tratamento da linguagem específica da televisão que raramente se verifica nas produções internas (faça-se justiça: de há um ano para cá, sensivelmente, estamos a ver determinados filmes feitos por jovens realizadores que têm fugido um pouco à regra da casa. Lembro-me de alguns trabalhos que vi realizados por Margarida Gil e por Cecília Neto). O ideal seria de facto que também a nível interno se verificasse um maior cuidado quer no tratamento do discurso televisivo, da planificação e da montagem, quer no plano das próprias temáticas. E já tivemos belos exemplos disso mesmo. Recordamo-nos por exemplo de alguns dos filmes realizados sobre o «Ano Camões» (a propósito: que é feito desse grande programa que a RTP anunciou ao longo de meses para comemorar o quarto centenário da morte do épico?).

Telecrítica

Rui Cádimar

Brincadeiras...

Voltamos ao mesmo. Invade-nos uma certa frustração. Quinta-feira, 18.30 da tarde: ligamos o receptor, estamos receptivos, de sorriso condescendente, enfim, vemos a «abertura» e o «Sumário». Aguardamos as «Brincadeiras», programa já anunciado há duas semanas para o «Tempo dos Mais Novos» das quintas-feiras. Contudo, das «Brincadeiras» nada, mais uma vez. Não é com certeza um programa mistério. Virá tarde, mas virá, estamos convencidos disso. É que ao longo destes meses em que nos temos vindo a debruçar mais atentamente sobre o «fenômeno RTP» já nos habituámos — e o telespectador também, seguramente — a estes continuos adiamentos, a esta sucessiva dança na programação. Espera-se uma coisa, aparece outra. São anunciados dois programas, aparece um terceiro. Será uma estranha forma de promover programas?

Em vez das «Brincadeiras» — o tal programa que aguardamos com grande interesse por ser dedicado às crianças em idade pré-escolar (coisa rara na RTP) — vieram as «Artes e Manhas» e o Tio Julião. Fora de brincadeiras: para quando esse novo espaço infantil?

A brincar, a brincar, a programação vai decorrendo da forma menos desejável. Há períodos de emissão perfeitamente insuportáveis, tal o seu mau gosto, o seu infantilismo idiota. Quem viu «O Povo e a Música» de quinta-feira está com certeza de acordo connosco: o folclore do distrito de Viseu, representado no programa pelo Rancho Folclórico da Torre de Freixo foi muito maltratado naquela produção que nos chegou dos estúdios do Porto. A propósito: tem sido referido que em breve se iniciará a realização de «As Fúrias» (romance de Agustina Bessa Luis) no centro de produção do Porto. Diz-se que é à partida a mais cara série produzida em Portugal e que terá um elenco onde se contam alguns dos mais conhecidos nomes do teatro e do cinema. Diz-se que esse «teledrámatico» terá realização de Adriano Nazareth (filho). O nosso profundo desejo é que, neste caso, filho de peixe não saiba nadar. Porque se sabe, a primeira coisa a temer é o desastre total na adaptação do romance de Agustina Bessa Luis. Isto, evidentemente, se atendermos a que «O Povo e a Música» de quinta-feira, realizado por Adriano Nazareth, foi um programa autenticamente irremediável (veja-se, por exemplo, a gracinha que foi introduzir o plano da «turista» à saída do Museu Grão Vasco, o seu «how beautiful» e a «resposta» mal ensaiada dos elementos do Rancho — que mal sabiam para o que haviam de estar guardados, tudo de um grosseiro ridículo, feito sem a menor sensibilidade, sem nenhuma informação sobre as características populares e folclóricas do grupo e da região). É nosso grande desejo que «As Fúrias» não venham, portanto, a provocar futuramente a fúria do incauto telespectador.

A nossa fúria remetia-nos desde logo para os Dire Straits que iriam abrir a programação da RTP/2. Mas ainda antes disso tivemos na «1» o famigerado e eterno «Telejornal». Desta vez assistimos (vocês não vão acreditar) a publicidade evidente, com empresa citada, entrevista, planta do empreendimento e tudo. Tratava-se da assinatura de um acordo para a construção de um novo hotel algarvio onde participam capitais portugueses. Se o leitor estiver em vias de avançar algum empreendimento nacional aconselho-o a telefonar para a RTP e solicitar a presença de uma equipa. Talvez consiga assim publicitar gratuitamente o seu projecto... Nunca se sabe, nunca se sabe... Por fim lá vieram os Dire Straits e o seu rock suave, a «Informação/2» a apresentar material que o «Telejornal» anuncia só para as «24 Horas» e, a encerrar, Malraux numa das suas viagens aos mitos africanos. Na «2» não se brincou...

Telecrítica 15/12/80

Rui Cádima

A programação infantil melhora, mas...

A tarde de sábado foi dedicada na sua maior parte ao público mais jovem. Por volta das 14.30 iniciou-se o «Tempo dos Mais Novos». Por lá passaram a série «Orzowei», o Popeye, os espinafres e a sua indefectível companheira Olivia Palito e, a finalizar, os «Novos Flintstones» mais a sua já conhecida Idade da Pedra extremamente funcional e criativa. É de sublinhar que em relação a esta série não se faz agora o mesmo que se fez em tempos aos «velhos» Flintstones, quando o desenho animado chegava à RTP já dobrado pela televisão brasileira.

Agora, para além de quase toda a programação dedicada aos mais pequenos vir legendada (raramente assistimos a programas infantis dobrados em português) também os «Flintstones», que eram de facto bastante populares devido essencialmente ao facto de serem perceptíveis pelo grande público — também eles nos chegam agora legendados!

Tivemos ainda um desenho animado didáctico que nos mostrava como em Itália ainda ao nível da escola elementar se fala já do cinema de animação e das suas potencialidades pedagógicas para os mais pequenos. Esta, uma boa introdução para o programa de Vasco Granga — o preferido de entre todos os votados no «Top TV» da revista «TV Guia» — que nos trouxe nesta última emissão as já famosas marionetas de lá checoslovacas, de Emilia Kiklova, e ainda as «superproduções» de Tex Avery, dos anos 40 — um desenho, no caso, já muito passado e repassado: «Os Dois Abutres Esfomeados».

Ainda para os mais novos, embora mais para os adolescentes, «Os Novos Vagabundos» num episódio também já passado e repassado: tratava-se da primeira parte do «Tesouro do Castelo Sem Nome».

Aos sábados continuamos ainda com as três séries de ficção científica programadas (embora neste fim-de-semana não tenha passado o episódio de «A Caminho das Estrelas», devido à transmissão do Benfica-Sporting em basquetebol). De qualquer modo continuam programadas as duas séries — uma na RTP/1 e duas na RTP/2. Acreditamos que há, por certo, numerosos apreciadores do género. Não é por acaso que o género desfruta de tanta popularidade (veja-se, por exemplo, no cinema, o êxito de «Star Wars», de George Lucas, em todo o mundo) e, também na televisão, o êxito de uma série como «A Caminho das Estrelas» que apesar de ter quanto a nós uma qualidade reduzida («Star Trek» está muito aquém de «Star Wars») é uma das séries estrangeiras mais apreciadas pelo público logo a seguir aos «Marretas».

Ora, para além de «O Caminho das Estrelas» — que tem antecedido o Telejornal dos sábados — temos, na RTP/2, logo a seguir a «Blakes 7», a adaptação da ficção de Huxley — «O Admirável Mundo Novo».

As três séries de ficção científica vão continuar portanto num só dia. Julgamos tratar-se de uma escolha perfeitamente descabida, de um alinhamento de programas que quase diríamos ter sido produto do acaso. De outra maneira não se comprehende. O público fã do género está de parabéns, de facto. Mas será que o público que elege «A Caminho das Estrelas» como uma das suas séries preferidas aceita mais duas «doses» seguidas no segundo canal («segundo canal» que, apesar de tudo, como alguém bem referiu, é mais um «primeiro canal» do que um «segundo»)?

Telecrítica 16/12/80

Rui Cádima

A rádio foi à TV!

Há uma coisa que é de todo impossível: quem quer que seja que pretenda levar a Televisão à Rádio esbarrará com as dificuldades que derivam das diferenças entre os dois *media*. O mais que poderá conseguir é, de facto, transmitir aos ouvintes as imagens (*imagandas* — resultantes do que é dito através da banda sonora) e os sons de um determinado trabalho.

Isso mesmo foi discutido no «Ao Vivo» de domingo à noite. Maria José Mauperrin falava com a sua convidada da semana, Glicínia Quartim, quando Fernando Assis Pacheco se intrometeu na conversa. Passámos então de uma conversa mais «radiofónica», abandonou-se um pouco o «Café-Concerto» em si, para uma outra fase em que o *media* TV, defendido por Assis Pacheco, provocou, de uma maneira extremamente diplomática, diga-se, o *media* mais concorrencial — a Rádio. Falou-se então dessas imagens que surgem quando inclusive se têm os olhos fechados, imagens que a Rádio transmite em frequências variáveis — conforme, claro, a própria capacidade do ouvinte em reagir a elas. Houve, inclusive, um «Pão com Manteiga» — outro dos programas que passou neste «Ao Vivo» — que foi dedicado quase em exclusivo ao início da transmissão a cores via Rádio; mas esse era outro problema...).

As primeiras imagens da Rádio que vimos neste programa foram para a «Febre de Sábado de Manhã», o já popular programa do Júlio Isidro que «saiu» agora do Nimas, por exigência do próprio auditório. A reportagem que foi feita pela equipa coordenada por Eduardo Prado Coelho foi a todos os títulos notável (não porque o fosse em termos absolutos, mas tão só porque se comparada com a generalidade do que se produz em Televisão hoje, é, de facto, re-marcável).

Com duas câmaras a equipa destacada para o Pavilhão do Dramático de Cascais — onde decorreu a «Febre» com o grupo nortenho «Jáfumega», produziu um trabalho extremamente interessante sob o ponto de vista meramente audiovisual. Primeiro tivemos o próprio Júlio Isidro a fazer algumas considerações gerais sobre a iniciativa e sobre a maneira como o programa se tem afirmado com a preciosa ajuda do seu público — e as duas câmaras, apesar de não terem sido aqui absolutamente necessárias escolheram bem o seu «tempo» — depois vieram os «Jáfumega», com o Pavilhão praticamente cheio, como é raro ver, perante um público jovem perfeitamente extasiado com aquele rock bem português e nortenho onde nem sequer faltou um sax bem jazzístico. Boa cobertura também foi dada àquele «corpo» de «baillarinos» que imitavam a rigor esse grupo de terceira que dá pelo nome de «Village People» e que tem como composição mais famosa o muito conhecido, quer na Rádio quer no Cinema «Can't Stop the Music» — que foi inclusive cartaz recentemente em Lisboa. Houve uma passagem pelos estúdios onde se faz a «Grafonola Ideab» e assistimos ainda a um pouco do também popular «Mexa-se, Mexa-se» — a ginástica pela Rádio — coisa difícil, de facto, mas que parece ter os seus fervorosos adeptos.

A finalizar viriam os quase extra-radiofónicos produtores de «Pão com Manteiga» via RDP. Carlos Cruz entraria já animado do espírito do programa. Alguns exemplos concretos foram dados depois bem «ao vivo», com cigarro e cerveja pelo meio, mas acima de tudo o que ficaria, quer deste apontamento quer dos outros, foi o grande empenho de um programa como o «Ao Vivo» em se «imiscuir» em coisas que de facto lhe dizem respeito, porque o dizem e de que maneira (!) ao telespectador, tendo-o feito de uma forma que já adjetivámos e que não vemos no primeiro canal (vulgo RTP/1) por motivos óbvios, ou seja: porque aí parece que está de facto a produzir-se Televisão só para um clube.

Telecrítica

17/12/80

Rui Cádima

Eugénio de Andrade abandonado às câmaras

Anunciado algures como um programa «musical» (foi-o também embora não na globalidade) «Mar de Setembro», sobre nove poemas de Eugénio de Andrade, passou anteontem a abrir a emissão na RTP/2.

Tratou-se de uma produção de 1979, com realização de Filipe de Sousa — que era, na altura, salvo erro, o assessor da RTP para a programação de música erudita. Do programa constava uma série de poemas de Eugénio de Andrade — por certo um dos poetas portugueses vivos de maior renome — ditos inicialmente pelo próprio autor e depois continuados e cantados pela voz do tenor Fernando Serafim e acompanhados ao piano pelo autor da música — também um dos nomes de maior prestígio na música erudita portuguesa contemporânea: Fernando Lopes Graça.

Eugénio de Andrade, sobre fundo claramente concordante com o corpo e o espírito dos seus poemas, recitou, sobre as rochas que mais pareciam corpos de mulher, alguns dos textos admiráveis em homenagem de Debussy.

Pareceu-me que o programa tinha por título genérico «Música e Músicos Portugueses». De facto, a música portuguesa esteve presente. Só que, para além dela, esteve também a poesia. A música de Fernando Lopes Graça surgiu, sim, sobre a poesia de Eugénio de Andrade. Sem as gaivotas de Bermeo ou as areias de Laga, sem o abandono do poeta ao desejo, não teriam sido possíveis as interpretações de Lopes Graça e Fernando Serafim. Foi um grande momento de Televisão, não tanto pela realização em si, ou pelo trabalho atrás das câmaras, mas, mais pelas presenças desses dois grandes vultos da cultura portuguesa contemporânea.

É pena que este tipo de propostas não seja acompanhado com mais carinho pela parte da produção/realização. Aquele «esboço» de planificação — chamemos-lhe assim — não soube ou não quis tirar partido da presença do poeta (e se o leitor não sabe, nós dizemos-lhe que, tanto quanto consta, Eugénio de Andrade é uma personalidade extremamente difícil de aliciar para estar perante as câmaras...) e também da presença de Lopes Graça. Poderia ter sido um encontro mais fluente, com uma realização que estudasse melhor a forma de inter-relação entre o dizer a poesia e a interpretação musical dada quer pelo piano, quer pela voz do soprano.

É pena que se tenha cometido esse erro; mas é também de lamentar que, apesar de tudo, não se tenha divulgado e promovido de outra maneira este programa. Julgamos que mesmo assim foi uma emissão que um determinado sector do público, mais elitista talvez, gostaria de ter visto. Sobretudo de ter visto Eugénio de Andrade dizer poesia sua. Foi pena que se tivesse esquecido que era, de facto, um programa onde participavam duas grandes personalidades da cultura portuguesa.

A «2» prosseguia, entretanto, com uma programação substancialmente mais aliciante do que o primeiro canal. Tivemos logo de seguida alguns «sketches» cómicos de Harold Lloyd — um nome que não nos diz tanto como Keaton ou Chaplin mas que é sempre bem vindo, como é óbvio, a esta soturna Televisão. A «Informação/2» prossegue com os seus altos e baixos e, no final, «Malu Mulher» voltou a afirmar a sua grande qualidade — e nós aqui voltamos a deixar convite ao leitor para se tornar telespectador desta interessante série que a Globo nos está agora a dar, através da RTP/2.

Telecrítica

18/12/80

Rui Cádima

Várias impressões de um só serão

Parece confirmar-se que, mais uma vez, a Radiotelevisão Portuguesa vai mudar de Administração. Especula-se em torno de quem virá a seguir a Proença de Carvalho. A carta dirigida pelo conhecido advogado a Freitas do Amaral parece vir confirmar que de facto tivemos nele talvez o mais fiel comissário político de quantos passaram desde o 25 de Abril pela presidência da Comissão Administrativa da RTP. O futuro breve o dirá. Uma certeza fica, porém: por «impossibilidade política» de levar para a frente o seu projecto, Proença de Carvalho renunciou. Nós, sinceramente, não o esperávamos — mesmo tendo em consideração a vitória de Ramalho Eanes. É que depois de termos a notícia da demissão, sabendo à priori que a «reestruturação» da «Informação/2» já estava feita, que se caminhava também para a reformulação do Telejornal e ainda que a Direcção de Programas era da confiança política da Administração, sabendo tudo isso, nós somos obrigados a perguntarmos: o que é que Proença de Carvalho desejava fazer que a eleição de Ramalho Eanes o não permitisse? O que seria? Seria caso para deixar a terrível pergunta: «Que mais nos iria acontecer?... Provalemente, sim.

Com Proença de Carvalho sairá Duarte de Figueiredo. Esperemos pelas próximas nomeações. Somos optimistas: quem vier fará melhor... Pelo menos na zona da Informação. Aguardemos.

Bom, na terça-feira tivemos a notícia ainda antes do Telejornal ir para o ar: Mário Soares acabava de ter um acidente de automóvel quando se deslocava a Belém, juntamente com António de Macedo. Estávamos todos — aqueles que o sabiam — à espera de um Telejornal «à americana» com as sirenes de ambulância ainda a ouvirem-se, os sinistrados repousados no hospital a prestarem as declarações possíveis, enfim, a reportagem «em cima do acontecimento».

Julgam que estou a brincar? Acreditam que as cadeias de Televisão norte-americanas conseguem-no mesmo. Cá não, claro. Seria milagre.

De qualquer modo esperávamos na abertura uma referência ao caso. Esperámos cerca de quinze minutos. Só então, depois de ouvirmos Hélder de Sousa ler como nunca tinha lido um texto off sobre o preço político do petróleo e os novos aumentos é que tivemos imagens do hospital e de alguns dos visitantes que de imediato acorreram para se inteirarem do estado dos dirigentes do PS. Deu mesmo a sensação que o Telejornal foi o último a chegar (e quando chegou pouco arranjou para contar — isto no Telejornal, porque na «Informação/2» algo mais se adiantou — porquê? — não nos perguntam). Foram esses cerca de quinze minutos, portanto, um tempo que quase não deu para o «pitroil»...

Ficámos depois sob o signo do Brasil. Logo no final do Telejornal foi Sérgio Mendes que nos veio falar do «Papai Noel», desejando-nos um Bom Natal na sua mensagem, depois foi a Xepa — a telenovela mais sensaborona de quantas por cá passaram (talvez só comparável à «Escrava Isaura»...).

A terminar, um dos maiores nomes da música brasileira: João Gilberto — o criador da «bossa nova», responsável máximo pelo desabrochar da MPB, a voz mais terna do Brasil. Um programa para ficar na memória. Diria mesmo que mais vale este programa com o João Gilberto do que os cento e tal episódios da Xepa todos juntos. Se nos dessem a escolher não hesitávamos. Agora reparem: este açaibarramento do nosso «tempo de antena» pela Globo acontece assim sem mais, sem haver nenhum contrato previamente estabelecido para tal. Calculem agora vocês o que aconteceria se existisse esse acordo de «exploração» como chegou a ser desejado...

Telecrítica 11/12/80

Rui Cádima

Bruxaria amadora e mulheres adultas

O Telejornal até parece que é bruxo! Na véspera do aumento da gasolina serviu-nos quinze minutos de notícias em torno da última reunião da OPEP onde foi decidido aumentar o preço do petróleo por barril. No dia seguinte, anteontem, mais de um quarto de hora, no primeiro «alinhamento», foi dedicado ao aumento dos combustíveis anunciado durante a tarde pelo Ministério da Indústria. A «lenga-lenga» da véspera parece ter surtido os seus efeitos... Ou não estaria já tudo previsto «oficialmente»? Sim, porque das duas uma: ou temos ali um corpo redatorial constituído por alguns viidentes, ou temos de facto um bloco informativo demasiado em cima do acontecimento vindo das estruturas políticas do Estado — a imagem dos departamentos de propaganda ministeriais...

Passemos a «Mulher a Mulher» — o programa de que aqui já temos falado, realizado por mulheres (Linda Bringel da Arca-filmes na realização e Maria Isabel Barreiro no texto) e co-produzido entre a referida cooperativa e a RTP. É um programa que vem na tradição de outros já anteriormente produzidos por outras entidades colectivas, femininas, para a televisão, e que em nada fica atrás dos outros, em virtude, principalmente, do espírito que anima e da competência dos seus colaboradores. Neste programa que agora foi para o ar pudemos ver um trabalho desenvolvido sobre a mulher jornalista em Portugal. Foi-nos lembrada — e muito bem — a figura de Angelina Vidal, grande combatente e militante da emancipação feminina no século passado, grande republicana também. Poetisa, jornalista, escritora, Angelina Vidal constitui de facto um belo exemplo para todas as mulheres jornalistas, para todos os portugueses em geral, pelo seu carácter, pela sua dedicação de corpo inteiro à luta pelos ideais democráticos.

Da lembrança desse nome, «Mulher a Mulher» passou depois para a redacção de uma revista inteiramente dedicada à problemática contemporânea que envolve a mulher portuguesa. Maria Teresa Horta — chefe de redacção — abordou o empenhamento na luta feminista de que a revista se reivindica, e referiu-se à sua experiência como jornalista — e aí descobrimos factos pouco conhecidos do público em geral — como aquele em que os redactores dos jornais, ainda nos anos 60, viam com maus olhos a entrada de mulheres jornalistas nas redacções (feudos muito machos, possivelmente)...

Uma outra jornalista — Maria Antónia Palla — referir-se-ia a outros aspectos relacionados com o mesmo tema, mas acima de tudo deixou bem claro que a imagem actual da mulher nos meios de Comunicação Social continua a ser uma imagem distorcida perante aquilo que a própria lei já defende, isto é, a imagem da mulher é ainda hoje dada através dos media principalmente em função de um olhar masculino pouco heterodoxo. Um belo tema, e um belo programa este «Mulher a Mulher».

Todos estavam por certo à espera de «Take the Money and Run», o filme de Woody Allen anunciado para depois da «Xepa», no primeiro canal. Tratava-se pelo vistos, de uma «prenda» de Natal da programação das longas-metragens aos seus mais fiéis seguidores. Para nosso azar esse terrível inimigo público acabou por não passar porque estava ainda em cartaz num cinema de Lisboa. Esperemos que essa biografia muito louca desse perigosíssimo cadastrado possa ser exibida na próxima quarta-feira, véspera de Natal. Era uma bela prenda; pouco ortodoxa, talvez, mas uma bela prenda.

Telecrítica 21/12/80

Rui Cádima

A música ligeira que vamos vendo

«Música 80» é um programa que tem vindo a ser transmitido dos estúdios do Porto, salvo erro desde meados de Setembro para cá, com uma periodicidade pouco constante.

Inicialmente, nas primeiras emissões, de imediato nos insurgimos contra a má qualidade do programa. Verificava-se nessa altura que a maior parte dos convidados eram realmente de secundaríssimo plano no panorama da música ligeira em Portugal — já de si extremamente carenciada de divulgação dos seus bons intérpretes. Nessas primeiras emissões verificava-se então uma certa forma de privilegiar um autêntico nacional-cançonetismo decadente — que se torna cada vez mais urgente banir dos pequenos receptores.

Fala-se em «entrar» para a Europa, mas de facto muitas das vezes no que se refere à música portuguesa são levados à Televisão intérpretes mediocres que cantam ainda nestes anos 80, na Idade do Ska, «modinhas» suburbanas dos anos 40, pessimamente mal orquestradas. Urge acabar com isso. Definitivamente.

Dai termos ficado ligeiramente bem impressionados com as últimas emissões de «Música 80». Temos verificado um pequeno «forcing» da produção sobre intérpretes que embora não sendo verdadeiramente os nossos preferidos, se apresentam já com um repertório virado para os novos sons do Mercado Comum, como o «disco», por exemplo (há quem os considere «velhos» — nós não estamos contra — o «disco» está já podre também), ou outros sons ligeiros que têm as suas raízes por exemplo na chamada grande música negra.

Este «Música 80» que vimos na quinta-feira antes do Telejornal trouxe-nos Gonzaga Coutinho, um intérprete que se tornou conhecido do grande público no último Festival RTP da Canção — e ainda as Cocktail, um trio feminino que tem aperfeiçoado progressivamente os seus temas, quer vocal quer instrumentalmente, embora as letras das canções sejam em geral de fraca qualidade.

Por isso mesmo este programa foi já uma surpresa. É evidente que os maiores intérpretes da música ligeira portuguesa continuam afastados do pequeno ecrã por motivos que só poderão ser políticos, obviamente. Mas entre o muito mau e o sofrível é preferível o segundo. Nessa medida «Música 80» está agora melhor.

É sabido, por outro lado, que o programa é produzido nos estúdios do Porto. Quer isto dizer que a RTP, o seu centro do Lumiar, aqui bem pertinho do centro da cidade, não se preocupa grandemente (não se preocupa mesmo nada) com os pequenos programas musicais e recreativos sendo o centro de produção do norte que, pelos vistos, contacta os grupos e os cançonetistas do sul do País para se deslocarem ao norte a fim de gravarem os programas...

Que conclusão a tirar daqui? Certamente de que a produção televisiva, a RTP/EP, esbanja por sistema verbas significativas neste tipo de acções. Não seria tudo mais simples se as gravações de «Música 80» fossem feitas em Lisboa quando os grupos contratados fossem do sul do País? Para quê e porquê pagar as deslocações ao Porto a esses intérpretes, podendo as gravações ser feitas «lá em baixo»? Ou será que a «austeridade» é uma palavra para ser utilizada só quando bem interessa à Administração?

Telecrítica 22/12/80

Rui Cádima

Quando os «bastidores» consentem

Um pequeno parêntesis para nos referirmos, hoje, a alguns aspectos relacionados com notícias publicadas muito recentemente sobre atitudes menos dignas, eu diria mesmo incríveis, da administração de Proença de Carvalho. Bom. Raramente a crítica de Televisão consegue estar mais para além do pequeno ecrã...

Raramente nesta coluna nos podemos referir — por impossibilidades práticas — a determinado acontecimento mais ou menos obscuro, ou a uma informação deontologicamente duvidosa, enfeudada a uma política sectária e unilateral. Isto é, é-nos difícil, na maior parte das vezes, estabelecer os contactos normais ou mesmo sermos contactados em relação a um qualquer aspecto particular da programação diária, no que diz respeito às manipulações não imediatamente visíveis — à marionetização nos bastidores. Não estamos, de facto, ligados por uma qualquer espécie de cordão umbilical aos «mentidores» públicos.

Por vezes acontece virmos a tomar conhecimento desta ou daquela atitude menos digna, só muito depois de ela ter tido efeito imediato sobre a programação — ou sobre a informação. Outras vezes é por puro acaso que vimos a saber que se determinada «coisa» aconteceu foi porque...

Não vimos neste texto em defesa de quem quer que seja. Queríamos tornar bem claro que vimos tão só constatar um facto que nos entristece profundamente por ter vindo a público tão tarde — e só por isso.

A política de Proença de Carvalho na Televisão — que se manifestou desde logo, assim que Cunha Rego trocou o Lumiar pela comissão nacional de apoio a Soares Carneiro (esse mesmo — o tal militar desconhecido que politicamente nunca existiu — após o 25 de Abril, está bem de ver) pontuou sempre por uma necessidade inusitada de auto-afirmação, rígida, sectária e, em última instância, totalitária, na senda do «testamento» do seu antecessor — em devi- do tempo desarticulado por Eduardo Prado Coelho.

Ora bem: sobre a aplicação prática dessa teoria (ainda que em esboço teórico) temos dado aqui diariamente um relato crítico circunstanciado. Se mais não dizemos é porque as fontes de informação estão, por vezes, «incomunicáveis»...

Espanta-nos agora, que só após Proença de Carvalho ter pedido a demissão — por razões mais que óbvias e que têm a ver em primeiro lugar com o fracasso político-cultural que foi o seu «reinado» e em segundo lugar com a vitória de Ramalho Eanes — tenham surgido alguns jornais de Lisboa pormenores horíveis sobre a actuação da Administração em determinadas zonas, quer da programação, quer da informação, que extravasa largamente os limites das suas atribuições e, mais, se afirma como a aplicação quase policiesca de funções que são habitualmente próprias de ministros da informação e propaganda de Governos totalitários.

Referem-se essas acusações a manobras atribuídas ao próprio presidente da CA, por altura das eleições presidenciais, das legislativas também, e, ainda, na noite da morte de Sá Carneiro e na tarde seguinte — durante a reportagem que a RTP fez do funeral do primeiro-ministro. Proença de Carvalho foi dado como o «maestro» inquestionável, autoritário, quer da programação, quer da informação — tendo aqui, inclusive, passado à frente dos próprios chefe-s de redacção. Não nos custa a acreditar. O que nos espanta é que só agora tais notícias tenham vindo a público.

Telecrítica 23/12/80

Rui Cádima

Vésperas de Natal

O Natal está ai à porta. Não porque a Televisão no-lo tenha dito especificamente. Se atentarmos na programação que tem decorrido neste pré-Natal, inicio do Inverno, verificaremos que tudo se resume em duas palavras: «Natal dos Hospitais» — a já tradicional iniciativa promovida pela RTP e pelo «Diário de Notícias» (e que passou «em directo» na RTP na passada sexta-feira, com participação de muitos dos mais populares actores e cançonetistas portugueses) e também a «Mensagem de Natal», diária, que habitualmente, após o Telejornal, vários nomes da vida artística internacional vêm deixar aos telespectadores de todo o mundo.

Convenhamos que é, de facto, muito pouco. Pensamos que ao nível das estruturas superiores da RTP se deve pensar esta data de forma muito mais participada pelos «agentes» da cultura em Portugal. Não basta deixar os tempos habituais de programação às também tradicionais mensagens de Natal quer do Papa, quer do cardeal-patriarca de Lisboa. Isso, de facto, não é o suficiente. Não é também com uma programação especial a ser transmitida no próprio dia de Natal que se vai remediar uma situação.

Não é ainda com referências esparsas (e necessariamente aleatórias, isto é, não sintonizadas com a Direcção de Programas), que se salva a programação da quadra de Natal. Essas referências que têm sido feitas, são principalmente aquelas que vimos no passado domingo tanto no programa da hora do almoço — «Setenta Vezes Sete» — programa de características essencialmente religiosas e cristãs de responsabilidade de Reis Ribeiro e António Rego, como ainda uma outra, feita no «TV Show» — Eunice Muñoz leu poemas no âmbito da quadra (sendo o programa, em si, uma alusão ao Natal).

O trabalho feito no «Setenta Vezes Sete» foi quase inteiramente dedicado à mulher, tendo-se feito referência à mãe de Jesus e a aspectos específicos do Evangelho com relação imediata à situação da mulher. Vimos entrevistas de rua sobre o tema em questão e ficámos verdadeiramente bem impressionados com a montagem do programa e a sua intenção social, claramente cristã.

A tarde de domingo prosseguia agora sem praticamente nenhum programa dedicado ao público infantil. Passou, de facto, o «deseño» da Pantera Cor-de-Rosa mas a verdade é que os seus dez minutos de duração só tiveram um significado: é que, mais uma vez, se verifica ser sempre na programação infantil que se vai «mexer» quando é necessário acertar os programas pelo horário previsto.

O «Magazine/7» de Luís Pereira de Sousa está agora um pouco menos imaginativo. Torna-se também algo monótona a forma como o programa está a ser apresentado. Achamos que não é necessário voltar sempre ao estúdio ao apresentador do programa assim que «sai» uma reportagem do telecinema. «Vir» ao estúdio fazer o «ponto» não é, de facto, necessário. Convinha mesmo que Luís Pereira de Sousa resolvesse de outra maneira a apresentação do programa para ganhar em ritmo e dinâmica de emissão.

No «TV Show» procedeu-se agora à «abertura» talvez para salvar os «salvados»... Henrique Mendes está agora menos entrevistador (coisa que nunca foi), o nível dos participantes sobe — o suficiente para o programa subir de nível. Com isso ganhamos todos e ganha o... Henrique Mendes!

De resto, lá tivemos, de novo, a presença do Mário Zambujal no «Grande Encontro» e, antes do Telejornal, também estiveram de volta os «Goodies» — esses britânicos muito loucos que se fartaram de brincar neste programa com a NATO e a rainha. Não percam para a próxima (ainda que vistos com seis anos de atraso eles merecem-no).

Telecrítica

Rui Cádima

Há bacalhau com batatas, hoje?

O Fernando Balsinha até pareceu «engolir em seco». O José Teles tinha acabado de fazer uma reportagem sobre as compras normais para a consoada de Natal. O Telejornal tinha-lhe encomendado um peru, presunto, abóbora, um ananás, vinho do Porto e mais uns poucos produtos, todos alimentares. Ele dirigiu-se a um supermercado, começou a servir-se para o carrinho, e, no final, junto da caixa, obviamente, preparou-se para pagar... Qual não foi o seu espanto (ele não estava habituado a estas coisas, viu-se logo), quando a conta final quase atingiu os cinco contos de reis, isto é, mais de metade do ordenado mínimo nacional!

Claro que José Teles, um jovem jornalista nestas «lides» da reportagem, mal pago ainda por cima, procedeu como a maioria dos portugueses faria (diria mais: como a grande maioria dos portugueses faria): observou bem a conta, explicitou claramente a sua indignação e, de imediato, pespegou com todo aquele «farnel» em cima da banca, e saiu, com certeza lamentando-se por não poder vir a ter na noite de Natal o seu peru, o seu bacalhauzito com batatas, e, enfim, os fritozitos costumeiros...

Pois é... é mesmo assim. Só que o Fernando Balsinha, nada habituado a este género de reportagens, autêntica «pega de caras» (que nem sequer teve a violência própria que se abate sobre qualquer consumidor prostrado sob a dura realidade) soube apenas esboçar um engasgado sorriso e «engolir» positivamente em seco aquela reportagem irónica, apesar de tudo, que acabava de ser feita. São coisas que acontecem... E sucedem com tanto mais facilidade quanto mais os blocos informativos se fecham à imaginação, à competência e ao profissionalismo dos seus jornalistas. Aqueles poucos minutos do Telejornal disseram muita coisa. Foram um cômputo simbólico de muitas tristezas na sociedade portuguesa, na informação televisiva, no nacional-maniqueísmo. Saiba, porém, o leitor que «aquel» não foi nada. É possível fazer muito melhor. É possível *informar* abertamente e em moldes *não oficiais*, tal como foi feito naquela reportagem. Isso é possível, contra tudo e contra todos. O trabalho acabará por vingar. O bacalhau com batatas acabará por voltar à mesa dos portugueses!

A noite de segunda-feira, no primeiro canal, habitualmente dedicada às «noites de teatro», prosseguiu agora com um espectáculo de variedades — autêntica «gala» do *music-hall* transmitida em diferido de uma das mais famosas casas de espectáculo londrinas — o Royal Theatre Drury Lane, mandado construir (coiso nos referiu o apresentador naquele fabuloso genérico a acompanhar a entrada da rainha Isabel II no teatro) por Carlos II, no século XVII. O *show* teve, de facto, uma grande qualidade, embora nós não o tivessemos visto na íntegra, uma vez que passámos depois para «Malu Mulher», que começava cerca das 22.30 h na «2». Mas o que vimos, praticamente toda a primeira parte, deu-nos uma ideia de qualidade do espectáculo.

Passámos, pois, para «Malu Mulher». Se pensarmos em termos desta oposição de programação, à partida seríamos com certeza levados a considerar que a série brasileira seria sempre preterida em relação a um *show* de tão elevado nível como aquele que a RTP/1 prometia ao telespectador. Pois pesadas bem as coisas, não seria tão peremptório no julgamento apriorístico. É um facto que são dois géneros de emissões distintas que inclusive, «jogam» com o factor «língua»... De qualquer modo, a impressão que me ficou foi a seguinte: «Malu Mulher» é, com efeito, uma grande série b-asiática. E à medida que este episódio decorria (intitulava-se «A Subversiva») mais nós nos sentímos presos a ele, chegando mesmo a uma altura que por nada de nada (nem pelo «Rock Around The Clock» do Bill Haley que presumímos passasse) deixáramos esta «Malu» rodeada pela mãe e pela amiga — ambas em conflito com os maridos, desejosas do divórcio! Um «barato», aquele programa! (Vou «torcer» ainda mais pela «Malu»).

Telecrítica

A noite amarga de 24

de 24

O género de programas normalmente escolhidos, para a passagem da data, não foi, de maneira nenhuma, alinhado na noite de quarta-feira.

Pág. 25

Telecrítica

Rui Cádima

A noite amarga de 24

Passou já mais um Natal.

Digo *mais um* não porque com isso queira tratar a data do nascimento de Jesus de forma eventualmente pejorativa, mas, simplesmente, porque no caso específico que aqui me trás todos os dias, no caso da programação da RTP, então poderrei analisar pejorativamente a repetição da data (pelo menos de há 23 anos para cá, na maior parte das vezes — tantos quantos os dias de Natal que a RTP já passou). «Mais um» será pois a forma inicial para constatarmos a passagem do Natal de 1980 na nacionalizada (nossa) RTP.

E *mais um* porque voltámos este ano ao mesmo. Se no ano passado se verificou excepcionalmente da parte dos responsáveis pela programação um desejo enorme e um grande empenho prático em conseguir uma programação para a noite de Natal que fosse, ainda que parcialmente, constituída pela *produção nacional* (lembremos o caso da RTP/2 que nos deu, por exemplo, um conto tradicional português), o que é facto é que este ano nem isso tivemos.

A noite de 24 para 25 habitualmente consagrada também à transmissão em directo da «Missa da Meia Noite» celebrada em Roma pelo Papa João Paulo II, foi assim extremamente pobre sob esse ponto de vista que ressalta de imediato do verdadeiro significado cristão da data, e das comemorações nacionais a ele ligadas. Sob esse aspecto, portanto, gostaríamos de constatar, só (...), que o género de programas normalmente escolhidos para a passagem da data não foi, de maneira nenhuma, alinhado na noite de quarta-feira. E que «gênero» é esse — perguntará o leitor. Nada mais fácil. Por um lado, claro, julgamos ser sempre necessário, anualmente, consagrar um ou dois pequenos programas portugueses em cada canal a temas tradicionais e religiosos no âmbito da especificidade da quadra. (Isso chegou a ser feito no ano passado, como já dissemos.)

Poder-se-ia ainda, por exemplo, ter encomendado um conto de Natal, produzido de propósito para as comemorações natalícias, e interpretado, claro, pelos melhores actores portugueses (seria uma bela prenda da RTP).

Poder-se-ia também ter prolongado aquela ideia surgida no «TV Show» (vejam o paradoxo: uma «ideia» surgida do «TV Show»...) de ler poemas de Natal. Seriam convidados os melhores *diseurs* portugueses para aí participarem — e com eles prolongar também as «Mensagens de Natal» ou mesmo obrigar a esse contacto mais próximo entre o público (dissos sedento) e os seus actores preferidos.

Ainda outra forma de prender o telespectador seria organizar um «show» especial de variedades e humor (porque não?), espécie de «Natal dos Hospitais» mais circunscrito, onde poderiam participar todos aqueles a que a isso se predispussem — o que, numa televisão respeitada aconteceria por certo sem quaisquer encargos de maior para a produção. Era só uma questão de mobilizar os meios técnicos e gravar... Mas nada disso se fez.

A noite de 24 foi profundamente amarga para a maioria dos portugueses, estamos certos disso. Daquela programação «enlatada», e verdadeiramente alheada e distanciada dos profundos costumes e tradições populares e nacionais, salvou-se, no fundo, o necessariamente *obrigatório* — as cerimónias «oficiais», se quiserem: a mensagem de Natal do cardeal patriarca de Lisboa e a missa transmitida em directo de Roma, da Basílica de S. Pedro. Faltou portanto a presença portuguesa na programação da noite. E isso é, para nós, um facto indesculpável.

Telecrítica 29/12

Rui Cádima

Xô abaixo, xô acima...

Os «shows» televisivos voltam à baila. O «TV Show» passa-se agora mais nas páginas da Imprensa, com a demissão de Henrique Mendes. O «Eu Show Nico», por seu lado, apresenta os seus «especiais». Uma primeira parte transmitida no sábado passado remetia-nos para os melhores momentos do programa, onde passaram alguns dos melhores actores nacionais.

Um outro «show» passa-se a nível administrativo com a próxima formação de Governo. Como é sabido, Proença de Carvalho pediu a demissão, pouco após a vitória de Ramalho Eanes, nas presidenciais de 7 de Dezembro, tendo, inclusive, sido publicada na Imprensa a carta de demissão. Estão lembrados que, nessa carta, o presidente da CA da RTP referia não ter no momento condições políticas para gerir a seu bel-prazer aquela Empresa Pública. Entretanto, começaram a aventurear-se nomes para a sua substituição nesse cargo; vários textos publicados nos jornais chegaram a fazer o balanço completo, em estilo *requiem*, do consulado do referido gestor... Enfim, todo um conjunto de factos, que nos dizia ir verificar-se, a curto prazo, a substituição de Proença de Carvalho, foi por água abaixo. Aconteceu o seguinte: tudo não passou de um mal entendido. Afinal o que Proença de Carvalho parecia querer era confiança política (para si, em si) e tudo o resto não passou de uma grande confusão na cabeça dos leitores dos jornais... Com a carta de Freitas do Amaral, com o acordo implícito de Pinto Balsemão (seria isso o que se desejava?), Proença de Carvalho volta às primeiras páginas dando o dito por não dito... Proença fica. Mal, mas fica. Um desejo para a continuação do seu reinado: Que consiga fazer «progressos». Não é difícil, como, aliás, todos temos tido oportunidade de verificar.

Mas voltemos ao «Eu Show Nico». Como viram, o programa foi uma súmula dos melhores «gags» da série. Foi, de facto, uma excelente ideia esta. Bem basta já aos telespectadores só muito raramente terem no pequeno *écran* os seus actores nacionais e alguns originais portugueses (pequenos *sketches*, evidentemente...). Esta «remake» de quadros foi, de facto, muito bem vista. Revimos, inclusive, alguns dos melhores momentos do ano neste género de programas (relembramos outros, nomeadamente, dos «Sheiks com Cobertura» — pouco mais houve). Para além de o telespectador ter beneficiado com isso, houve um outro grande beneficiado: o produtor. Se um programa destes fica, segundo se diz, em cerca de 350 contos (para exemplo de comparação refira-se que um «Tal e Qual» ficava em cerca de duzentos contos) e um «TV Show» está a atingir uma média de dois mil contos (!), não fica nada mal à produção poder reivindicar-se deste «trique» de montagem. Para além deste foi já anunciado que o próximo programa será também uma montagem de todos os episódios da «portuguesíssima» telenovela «Moita Carasco». Uma bela ideia, portanto, para encerrar este primeiro conjunto de programas de Nicolau Breyner.

Bom, mudando de assunto, queria ainda referir-me à publicidade gráfica ao Cinema português que tem passado na RTP aquando das estreias de filmes. Recentemente, chegaram a estar três filmes portugueses simultaneamente em exibição. De vez em quando, os respectivos *trailers* lá passavam a fazer lembrar ao telespectador que os filmes ainda não tinham saído... Mais recentemente «Manhã Submersa» era o único ainda em exibição. Gostaríamos de saber até que ponto a RTP, de uma forma geral, cumpriu o acordo que tem nesse domínio com a SEC. Mas o que importa reter é que já o filme tinha saído de cartaz ainda estavam a passar o *trailer*! Seria assim que passava a estar firmado o acordo SEC/RTP?

Telecrítica

27/12/80

Rui Cádima

«Broas» de importação

Vimos ontem que a programação da véspera de Natal tinha sido, tanto no primeiro canal como no segundo, consagrada num e noutrou caso à especificidade da quadra, mas — e isso é que importa quanto a nós — do conjunto dos programas nenhum teve de facto a ver com as tradições e os costumes portugueses no âmbito da quadra (fossem os costumes religiosos e populares, ou mesmo os culturais nas suas diversas formas — das adaptações da literatura ao grande espectáculo de variedades). Desculpem-me: tivemos a «Mensagem de Natal» de Amália... Vocês ficaram satisfeitos com a «presença portuguesa» na emissão da noite de Natal? Não, pois não? Mas teria havido alguém que ficasse?...

O dia de Natal decorreu um pouco de outra forma. Para melhor, sem dúvida, mas só durante a tarde. De facto o grande bloco da programação da tarde foi preenchido de forma extremamente variada, inicialmente com o «cartão» de Boas Festas das Walt Disney Productions, intitulado «De Todos Nós para Todos Vós», onde toda a bicharada apareceu a fazer das suas — desde o Bambi ao Peter Pan e à Branca de Neve (não esquecendo evidentemente o Mickey, o Pinóquio, o Pato Donald e a Cinderela) todos eles a desejarem «Merry Christmas». Pena que fossem umas Boas Festas já muito atrasadas, com data de 1973... Mas enfim, cá ficaram.

Para além desse grande bloco onde entreviram os fabulosos heróis de Walt Disney, tivemos mais desenhos animados, a princípio com a Pantera Cor-de-Rosa e depois, já com a «Animação Especial» de Vasco Granja, que nos mostrou todas aquelas simpáticas mensagens de Natal da pequenada (não esqueçam que são eles, os mais miúdos, quem elega semanalmente a «Animação» como o melhor programa da RTP...) A prenda de Vasco Granja foi de facto bem escolhida. Tomara que a restante também o fosse. Apareceram, entre outros, o Duffy Duck, Tom e Jerry, o Bugs Bunny... Foram, no final, cerca de duas horas de animação. Um exagero, apesar de tudo, se atendermos a que eram filmes legendados.

A tarde viria a ser «salva» por essa grande prenda que foi o «Sequim de Ouro». Uma grande prenda dada a todos os portugueses por uma criança, de seu nome Maria Armanda. Um verdadeiro Pai Natal de nove anos de idade a oferecer a toda a Europa — e a todos nós em particular — uma cantiginha muito simpática chamada «Eu Vi Um Sapo». Mal sabia a Maria Armanda que a sua canção para além de bater todas as outras no festival de Bolonha, viria a ser o grande alvo das atenções dos portugueses que no dia de Natal seguiram a emissão da tarde da RTP/1.

Nada se lhe poderia opor, é certo. Mas também quase nada havia na programação em termos de participação portuguesa. Excepção para o programa de Vasco Granja antes, e o Raul Solnado depois, naquela «Visita de Natal» com crianças que surgiu um tanto ou quanto desgarrada da restante programação, toda ela bem «enlatada».

A noite seria de novo para os «shows» de importação, com Charles Aznavour a fazer de algum modo de «bobo da quadra» — não o julgávamos assim cabotino — e uma «Giselle» de qualidade mais que assegurada com a participação de Nurseyev e Lynn Seymour. Entretanto, na RTP/2 passavam os «Marretas», agora em Hollywood. Demos um salto à «2» para ver aquela abertura fantástica com o Cacas a chegar numa Dona Elvira guiada pelo urso Fozy (bateu, é claro)...

No meio de tanta programação inglesa, francesa, italiana, alemã e eu sei lá que mais, a RTP esqueceu-se dos portugueses que vieram de todos esses países passar o Natal com as suas famílias a Portugal. A RTP esqueceu-se dos nossos emigrantes que às dezenas de milhar estiveram e estão em Portugal nesta quadra. A RTP esquece-se que Portugal existe!

Telecrítica 30/1480

Rui Cádima

«Rubens»:
Uma série a seguir

Anunciada há já cerca de quinze dias começou agora a ser transmitida a série belga «Rubens» — cinco episódios dedicados à vida e à obra do famoso pintor flamengo que nasceu em 1577 (o filme fez parte de um conjunto de iniciativas culturais levadas a cabo para comemorar o 4.º centenário do nascimento do pintor) e morreu no ano em que Portugal se viu libertado do jugo espanhol — precisamente em 1640, em Antuérpia, capital da Flandres, cidade que tinha assistido ao desabrochar oficial da nova «revelação».

«Rubens» era de facto um bom pretexto para na passada terça-feira ficar com a «1». De qualquer modo, confessamo-lo mais uma vez: a programação da noite de terça-feira pendia (pende) claramente para o «Cineclube» do segundo canal. António Pedro de Vasconcelos já havia escolhido «Ordet» («A Palavra»), de Carl Dreyer — filme habitualmente pouco mostrado e quase sempre relegado para um segundo plano em relação a um outro também já passado nas noites de terça-feira — o «Dia de Cólica», quando a série sobre Rubens volta a ser anunciada para a RTP/1.

Evidentemente que entre a *palavra* de Carl Dreyer e o «retocado» Rubens (ainda que ele tenha sido visto com a obrigatoriedade honestidade num projecto deste tipo), entre um e outro, havia à partida uma grande distância. Dreyer era já nosso conhecido. Toda aquela disputa entre crença e crítica, superiormente dirigida, impunha-se, portanto, facilmente à produção belga. Tanto mais que neste tipo de realizações «biográficas» se levantam sempre as dúvidas habituais em relação à fidelidade, à época e à pr'opria figura, à personalidade real do artista. Neste caso havia ainda uma agravante: por exemplo, se pegarmos na biografia de Pierre Cabanne sobre Rubens, logo veríamos uma chamada de atenção para o facto do pintor flamengo ser extremamente difícil de «captar» nas fontes históricas. Dizia Cabanne: «Ressuscitar uma vida do passado é uma tarefa que nunca se constrói senão sobre a areia; no que respeita a Rubens não há um testemunho, um escrito, uma informação, que não sejam, por várias razões, suspeitos, e os seus diversos biógrafos contradizem-se com frequência excepto nos factos devidamente estabelecidos, ligados na maior parte das vezes a importantes acontecimentos históricos do seu tempo».

Este aspecto, só por si, já nos poderá dizer mais qualquer coisa sobre as dificuldades que o realizador belga responsável pela série — Roland Verhavert — teve de enfrentar na planificação do seu trabalho. Há, portanto, por um lado, esse problema sempre complexo que é passar para filme a vida de um artista cujo nome «ficou na História» e, por outro lado, havia que ver como Verhavert se sairia da «empresa» — limitada ao nível das fontes históricas. Diga-mos que este primeiro programa não nos elucidou claramente sobre a qualidade dos relatos (filmico e histórico), mas de qualquer modo adiantamos já a nossa primeira impressão que é de facto extremamente favorável. É um trabalho que não nos impressionou tanto como outros também belgas (e também sobre pintores flamengos) — lembramo-nos fundamentalmente, dessa pequena obra-prima que foi o filme de André Delvaux sobre o pintor Dieric Bouts (anterior a Rubens), mas que, apesar disso, não deixou de ser uma produção rigorosamente elaborada, quer a nível de criação de ambientes renascentistas (em interiores, e em exteriores) quer ainda na própria direcção de actores e no trabalho de câmara.

Não fizemos mal, portanto, em ter optado por «Rubens» deixando «Ordet» de Dreyer só para os minutos finais, já depois da emissão da «1» ter encerrado.

Não percam a continuação desta série, hoje. Tal como na programação da passada terça-feira, nesta também se verifica a oposição «Rubens»/Dreyer. Fica, portanto, a escolha ao critério do telespectador.